



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO - ILC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL

REGIS JOSÉ DA CUNHA GUEDES

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA VARIAÇÃO LEXICAL NA
ZONA RURAL DO ESTADO DO PARÁ**

BELÉM
2012

REGIS JOSÉ DA CUNHA GUEDES

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA VARIAÇÃO LEXICAL NA
ZONA RURAL DO ESTADO DO PARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará - UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Documentação, descrição e análise do português da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

BELÉM
2012

REGIS JOSÉ DA CUNHA GUEDES

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA VARIAÇÃO LEXICAL NA
ZONA RURAL DO ESTADO DO PARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará - UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data: ___/ ___/ 2012

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Abdelhak Razky (Orientador)
Universidade Federal do Pará - UFPA

Professor Doutor Antonio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Professora Doutora Regina Celia Fernandes Cruz
Universidade Federal do Pará - UFPA

Professora Doutora Marilucia Barros de Oliveira (Suplente)
Universidade Federal do Pará - UFPA

*À Dona Graça, minha mãe e mestra,
meu porto seguro.*

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas e instituições colaboraram decisivamente para a realização deste trabalho, este que consumiu tempos e esforços, e incitou a busca de novos desafios. A elas eu ofereço minha gratidão:

Obviamente, meu primeiro louvor é rendido a meu Deus, que em sua infinita misericórdia, resolveu me conceder as graças da oportunidade, da inteligência, da humildade, e da sua diviníssima providência, que estão culminando na conclusão de mais essa etapa de minha formação profissional e humana.

Quero agradecer à minha mãe, que nunca mediu esforços para proporcionar a mim e a meus irmãos a oportunidade de estudar, mesmo quando isso significava renunciar a si mesma. Dedico a você mãe essa conquista.

Quero agradecer também a minha esposa Cleu, que está “concluindo” esse curso de mestrado comigo, não porque tenha estudado linguística (e ela acabou estudando), mas porque fez de tudo para me permitir estudar, enquanto eu deveria estar sendo mais pai e menos aluno, ela o foi por mim.

Minha Gratidão ao meu Miguel que é minha maior motivação.

Agradeço também à minha irmã Iris, peça fundamental nesta dissertação.

Ao meu irmão Eder, companheiro de presença constante.

A minha querida sobrinha Luiza Maria, que com sua fala singular, sempre me faz repensar os fenômenos fonéticos do dia a dia.

As minhas tias/mães: Socorro, Noca, Conceição e Antonia.

Aos meus irmãos de ministério: Digão, Tica, Taco, Gil, Messias e Cleu, que compreenderam minhas ausências e rezaram por mim. Estendo este agradecimento também a todos os meus irmãos na fé da Casa da Vitória e da Paróquia Sagrado Coração de Jesus.

Às companheiras de jornada no mestrado: Jesus, Eliane, Rejane, Elizete e Maria Eliane, que comigo estiveram por esse Brasil “trilhando os caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística”. Também pelos livros indicados e emprestados a perder de vista.

Aqueles que me acolheram em suas casas nos dias de pesquisa de campo, à dona Conceição e família, ao Marcelo e família, em Oriximiná, e à professora Celiane Costa da UFOPA, que me abrigou, orientou e incentivou na pesquisa em Santarém.

Aos informantes de Oriximiná e Santarém que aceitaram de bom grado participar de minha pesquisa, alguns de forma até impressionante, como a senhora Sebastiana que, ao final da entrevista, me agradeceu quando o agradecimento de praxe seria o meu a ela. Como bem

havia me dito o prof. Razky nas orientações para a viagem de coleta de dados, eu encontraria muitas riquezas em minha pesquisa de campo, mas a maior delas seria o exemplo de vida das pessoas.

Um agradecimento todo especial, sem dúvida, devo ao professor e amigo Abdelhak Razky, primeiramente pela confiança em mim depositada, pelas orientações realizadas, pelas cobranças necessárias, mas principalmente pelo exemplo de vida. Pelo fato de ser alguém com uma disciplina absolutamente admirável e inspiradora, mas que consegue olhar o lado humano das pessoas antes do profissional. Inúmeras foram as vezes em que me lembrei de seu exemplo pessoal, que no doutorado segurava a filha recém-nascida nos braços enquanto escrevia sua tese, eu que “revivi” aquela cena nestes tempos, já devidamente “orientado”, não me intimidei diante das adversidades temporais, mas inspirei-me.

Agradeço também aos professores: Marilúcia Oliveira, Alcides Lima, Simone Negrão, Eneida Fernandes, Marília Ferreira, Germana Sales, Silvio Holanda, que de formas diferentes contribuíram para a elaboração dessa dissertação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA) pelo apoio, e à Universidade Federal do Pará.

*A morte e a vida estão no poder da língua;
e aquele que a ama comerá do seu fruto.*

(Provérbios 18, 21)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo principal mapear uma parcela do *corpus* coletado por pesquisadores do projeto GeoLinTerm para a elaboração do *Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA)* no intento de projetar imagens prévias desse, no que se refere à variação lexical na zona rural do Estado. Para tanto, foram cartografados dados de doze municípios, sendo dois de cada uma das seis mesorregiões paraenses, quais sejam: Santarém e Oriximiná (Mesorregião do Baixo Amazonas); Anajás e Breves (Mesorregião do Marajó); Castanhal e Santo Antônio do Tauá (Mesorregião Metropolitana de Belém); Abaetetuba e Bragança (Mesorregião Nordeste); Altamira e Itaituba (Mesorregião Sudoeste); e Conceição do Araguaia e Redenção (Mesorregião Sudeste). Foram adotados os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geografia Linguística, essas que, com o advento da Sociolinguística Labovina, passaram a controlar variantes sociais, como: sexo, idade, escolaridade dos informantes, além da variante geográfica tradicionalmente estudada, o que resultou no que se entende hoje por multidimensionalidade nos atlas linguísticos. Os dados foram selecionados, transcritos foneticamente, cartografados e discutidos. As análises foram realizadas no intuito de dar conta das dimensões diatópica, diagenérica e diageracional da variação ocorrida na fala dos informantes. Tratando as lexias cartografadas em cada carta lexical, foi realizado um levantamento do registro dessas lexias em dicionários de língua portuguesa e em outros estudos dialetológicos. Além disso, as variantes sociais são quantificadas em gráficos que demonstram as porcentagens de ocorrências das lexias mais recorrentes em cada carta. Como resultados obtivemos a produção de cinquenta cartas lexicais, dentre as quais, foram selecionadas as trinta mais produtivas do ponto de vista da variação lexical para serem apresentadas e discutidas neste trabalho. Observou-se que, em linhas gerais, se tomarmos o critério da predominância, os dados cartografados se organizam em agrupamentos lexicais de três tipos, formados a partir da distribuição geolinguística das lexias nos pontos de inquérito.

Palavras-chave: Variação Lexical. Dialetoлогия. Geografia Linguística. Geossociolinguística.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour l'objectif principal recenser une partie du corpus recueilli par les chercheurs du projet GeoLinTerm pour l'élaboration de l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA) dans une tentative de projeter des images prévues de celui-ci, en ce que concerne à la variation lexicale dans la zone rurale. À cette fin, les données de douze villes ont été cartographiées: deux de chacune des six mésorégion du Pará, qui sont: Santarém et Oriximiné (mésorégion du Bas-Amazone); Anajás et Breves (mésorégion du Marajó), Castanhal et Santo Antônio do Tauá (mésorégion Metropolitana de Belém); Abaetetuba et Bragança (mésorégion nord-est) ; Altamira et Itaituba (mésorégion sud-ouest) ; et Conceição do Araguaia et Redenção (mésorégion Sud-Est). Nous avons adoptés les présupposés théoriques et méthodologiques de la Dialectologie et de la Géographie Linguistique. Elles, avec l'avènement de la Sociolinguistique Labovienne, ont pris le contrôle des variantes sociales, telles que le sexe, l'âge, niveau d'instruction des informants, ainsi que la variante géographique traditionnellement étudiée, ce qui a abouti à ce que l'on comprend aujourd'hui par la multidimensionnalité dans les atlas linguistiques. Les données ont été sélectionnées, transcrites phonétiquement, cartographiées et discutées. Les analyses ont été effectuées afin de mettre en évidence les dimensions diatopique, «diagenérica» et «diageracional» de la variabilité dans le discours des informants. Le traitement des lexies cartographiées dans chaque lettre lexicale a été mené auprès d'un soulèvement des registres de ces lexies dans les dictionnaires de langue portugaise et d'autres études dialectologiques. En outre, les variantes sociales sont quantifiées dans les graphiques qui montrent les pourcentages d'occurrences des lexies plus fréquentes dans chaque lettre. Comme résultats, nous avons obtenu la production de cinquante lettres lexicales, parmi lesquels, ont été sélectionnés les trente plus productives en termes de variation lexicale qui seront présentés et discutés dans ce travail. Il a été observé que, en général, si l'on prend le critère de la prédominance, les données cartographiées s'organisent en groupes lexicaux de trois types, formés à partir de la distribution géolinguistique des lexies dans les points d'enquête.

Mots clés: Variation lexicale. Dialectologie. Linguistique Géographie. Géo-sociolinguistique.

ABSTRACT

This study aims to map part of the corpus collected by researchers in the GeoLinTerm project for the development of the *Geo-Sociolinguistic Atlas of Pará (ALIPA)*, attempting to project some previous images of it, regarding lexical variation in the rural area of the state of Pará. In order to achieve this goal, data from 12 cities were mapped, two in each of the six mesoregions of Pará: Santarém and Oriximiná (Lower Amazon Mesoregion); Anajás and Breves (Marajó Mesoregion), Castanhal and Santo Antonio do Tauá (Metropolitan Mesoregion of Belém); Abaetetuba and Bragança (Northeast Mesoregion); Altamira and Itaituba (Southwestern Mesoregion) and Conceição do Araguaia and Redenção (Southeast Mesoregion). The work was guided by theoretical and methodological principles of Dialectology and Linguistic Geography, which, with the advent of Labov's Sociolinguistics, took control of social variants, such as gender, age, educational level of informants, as well as the geographical variant traditionally studied, resulting in the so-called multidimensionality of linguistic atlases. Data were selected, phonetically transcribed, mapped and discussed. Analyses were performed in order to realize the diatopic, diagenetic and diagenetic dimensions of variation in the speech of informants. Treating the lexias mapped in each lexical letter, a survey was conducted concerning their register in Portuguese language dictionaries and in other dialectological studies. Furthermore, the social variants are quantified in graphs, showing the percentage occurrence of the more recurrent lexias in each letter. As a result, the production of 50 lexical letters was obtained, among which the 30 most productive in terms of lexical variation were selected to be presented and discussed here. It was observed that, in general, considering the dominance criterion, mapped data are organized in three types of lexical clusters, formed from the geolinguistic distribution of lexias in points of inquiry.

Keywords: Lexical Variation. Dialectology. Linguistic Geography. Geosociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Carta Trabalhador de Enxada - ALFB	31
Figura 2: Carta 52 - Isolexa de Cerração - EALMG	32
Figura 3: Carta 024 – Cerração - ALPB	33
Figura 4: Carta 072 – João-de-Barro - ALERS	34
Figura 5: Carta 62 – Útero – ALS I.....	35
Figura 6: Carta 49 – Camomila – ALPR I.....	36
Figura 7: Carta 85 – Muxoxo – ALS II	37
Figura 8: Carta 195 – Poça D’água – ALPR II.....	38
Figura 9: Mapa Fonético para “Desvio” - ALiSPA 1.0 CD-ROM.....	39
Figura 10: Carta 93 – Beiju-Cica - ALAM.....	40
Figura 11: Carta 113 - Flamengo - AFeBG.....	41
Figura 12: Carta 43 – Cavalo Bem Novinho - ALiPP	42
Figura 13: Carta QFF 10.a – Muito - ALMS.....	43
Figura 14: Cartograma 67 – Galinha D’angola - ASLRGABC.....	44
Figura 15: Carta 007 – Estilingue - ALiPTG	45
Figura 16: Carta 02 – Redemoinho (de Água) - ALMASPE	46
Figura 17: Carta 96 – Questão 122 - ALMSMG	47
Figura 18: Carta 001.1.001 – Ventania - ALECE	48
Figura 19: Cartograma 65 – João de Barro - ASLCISSU	49
Figura 20: Carta 21 – Pessoa Sovina***Mão de Vaca – ALIPA/MRM.....	52
Figura 21: Carta 21 – Pessoa Sovina***Mão de Vaca –ALIPA/MN	53
Figura 22: Carta 03 – Pessoa Sovina***/Mão de Vaca – ALIPA/MS	54
Figura 23: Carta 21 – Pessoa Sovina***/Mão de Vaca – ALIPA/MMB	55
Figura 24: Mesorregiões Político-Administrativas do Pará	59
Figura 25: Rede de Pontos de Inquérito da Pesquisa.....	60
Figura 26: Rede de Pontos de Inquérito do ALIPA.....	62
Figura 27: Tabela de Transcrição de Dados	63
Figura 28: Carta Explicativa.....	67
Figura 29: Variantes Para “Pernilongo” - ALIB	91
Figura 30: Variantes Para “Libélula” - ALiB	99
Figura 31: Variantes Para “Cigarro De Palha” - ALiB	127

Figura 32: Agrupamento Lexical Tipo 1	134
Figura 33: Agrupamento Lexical Tipo 2	135
Figura 34: Agrupamento Lexical Tipo 3	135
Figura 35: Correntes Migratórias	137

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Var. Diagenérica/Diageracional de “redemoinho”	69
Gráfico 2: Var. Diagenérica/Diageracional de “maresia”	71
Gráfico 3: Var. Diagenérica/Diageracional de “banzeiro”	72
Gráfico 4: Var. Diagenérica/ Diageracional de “onda”	72
Gráfico 5: Var. Diagenérica/ Diageracional de “chuvisco”	75
Gráfico 6: Var. Diagenérica/Diageracional de “caminho de santiago”	76
Gráfico 7: Variação Diageracional de “incunha”	78
Gráfico 8: Var. Diagenérica/ Diageracional de “banana gêmeas”	78
Gráfico 9: Var. Diagenérica/ Diageracional de “mangará”	80
Gráfico 10: Var. Diagenérica/ Diageracional de “caçuá”	82
Gráfico 11: Var. Diagenérica/ Diageracional de “jacurarú”	84
Gráfico 12: Var. Diagenérica/ Diageracional de “osga”	86
Gráfico 13: Var. Diagenérica/ Diageracional de “punhamesa”	88
Gráfico 14: Var. Diagenérica/ Diageracional de “esperança”	88
Gráfico 15: Var. Diagenérica/ Diageracional de “carapanã”	91
Gráfico 16: Var. Diagenérica/ Diageracional de “picota”	93
Gráfico 17: Var. Diagenérica/ Diageracional de “bicó”	95
Gráfico 18: Var. Diagenérica/ Diageracional de “cotó”	95
Gráfico 19: Var. Diagenérica/ Diageracional de “mucura”	97
Gráfico 20: Var. Diagenérica/ Diageracional de “jacinta”	100
Gráfico 21: Var. Diagenérica/ Diageracional de “cantareira”	102
Gráfico 22: Var. Diagenérica/ Diageracional de “clavícula”	102
Gráfico 23: Var. Diagenérica/ Diageracional de “banguela”	104
Gráfico 24: Var. Diagenérica/ Diageracional de “corcunda”	106
Gráfico 25: Var. Diagenérica/ Diageracional de “mão de vaca”	108
Gráfico 26: Var. Diagenérica/ Diageracional de “entrou na menopausa”	110
Gráfico 27: Var. Diagenérica/ Diageracional de “prostituta”	112
Gráfico 28: Var. Diagenérica/ Diageracional de “rapariga”	112
Gráfico 29: Var. Diagenérica/ Diageracional de “diabo”	114
Gráfico 30: Var. Diagenérica/ Diageracional de “carambela”	116
Gráfico 31: Var. Diagenérica/ Diageracional de “cambalhota”	116
Gráfico 32: Var. Diagenérica/ Diageracional de “baladeira”	118

Gráfico 33: Var. Diagenérica/ Diageracional de “azarado”	120
Gráfico 34: Var. Diagenérica/ Diageracional de “panema”	120
Gráfico 35: Var. Diagenérica/ Diageracional de “fumaça”	122
Gráfico 36: Var. Diagenérica/ Diageracional de “tisna”	122
Gráfico 37: Var. Diagenérica/ Diageracional de “cachaceiro”	124
Gráfico 38: Var. Diagenérica/ Diageracional de “beberrão”	125
Gráfico 39: Var. Diagenérica/ Diageracional de “pé inchado”	125
Gráfico 40: Var. Diagenérica/Diageracional de “porronca”	128
Gráfico 41: Var. Diagenérica/ Diageracional de “tabaco”	128
Gráfico 42: Var. Diagenérica/ Diageracional de “sutiã”	130
Gráfico 43: Var. Diagenérica/ Diageracional de “corpete”	130
Gráfico 44: Var. Diagenérica/ Diageracional de “grampo”	132
Gráfico 45: Dicionário Houaiss	133
Gráfico 46: Dicionário Aurélio	133
Gráfico 47: Dicionário Priberam	133

LISTA DE QUADROS

Q1: Modelo de Quadro de Dicionarização de Lexias	65
Q2: Quadro Referente à Carta 009	68
Q3: Quadro Referente à Carta 015	70
Q4: Quadro Referente à Carta 029	73
Q5: Quadro Referente à Carta 048	76
Q6: Quadro Referente à Carta 064	77
Q7: Quadro Referente à Carta 065	79
Q8: Quadro Referente à Carta 089	81
Q9: Quadro Referente à Carta 105	83
Q10: Quadro Referente à Carta 106	85
Q11: Quadro Referente à Carta 107	87
Q12: Quadro Referente à Carta 115	89
Q13: Quadro Referente à Carta 123	92
Q14: Quadro Referente à Carta 126	94
Q15: Quadro Referente à Carta 127	96
Q16: Quadro Referente à Carta 142	94
Q17: Quadro Referente à Carta 148	101
Q18: Quadro Referente à Carta 157	103
Q19: Quadro Referente à Carta 167	105
Q20: Quadro Referente à Carta 177	107
Q21: Quadro Referente à Carta 182	109
Q22: Quadro Referente à Carta 195	111
Q23: Quadro Referente à Carta 199	113
Q24: Quadro Referente à Carta 208	115
Q25: Quadro Referente à Carta 210	117
Q26: Quadro Referente à Carta 222	119
Q27: Quadro Referente à Carta 229	121
Q28: Quadro Referente à Carta 236	123
Q29: Quadro Referente à Carta 237	126
Q30: Quadro Referente à Carta 252	129
Q31: Quadro Referente à Carta 256	131

LISTA DE CARTAS

Carta 009 – Redemoinho	72
Carta 015 – Maresia.....	74
Carta 029 - Chuvisco	77
Carta 048 – Caminho de Santiago	79
Carta 064 – Bananas Gêmeas	81
Carta 065 - Mangará	83
Carta 089 - Casuá	85
Carta 105 - Jacurarú.....	87
Carta 106 - Osga	89
Carta 107 - Punhamesa	91
Carta 115 - Carapanã	93
Carta 123 - Picota	96
Carta 126 - Cotó	98
Carta 127 - Mucura.....	100
Carta 142 - Jacinta	102
Carta 148 - Clavícula.....	105
Carta 157 - Banguela	107
Carta 167 - Corcunda.....	109
Carta 177 – Mão de Vaca	111
Carta 182 – Entrar na Menopausa	113
Carta 195 - Prostituta.....	115
Carta 199 - Diabo	117
Carta 208 – Carambela/Cambalhota.....	119
Carta 210 - Baladeira.....	121
Carta 222 - Azarado.....	123
Carta 229 – Fumaça/Tisna.....	125
Carta 236 - Cachaceiro	127
Carta 237 - Porronca.....	130
Carta 252 - Sutiã.....	133
Carta 256 - Grampos.....	135

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 DIALETOLOGIA, GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA	22
2.1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO BRASIL.....	27
2.1.1 Evolução da Abordagem Dimensional nos Atlas Brasileiros.....	29
2.1.1.1 Atlas Monodimensionais	30
2.1.1.2 Atlas Bidimensionais	35
2.1.1.3 Atlas Multidimensionais	38
2.1.2 Estudos Dialecológicos no Pará.....	51
3 CONTEXTO E INSTRUMENTOS	56
3.1 PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL DO ESTADO DO PARÁ	56
3.2 PONTOS DE INQUÉRITO.....	58
3.3 INFORMANTES.....	60
3.4 QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)	61
3.5 COLETA DE DADOS	61
3.6 MAPEAMENTO	63
3.7 DICIONARIZAÇÃO DAS LEXIAS CARTOGRAFADAS	64
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	66
4.1 NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS	68
4.2 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	73
4.3 ASTROS E TEMPO	75
4.4 FLORA: ÁRVORES E FRUTOS.....	77
4.5 ATIVIDADES AGROPASTORIS (AGRICULTURA, INSTRUM. AGRÍCOLAS)....	81
4.6 FAUNA	83
4.7 CORPO HUMANO: PARTES DO CORPO, FUNÇÕES, DOENÇAS, ETC.	101
4.8 CULTURA E CONVÍVIO	107
4.9 CICLOS DA VIDA	109
4.10 RELIGIÃO E CRENÇAS	113
4.11 FESTAS E DIVERTIMENTOS	115
4.12 HABITAÇÃO.....	121
4.13 ALIMENTAÇÃO E COZINHA	123
4.14 VESTUÁRIO.....	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS.....	141

ANEXOS.....	146
ANEXO A.....	147
ANEXO B.....	173
MESORREGIÃO BAIXO AMAZONAS	173
Município de Oriximiná.....	173
Município de Breves	174
MESORREGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM.....	178
Município de Castanhal	178
Município de Santo Antônio do Tauá.....	179
Município de Bragança	180
MESORREGIÃO SUDOESTE.....	184
Município de Itaituba.....	184
MESORREGIÃO SUDESTE	187
Município de Conceição do Araguaia.....	187

1 INTRODUÇÃO

Diversos estudos sobre variação geolinguística na língua portuguesa foram realizados nos últimos anos de Norte a Sul do Brasil, em especial a partir de 1996 com a criação do Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Os projetos de atlas estaduais ou regionais, como o Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALIPA, ganharam novo impulso, e continuam representando avanços consideráveis nos estudos sobre o português brasileiro, uma vez que registram a língua *in vivo*, desde os grandes centros urbanos às zonas rurais mais remotas do país. Isso é muito positivo, sobretudo do ponto de vista do registro e preservação da rica diversidade linguística em nosso país, cujas dimensões geográficas e diversidade de culturas constituem-no um grande campo de atuação para pesquisadores interessados nessa diversidade.

No contexto brasileiro, os estudos da variação no léxico do português têm apresentado resultados muito interessantes que podem contribuir incisivamente para o aprimoramento do conhecimento sobre a língua majoritária no Brasil. Os estudos realizados com o *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (MOTA; CARDOSO, 2006; AGUILERA, 2008; MOTA; CARDOSO, 2009; AGUILERA, 2010a; AGUILERA, 2010b; ISQUERDO, 2010; BARBOSA-DORION, 2010; RAZKY; COSTA; OLIVERA, 2010; dentre outros) são bons exemplos disso.

São diversas as áreas dos estudos do léxico em que pesquisadores têm focado o aspecto da variação. Esta pesquisa que aqui se delinea, enquadra-se entre os estudos geossociolinguísticos, que nasceram do contato entre a Geolinguística e a Sociolinguística desde a década de 60 do século passado. Além desses estudos, podemos elencar os lexicológicos, terminológicos e socioterminológicos, entre os que têm se beneficiado das interfaces teórico-metodológicas criadas a partir do contato de diferentes áreas dos estudos linguísticos que tratam da variação nas línguas.

O Estado do Pará, sendo o segundo maior estado do país em extensão territorial, é um vasto campo de atuação para pesquisadores do léxico do português, tendo em vista suas dimensões geográficas continentais e sua constituição populacional, que é muito diversa. No Estado foram realizados diversos estudos¹ no campo da variação desde a criação do Projeto

¹ Carvalho (2000), Vasconcelos (2000), Freitas (2001), Oliveira (2002), Lopes (2002), Soares (2002), Lima (2003), Farias (2003), Martins (2004), Velasco (2004), Farias (2004), Costa (2005), Feitosa (2006), Carvalho (2006), Santos (2006), Guedes (2007), Martins (2007), Cidade (2008), Costa (2009), Rodrigues (2010), Lima (2010) e Borges (2011).

ALIPA² (Atlas Geossociolinguístico do Pará) em 1996, em sua maioria, são trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tratam da variação nos âmbitos da língua geral e especializada.

Mais especificamente sobre a variação lexical no *corpus* coletado para a elaboração do ALIPA, foram realizados apenas alguns estudos em forma de trabalhos de conclusão de curso e um artigo científico. Esse foi um dos fatores que levou à escolha do tema desta dissertação, o fato de que os dados lexicais registrados na zona rural do Estado do Pará, para compor *corpus* do ALIPA, ainda não haviam sido estudados de forma mais ampla, e foi justamente no intento de registrar as variedades mais preservadas do falar paraense que dispensamos uma atenção especial à variação lexical da zona rural do Estado, mapeando dados de 12 pontos de inquérito, o que resultou na projeção de imagens prévias da variação lexical no ALIPA, cujo projeto prevê 50 pontos de inquérito.

Outra motivação que nos levou à escolha dessa temática foi o fato de que a variação lexical no *corpus* do ALIPA também foi objeto de estudo de nosso trabalho de conclusão de curso na graduação, defendido em 2007, cujo título é *Variação Lexical em Quatro Municípios da Mesorregião Metropolitana de Belém*. A oportunidade de enveredar pelos caminhos da pesquisa analisando os dados lexicais do ALIPA, sob a orientação do coordenador do projeto, o professor Abdelhak Razky, propiciou imediato interesse por este método de pesquisa absolutamente envolvente, que é a Geossociolinguística³. O mapeamento dos dados referentes à zona rural de quatro municípios da Mesorregião Metropolitana de Belém suscitou curiosidade, e inspirou uma proposta bastante desafiadora: mapear dados representativos das seis mesorregiões paraenses, no intuito de observar de forma mais ampla os fenômenos linguísticos na zona rural do Estado do Pará.

Em se tratando de pesquisas geolinguísticas na zona rural, vale ressaltar a urgência que há no registro e preservação da diversidade lexical do português, especialmente dos falares das zonas rurais. Sobre isso, Couto (2009, p. 146) alerta para o fato de que a diversidade linguística dos “dialetos rurais” está em perigo de desaparecimento. Segundo o autor, muita coisa registrada por ele mesmo em 1974 na região de Major Porto (Minas Gerais) não é mais conhecida dos jovens locais, apenas os mais velhos ainda se lembram delas, da mesma forma, afirma que grande parte das características do *dialeto caipira*, descritas Amaral (1982), já

² O projeto foi nomeado recentemente como GeoLinTerm (Geossociolinguística e Socioterminologia), mudança essa motivada pela ampliação, tanto no aspecto espacial (que agora envolve diversos estados como: Pará, Amapá, Amazonas, Rondônia e Acre), quanto no âmbito das pesquisas realizadas pelo grupo que, desde 1999, inclui trabalhos em Terminologia e Socioterminologia.

³ O conceito de Geossociolinguística é desenvolvido no referencial teórico.

desapareceu. Dentre as causas apontadas pelo autor para esse fenômeno está o contato com as variedades urbanas do português, principalmente via escola.

O objetivo deste trabalho é identificar, cartografar e analisar a variação lexical na zona rural de doze municípios do Estado do Pará, sendo dois de cada uma das seis mesorregiões paraenses, quais sejam: Santarém e Oriximiná (Mesorregião Baixo Amazonas); Anajás e Breves (Mesorregião Marajó); Castanhal e Santo Antônio do Tauá (Mesorregião Metropolitana de Belém); Abaetetuba e Bragança (Mesorregião Nordeste); Altamira e Itaituba (Mesorregião Sudoeste); e Conceição do Araguaia e Redenção (Mesorregião Sudeste), no intuito de projetar imagens prévias dessa variação, a partir de uma amostragem dos dados que compõem o *corpus* do Atlas Geossociolinguístico do Pará, cuja dimensão lexical está em fase de elaboração.

Em termos específicos, este trabalho objetivou:

- mapear a variação lexical diatópica (espacial), diagenérica (sexo) e diageracional (faixa etária) que ocorre na fala dos informantes selecionados;
- confeccionar cartas lexicais representativas dos dados coletados nos referidos municípios;
- analisar os resultados obtidos, a produtividade dos campos semânticos e os processos ocorridos na constituição das lexias;

Dessa forma, procurou-se projetar imagens da diversidade lexical no Estado do Pará como um todo, uma vez que, no campo lexical, pesquisas anteriores⁴ mapearam isoladamente algumas das mesorregiões paraenses, o fizeram, portanto, sem ter a percepção imediata de como a variação de uma determinada lexia estudada acontecia na mesorregião vizinha, e muito menos, no lado inverso do Estado, esse que, reiteramos, possui dimensões geográficas continentais e constituição populacional diversa.

O presente trabalho é constituído de cinco capítulos. No primeiro e segundo capítulos, situamos este estudo entre os diversos estudos do léxico, apresentamos uma revisão bibliográfica acerca dos estudos dialetológicos desde seu surgimento aos dias atuais, onde os mesmos encontraram eco e aprimoramento nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística. Ainda no segundo capítulo procuramos esboçar uma classificação dos principais estudos geolinguísticos (atlas regionais, estaduais, e de pequenos domínios) já realizados no Brasil como monodimensionais, bidimensionais e multidimensionais. No capítulo terceiro apresentamos o contexto e os instrumentos da pesquisa e fornecemos um

⁴ Martins (2004), Costa (2005), Feitosa (2006) e Guedes (2007).

breve apanhado de dados históricos e sociais do Estado do Pará. No capítulo quatro apresentamos uma seleção de trinta cartas lexicais, representativas dos quatorze campos semânticos do Questionário Semântico-lexical (QSL) utilizado na coleta de dados, cada carta é acompanhada de um quadro que apresenta o processo de dicionarização das lexias cartografadas em três dicionários de língua portuguesa, além das respectivas análises cartográficas que versam sobre a variação diatópica, diagenérica e diageracional das lexias. Nesse capítulo apresentamos também uma carta explicativa que têm o objetivo de nortear a leitura das demais cartas elaboradas. No quinto é último capítulo tecemos algumas considerações finais sobre a pesquisa. Como anexos, apresentamos o QSL utilizado na coleta de dados, e um breve levantamento de dados históricos e sociais de cada um dos doze pontos de inquérito selecionados para esta pesquisa.

2 DIALETOLOGIA, GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo situaremos historicamente e conceituaremos sucintamente a Dialetoologia, a Geografia Linguística e a Sociolinguística, dando ênfase às interfaces que há entre as mesmas, especialmente ao que tange às contribuições que a Sociolinguística deu aos estudos dialetológicos e geolinguísticos tradicionais, que tinham como campo de atuação essencialmente os falares das zonas rurais, por se conceber que nessas áreas a língua estaria mais “conservada”, “livre” das influências advindas dos frequentes contatos entre pessoas oriundas de diferentes classes, etnias e localidades nos centros urbanos. As contribuições da Sociolinguística fundamentaram a abordagem dada à realidade linguística urbana pelos estudos dialetológicos modernos, o que culminou no desenvolvimento de uma Dialetoologia Urbana, e de um olhar multidimensional sobre os dados linguísticos tratados pela moderna Dialetoologia.

Inicialmente, faz-se necessário esclarecer as concepções adotadas sobre rural e urbano no âmbito dos estudos dialetológicos modernos. Atualmente há certa dificuldade em delimitar o que seria rural e urbano por motivos diversos, dentre eles há o fato de que as configurações espaciais e sociais têm sofrido grandes alterações, muito em virtude do desenvolvimento econômico nas áreas afastadas dos grandes centros urbanos, e do crescimento desses, que, em muitos casos, acabam por englobar áreas consideradas rurais em outrora.

O desenvolvimento da agricultura, da pecuária, dentre outras atividades comerciais, têm elevado consideravelmente o número de habitantes em áreas rurais. Consequentemente o tráfego de pessoas aumenta nessas regiões, o comércio local se expande nas áreas de alimentação, vestuário, etc., para atender às demandas das populações, e isso leva à formação de núcleos populacionais com características típicas dos centros urbanos nesses espaços.

De outro lado, o crescimento dos grandes centros urbanos é um fenômeno notório, e quase uma unanimidade em países em desenvolvimento, como o Brasil. A instalação de empresas nas chamadas regiões metropolitanas, por exemplo, configura um vetor para a migração campo/cidade, promovendo a criação de novos aglomerados urbanos em áreas consideradas pelo Estado como rurais. Vale ressaltar que

No Brasil adota-se o critério político-administrativo e considera-se urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (Vila). Segundo o IBGE é considerada área urbanizada toda área de vila e cidade, ‘legalmente definida’, como urbana e caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana (MARQUES, 2002 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 26).

Partindo-se dos conceitos de rural e urbano do dicionário Houaiss (2001), discutiremos aspectos que caracterizam esses ambientes. Para Houaiss (2001, não paginado) rural é

- 1 (adj.2g.) relativo a ou próprio do campo; situado no campo; campestre, agrícola, rústico
 2 (adj.2g.s.2g.) que ou aquele que se ocupa na vida agrícola; proprietário campestre; lavrador
 etim lat.tar. rurális,e 'rural, rústico, campestre', der. de rus,rúris 'o campo, em oposição à cidade'; ver rur(i/o) - sin/var ver sinonímia de campestre - ant cidadão, urbano

Observando as acepções 1 e 2, verifica-se que o conceito de rural está delineado tendo por base aspectos relativos ao espaço geográfico (campo/campestre) e à economia (agrícola/lavrador). A etimologia apresentada pelo dicionário apresenta o verbete como antônimo de cidadão e urbano.

O dicionário Houaiss (2001, não paginado) traz as seguintes acepções para urbano:

- 1 (adj.) dotado de urbanidade; afável, civilizado, cortês <modos u.>
 2 relativo ou pertencente à cidade, ou que lhe é próprio <política u.> <paisagem u.> <transporte u.>
 3 que tem caráter de cidade <ajuntamento u.>
 4 (adj.s.m.) que ou o que vive na cidade, tem ocupação e hábitos típicos da vida da cidade <população u.> <casou-se com um u.> p.opos. a rural
 lat. urbánus, a, um 'da cidade, urbano; fig. polido, fino'; ver urb(i)- sin/var ver antonímia de malvado, caipira, malcriado e tolo e sinonímia de meganha - ant brutalhado, descortês, inurbano, rural, rústico;

Ressaltamos que a acepção 1 apresenta elementos relativos a aspectos sociais: hábitos e características humanas, como “afável”, “civilizado”, “cortês”. Já a acepção 2 relaciona o urbano a características próprias das cidades.

Um das acepções que constam do dicionário Houaiss (2001) para cidade é:

- 1 aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo

A configuração geográfica parece ser fundamental para a compreensão do que seria uma cidade, logo, a proximidade entre as casas e às atividades humanas como indústria e comércio são decisivas para a compreensão do se entende por urbano.

Para Siqueira e Osório (2001 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 27), o rural e o urbano são pontos extremos de uma linha contínua, pois o rural se urbanizou devido ao desenvolvimento e aplicação de técnicas industriais de agricultura. Para os autores essa nova conceituação é eficiente em se tratando do campo altamente industrializado e urbanizado dos países em

desenvolvimento, mas a conceituação tradicional ainda pode ser eficiente para conhecer a realidade nos locais onde o campo ainda é distante da cidade.

Assim, entendemos que o tratamento dado a esses conceitos, em se tratando de pesquisas dialetológicas, está essencialmente relacionado à percepção do pesquisador em relação aos pontos de inquérito selecionados para pesquisa, que deve levar em consideração pelo menos uma dessas duas conceituações, obviamente a mais adequada ao contexto, até porque a moderna Dialetologia está interessada tanto nos falares das zonas rurais quanto nos da zona urbana. Todavia, esse quadro já foi bem diferente.

No despontar dos primeiros estudos dialetológicos, no início do século XIX, segundo Cardoso (2001), vivia-se um momento histórico no qual a individualidade geográfica das regiões ainda estava resguardada pela dificuldade de comunicação entre as comunidades de falantes, pela escassez de meios tecnológicos que propiciassem a comunicação e interação linguística entre localidades distantes. Esses estudos resultaram da preocupação com a conservação e registro de dados linguísticos, e tinham um caráter eminentemente rural.

No contexto do surgimento da Dialetologia, Cardoso (2001) ressalta a contribuição de George Wenker que fez um levantamento de dados linguísticos na Alemanha em 1881, recobrando grande parte do território alemão, com um total de 44.251 respostas coletadas, tendo em vista a elaboração do Atlas Linguístico da Alemanha. Contudo, esses dados não foram sistematizados levando em conta as variantes sociais, tais como faixa etária e sexo. A autora ressalta ainda a contribuição de Gilliéron e Edmont, pela recolha sistemática de dados para o *Atlas Linguistique de la France (ALF)* (1902-1910), destacando a sua principal contribuição metodológica que foi a documentação *in loco* realizada por Edmont.

No contexto da afirmação da Dialetologia como uma ciência ressaltamos dois importantes autores: o filólogo italiano Ascoli, cujos estudos permitiram conhecer as transformações por que passaram as línguas em fases anteriores a partir do estudo sistemático de traços linguísticos de línguas na atualidade; e Antonie Meillet, discípulo de Saussure, que em 1908 inicia os estudos dialetológicos indo-europeus com a publicação de *Les dialectes indo-européens*.

Numa concepção bem tradicional de Dialetologia, Dubois (1978, p. 185) designa a mesma como:

[...] a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família.

Segundo Elizaincín (2010, p. 16), para Coseriu (1955 e 1982) a Dialetologia seria a

ciência da variação diatópica, por outro lado, para Labov, ela seria fundamentalmente diastrática e diafásica:

[...] sea desde el punto de vista coseriano, sea desde el punto de vista laboviano (dos teorías que tienen mucho más que ver entre sí de lo que normalmente nos suponemos) la dialectología (sin adjetivos, o la “urbana” como la pensó Labov) es la disciplina más general que se ocupa de la variación, notoriamente la diatópica em Coseriu, no diatópica pero sí diastrática y diafásica, fundamentalmente, em Labov.

A Geografia Linguística ou Geolinguística, por sua vez, é a parte da Dialectologia que se ocupa em localizar e registrar as variações das línguas. É um método cartográfico desenvolvido pelos dialetólogos que objetiva registrar e comparar os resultados das pesquisas linguísticas em localidades diferentes.

Segundo Rector (1975), a Geografia Linguística ou Geolinguística é um método da dialectologia tradicional, da qual se distingue não por estudar um dialeto local num só ponto, mas fenômenos análogos num espaço, por meio de pesquisa e registro dos fatos comprovados em mapas. Para Carreter (1974) o conjunto desses mapas constitui um Atlas Linguístico.

O termo Geografia Linguística é tido, por Elizaincín (2010, p. 17), como antecessor ao que hoje se entenderia por Geolinguística. Além disso, para o autor, a Geolinguística é um método possível e recomendável para capturar a variação do qual a Dialectologia se serve, como se pode verificar:

[...] la geografía lingüística, hoy geolingüística, no es disciplina que epistemológicamente tenga el status de ella: se trata de um método posible (recomendable) para capturar la variación a través de su sofisticada batería de técnicas de recolección de los datos, ordinamiento y representación cartográfica (metáfora del espacio) de los mismos. De esos datos, cuidadosamente presenteados por el geolingüística se sirve privilegiadamente la dialectología, aunque pueda usar también outro tipo de fuentes.

Tratando ainda dessa relação entre a Dialectologia e a Geolinguística, Aragão (2009, p. 71) que afirma: “a moderna Dialectologia não é uma mera Geolinguística, como se considerava até alguns anos atrás, onde se estudava somente as variações regionais ou diatópicas, o que por sua vez produzia resultados monodimensionais, monostráticos, monogeracionais e monofásicos”. Nesse contexto a autora, citando Elizaincín e Thun (1992), afirma que “a moderna Dialectologia estuda também as causas sociais e estilísticas que determinam as variações regionais, o que implica dizer que um o atlas linguístico pode e deve propiciar uma imagem multidimensional da variação”.

Desde o advento da Sociolinguística Laboviana em 1966, a Geolinguística ampliou o seu campo de observação, que até então se restringia ao registro da variação diatópica

(espacial), passando a controlar variáveis sociais mais complexas, tais como a variação diastrática (classe social), variação diafásica (escolaridade), variação diagenérica (sexo), variação diageracional (faixa etária), dentre outras, o que constitui até, para alguns autores, uma nova vertente da Geolinguística, denominada de Geossociolinguística (RAZKY, 1998).

Conceituando então Sociolinguística, pode-se tomar Mollica (2010, p. 9), que a concebe como uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

Segundo Campoy (1993, 162)

La *Sociolingüística*, “esa parte de la lingüística ocupada del estudio lenguaje como fenómeno social y cultural” (Trudgill 1983a: 32), y concretamente, dentro de ésta, la vertiente llamada *Lingüística Secular*, *Sociolingüística Laboviana*, *Sociolingüística Cuantitativa*, *Sociolingüística Correlacional*, o incluso *Sociolingüística Auténtica*, estuvo concebida en su origen en muy estrecha relación con la *Dialectología Tradicional*, en el momento de su redefinición y reformulación, reconociéndose entre ambas una conexión de evolución natural: además de la dimensión geográfica, los dialectólogos comenzaron a incorporar una dimensión social a sus descripciones lingüísticas.

Nesse sentido, os dialetólogos do século XIX já faziam uma espécie de Sociolinguística, uma vez que os fatores sociais já eram levados em consideração por trabalhos tradicionais em Geografia Linguística. É o caso do pioneiro Atlas Linguístico da França (ALF), no dizer de Cardoso (2001), cujas variáveis sociais são depreensíveis a partir do exame do perfil dos informantes, embora estas não tenham sido registradas nas cartas. Obviamente, pode-se dizer que a criteriosa sistematização dos fatores sociológicos realizados em Sociolinguística estava presente nesses trabalhos ainda de forma embrionária.

Segundo Razky e Lima (2011, p.349):

Ao longo da história dos estudos sobre o léxico, antes mesmo do advento da linguística moderna, a Dialectologia e a Geolinguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical das comunidades linguísticas a partir do seu uso *in vivo*. Hoje, a prática metodológica dessas disciplinas, surgidas no século XIX, conheceu um avanço considerável com o uso de questionários/entrevistas que refletem a realidade mais complexa dos centros urbanos. A integração dos recursos tecnológicos, por sua vez, permitiu a automatização de tratamento de volume de dados cada vez maior e em tempo quase real. As fronteiras entre o léxico comum e o léxico de especialidade vêm diminuindo cada vez mais com a disseminação contínua e gratuita de informação pela internet sobre todos os domínios de conhecimento, ao passo que qualquer usuário, ao encontrar uma palavra ou termo, consegue reconstruir uma rede de sentido dos mesmos de suas variações de uso. O acesso ao léxico comum e ao léxico de especialidade se democratizou e facilitou a comunicação entre áreas de conhecimento que não se comunicavam antes. O resultado concreto disso no estado atual da pesquisa linguística sobre o léxico é o diálogo intenso entre disciplinas como a Dialectologia, Geografia Linguística, Sociolinguística, Lexicologia, Terminologia e Socioterminologia.

Assim, entende-se que a Dialetologia e a Sociolinguística são duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas se encontram e se completam. É o que afirma Callou (2010, p. 33-35), para quem “a metodologia da Dialetologia tradicional rural sofreu adaptações para dar conta da análise linguística nos grandes centros urbanos [...] vindo esta dialetologia urbana a confundir-se com a Sociolinguística”.

Sobre este aspecto, Campoy (1993, 162) afirma que:

Después de la Segunda Guerra Mundial observaron que limitando los estudios dialectales a áreas rurales estaban ignorando el habla de la inmensa mayoría de la población, esto es, el habla de las grandes áreas urbanas, que no podían ser investigadas aplicando los métodos de la tradicional dialectología rural. De este modo, la Dialectología Urbana apareció combinando una función tanto lingüística como social y una dimensión sincrónica

Nessas interfaces entre Dialetologia e Sociolinguística emerge o que se concebe por uma Geossociolinguística, isto é, uma Geolinguística preocupada em controlar variantes sociais como sexo, idade, escolaridade, renda, dentre outras, além da variante geográfica, tradicionalmente estudada.

Para Razky (2010a, p. 172) uma perspectiva geossociolinguística é necessária para compensar os limites de cada uma das duas disciplinas: A Sociolinguística cuja maior parte dos trabalhos no Brasil se detém na dimensão social e local; e a Geolinguística, que se ocupa com o aspecto espacial com uma estratificação social mínima.

2.1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO BRASIL

Nesta seção esboçamos um breve histórico dos estudos dialetológicos realizados no Brasil, desde o século XIX aos dias atuais. A partir dos critérios utilizados por Altino (2007) para classificar como mono, bi ou pluridimensionais, oito atlas linguísticos brasileiros, publicados até então, propusemos uma ampliação da listagem feita pela autora, incluindo outros atlas não analisados por ela, alguns elaborados como dissertações de mestrado e teses de doutorado. Apresentamos também um apanhado dos estudos sobre variação realizados no Estado do Pará antes e depois da criação do projeto ALIPA (GeoLinTerm)

Os estudos de cunho dialetológico tiveram início no Brasil, segundo Cardoso (1997), no final do século XIX e início do XX. Em uma primeira fase dos estudos (1826-1920) registram-se publicações como o *Dicionário da Língua Brasileira* (PINTO, 1832), o *Vocabulário Brasileiro para Servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa* (RUBIM, 1853) o *Popularium Sulriograndense e o Dialeto Nacional* (ALEGRE, 1872), A

Linguagem Popular Amazônica (VERÍSSIMO, 1884), obras que estavam voltadas para o reconhecimento da diversidade léxico-semântica do português brasileiro.

A segunda fase dos estudos dialetológicos nacionais iniciou-se com a publicação de *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920). Nessa obra o autor realiza um estudo monográfico focalizando os níveis fonético, morfológico, sintático e lexical do português brasileiro. Também merece destaque a obra *A Língua do Nordeste* (MARROQUIM, 1934). Nessa segunda fase, são esses estudos de cunho monográfico, que ao lado dos glossários regionais, caracterizam os rumos dos estudos dialetais.

É a primeira manifestação em prol de um atlas linguístico do Brasil, por meio do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que caracteriza a terceira fase dos estudos dialetais no Brasil. O decreto determinou como principal atribuição da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*. No projeto, destacam-se alguns dos nomes que construíram a dialetologia brasileira, como Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha, Nelson Rossi e outros. Mas a concretização desse projeto de âmbito nacional se tornou impossível naquele momento e as pesquisas de âmbito regional ganharam espaço entre os estudos dialetológicos brasileiros.

Uma quarta fase dos estudos dialetológicos ainda é registrada, e se inicia em 1963, com a publicação do primeiro atlas linguístico regional do Brasil: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – ALFB*, sob a direção de Nelson Rossi, e segue até os dias atuais.

Segundo Razky e Lima (2011, p. 350),

No Brasil, sobretudo a partir de 1996, a Dialetologia e a Geolinguística tiveram um considerável avanço teórico-metodológico, resultante de um olhar multidimensional, que pode ser verificado em publicações científicas de grande porte, representadas, sobretudo pelos atlas regionais publicados a partir de 2001 no âmbito do atual Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Atualmente, temos⁵ no Brasil diversos atlas já publicados ou elaborados aguardando publicação⁶, alguns como trabalhos de cunho monográfico. Outros tantos⁷ estão em fase de

⁵ Os levantamentos aqui apresentados baseiam-se nos estudos de Aguilera (2006, p. 2), Lima (2006, p. 87), Cristianini (2007, p. 52), Pereira (2007, p. 35), Encarnação (2010, p.103) e Sousa (2011, p. 48) e em nossas leituras.

⁶ *Atlas Prévio do Falares Baianos – APFB* (1963), *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* (1977), *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* (1984), *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS I* (1987), *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* (1994), *Atlas Linguístico de Sergipe - ALS II* (2002), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (2002), *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (2004), *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (2004), *Estudo Semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/Pará* (2005), *Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara – AFeBG* (2006), *Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – ALiPP* (2006), *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS*

elaboração.

2.1.1 Evolução da Abordagem Dimensional nos Atlas Brasileiros

A Dialectologia tradicional estava ocupada da distribuição geográfica dos dialetos, uma das atividades mais correntes era a proposição de isoglossas⁸ que delimitam dialetos ou falares próprios de uma determinada região. Os primeiros atlas linguísticos publicados traziam em sua metodologia esta preocupação com a dimensão geográfica, apesar de, segundo Cardoso (2001), em alguns deles, como no pioneiro ALF, ser possível depreender as variantes sociais a partir do exame do perfil dos informantes. Esses atlas, porém, apresentam uma visão monodimensional da variação linguística, uma vez que estavam focados apenas na dimensão diatópica.

Altino (2007) propõe uma classificação de oito atlas linguísticos brasileiros em monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais, baseando-se em Thun (1997 e 1998). Para ele, os atlas monodimensionais estariam focados na dimensão espacial, por isso, permitem a identificação do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica. Os atlas bidimensionais, por outro lado, além da dimensão geográfica, contemplariam outra dimensão: diagenérica ou diageracional normalmente. Já os atlas pluridimensionais focalizariam além da dimensão geográfica duas ou mais dimensões sociais: diastrática, diageracional, diagenérica, diafásica, etc.

Alguns pesquisadores adotam a nomenclatura multidimensional⁹ para se referir ao que

(2007), *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar* (2007), *Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II* (2007), *Atlas Semântico Lexical da Região do Grande ABC* (2007), *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ* (2008), *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (2009), *Atlas linguístico Lexical de Iguatu-CE* (2009), *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco* (2009), *Atlas Linguístico do Ceará – ALECE* (2010), *Atlas Semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo* (2010).

⁷ *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, *Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALIPA*, *Atlas Linguístico do Acre – ALiAC*, *Atlas Etnográfico do Acre – ALAC*, *Atlas Linguístico do Amapá – ALAP*, *Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO*, *Atlas Linguístico do Maranhão – ALIMA*, *Atlas Linguístico do Piauí*, *Atlas Linguístico do Mato Grosso – ALiMAT*, *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte – ALiRN*, *Atlas Prévio do Espírito Santo – APES*, *Atlas Etmolinguístico dos Pescadores do Rio de Janeiro – AEPRJ*, *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro – ALiSon-Rio*, *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo – ALESP*, *Atlas Linguístico de São Francisco do Sul – ALSFS*, *Atlas Linguístico-contatual das Mesorregiões Alemãs na Bacia do Prata – ALMAH: Hunsrückisch*, *Atlas Linguístico da Mesorregião do Oeste Potiguar*, *Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo*, *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO*, *Atlas Linguístico do Estado de Pernambuco – ALIPE*, *Atlas Linguístico de Adrianópolis (UEL)*, *Atlas Linguístico de Ortigueira (UEL)*, *Atlas Linguístico do Oeste Paulista (UEL)*, *Atlas dos Falares do Alto Rio Negro (UFAM)*, *Atlas Linguístico do Território Incaracterístico de Antenor Nascentes*, *Atlas Linguístico-etnográfico da Fronteira Brasi/Paraguai – ALFBP (UEL)*

⁸ Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p.12), por isoglossa entende-se uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas.

⁹ Nesta pesquisa optamos por usar essa nomenclatura tendo em vista uma homogeneidade com os demais trabalhos realizados no âmbito do projeto GeoLinTerm.

para Thun (1997 e 1998) seria pluridimensional. Para Razky, Oliveira e Lima (2006, p. 117) “um atlas linguístico fornece uma imagem multidimensional, ele mostra onde e como se dão as variações no espaço físico e social”. Nessa perspectiva os atlas linguísticos multidimensionais, inspirados, portanto, nos avançados estudos sociolinguísticos, mapeiam outras variantes além da diatópica (geográfica), como: diagenérica ou diassexual (sexo), diageracional (idade), diastrática (classe social), diafásica (escolaridade), somente para citar as mais comuns.

Para Thun (1997 *apud* ALTINO, 2007, p. 31), já no *Atlas Linguístico-etnográfico da Itália e da Suíça Meridional – AIS* (1928-40) se pode observar a dimensão diastrática, pois ele “proporciona, para alguns pontos urbanos, os resultados dos famosos ‘relevés doublés’ [dados binários] feitos em duas camadas cidadinas diferentes”. Por conta disso, pode-se dizer que esse foi o primeiro atlas pluridimensional publicado.

A partir de uma análise exaustiva das metodologias empregadas na produção de vinte e dois atlas linguísticos brasileiros, e tomando os critérios utilizados por Altino (2007, p. 31), propusemos a seguinte classificação desses atlas como: Monodimensionais, Bidimensionais e Multidimensionais:

2.1.1.1 Atlas Monodimensionais

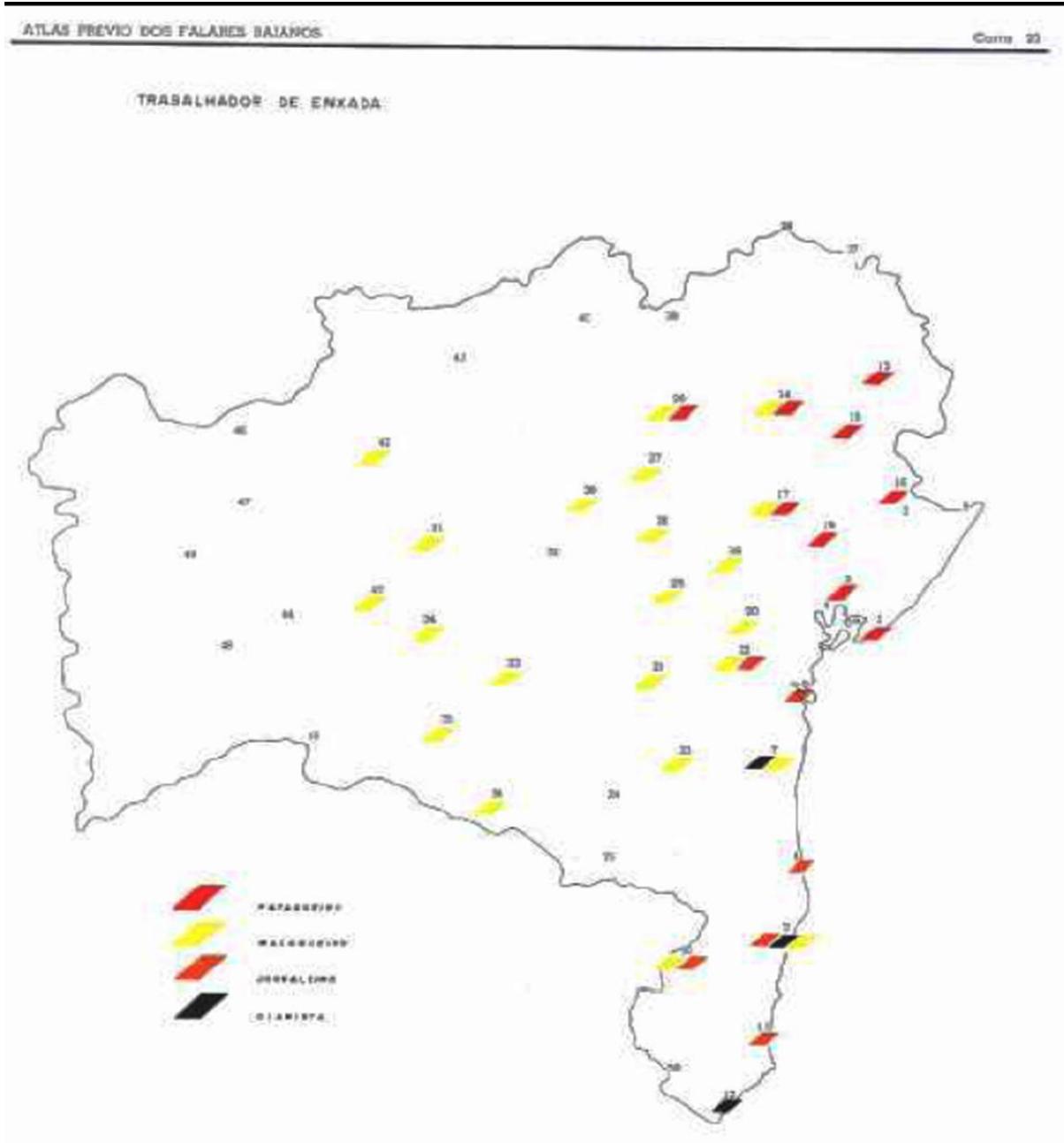
Para Altino (2007, p. 31), os seguintes atlas são classificados como monodimensionais, uma vez que fixaram o interesse de cartografiação na dimensão diatópica, são eles:

(a) Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963)

Realizado sob a direção do professor Nelson Rossi e colaboração de Dinah Isense e Carlota Ferreira, publicado em 1963, o Atlas Prévio dos Falares Baianos foi o primeiro publicado no Brasil. A equipe elaboradora do APFB trabalhou com uma rede de 50 pontos de inquérito, um questionário de 3000 perguntas, (foi utilizado um extrato de 164 questões), 100 informantes, 57 do sexo feminino e 43 do masculino, analfabetos ou semi-analfabetos, com idades entre 25 e 60 anos. Sobre a distribuição de informantes, Altino (2007, p. 33) acrescenta que foram 34 pontos com dois informantes, um homem e uma mulher, uma localidade com 6 informantes, três homens e três mulheres, duas localidades com 3 informantes, um homem e duas mulheres, 7 pontos com duas informantes, 5 localidades com um informante do sexo masculino e 1 localidade com um informante do sexo feminino. Foram produzidas 154 cartas linguísticas com transcrição fonética, 44 cartas sintéticas, essas que reúnem fenômenos que se

dão de forma igual ou similar em determinadas regiões. Foram elaboradas 209 cartas, 11 de identificação, 154 fonéticas e léxicas e 44 cartas-resumo.

Figura 1 – Carta Trabalhador de Enxada - ALFB



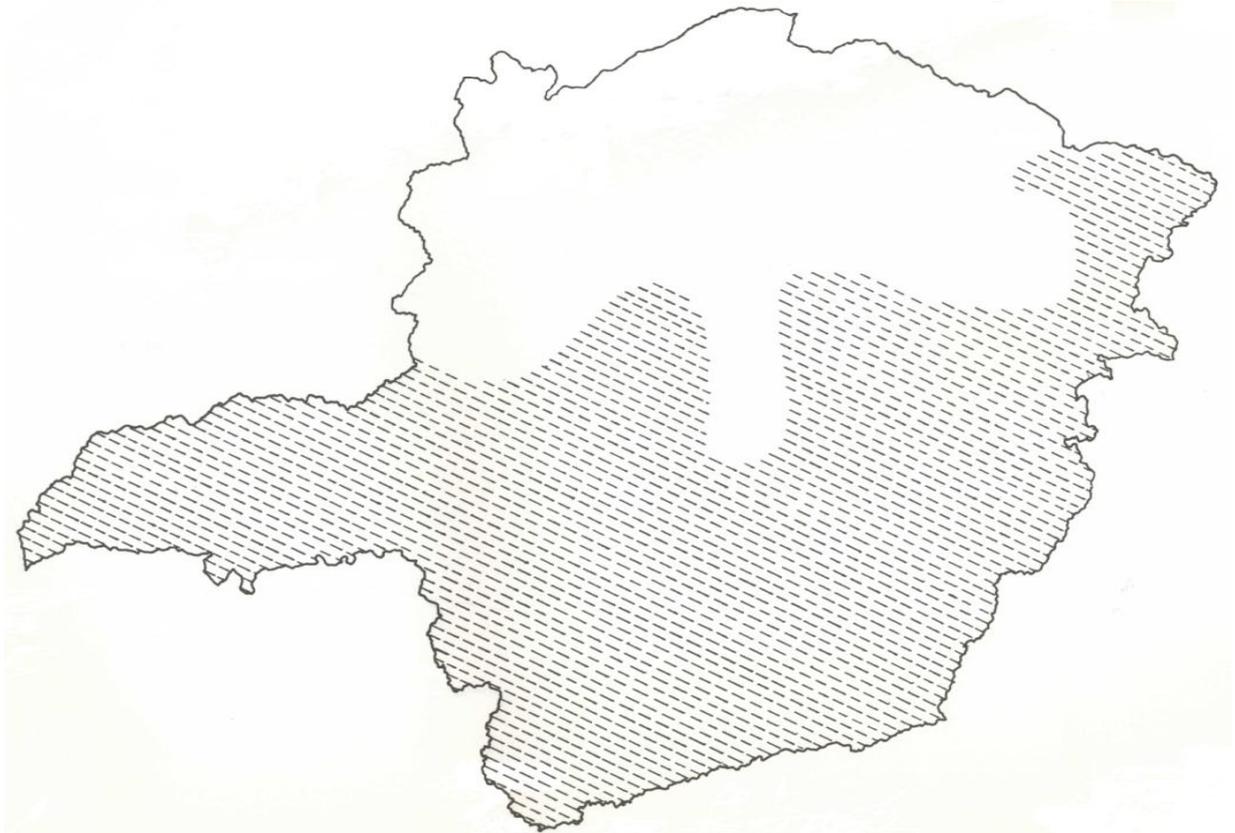
Fonte: Altino (2007)

(b) Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977)

Mário Zágari, José Ribero, José Passio e Antônio Gaio são os autores do Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG, que foi o segundo atlas a ser publicado no Brasil. Eles contaram com a colaboração de Claudia Coutinho, Edimilson Pereira, José Laderia e Núbia Gomes. O EALMG foi elaborado utilizando uma rede de pontos de inquérito

com 116 localidades, 83 informantes (entre analfabetos, pessoas com ensino primário, e superior), um questionário de 415 perguntas, que resultou na produção de 78 cartas, 5 de identificação, 21 lexicais, 24 fonéticas, 3 isofônicas e 25 isoléxicas.

Figura 2 – Carta 52 - Isolexa de Cerração - EALMG

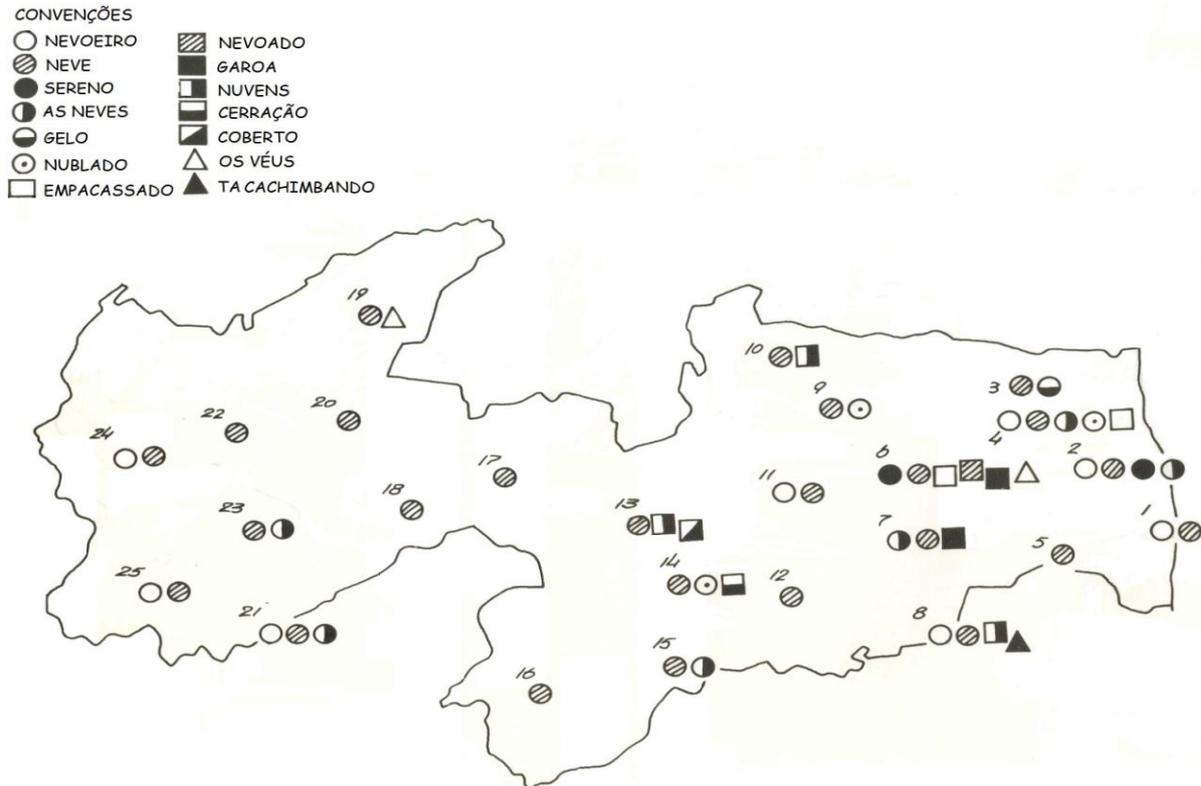


Fonte: Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (ZÁGARI *et al.*, 1977)

(c) Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984)

Realizado em conjunto pelas professoras Maria do Socorro Silva de Aragão (coordenadora) e Cleuza Bezerra de Menezes, o ALPB foi o terceiro atlas brasileiro publicado. O trabalho tem 25 pontos de inquérito (municípios base), mais três municípios satélite. Os informantes tinham entre 25 e 75 anos, entre analfabetos e pessoas com o ensino primário incompleto (atualmente 5º ano). Foi utilizado um questionário de 877 perguntas, 289 gerais (terra, homem, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação e atividades sociais) e 588 específicas (sobre os principais produtos agrícolas do estado).

Figura 3 – Carta 024 – Cerração - ALPB



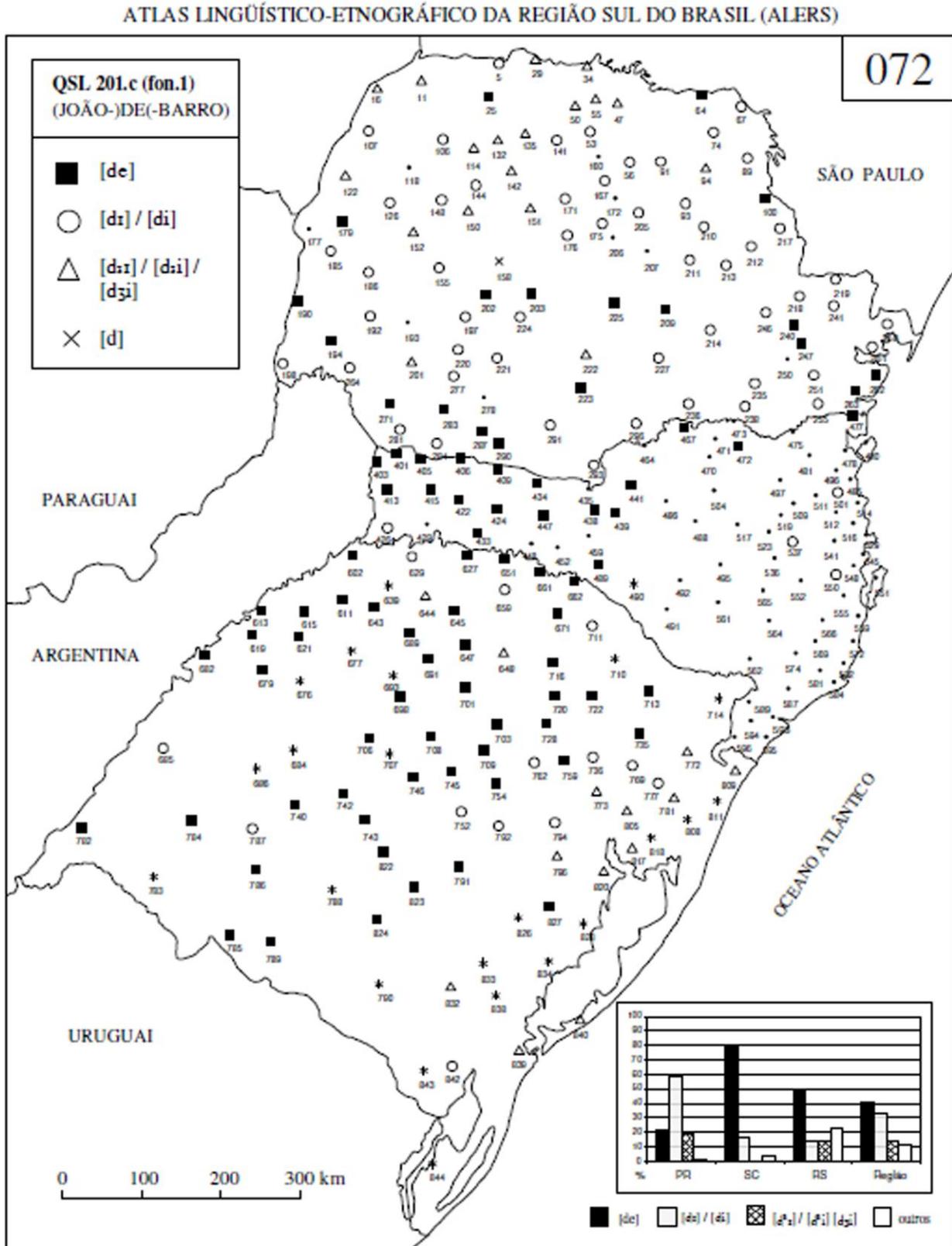
Fonte: Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB (ARAGÃO e MENEZES, 1984)

(d) Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (2002).

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS foi elaborado sob a coordenação geral do professor Walter Koch, que teve como colaboradores José Mecer, Basílio Agostini, Hilga Vieira, Felício Marjotti, Hilda Gomes, Oswaldo Furlan, Mario Klassmann e Cléo Altenhofen. Foi o primeiro atlas regional publicado no Brasil, abrangendo 294 localidades dos estados do Paraná (106 pontos), Santa Catarina (86 pontos) e Rio Grande do Sul (102 pontos). Foram utilizados três tipos de questionário (QSL, QFF e QSM)¹⁰ totalizando 711 questões, aplicados a 664 informantes, com idades entre 28 e 58 anos, e pouca escolaridade. Segundo Altino (2007, p.39) o ALERS é o mais recente atlas monodimensional publicado no Brasil. Em 2011 foi publicado o volume com as cartas Semântico-Lexicais.

¹⁰ QSL – Questionário Semântico-lexical, QFF – Questionário Fonético-fonológico, QSM – Questionário Morfossintático.

Figura 4 – Carta 072 – João-de-barro - ALERS



Fonte: Altenhofen e Klassman (2011).

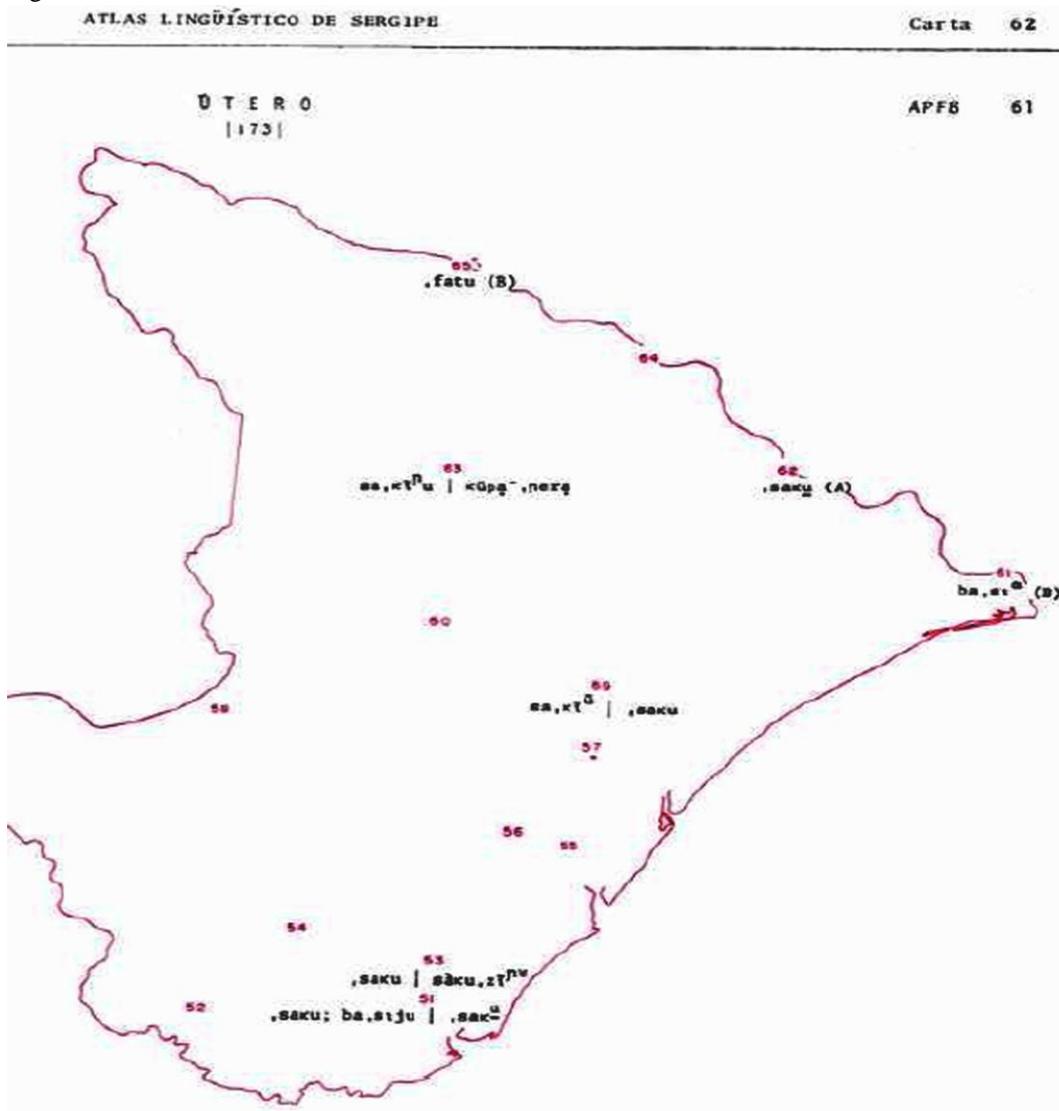
2.1.1.2 Atlas Bidimensionais

Como bidimensionais, uma vez que os mesmos contemplaram além da dimensão diatópica, a dimensão diagenérica, Altino (2007) cita os seguintes atlas:

(a) Atlas Linguístico de Sergipe – ALS I (1987)

São autores do Atlas Linguístico de Sergipe – ALS I, Nelson Rossi, Carlota Ferreira, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Jacira Mota. Segundo Pereira (2007) a metodologia do ALS I resultou do aprimoramento da metodologia utilizada no APFB. Foi utilizado um questionário de 686 questões, aplicadas em 15 localidades, resultando em 182 cartas. Propiciando uma comparação entre os falares baiano e sergipano (ALTINO, 2007).

Figura 5 – Carta 62 – Útero – ALS I

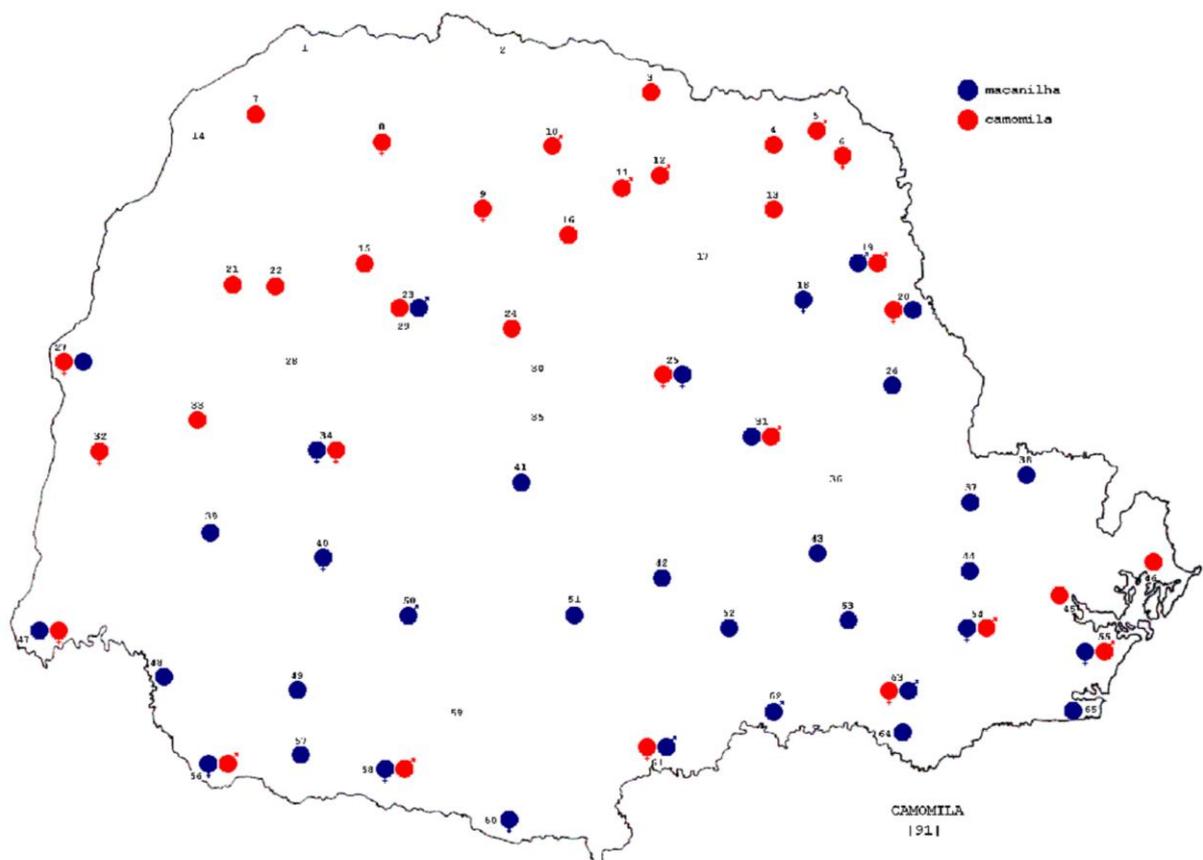


Fonte: Altino (2007)

(b) Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994)

O Atlas Linguístico do Paraná ALPR é resultado da tese de doutorado da professora Vandarsi de Andrade Aguilera, defendida em 1990, tendo sido publicado em 1994. O trabalho foi desenvolvido tendo 65 pontos de inquérito, sendo 24 propostos por Nascentes para o atlas nacional. Os 130 informantes têm entre 27 e 62 anos, a escolaridade varia entre analfabetos e pessoas que possuem o ensino primário completo (atualmente 5º ano). O questionário utilizado possui 325 questões que abrangem os campos semânticos TERRA e HOMEM.

Figura 6 – Carta 49 – Camomila – ALPR I



ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 49

Fonte: Busse (2009)

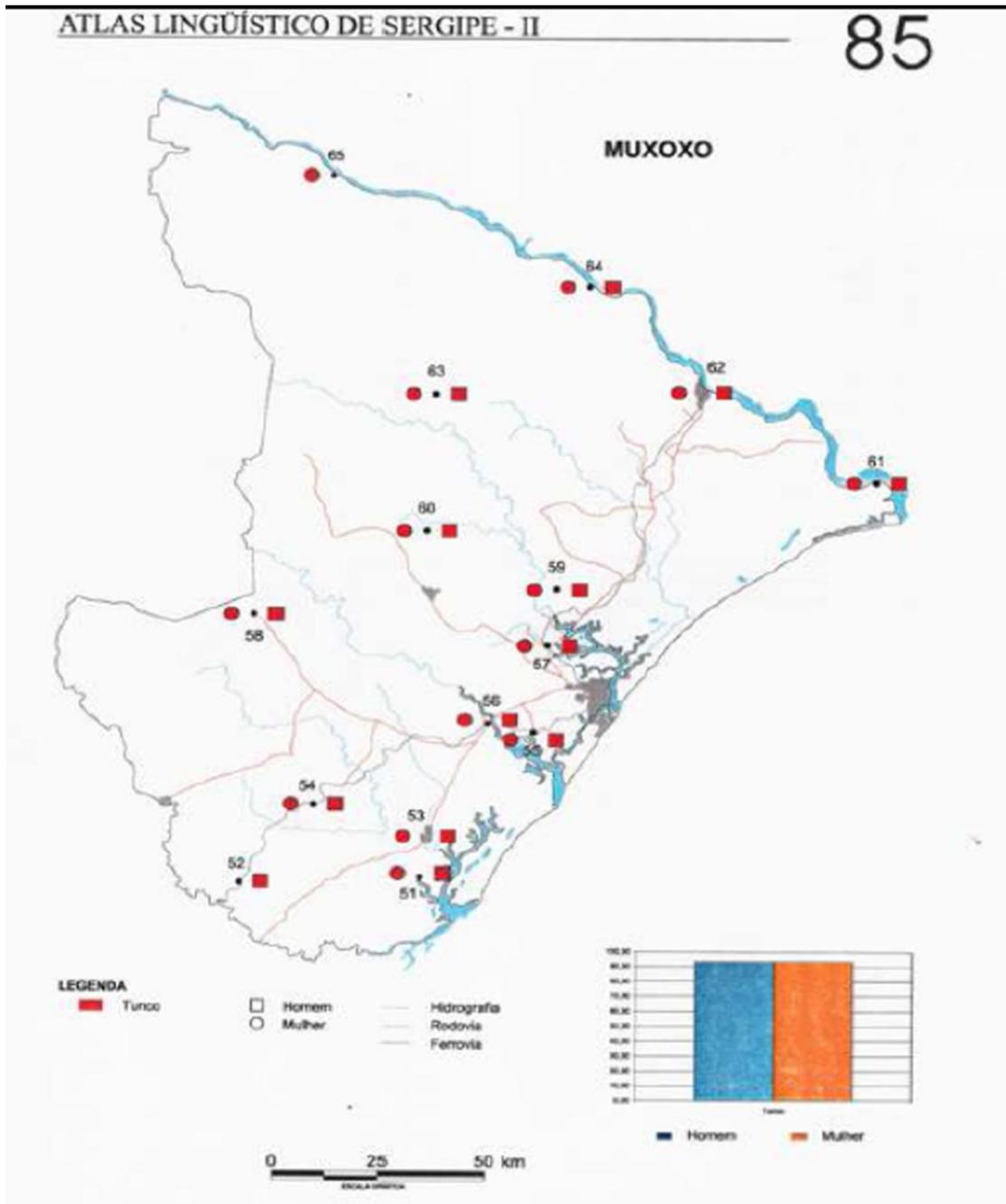
(c) Atlas Linguístico de Sergipe - ALS II (2002)

O Atlas Linguístico de Sergipe - ALS II resultou da tese de doutoramento da professora Suzana Alice Cardoso, defendida em 2002 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e utilizou o *corpus* que ainda não havia sido trabalho do ALS I. É um trabalho considerado por Altino (2007) como bidimensional uma vez que procurou estudar a variante diagenérica além da diatópica. Cardoso (2006, p. 7) afirma que no trabalho “são explorados

aspectos sociolinguísticos, imprimindo às informações um tratamento diagenérico [...] dando aos resultados uma perspectiva pluridimensional”.

A rede de pontos é formada por 15 localidades, os informantes totalizam 30, sendo dois por localidade, um homem e uma mulher. Foram elaboradas no total 108 cartas, 105 semântico lexicais e 3 introdutórias.

Figura 7: Carta 85 – Muxoxo – ALS II

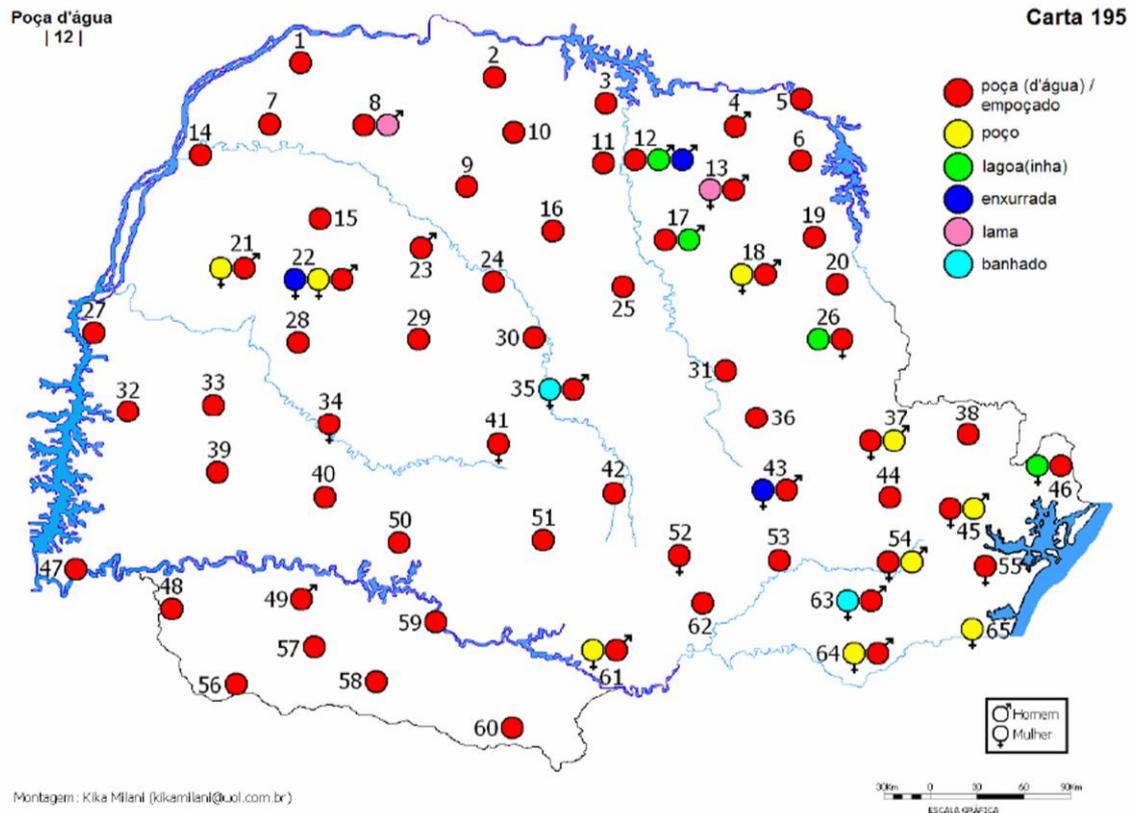


Fonte: Fonte: Altino (2007)

(d) Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II (2007)

O Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II, resultado da tese de doutoramento a professora Fabiane Altino, defendida na Universidade Estadual de Londrina em 2007, pode ser incluído entre os atlas com perspectivas bidimensionais, uma vez que seguiu a metodologia adotada no Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994).

Figura 8 – Carta 195 – Poça D'água – ALPR II



Fonte: Altino (2007)

2.1.1.3 Atlas Multidimensionais

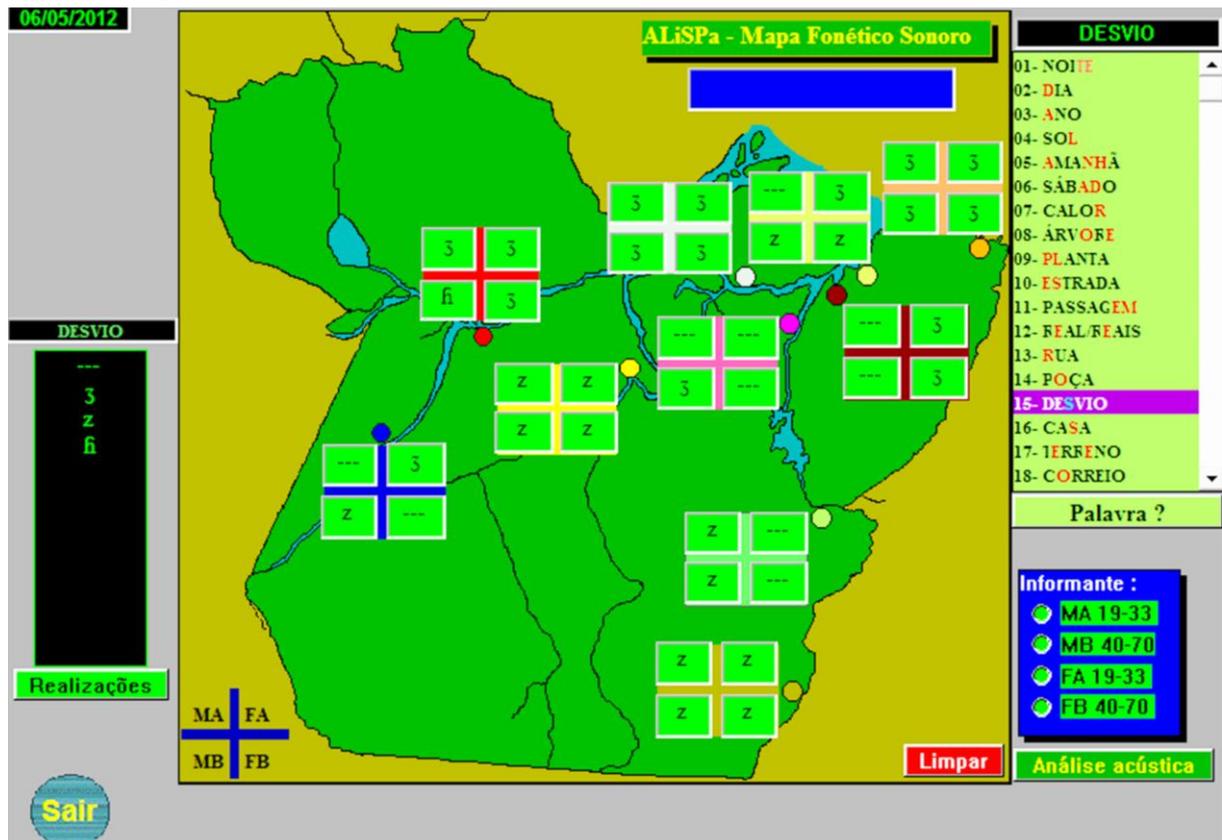
(a) Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (2004)

Em sua proposta de classificação, Altino (2007, p. 49) aponta o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (RAZKY, 2004) como o primeiro dos atlas pluridimensional brasileiro, uma vez combina “a dialetologia areal com a sociolinguística (e a pragmática) para converter o estudo o estudo tradicional da superfície bidimensional em um estudo tridimensional da variação linguística” (THUN, 1997 *apud* ALTINO, 2007, p.49).

O ALiSPA é de autoria do professor Abdelhak Razky, com a colaboração de Marilúcia Oliveira, Raquel Lopes, Alcides Lima, Simone Negrão e Orlando Cassique, é um trabalho inovador que se configura como o primeiro atlas falante publicado no Brasil, uma vez que sua

apresentação em CD-ROM possibilita a audição das respostas dadas pelos informantes, além da navegação digital pelos *menus* interativos. A rede de pontos do ALiSPA é formada por 10 localidades, em cada uma delas foram entrevistados 10 informantes (totalizando 40), estratificados da seguinte forma: 5 homens e 5 mulheres, duas faixas etárias: 18 a 33 e 40 a 70 anos, analfabetos ou alfabetizados no máximo até a 4ª série (5º ano) do ensino fundamental. O Questionário Fonético-fonológico utilizado contém 159 perguntas e foi elaborado com base no QFF do ALiB. O trabalho totalizou 600 cartas linguísticas em formato digital.

Figura 9 – Mapa Fonético para “Desvio” - ALiSPA 1.0 CD-ROM

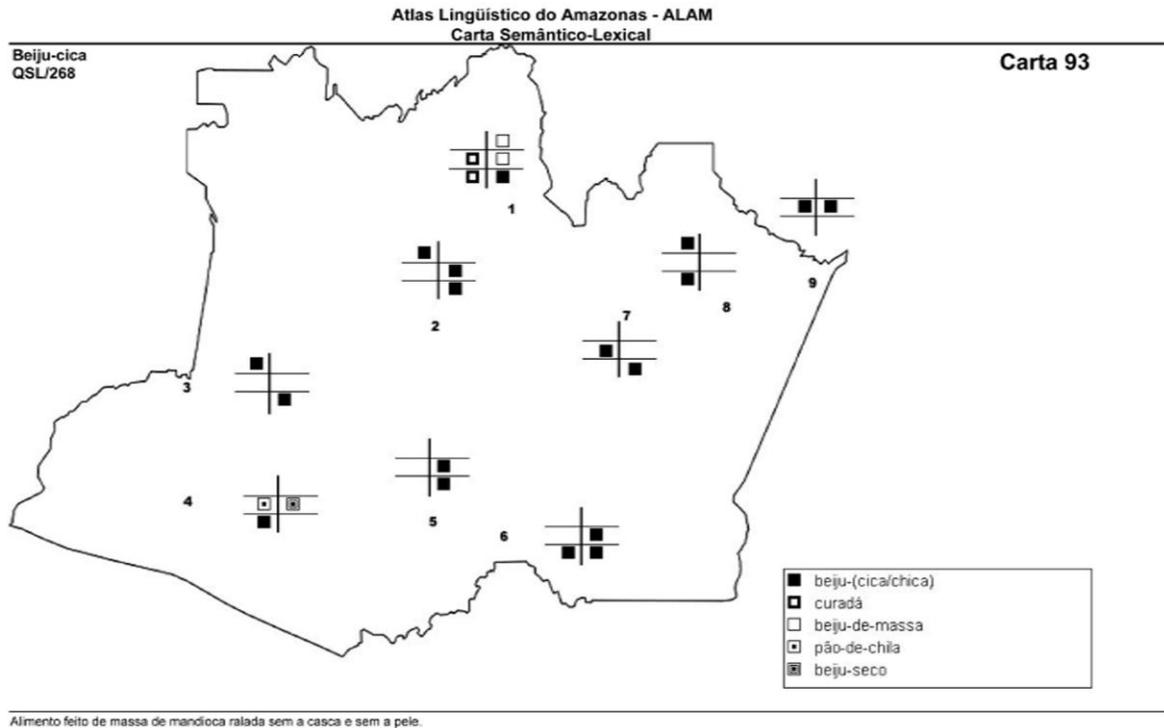


Fonte: Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (RAZKY, 2004)

(b) Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (2004)

O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM foi desenvolvido como tese de doutorado da professora Maria Luiza de Carvalho Cruz, defendida em 2004 na UFRJ. O trabalho possui uma rede de pontos com 9 localidades, foram entrevistados 54 informantes de três faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e mais de 65, 6 por localidade, sendo três homens e três mulheres, ambos alfabetizados no máximo até a 4ª série (5º ano) do ensino fundamental.

Figura 10: Carta 93 – Beiju-Cica - ALAM



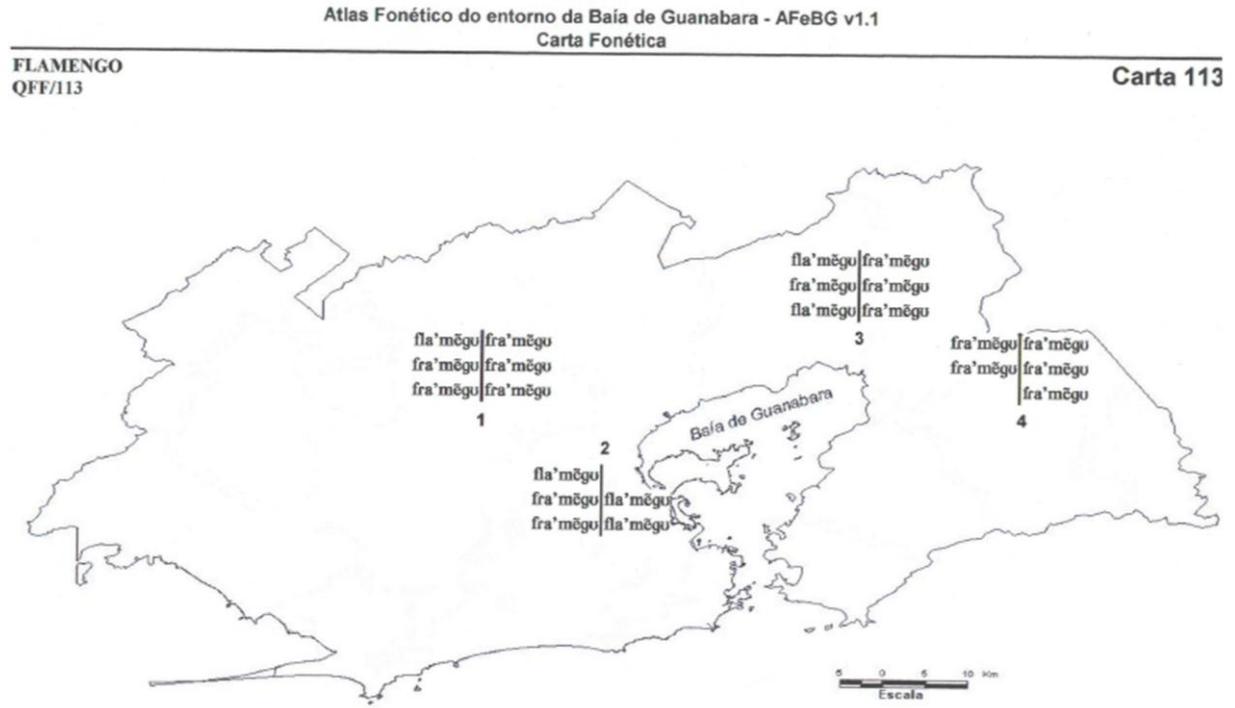
Fonte: Atlas Lingüístico do Amazonas (CRUZ, 2004)

Seguindo os mesmos pressupostos de Altino (2007), apresentamos a seguir uma relação de outros atlas brasileiros, alguns elaborados em forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado, publicados ou não, classificando-os como produtos pluridimensionais/multidimensionais, uma vez que se enquadram na classificação proposta por Thun (1997 e 1998):

(c) Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara – AFeBG (2006)

O Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara – AFeBG foi elaborado como dissertação de mestrado de Luciana Gomes de Lima, sob a orientação da professora Silvia Brandão, na UFRJ no ano de 2006. O atlas tem cunho fonético-fonológico e segue princípios da Geolinguística e da Sociolinguística. Foram trabalhados dados de 4 pontos de inquérito. Os informantes entrevistados são 24, 6 por localidade, 3 homens e 3 mulheres, o questionário utilizado é composto por 279 questões, foram produzidas 308 cartas fonéticas.

Figura 11: Carta 113 - Flamengo - AFeBG

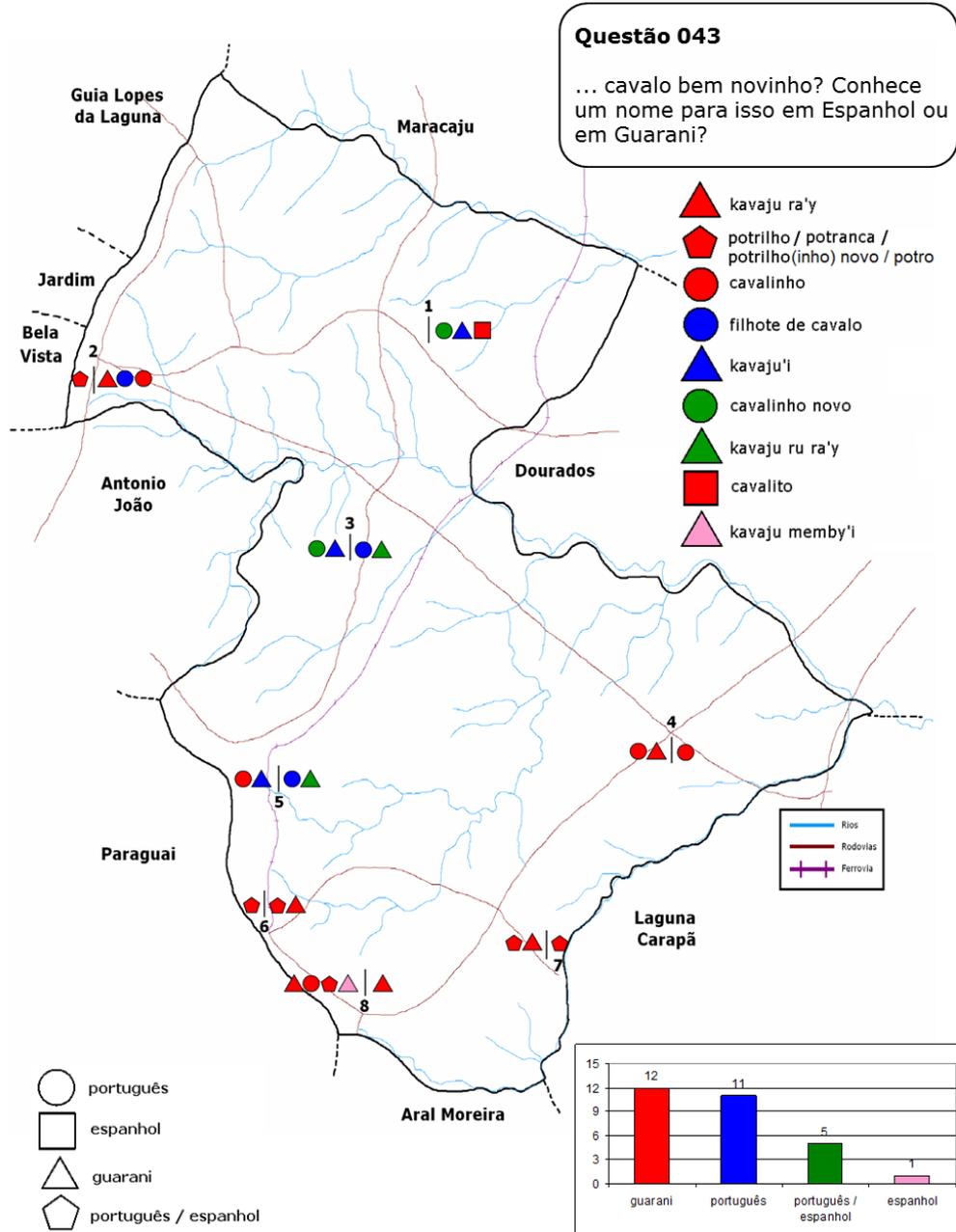


Fonte: Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara – AFeBG (LIMA, 2006)

(d) Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – ALiPP (2006)

O Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – MS foi elaborado como dissertação de mestrado da professora Regiane Reis, sob a orientação da professora Aparecida Isquendo, defendida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, no ano de 2006. É um trabalho realizado sob a perspectiva multidimensional que objetivou contribuir com a descrição do português nas regiões fronteiriças do Mato Grosso do Sul. Foram tratados dados de oito pontos de inquérito, o questionário utilizado é um recorte do elaborado para o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul - ALMS, e totalizou 262 questões. Foram entrevistados 16 informantes, dois por localidade, um homem e uma mulher, com idades entre 45 e 70 anos, analfabetos ou com até o 5º ano do ensino fundamental. O diferencial do perfil dos informantes desse atlas está no fato de que todos eles são bilíngues, nascidos na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Dessa forma, foi cartografado o contato entre as línguas faladas na região: português, espanhol e guarani. Foram produzidas, no total, 232 cartas léxicas.

Figura 12: Carta 43 – Cavalo Bem Novinho - ALiPP

CARTA 43 – Cavalo bem novinho

Ocorrências únicas: Fp3 – cavalo pequeno; Fp8 – cria do cavalo

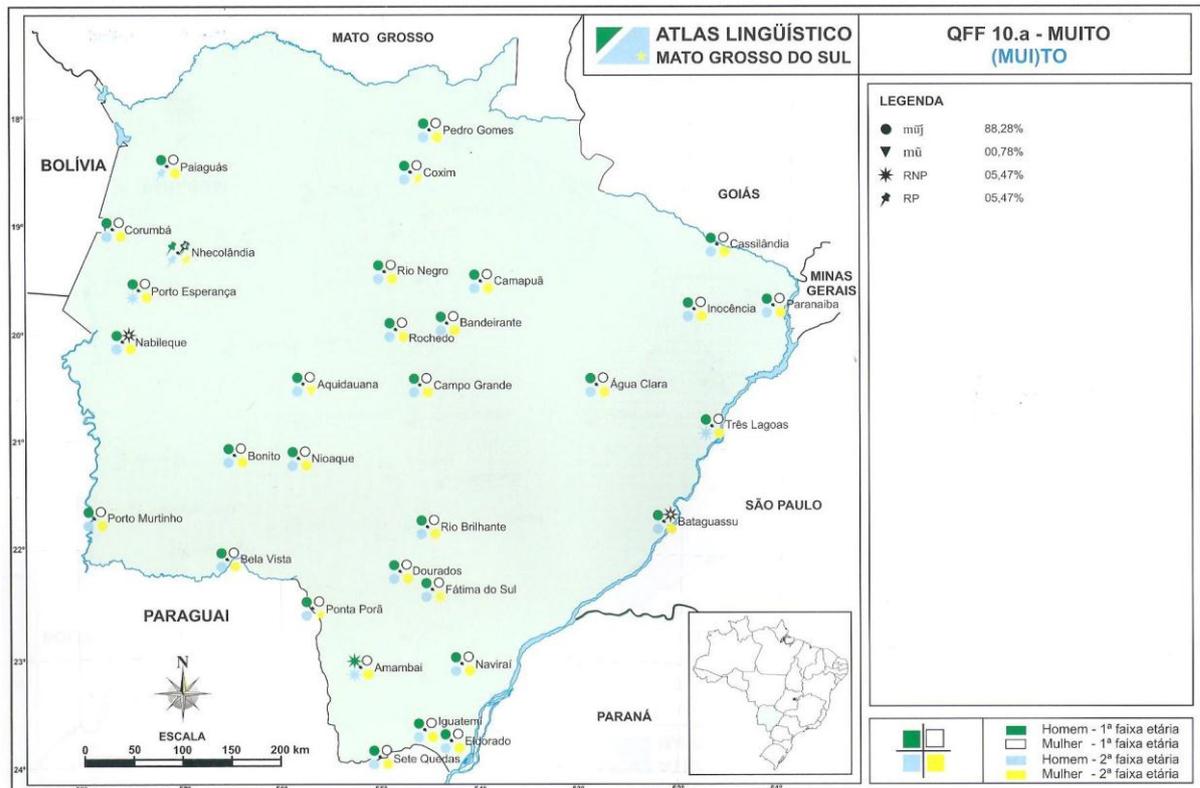
Fonte: Atlas Linguístico do município de Ponta Porã - ALiPP

(e) Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS (2007)

O projeto do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS foi iniciado pelas professoras Albana Nogueira e Maria José Gomes e finalizado pelo professor Dercir Pedro de Oliveira, a publicação se deu em 2007 pela editora da Universidade Federal do Mato Grosso

do Sul. A rede de pontos do ALMS é composta por 32 localidades. Foram entrevistados 128 informantes, 4 por localidade, dois homens e duas mulheres, de duas faixas etárias diferentes. O questionário utilizado possui 557 perguntas. Foram elaboradas 207 cartas no total, 47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas.

Figura 13: Carta QFF 10.A – Muito - ALMS

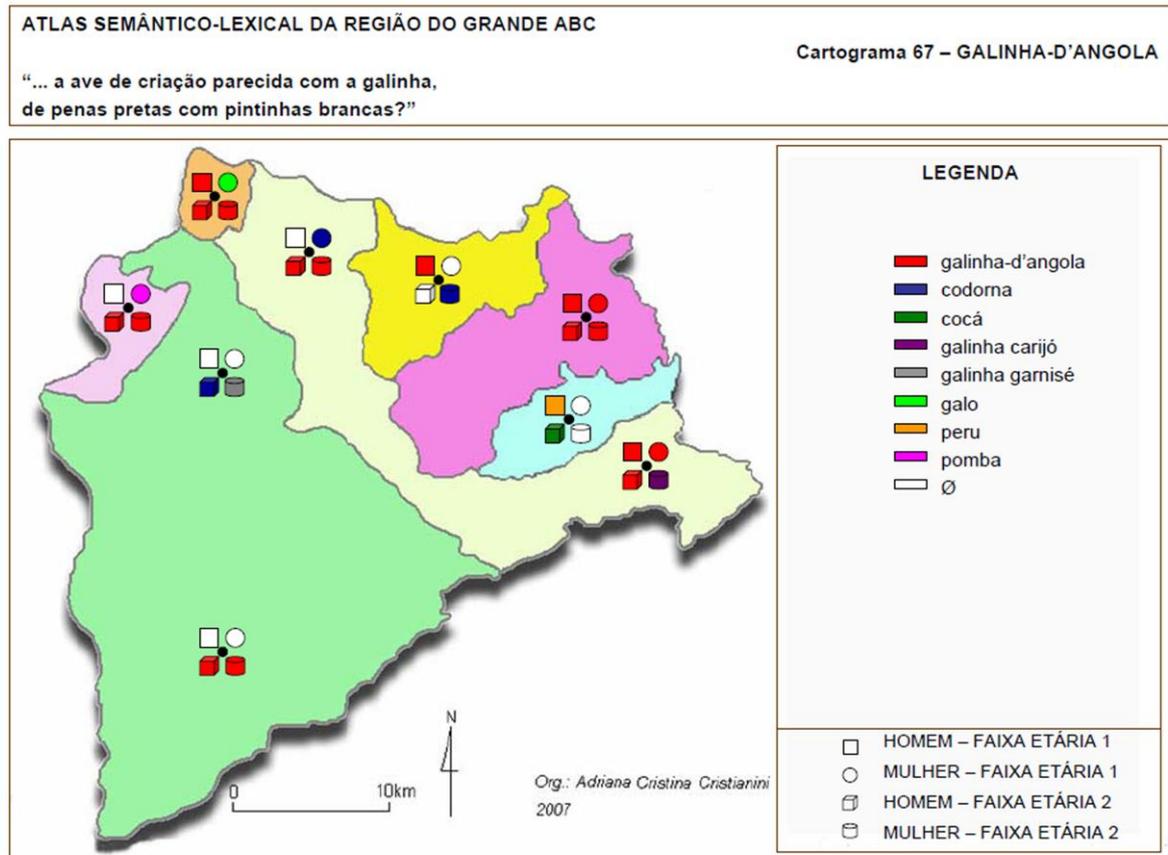


Fonte: ALMS

(f) Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC (2007)

O Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC é um trabalho desenvolvido como tese de doutorado por Adriana Cristina Critianini, sob a orientação da professora Irenilde Pereira dos Santos, defendido em 2007, na Universidade de São Paulo. Foram mapeados nove municípios pertencentes à região conhecida como Grande ABC paulista. Os informantes totalizam 36, sendo 4 por localidade, dois homens e duas mulheres, pertencentes a duas faixas etárias: 18 a 30 e 50 a 56 anos, escolarizados no máximo até a 8ª série (9º ano) do ensino fundamental. O questionário utilizado na coleta de dados é o mesmo QSL do projeto ALiB, com 202 questões. Foram confeccionados 202 cartogramas semântico-lexicais.

Figura 14: Cartograma 67 – Galinha D’angola - ASLRGABC

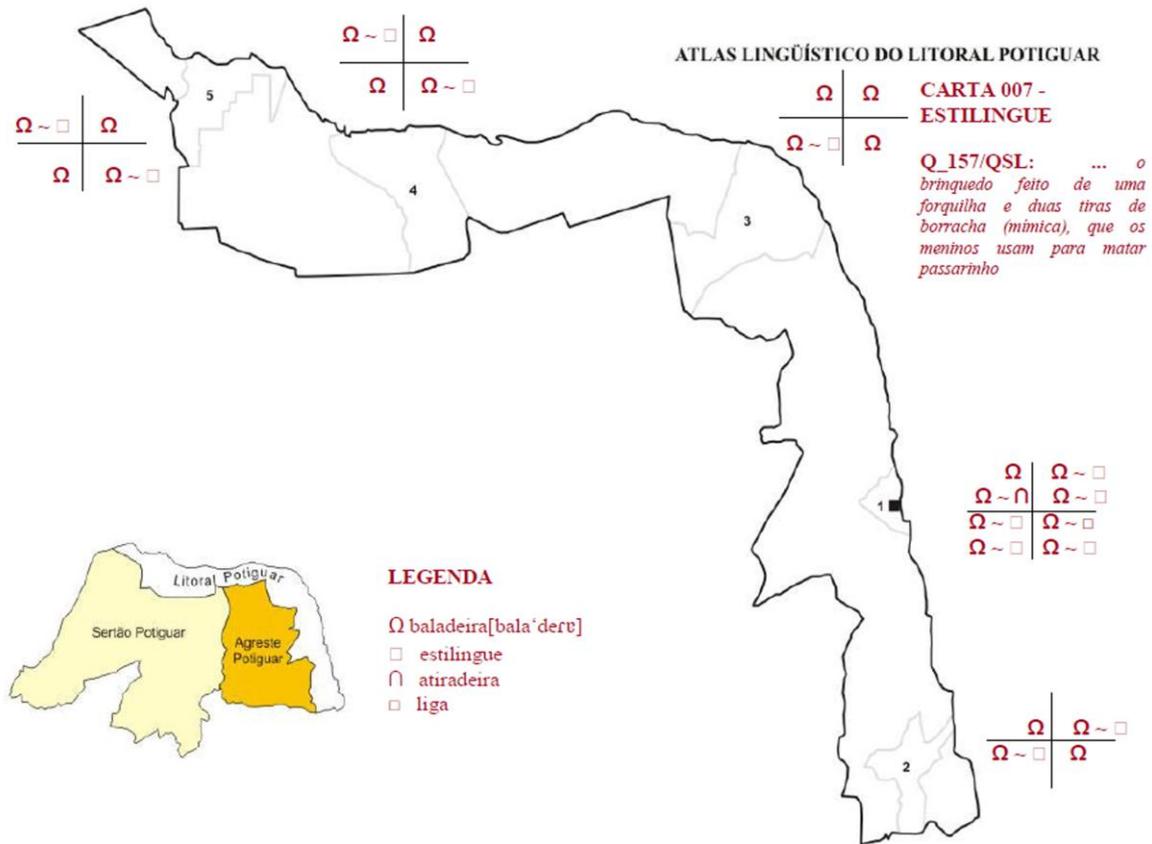


Fonte: Atlas Semântico Lexical da Região do Grande ABC (CRISTIANINI, 2007)

(g) Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar – ALiPTG (2007)

O Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar – ALiPTG foi elaborado pela professora Maria das Neves Pereira, como tese de doutorado, orientada pela professora Dinah Maria Isensee Callou e defendida em 2007 na UFRJ. O ALiPTG apresenta 5 pontos de inquérito, 24 informantes, 8 em Natal (zona urbana), e 4 em cada uma das demais localidades (zona rural), metade do sexo masculino e metade do sexo feminino em cada ponto. Quanto à escolaridade, os informantes da zona rural têm no máximo o ensino fundamental completo, os da zona urbana são divididos em dois grupos: 2 homens e 2 mulheres têm até o ensino fundamental completo, e 2 homens e 2 mulheres têm o ensino superior completo. O questionário utilizado é composto por 410 perguntas. Foram gerados 80 cartogramas, entre cartas fonéticas, morfossintáticas e lexicais.

Figura 15: Carta 007 – Estilingue - ALiPTG



Fonte: Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar – ALiPTG (PEREIRA, 2007)

(h) Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ (2008)

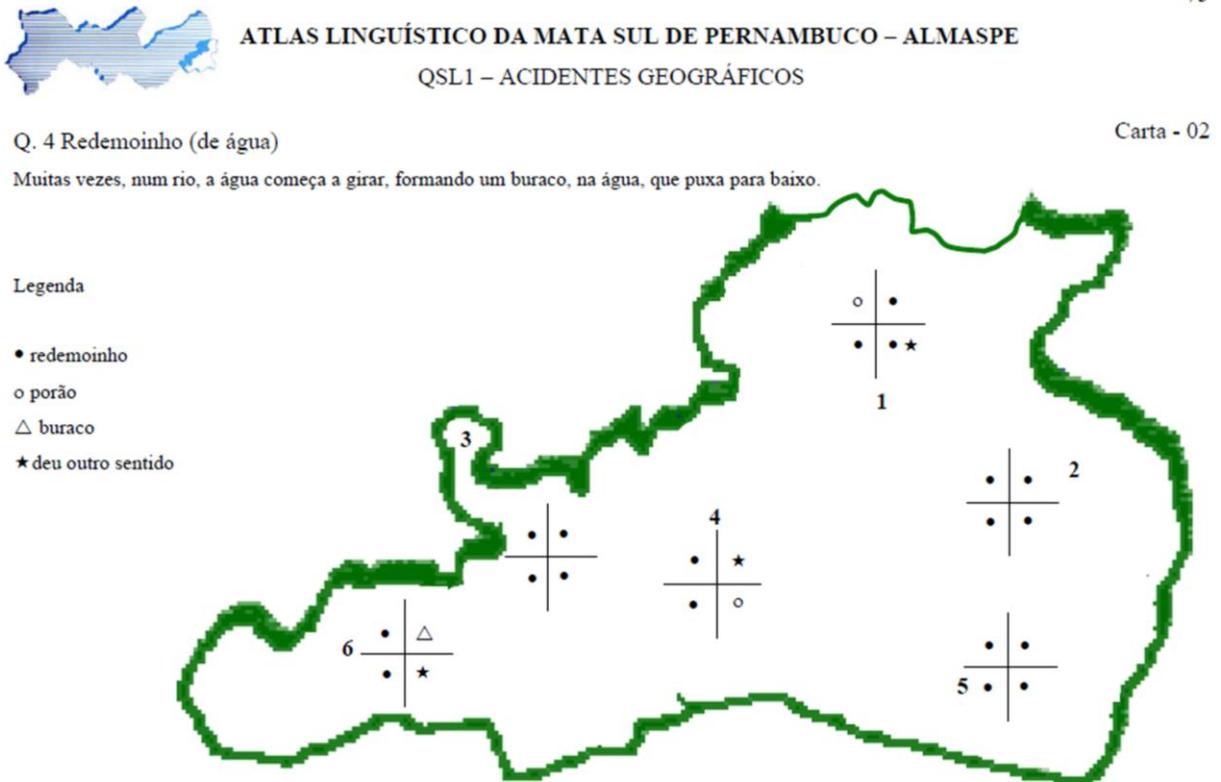
O Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ foi elaborado por Fabiana da Silva Campos Almeida como tese de doutorado, orientada pela professora Silvia Brandão e defendida em 2008 na UFRJ. No MicroAFERJ são mapeados 12 pontos de inquérito do Estado do Rio de Janeiro. Foram entrevistados 72 informantes estratificados da seguinte forma: 6 por localidade, 3 homens e 3 mulheres, de três faixas etárias (18 a 35, 36 a 55 e acima de 55 anos), com escolaridade máxima até a 4ª série (5º ano) do ensino fundamental. O instrumento de coleta de dados (QFF) é composto de 278 questões. Os resultados incluem 306 mapas visuais, pontuais e fonético-fonológicos.

(i) Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASPE (2009)

O Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASPE foi elaborado por Edilene Maria Almeida, sob orientação da professora Maria do Socorro Silva Aragão, defendida em 2009 na Universidade Federal de Pernambuco. A rede de pontos é composta por 6 localidades. O QSL do projeto ALiB com 202 perguntas foi adotado e aplicado nas entrevistas aos 24 informantes, 4 por localidade, dois homens e duas mulheres, com

escolaridade máxima até a 8ª série (9º ano) do ensino fundamental, distribuídos em duas faixas etárias: 18 a 30 e 40 a 65 anos. Foram geradas 52 cartas, 7 introdutórias e 45 semântico-lexicais.

Figura 16: Carta 02 – Redemoinho (de Água) - ALMASPE



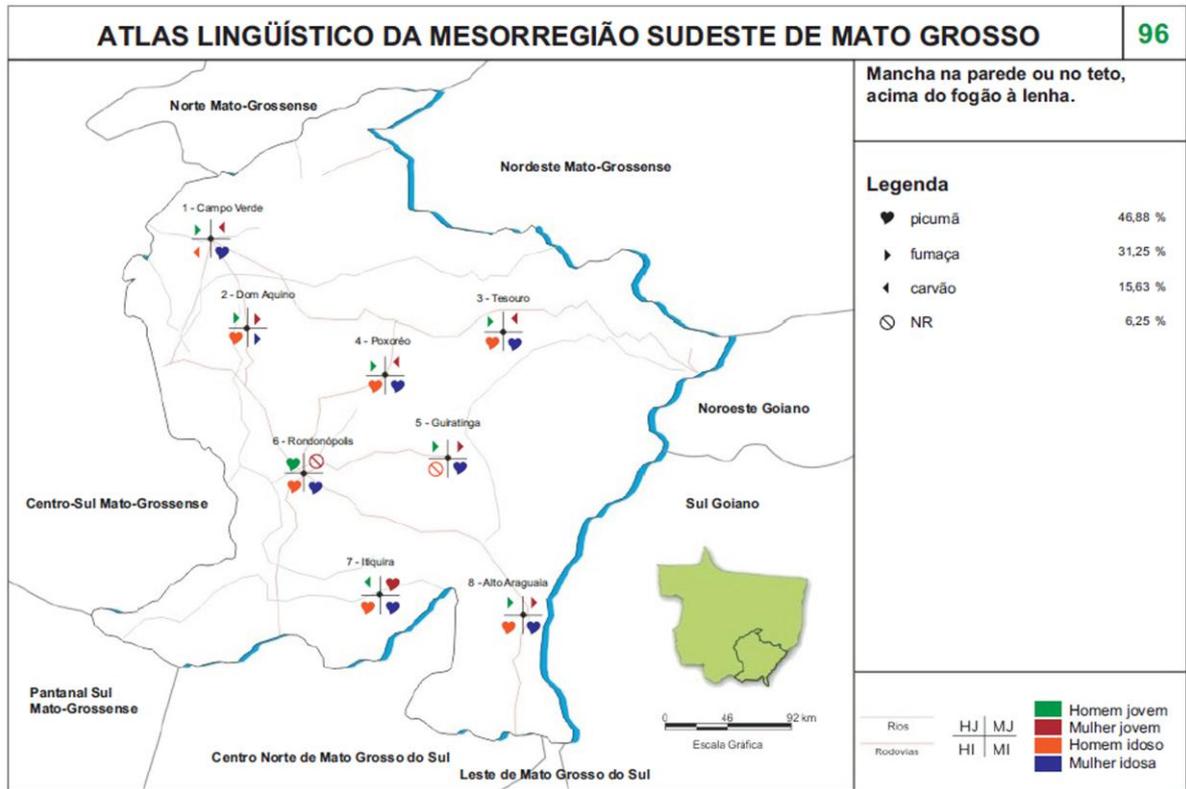
Fonte: Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASPE (ALMEIDA, 2009)

(j) Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (2009)

O Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso é resultado da dissertação de mestrado de Marigilda Antônio Cuba, elaborada sob a orientação da professora Aparecida Isquerdo, e defendida na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em 2009. A seleção da rede de pontos levou em consideração a lista elaborada por Nascentes para o Atlas Linguístico do Brasil no então Estado do Mato Grosso, a rede totaliza 8 pontos de inquérito. São 24 informantes, 4 por localidade, dois homens e duas mulheres, estratificados em duas faixas etárias, 18 a 30 e 45 a 70 anos, com escolaridade máxima até a 8ª série (9º ano) do ensino fundamental. O questionário utilizado foi elaborado tendo por base os questionários do Atlas Linguístico do Brasil e o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, totalizando 318 questões, 161 de ordem fonético-fonológica e 157 semântico-lexicais, além de 4 temas que

orientam discursos semidirigidos e seis questões metalinguísticas. Os dados foram mapeados em 243 cartas linguísticas, 122 fonéticas e 121 lexicais.

Figura 17: Carta 96 – Questão 122 - ALMSMG

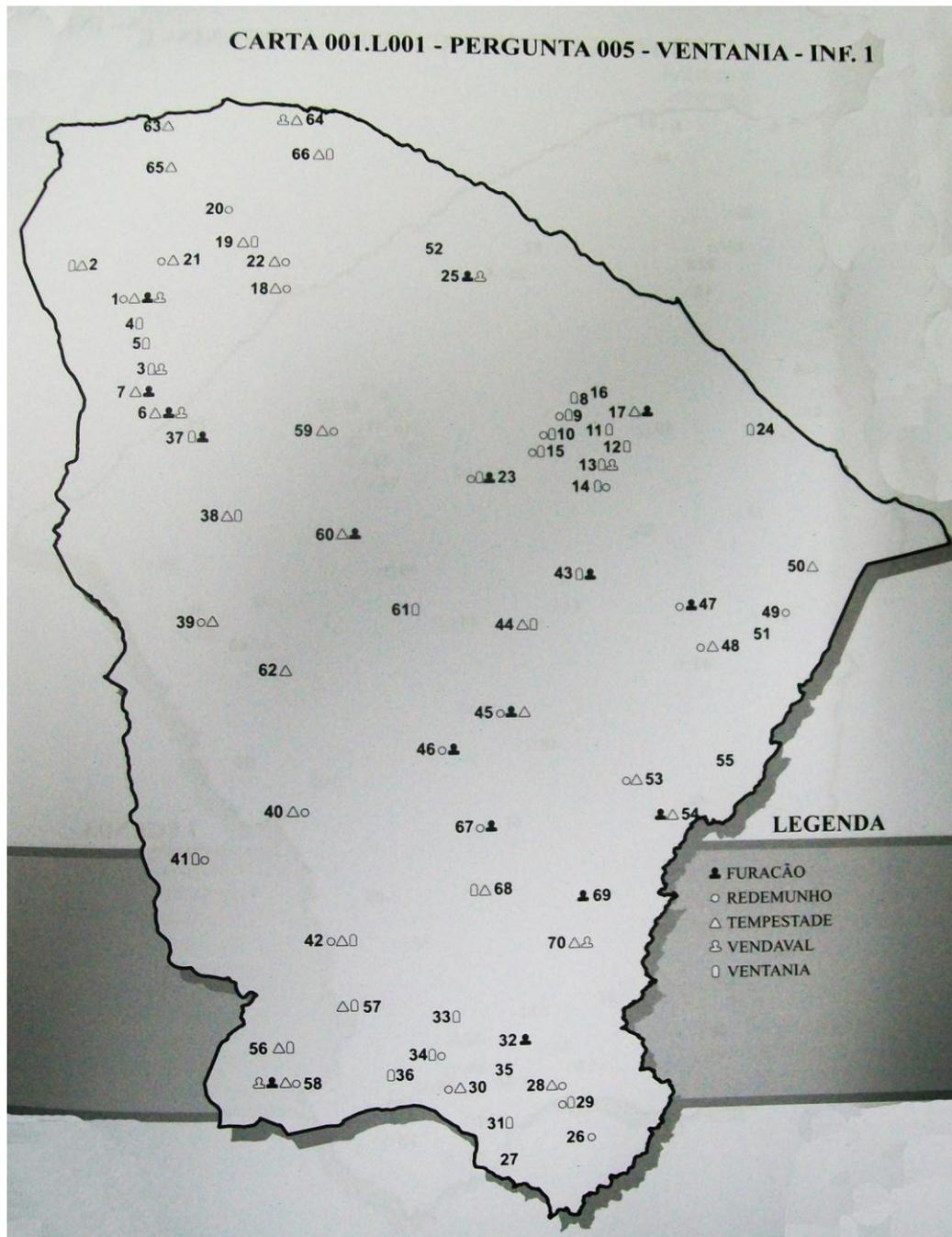


Fonte: Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (CUBA, 2009)

(k) Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (2010)

O Atlas Linguístico do Ceará – ALECE foi elaborado por José Rogério Bessa. Apresenta uma rede de ponto composta por 141 localidades, foram entrevistados 261 informantes com faixa etária entre 30 e 60 anos, de ambos os sexos, todos analfabetos ou com o ensino primário completo (5º ano). O questionário utilizado é composto por 306 perguntas. Foram produzidas ao total 240 cartas, sendo 108 lexicais e 132 fonéticas, além de um glossário com 908 itens.

Figura 18: Carta 001.1.001 – Ventania - ALECE



Fonte: Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (BESSA, 2010)

(I) Atlas Semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba: Municípios do Litoral Norte de São Paulo (2010).

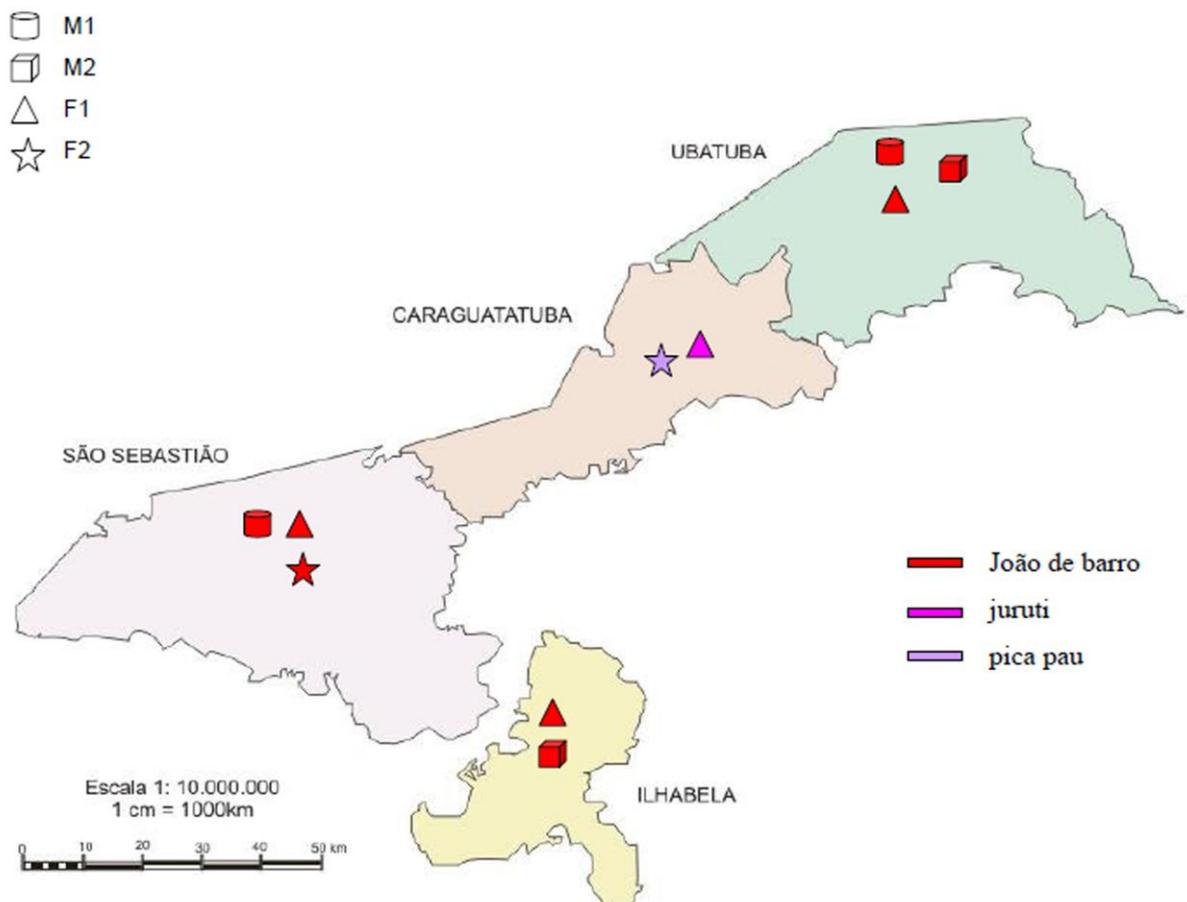
O Atlas Semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba é produto da tese de doutoramento de Márcia Regina Teixeira da Encarnação, elaborada sob a orientação da professora Irenilde Pereira dos Santos, e defendida na Universidade de São Paulo em 2010. Foram cartografados dados de 4 pontos de inquérito, da fala de 16 informantes, 4 por localidade, dois homens e duas mulheres escolarizados até a 8ª série (9º

ano) do ensino fundamental e distribuídos em duas faixas etárias: 18 a 30 e 50 a 65 anos. O QSL utilizado é o proposto para o ALiB com 202 perguntas. Foram produzidas 208 cartas linguísticas no total.

Figura 19: Cartograma 65 – João de Barro - ASLCISSU

CARTOGRAMA 65 – JOÃO DE BARRO

Questão 1.6.3:.. a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?



Fonte: Atlas Semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba (ENCARNAÇÃO, 2010)

(m) Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM (2010)

O Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM é o segundo atlas amazonense a ser elaborado. Foi desenvolvido por Roseanny Melo de Brito como dissertação de mestrado defendida em março de 2010, e teve o objetivo de consolidar os estudos fonéticos na microrregião do Baixo Amazonas (cinco pontos de inquérito). O trabalho adotou os mesmos princípios metodológicos do ALAM (CRUZ 2004) quanto ao número de informantes (30 no total, 6 por localidade, três homens e três mulheres), critérios de seleção dos mesmos, mas

limitou-se a mapear os dados fonético-fonológicos, utilizando, portanto, apenas o QFF (156 questões) como instrumento de coleta de dados. O trabalho gerou 132 cartas fonéticas. Segundo Quadra e Justiniano (2010, p. 4), “o AFBAM conta, ainda, com um CD por meio do qual é possível visualizar as cartas fonéticas, clicar em cada transcrição e ouvir cada realização por informante”.

Para sintetizar as informações apresentados na seção 3.1 deste trabalho, elaboramos o quadro a seguir, que apresenta resumidamente os principais aspectos metodológicos de cada um dos atlas nela apresentados:

Atlas	Tratamento das Dimensões	Nº de Pontos de Inquérito	Nº de Informantes				Nº de Questões/Questionário (s)	Nº de Cartas
			Total	Por Ponto	Masc./PP	Fem./PP		
Atlas Prévio do Falares Baianos – APFB (1963)	Monodimensional	50	100	-	-	-	164	209
Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977)	Monodimensional	116	83	-	-	-	415	78
Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984)	Monodimensional	25	-	-	-	-	877	182
Atlas Linguístico de Sergipe – ALS I (1987)	Bidimensional	15	30	2	1	1	687	182
Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994)	Bidimensional	65	130	2	1	1	325	131
Atlas Linguístico de Sergipe - ALS II (2002)	Bidimensional	15	30	2	1	1	161	108
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (2002)	Monodimensional	294	664	2 – ZR 6 - ZU	-	-	711	176
Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (2004)	Multidimensional	10	40	4	2	2	157	600

Atlas	Tratamento das Dimensões	Nº de Pontos de Inquérito	Nº de Informantes				Nº de Questões/Questionário (s)	Nº de Cartas
			Total	Por Ponto	Masc./PP	Fem./PP		
Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (2004)	Multidimensional	9	54	6	3	3	483	257
Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara – AFeBG (2006)	Multidimensional	4	24	6	3	3	279	308
Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – MS (2006)	Multidimensional	8	16	2	1	1	262	232
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS (2007)	Multidimensional	32	128	4	2	2	557	207
Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (2007)	Multidimensional	4 – ZR 1 -ZU	16 – ZR 8 - ZU	4 – ZR 8 -ZU	2 – ZR 4 - ZU	2 – ZR 4 - ZU	410	80
Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II (2007)	Bidimensional	65	130	2	1	1	175	175
Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC (2007)	Multidimensional	9	36	4	2	2	202	202
Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ (2008)	Multidimensional	12	72	6	3	3	278	306
Atlas Linguístico da Mesorregião	Multidimensional	8	24	4	2	2	318	243

Atlas	Tratamento das Dimensões	Nº de Pontos de Inquérito	Nº de Informantes				Nº de Questões/Questionário (s)	Nº de Cartas
			Total	Por Ponto	Masc./PP	Fem./PP		
Sudeste de Mato Grosso (2009)								
Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (2009)	Multidimensional	6	24	4	2	2	202	52
Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (2010)	Multidimensional	141	261	-	-	-	306	240
Atlas Semântico-lexical de Caragatatuba Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo (2010)	Multidimensional	4	16	4	2	2	202	208
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas - AFBAM (2010)	Multidimensional	5	30	6	3	3	156	132

2.1.2 Estudos Dialetológicos no Pará

O *Atlas Geossociolinguístico do Pará - ALIPA* é um trabalho pioneiro no Estado em termos das pesquisas em Geografia Linguística. Foram anteriormente realizados no Pará alguns estudos no campo dos fenômenos linguísticos que podem ser destacados, apesar de os mesmos não versarem sobre a variação na dimensão geográfica, são eles: *Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia e semântica* (VIEIRA, 1983), trabalho que versou sobre os elementos fonológicos, lexicais e semânticos presentes na língua portuguesa falada nos municípios paraenses de Alenquer, Itaituba, Óbidos, Oriximiná e Santarém; e *Elevação das pretônicas na fala culta de Belém* (NINA, 1991), trabalho que procurou descrever a realização das vogais /ɛ/ e /ɔ/ em contextos CVC¹¹ na capital paraense.

O Projeto ALIPA foi criado em 1996, tendo por finalidade de mapear as variações linguísticas no português falado no Estado do Pará, levando em consideração a diversidade linguística nas dimensões geográfica e social. Atualmente, o projeto pesquisa passou por um reordenamento de atividades, e agora, o Atlas Geossociolinguístico do Pará, que emprestava o nome ao projeto como um todo, constitui o segundo eixo de pesquisa do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm)¹². A reordenação se deu em virtude de as pesquisas realizadas no âmbito do projeto terem tomado proporções que transpuseram os limites estaduais. Estão envolvidos no projeto pesquisadores de diversos Estados do norte do país: Pará, Amapá, Amazonas, Rondônia e Acre. Além das pesquisas em Dialetologia, Geolinguística e Sociolinguística, foram e estão sendo desenvolvidas, atreladas ao projeto, diversas pesquisas no âmbito da Socioterminologia, tendo sido publicados diversos glossários socioterminológicos em forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Segundo Razky e Lima (2011, p. 350),

O desenvolvimento dos estudos lexicais no âmbito do Projeto ALiPA pode ser dividido em três fases. A primeira fase se resumiu ao estudo do léxico da língua geral (de 1996 a 1999); a segunda continuou os estudos da fase anterior, mas ampliou os seus objetivos para a investigação dos léxicos especializados de várias atividades socioculturais da região, tais como a terminologia do caranguejo, da pesca, do Sairé, do alumínio, do cacau, da farinha de mandioca etc. (de 2000 a 2009), e a terceira fase tem dado continuidade às outras duas anteriores, mas amplia seus objetivos de investigação, no que diz respeito tanto à língua geral quanto à língua especializada, para além das fronteiras locais e regionais, abrangendo o território nacional (desde 2010).

¹¹ Consoante, vogal, consoante.

¹² Geossociolinguística e Socioterminologia, projeto coordenado por Abdelhak Razky, Marilucia Oliveira e Alcides Lima integra quatro eixos de pesquisa: 1. O Atlas Linguístico do Brasil - Regional Norte (ALiB-Norte); 2. O Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA); 3. Os Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil (ALiN); 4. A Terminologia e a Socioterminologia (SocioTerm).

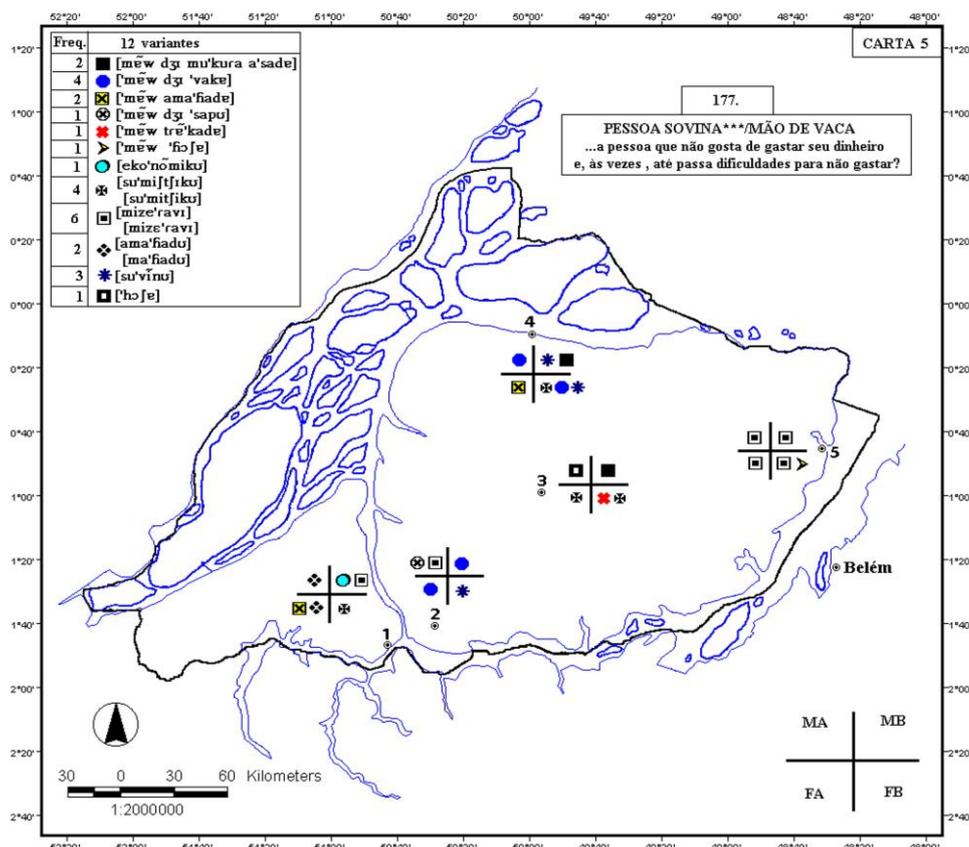
A publicação mais expressiva vinculada ao projeto GeoLinTerm é o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará - ALiSPA* (RAZKY, 2004), trabalho pioneiro que inovou o quadro das pesquisas em Geografia Linguística no país, uma vez foi o primeiro atlas linguístico do Brasil a apresentar uma organização de dados em formato de texto e áudio, apresentado em formato de CD-ROM, como apresentamos no tópico 2.1.1.3, para a elaboração do ALiSPA foram mapeados dados fonéticos de 10 localidades representativas das seis mesorregiões paraenses. Foram entrevistados oito informantes em cada ponto de inquérito, estratificados por faixa etária, sexo, escolaridade e renda. Este trabalho constitui, portanto, o primeiro atlas multidimensional publicado no Brasil.

Mais especificamente no âmbito da variação lexical, além desta pesquisa que aqui se apresenta, foram realizados, atrelados ao projeto GeoLinTerm, alguns estudos em quatro das seis mesorregiões paraenses, são eles:

(a) Variação Lexical e Fonética na Ilha do Marajó (MARTINS, 2004);

Este trabalho de iniciação científica elaborou cartas experimentais do léxico de cinco municípios da Mesorregião Marajó (1. Melgaço, 2. Breves, 3. Anajás, 4. Chaves e 5. Salvaterra) que são pontos de inquérito do ALIPA.

Figura 20: Carta 21 – Pessoa Sovina***Mão de Vaca – ALIPA/MRM

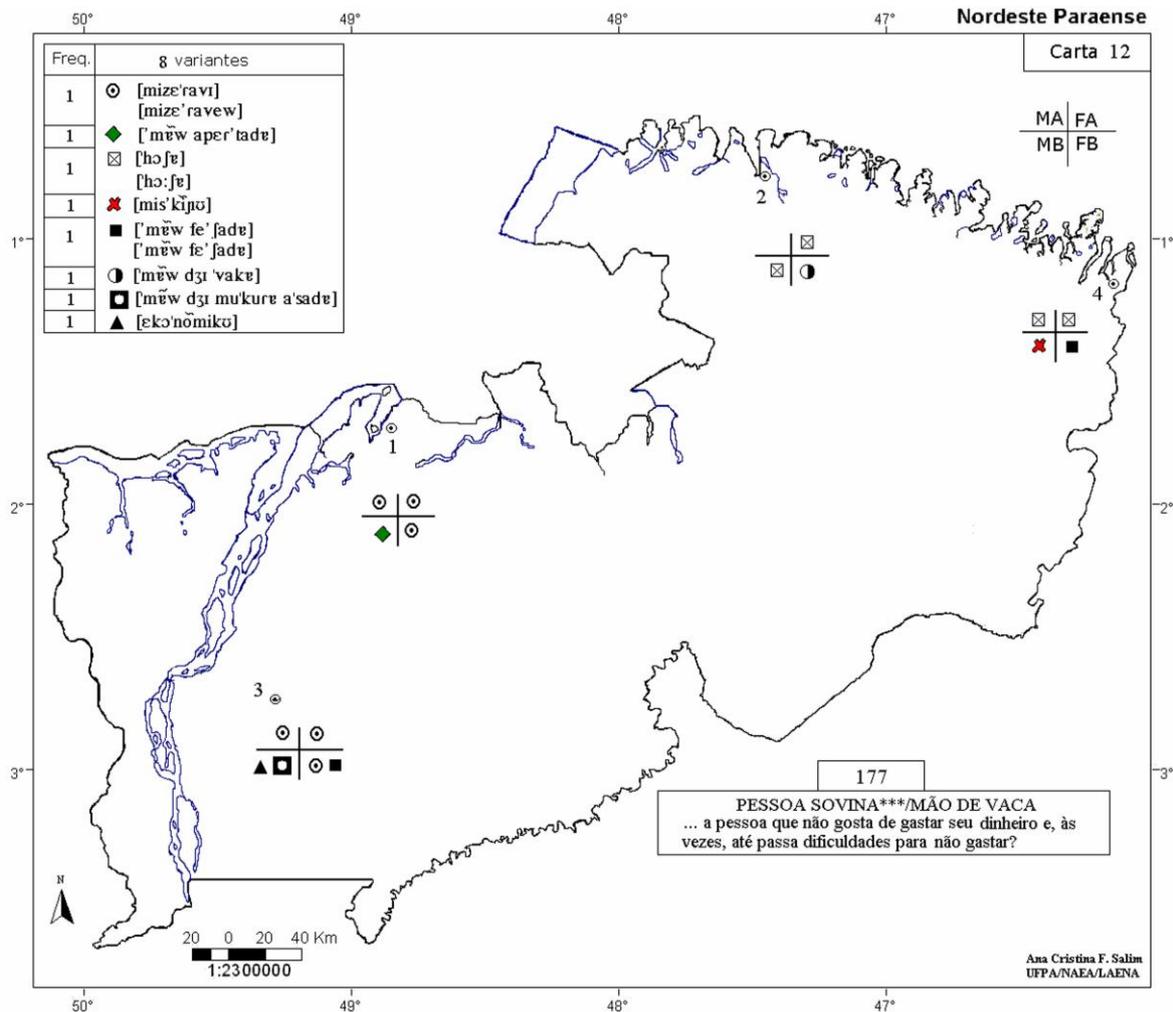


Fonte: Variação Lexical e Fonética na Ilha do Marajó (MARTINS, 2004);

(b) Variação Lexical no Nordeste Paraense (COSTA, 2005)

Este trabalho de conclusão de curso mapeou o léxico de quatro municípios da Mesorregião Nordeste do Pará (1. Abaetetuba, 2. Maracanã, 3. Moju e 4. Viseu) que são pontos de inquérito do ALIPA.

Figura 21: Carta 21 – Pessoa Sovina***Mão de Vaca –ALIPA/MN

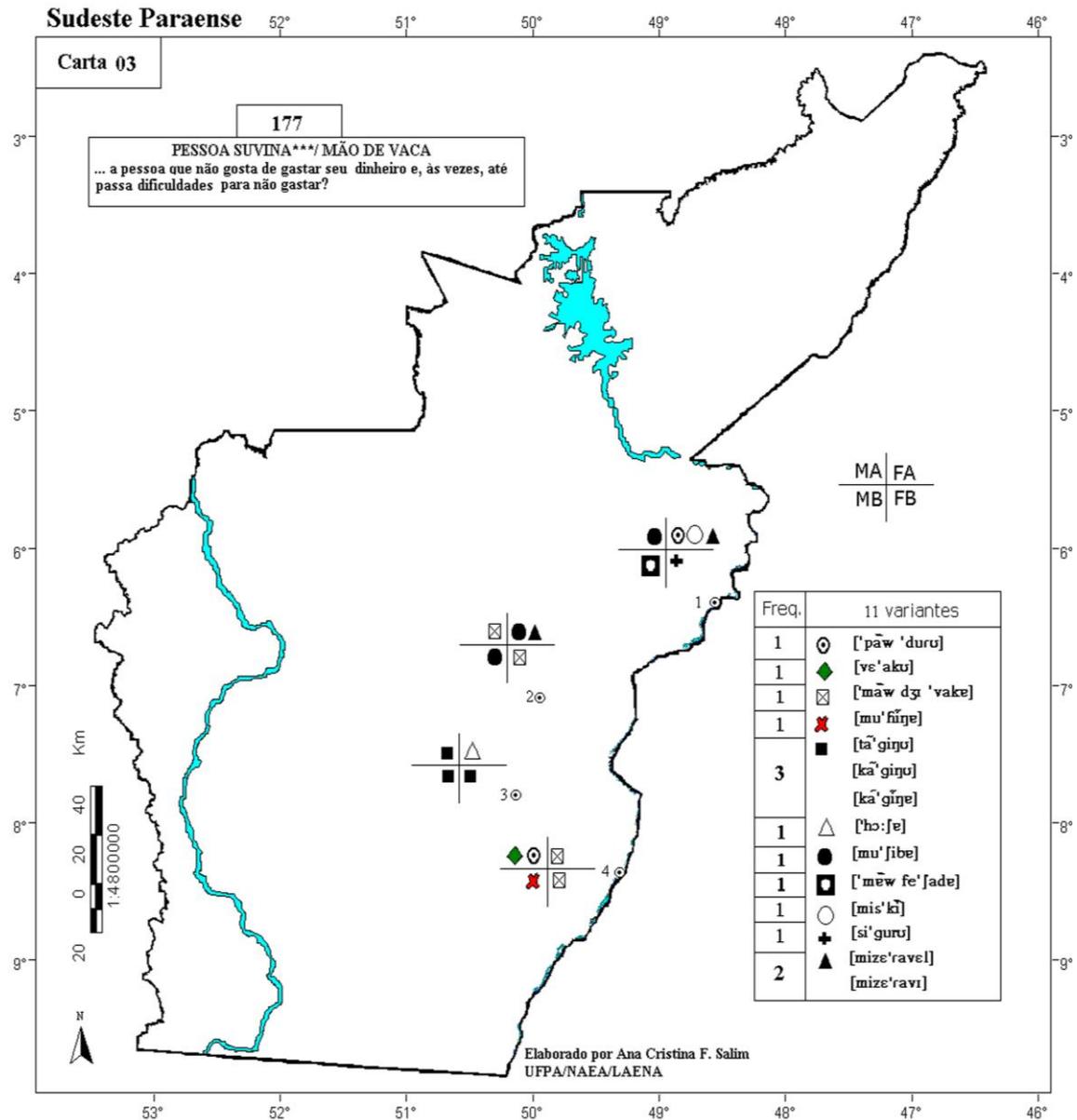


Fonte: Variação Lexical no Nordeste Paraense (COSTA, 2005);

(c) Variação Lexical no Sudeste do Pará (FEITOSA, 2006)

Este trabalho de conclusão de curso mapeou o léxico de quatro municípios da Mesorregião Sudeste do Pará (1. São Geraldo do Araguaia, 2. Xinguara, 3. Redenção e 4. Conceição do Araguaia) que são pontos de inquérito do ALIPA.

Figura 22: CARTA 03 – PESSOA SOVINA***/MÃO DE VACA – ALIPA/MS

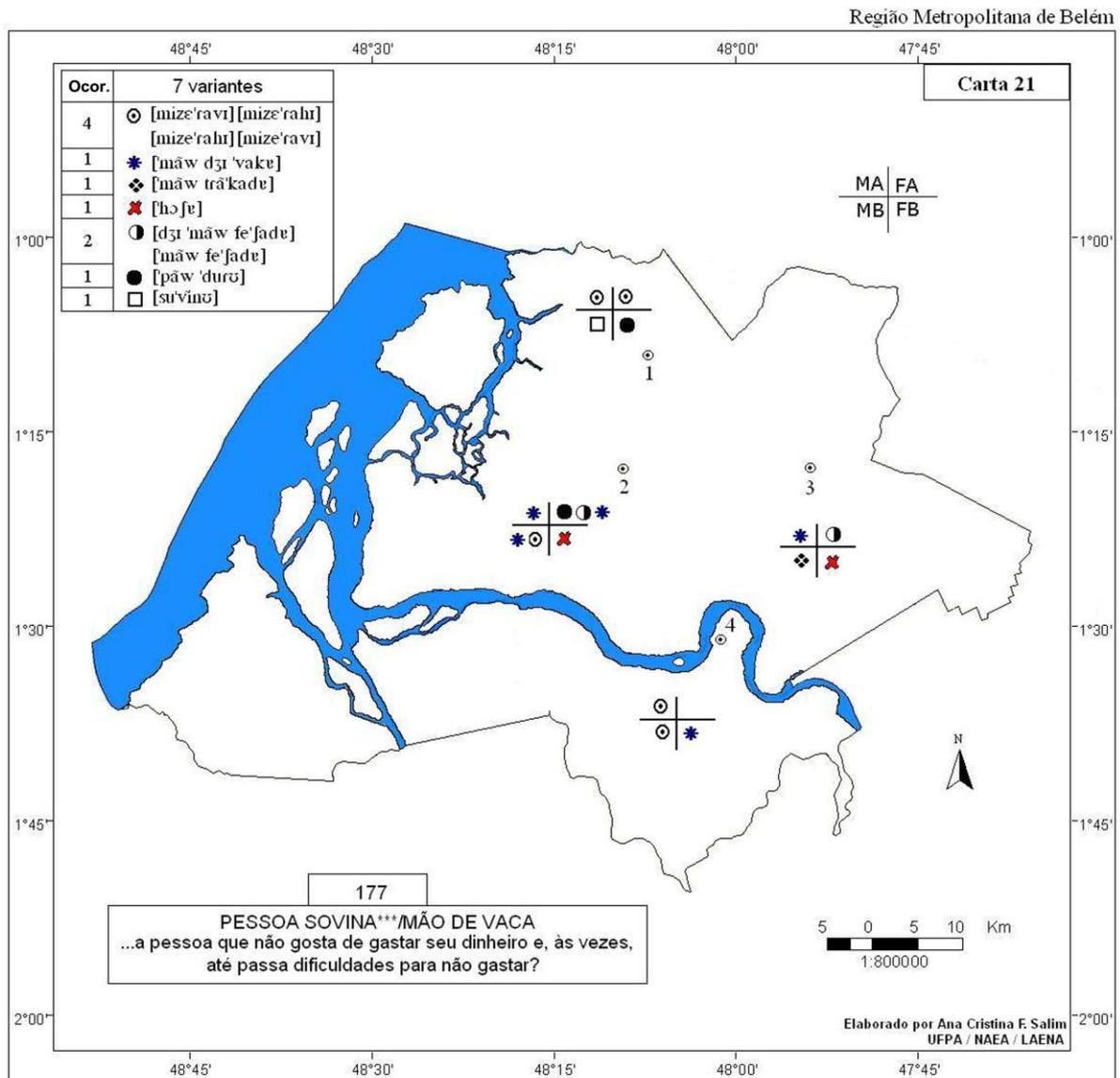


Fonte: Variação Lexical no Sudeste do Pará (FEITOSA, 2006);

(d) Variação Lexical em quatro Municípios da Mesorregião Metropolitana de Belém (GUEDES, 2007)

Este trabalho de conclusão de curso mapeou o léxico de quatro municípios da Mesorregião Metropolitana de Belém (1. Santo Antonio do Tauá, 2. Santa Izabel, 3. Castanhal e 4. Bujaru) que são pontos de inquérito do ALIPA.

Figura 23: CARTA 21 – PESSOA SOVINA***/MÃO DE VACA – ALIPA/MMB



Fonte: Variação Lexical em quatro M. da M. Metropolitana de Belém (GUEDES, 2007)

Os trabalhos referidos nessa seção (2.1.3) foram orientados pelo professor Abdelhak Razky, e utilizaram a metodologia e partes do *corpus* já coletado para a elaboração do Atlas Geossociolinguístico do Pará - ALIPA.

Tratando da variação no léxico do português, também foram realizados (atrelados ao projeto GeoLinTerm) trabalhos que mapearam dados pertencentes ao *corpus* do ALiB, como: *Variação lexical em 21 capitais brasileiras* (CIDADE, 2008) e *Variação lexical nas capitais brasileiras* (COSTA, 2009).

3 CONTEXTO E INSTRUMENTOS

Esta pesquisa segue o modelo teórico da Dialetoлогия e a metodologia cartográfica da Geolinguística. Os dados foram tratados levando em consideração as seguintes variáveis: diatópica, que se refere à disposição espacial (geográfica) dos pontos de inquérito selecionados; diagenérica, referente ao sexo dos informantes e diageracional, relativa à faixa etária dos informantes selecionados.

Descrevemos a seguir os aspectos mais relevantes no que tange à metodologia utilizada¹³, como o perfil dos informantes entrevistados, a estrutura e composição do QSL (Questionário Semântico-lexical) aplicado e os procedimentos realizados para a elaboração das cartas lexicais. Inicialmente, apresentamos um levantamento de dados histórico-sociais do Estado do Pará. No anexo B trazemos o levantamento do mesmo gênero referente a cada um dos doze municípios selecionados para compor o *corpus* da pesquisa.

3.1 PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL DO ESTADO DO PARÁ

O Estado do Pará¹⁴ é segundo maior estado do país em extensão territorial, e possui, segundo o Censo do IBGE de 2010, 7.581.051 habitantes, totalizando 143 municípios.

A capital do Estado é a cidade de Belém localizada às margens da Baía do Guajará. A cidade foi fundada em 12 de janeiro de 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco. A localidade era habitada por índios Tupinambás. No local foi erguido um forte no intuito de conquistar terras e eliminar a presença de holandeses que se posicionavam na foz do Amazonas, em Gurupá.

O primeiro sistema de governo adotado no Brasil foi o de *Capitanias Hereditárias*, no Pará a administração foi feita por capitães-mores subordinados ao Governador Geral do Brasil. Belém era a sede da Capitania do Pará, que era uma das sete capitanias que compunham o território que hoje compreende o Estado do Pará.

O fim da era colonial se deu no governo de Souza Coutinho. Em sua gestão que foi criado o Círio de Nossa Senhora de Nazaré¹⁵, considerada hoje a maior festa religiosa do Brasil. Em 1815 as capitanias gerais foram transformadas em províncias, sendo que a Província do Pará continuou com a capital em Belém.

A transição do sistema colonial para o imperial culminou com o fim do pacto colonial.

¹³ Metodologia desenvolvida para a elaboração do Atlas Geossociolinguístico do Pará.

¹⁴ Os dados histórico-sociais do estado do Pará e dos 12 pontos de inquérito apresentados nessa seção e no Anexo B foram coletados no site do IBGE <www.ibge.gov.br> e em obras diversas, como “O Pará e seus municípios”, disponíveis na Biblioteca Artur Vianna (CENTUR).

¹⁵ Atividade religiosa que atrai anualmente, no período da festa, aproximadamente 2.000.000 de pessoas para Belém. (Fonte: Dossiê IPHAN 1 – Círio de Nazaré)

Um dos fatos mais importantes da história paraense e brasileira foi a adesão do Pará à independência, em função de ter sido a última província a aderir ao movimento emancipacionista brasileiro. Por isso a representação do Estado do Pará na bandeira nacional como a estrela em destaque acima da frase positivista “ordem e progresso”.

Com a morte de Dom João VI, assumiu a coroa portuguesa o Imperador Dom Pedro I, e ao trono brasileiro foi indicado o príncipe Dom Pedro de Alcântara de apenas 7 anos, permitindo que uma regência administrasse o Brasil em sua menoridade. Nesse momento estourou na Província do Grão-Pará o movimento revolucionário denominado Cabanagem. A Cabanagem foi a mais radical e violenta revolta do período das regências no Brasil, com caráter eminentemente popular, envolvendo facções da elite e a massa popular, formada por índios, negros e mestiços, tendo por resultado a tomada do poder no Estado pelas classes populares, o que configura a singularidade desde levante. O movimento começou em 7 de janeiro de 1835 e terminou em 1840.

Um dos fatores de maior importância para a colonização da imensa extensão geográfica do Estado foi a construção da estrada de ferro Belém-Bragança, iniciada no governo do Visconde de Maracaju. No ano de 1896 foi publicada uma lei que autorizava o governador Lauro Sodré a proceder um programa de colonização com estímulo à imigração. No período de 1896 a 1900, verificou-se a entrada de 13.299 imigrantes de Portugal e da Espanha. O fator imigratório e a atração que a própria ferrovia exerceu sobre diversas camadas da população permitiram a fixação de grande fluxo de famílias nas proximidades dos trilhos de ferro, assim como propiciou o aumento de núcleos agrícolas. A inauguração da ferrovia aconteceu em 03 de maio de 1908. Graças à ferrovia, que favoreceu a agricultura, a colonização às suas margens sofreu menos com o declínio da produção da borracha. A ferrovia constituía importante papel na economia estadual, também porque era via de intermédio com o Estado do Maranhão.

Ao chegarem à Amazônia os espanhóis se depararam com a borracha-latex, extraída da seringueira – a *Hevea brasiliensis*. O produto era usado por nativos para brincar de bola e para untar suas vestes para se proteger da chuva. Não demorou para que se percebesse as propriedades do produto, que logo despertou interesse na Europa. Em 1839, o americano Charles Goodyer descobriu a vulcanização, processo que aumenta a resistência e a elasticidade da borracha, tornando-a insensível ao calor e ao frio. Países como Estados Unidos, Bélgica, Inglaterra, Espanha e Rússia se adiantaram e iniciaram o processo de industrialização do látex, produzindo luvas, mangueiras, pneus e outros materiais. Surgiu uma verdadeira corrida pelo produto o que ocasionou diversos fluxos migratórios para a Amazônia. A mão de

obra de trabalho nos seringais, que era composta de caboclos e índios, recebeu entre os anos de 1877 e 1889 o reforço de pelo menos vinte mil nordestinos fugidos de uma avassaladora seca, após a abolição da escravidão milhares de negros livres se incorporaram às fileiras seringalistas.

A borracha determinou um período muito fausto na Amazônia. A Belém dos tempos áureos da borracha era a cidade dos palacetes neo-clássicos inspirados nos modelos europeus, em especial os franceses e portugueses. A rede urbana crescera tanto que Belém era a quarta cidade brasileira em população. A esse período fausto da economia do setor gomífero, que permaneceu até o final da primeira década do século XX, se deu o nome de *Belle Époque Paraense*. O desenvolvimento do setor foi interrompido a partir do advento da Primeira Guerra Mundial.

Em 1891 tomou posse como primeiro governador constitucional do Estado do Pará, o engenheiro militar Lauro Sodré. Em seu governo ocorreu a invasão do Amapá por tropas francesas, mas a invasão foi repelida.

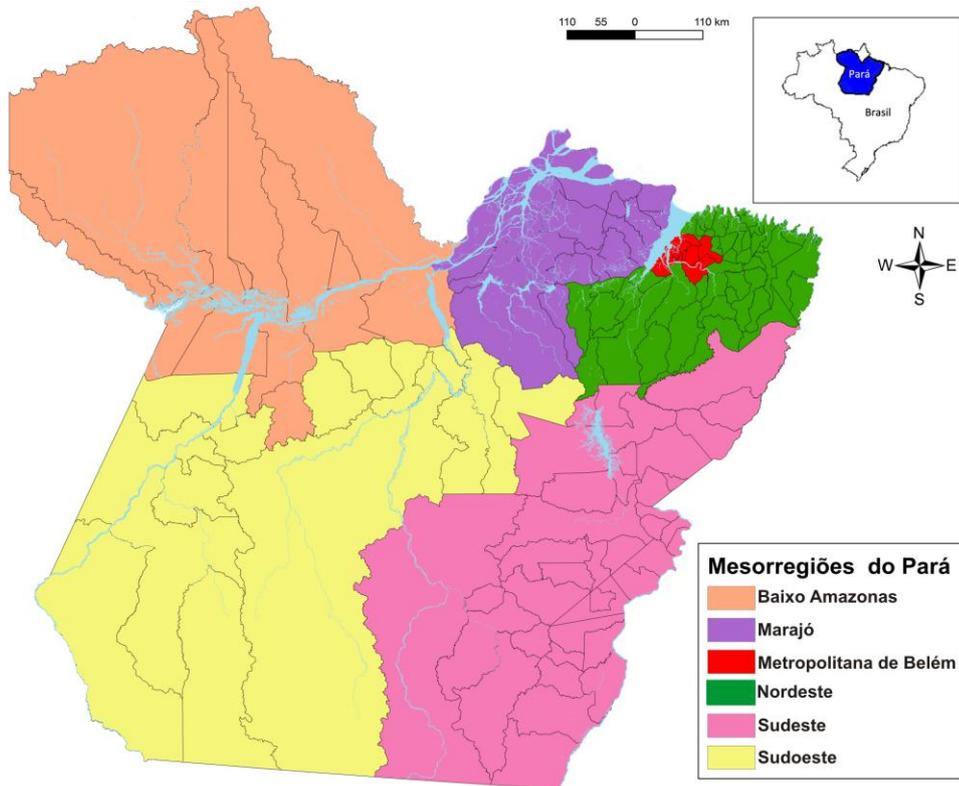
Com a revolução de 1964, assim como no Rio de Janeiro, tomou posse do governo uma junta militar, que dissolveu o congresso estadual. Assumiu o governo do Estado, como interventor José América de Almeida Barata que seria reeleito mais tarde após grandes conflitos políticos. O governo militar impulsionou a ocupação da Amazônia com a construção da rodovia transamazônica, uma obra “faraônica” que possui 4.977 km de comprimento, ligando Cabedelo, na Paraíba, a Benjamin Constant, no Amazonas, cortando sete Estados brasileiros: Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas. As obras da rodovia, bem como a implementação de diversos outros projetos nas áreas da agricultura, pecuária e mineração, propiciaram a migração de milhares de pessoas para as regiões sudoeste e sudeste do Estado, advindas de outras regiões do Brasil, especialmente da nordeste e centro-oeste.

3.2 PONTOS DE INQUÉRITO

O Estado do Pará possui dimensões continentais, do ponto de vista político-geográfico ele é dividido em seis mesorregiões: Baixo Amazonas, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste, Sudoeste e Sudeste, como mostra o mapa¹⁶ a seguir:

¹⁶ Fonte: Piera Amora (NAEA/UFGA)

Figura 24: Mesorregiões Político-Administrativas do Pará

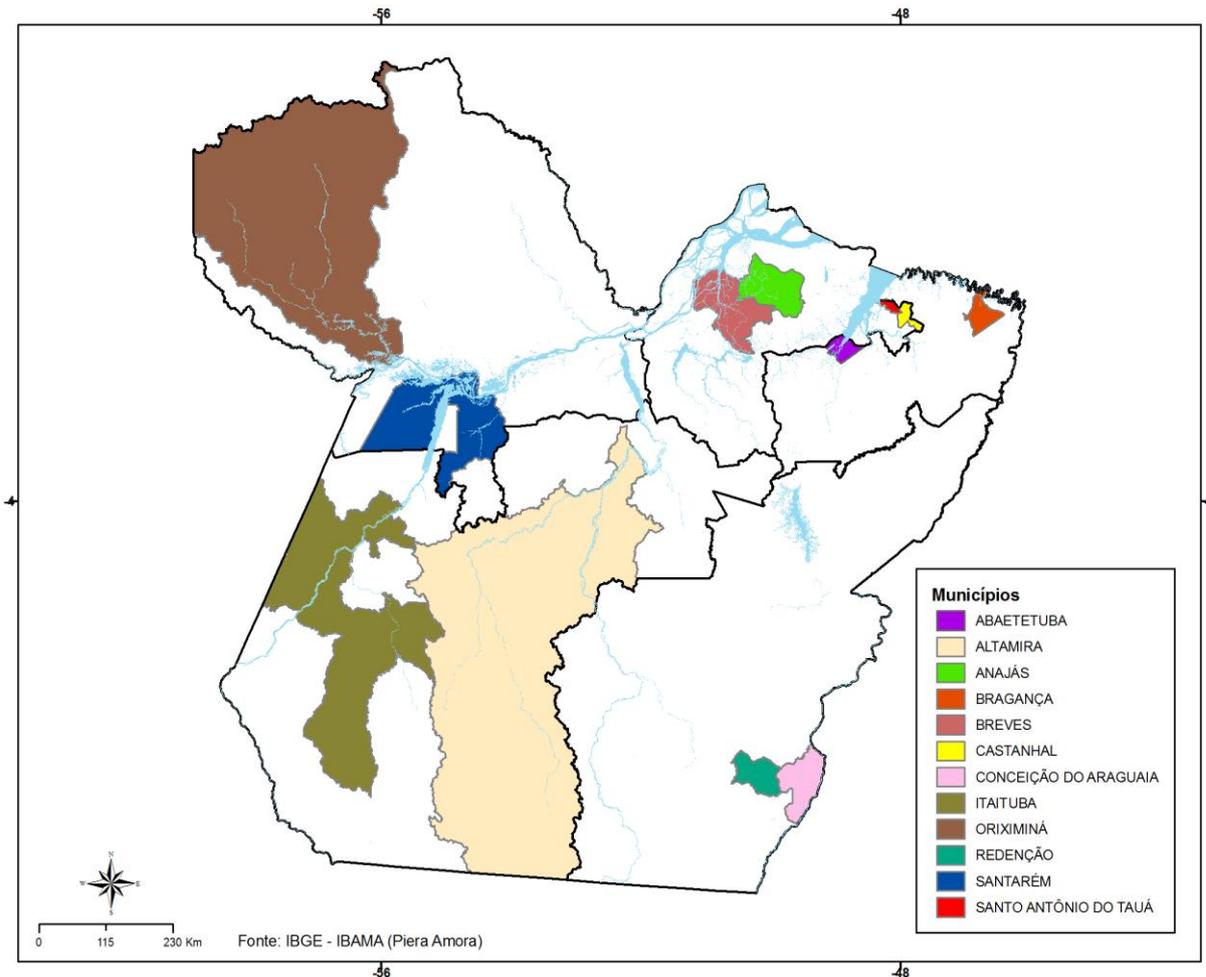


Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

A seleção dos doze pontos de inquérito¹⁷ que compõem o *corpus* desta pesquisa levou em consideração diversos fatores. Dentre eles podemos destacar: i. a seleção prévia dos pontos de inquérito para a elaboração do Atlas Geossociolinguístico do Pará, uma vez que os doze municípios selecionados constam desta lista; ii. a distribuição espacial nas seis mesorregiões paraenses, nesse intuito foram selecionados dois municípios de cada uma delas; iii. a representatividade histórica de cada um dos municípios, que levou em conta a data de fundação dos mesmos, bem como as mais relevantes correntes migratórias rumo às localidades em épocas diversas; iv. a densidade demográfica e a representatividade econômico-social de cada um deles; v. fatores de ordem prática, como: qualidade das gravações realizadas nas entrevistas, relação de pontos de inquérito com dados já coletados e ainda não coletados etc. A distribuição geográfica dos pontos de inquérito supracitados pode ser visualizada no mapa a seguir:

¹⁷ Apresentamos no Anexo B um levantamento de dados histórico-sociais de cada um dos pontos de inquérito selecionados para esta pesquisa, situando-os nas respectivas mesorregiões paraenses.

Figura 25: Rede de Pontos de Inquérito da Pesquisa



Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

3.3 INFORMANTES

Seguindo a metodologia do ALIPA, foram selecionados para esta pesquisa quarenta e oito informantes no total, sendo quatro por localidade. Os critérios de seleção de informantes na zona rural utilizados pelo projeto ALIPA são os seguintes:

- todos os informantes tem escolaridade igual ou inferior à 4ª série do ensino fundamental;
- um do sexo masculino e um do sexo feminino, entre 18 e 30 anos e;
- um do sexo masculino e um do sexo feminino, entre 40 e 70 anos, para cada uma das localidades.
- Os informantes devem residir na localidade desde o seu nascimento até a data da entrevista, ou ter se tornado residentes da localidade desde pelo menos os cinco anos de idade, sem ter residido em outras localidades por mais de 2 anos.

Além desses critérios, o processo de seleção de informantes para o projeto ALIPA controla diversos fatores como a presença/ausência de: dentição; problemas de dicção ou de ordem neurológica que venham a afetar a articulação dos fonemas, grau de parentesco entre os informantes selecionados na localidade, dentre outros.

3.4 QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

O Questionário Semântico-lexical (QSL)¹⁸ utilizado na coleta de dados para o ALIPA foi elaborado tendo como base a primeira versão do QSL elaborado para o Atlas Linguístico do Brasil, acrescido de itens dos questionários usados para a construção do Atlas Linguístico do Estado de São Paulo e do Atlas Linguístico do Paraná, e ainda de outros itens acrescentados pela equipe do ALIPA.

A versão final do QSL utilizado na coleta de dados para elaboração do ALIPA é composta de 257 questões, sendo 256 perguntas¹⁹ e uma solicitação para que o informante faça um relato de experiência pessoal. As perguntas estão distribuídas em 14 campos semânticos, quais sejam: *Natureza e acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Flora; Atividades agro-pastoris; Fauna; Corpo humano; Cultura e convívio; Ciclos da vida; Religiões e crenças; Festas e divertimentos; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário.*

3.5 COLETA DE DADOS

Os dados que compõe o *corpus* desta pesquisa foram coletados por pesquisadores do projeto GeoLinTerm, sendo que, em dez dos doze municípios selecionados para esta pesquisa os dados já haviam sido coletados, são eles: Anajás e Breves (Mesorregião do Marajó); Castanhal e Santo Antônio do Tauá (Mesorregião Metropolitana de Belém); Abaetetuba e Bragança (Mesorregião Nordeste); Altamira e Itaituba (Mesorregião Sudoeste); e Conceição do Araguaia e Redenção (Mesorregião Sudeste), a coleta de dados *in loco* nos dois municípios restantes, Santarém e Oriximiná (Mesorregião do Baixo Amazonas), foi realizada por nós no mês de fevereiro de 2011.

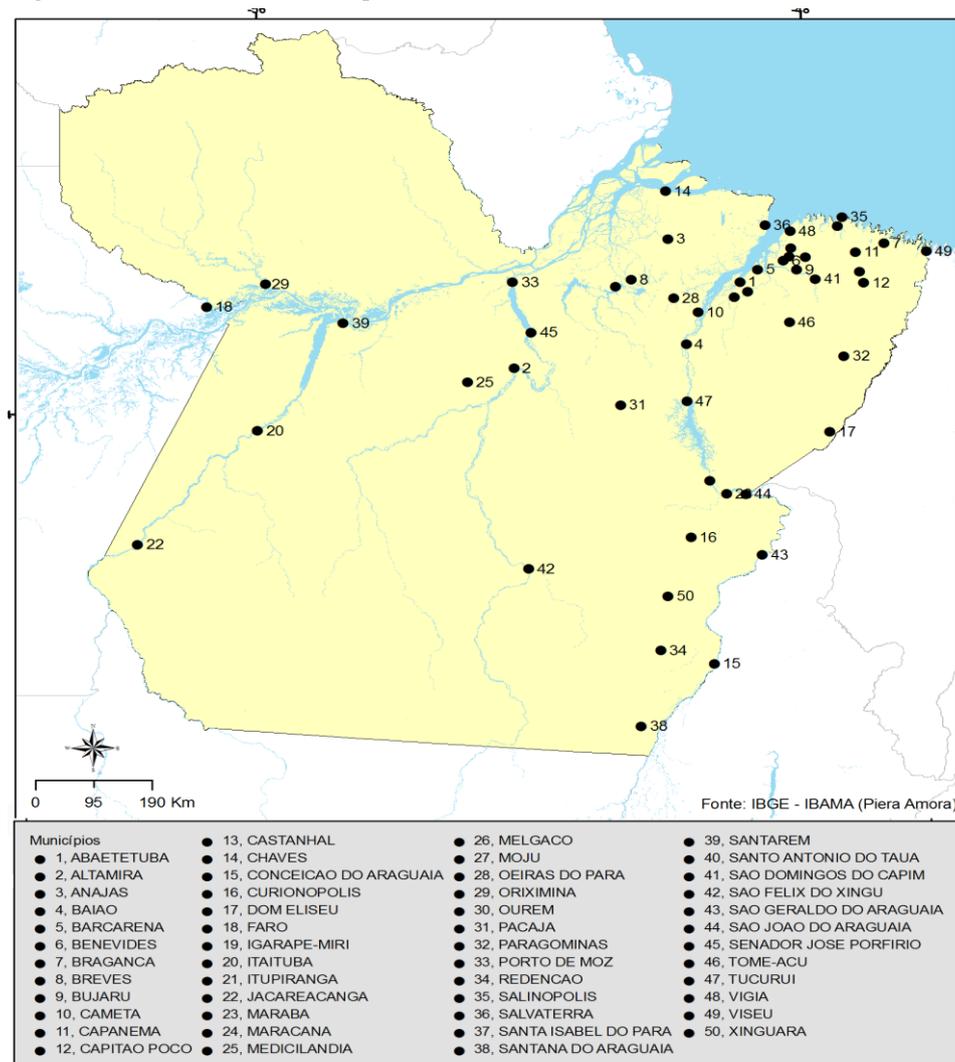
Os dados foram coletados a partir da aplicação do QSL em entrevistas realizadas nas residências dos informantes, e/ou nas imediações das mesmas, as entrevistas foram registradas

¹⁸ Ver Anexo A.

¹⁹ Por exemplo, a questão nº 155 do QSL: Como se chama aquele bichinho que canta no ouvido da gente, quando a gente tá dormindo? Resposta Esperada: PERNILONGO/CARAPANÁ/MURIÇOCA

com gravadores analógicos e digitais diversos, uma vez que a coleta vem sendo realizada desde o ano de 1999, as gravações que já faziam parte do banco de dados do projeto estavam registradas em um CD (que continha os 4 informantes do município de Faro) e em 217 fitas magnetofônicas com duração aproximada de sessenta minutos cada. As fitas cassete passaram por um processo de digitalização²⁰ no qual foram utilizados os *softwares* Sonarca Sound Recorder 3.3.5 e Sound Forge 9.0. O projeto do Atlas Geossociolinguístico do Pará prevê no projeto atual 50 pontos de inquérito²¹, como se pode observar no mapa a seguir. A coleta de dados já foi realizada em 34 deles. O mapa a seguir apresenta a distribuição geográfica dos pontos de inquérito previstos:

Figura 26: Rede de Pontos de Inquérito do ALIPA



Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

²⁰ A equipe responsável pela atividade de digitalização foi coordenada por mim, sob a orientação do professor Abdelhak Razky, e composta por bolsistas e voluntários do projeto GeoLinTerm.

²¹ A redução deste número para 40 pontos está sendo avaliada pela coordenação do projeto.

3.6 MAPEAMENTO

Os dados selecionados para esta pesquisa foram organizados e sistematizados em tabelas, conforme os campos semânticos, estruturas sociais e espaciais, e transcritos foneticamente segundo o Alfabeto Fonético Internacional – IPA, utilizando a fonte *SILDoulosIPA*, como se pode ver na figura a seguir. Posteriormente, os dados foram mapeados em cartas lexicais.

Figura 27: Tabela de Transcrição de Dados

ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO PARÁ																	
TABELA DE TRANSCRIÇÕES DO QSL: MESORREGIÕES SUDESTE E SUDESTE																	
MESORREGIÃO	SUDESTE												SUDESTE				
	REDEIÇÃO				CONCEIÇÃO DO ARAÇUA				ITATUBA				ALTAMIRA				
MUNICÍPIO	MA	MB	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB	FA	FB	
INFORMANTE	I - NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS																
QUE STÁ	RESPOSTA ESPERADA	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	TEMPO	
1.	TIPOS DE TERRENO	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]	Não Sabe	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	Não Entende a Pergunta	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	Não Sabe	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]
2.	CORREDO / RIO PROLÍNGO / FLUO / IBARRÊ OU BRADO DE RIO	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	Não Entende a Pergunta	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]
3.	TRECHO DO RIO ONDE A ÁGUA CORRE COM MAIS FORÇA / COMENTÁ	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	Não Entende a Pergunta	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]
4.	MARAGEM	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]	[mɛnu]	[vɛnu]
5.	FOZTE	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]
6.	PIVQUELA ***	Não Entende a Pergunta	[vɛnu]	Não Sabe	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]	[vɛnu]

O mapa que serviu de base para a elaboração das cartas lexicais foi organizado por Piera Amora com fontes do IBGE/IBAMA, utilizando o *software* ArcGis 10. Para a confecção das cartas lexicais, o mapa base foi alterado por nós nos programas computacionais Adobe Photoshop CS 8.0.1 e Corew Dral X3 13, o que possibilitou a inserção das cruzes de estratificação social, dos símbolos e das caixas de legenda.

Tendo em vista a organização e apresentação cartográfica dos resultados nas cartas lexicais, foi adotado o conceito de *lexia*²² de Pottier (1975 *apud* ENCARNAÇÃO, 2010, p. 145). Dessa forma, o registro das *lexias* nas cartas seguiu o princípio de que as diversas variantes fonéticas e/ou morfossintáticas de um termo ou expressão seriam registradas como

²² Unidade lexical memorizada, isto é, quando o locutor diz: “quebrar um galho”, “pelo amor de Deus” ou “bater as botas” não constrói essas combinações concomitantemente ao falar, ele as retira como um conjunto de sua memória, da mesma forma que faz quando usa “banco”, “livro” etc. Para Pottier (1978) as *lexias* podem ser classificadas da seguinte forma: i. *Lexia Simples*: “árvore”, “cão”, “entre”, “agora”; ii. *Lexia Composta*, quando a *lexia* simples se une a outras para formar unidades *lexemáticas*: “guarda-chuva”, “pé-de-moleque”; iii. *Lexias Complexas Estáveis*, resultantes também da associação de *lexias* simples, que devido ao seu uso constante na língua acabam se transformando em construções fixas, como em “mortalidade infantil”, “cidade universitária”, “AIDS” etc; iv. *Lexia Textual*: são as *lexias* complexas que alcançam o nível de enunciado, como os provérbios, charadas, etc. p.e. “casa de ferreiro espeto de pau”.

uma única variante lexical. A motivação para tanto advém do princípio, adotado por nós, de não sobrecarregar de símbolos as cartas lexicais, tendo em vista a clareza na leitura das mesmas. Uma vez que as lexias complexas apresentaram, em alguns casos, diversas ramificações léxico-sintáticas, optou-se por considerá-las como uma única lexia, por exemplo, para a questão 182 do QSL, cuja resposta esperada era “entrar na menopausa”, obtivemos algumas variantes léxico-sintáticas, como: *menopausa*, *chegou na menopausa*, *está na menopausa*, *está de menopausa*. Nesse caso, elas foram consideradas todas como uma única lexia.

3.7 DICIONARIZAÇÃO DAS LEXIAS CARTOGRAFADAS

Foram selecionados três dicionários de língua portuguesa por meio dos quais se pretendeu aferir o grau de dicionarização das lexias cartografadas nessa pesquisa, são eles:

- (a) Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (versão 1.0 de dezembro de 2001)
- (b) Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (versão 6.0, 2009), 4ª Edição de O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de 7 de maio de 2008.
- (c) Dicionário *on line* Priberam (2008, disponível em: <http://www.priberam.pt>)

A seleção desses três dicionários seguiu os seguintes parâmetros: os dicionários Houaiss e Aurélio foram escolhidos tendo em vista a sua larga utilização no meio acadêmico/escolar nas últimas décadas. Essa versão do dicionário Aurélio já está atualizada conforme o Acordo Ortográfico Internacional da Língua Portuguesa (AOILP), e assinala o verbete que sofreu alteração em virtude do AOILP no momento da consulta, apresentando a norma infringida. O dicionário *on line* Priberam foi escolhido por estar também atualizado com o novo AOILP, sendo possível optar por fazer a consulta de acordo com a norma anterior. Além disso, o Priberam dispõe, dentre os outros recursos, da possibilidade de verificação de uso dos verbetes no português do Brasil e no Português Europeu, e isso foi decisivo, no sentido de que pretendemos apresentar o processo de variação das lexias registradas no Estado do Pará em relação ao português usado em Portugal. Na página do dicionário Priberam na internet o mesmo é definido da seguinte forma:

O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP) é um dicionário de português contemporâneo, cuja nomenclatura compreende o vocabulário geral, bem como os termos mais comuns das principais áreas científicas e técnicas. O DPLP contém, sempre que pertinente, informação sobre as diferenças ortográficas e de uso entre o português europeu e o português do Brasil no final de cada verbete. [...]

O DPLP tem por base o Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa (Porto, Lello Editores, 1996 e 1999), licenciado pela Priberam em 2008, no que diz respeito à informação lexicográfica para o português. A obra foi adaptada para formato adequado à disponibilização eletrônica pela Priberam e revista pela sua equipe de linguistas, estando em constante atualização e melhoramento.

Os três dicionários selecionados podem ser considerados como poderosas e ágeis ferramentas de consulta ao léxico da língua portuguesa, possibilitando, com apenas dois cliques sobre qualquer verbete aparente na tela do computador, a consulta imediata de seu registro no banco de dados do dicionário. A agilidade de consulta proporcionada pelos dicionários eletrônicos e a inserção dessas novas tecnologias no fazer das pesquisas nas áreas de Dialetologia e Geolinguística foram aspectos decisivos que levaram à escolha dos referidos dicionários, que objetivou aferir do grau de dicionarização das lexias cartografadas nesta pesquisa.

A apresentação dos resultados oriundos dessa aferição se deu em tabelas como a que segue:

Q1: Modelo de Quadro de Dicionarização de Lexias	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
redemoinho	x			x			x			x		
funil		x			x			x			x	
remanso		x			x			x			x	
rebojo	x			x			x			x		
correnteza		x			x			x			x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A primeira coluna apresenta as lexias cartografadas nas cartas. As formas lexicais são apresentadas como estão dicionarizadas, optou-se por esse método para dar mais clareza à leitura dos quadros. As siglas MA, AO e ND significam MESMA ACEPÇÃO, OUTRA ACEPÇÃO e NÃO DICIONARIZADA, respectivamente, e identificam se as lexias estão ou não registradas nos três dicionários consultados na mesma acepção que a da questão do QSL a que a carta correspondente se refere. Ao dicionário Priberam são destinadas duas seções, a primeira apresenta o registro das lexias como próprias do português do Brasil e a segunda do português europeu.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

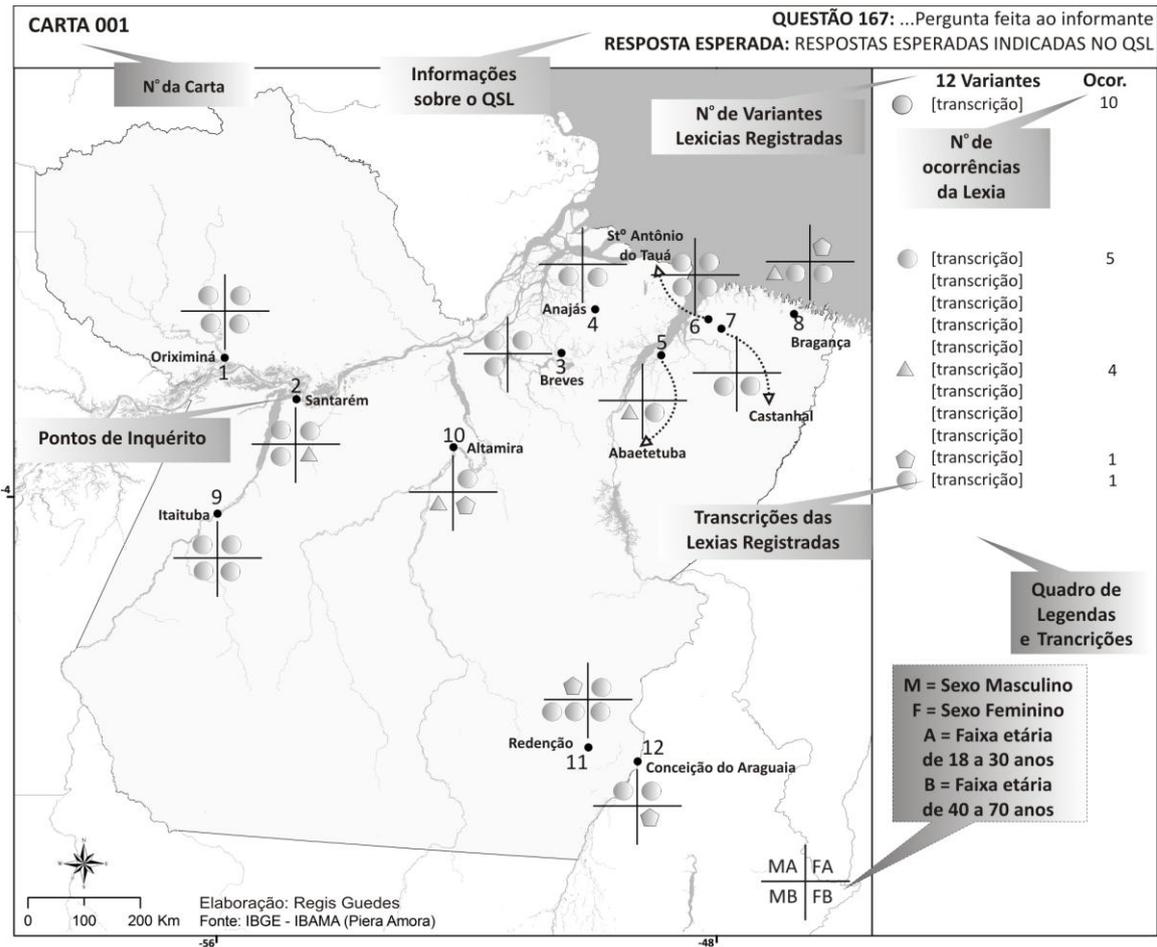
As cartas lexicais confeccionadas representam amostras de cada um dos campos semânticos do Questionário Semântico-Lexical do ALIPA. Nesta seção apresentamos: uma carta explicativa, que objetiva nortear a leitura das demais cartas lexicais; uma seleção das trinta cartas mais produtivas em termos de variação lexical, que são analisadas do ponto de vista da sua multidimensionalidade e do registro das lexias cartografadas em outros trabalhos dialetológicos e nos três dicionários de língua portuguesa supracitados.

A carta explicativa (ver Figura 31) a seguir foi elaborada tendo em vista possibilitar a leitura clara e objetiva das demais cartas que compõe este trabalho. Por meio dela é possível entender a metodologia adotada para a apresentação dos dados nos pontos de inquérito selecionados para esta pesquisa.

No lado direito da carta, foi inserida uma caixa de legendas em forma de coluna na qual são apresentadas as variantes lexicais registradas. A coluna identificada pela abreviatura “Ocor.” registra os números de ocorrências das lexias na pesquisa realizada. Cada uma das lexias registradas possui um ícone (símbolo) diferente que a ela corresponde no corpo da carta. O total de variantes lexicais é indicado na primeira linha do quadro. Na parte superior da carta, há uma caixa de legendas horizontal na qual são apresentados: o número que identifica a carta; as informações sobre as questões do Questionário Semântico-Lexical aplicado; e as respostas esperadas para cada uma delas.

A cruz na parte inferior à direita da carta distribui de forma sistemática a estratificação social dos informantes, como se pode ver na figura a seguir:

Figura 28: Carta Explicativa



Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora) (Alterado)

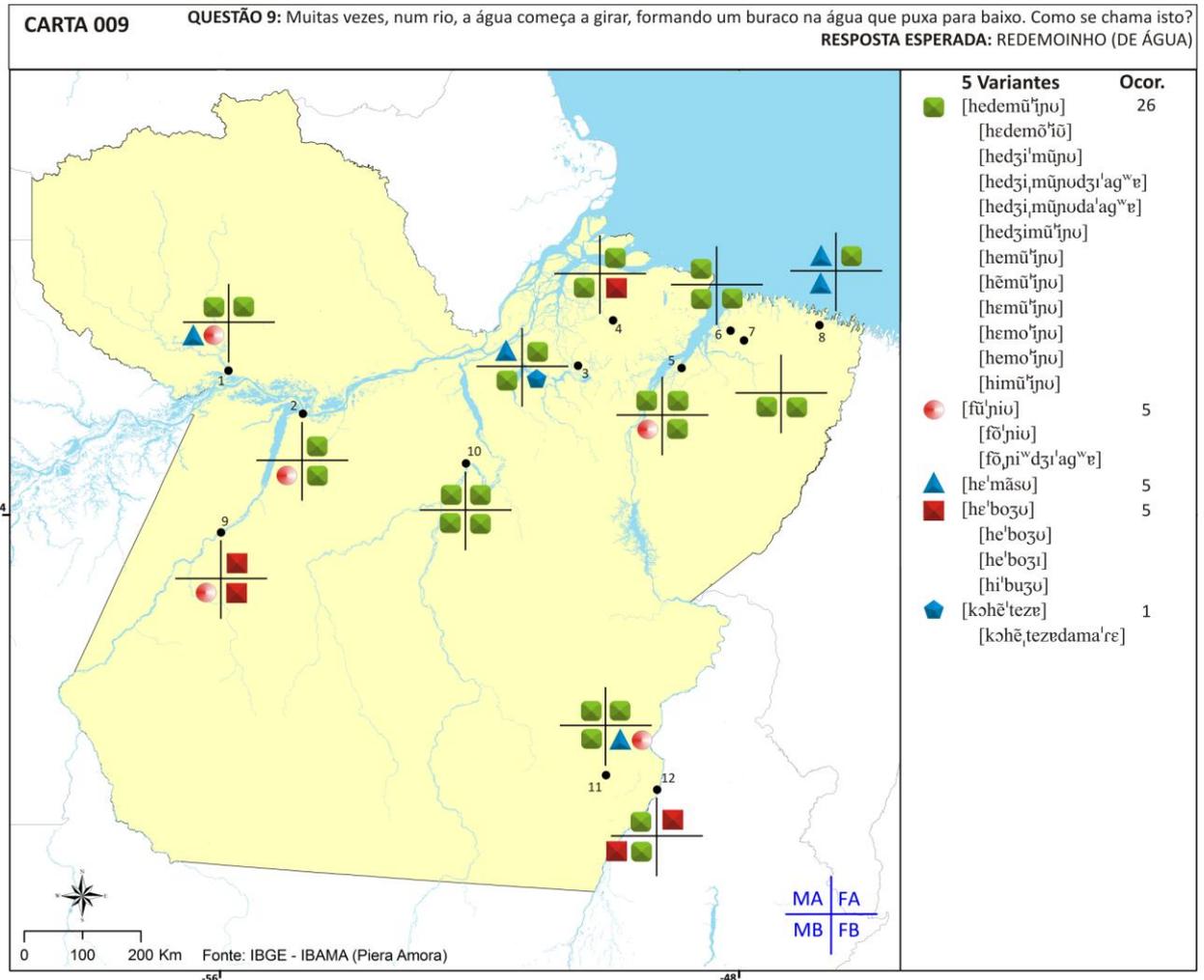
As cartas lexicais selecionadas para análise nesta pesquisa estão dispostas a seguir, apresentadas na ordem numérica crescente das questões do QSL utilizado na coleta de dados.

Tendo em vista verificar o processo de dicionarização das lexias registradas nas cartas elaboradas nesta pesquisa²³, cada uma das cartas é acompanhada de um quadro no qual estão assinaladas as lexias dicionarizadas ou não entre as que foram cartografadas.

As discussões são feitas objetivando dar conta da multidimensionalidade dos dados, isto é, observando a variação nas dimensões diatópica, diagenérica e diageracional. Para tanto, as cartas estão acompanhadas de gráficos que apresentam uma quantificação de ocorrências das lexias mais recorrentes em cada carta, permitindo assim uma leitura mais clara da variação nas dimensões sociais: sexo e idade.

²³ Procedimentos semelhantes foram realizados por Rodrigues (2007), Razky, Costa e Oliveira (2010) e Aguilera (2010a).

4.1 NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS



Q2: Quadro Referente à Carta 009	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
redemoinho	x			x			x			x		
funil		x			x			x			x	
remanso		x			x			x			x	
rebojo	x			x			x			x		
correnteza		x			x			x			x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

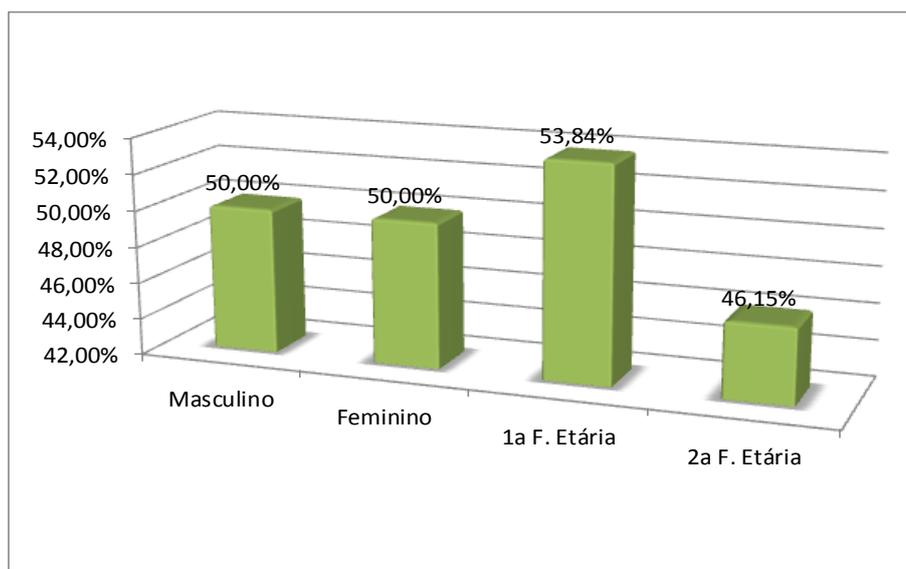
A carta 009 apresenta um total de 5 variantes lexicais, sendo a lexia *redemoinho* a mais recorrente, com 26 ocorrências, não tendo sido registrada apenas no ponto 9 (Itaituba). A lexia *rebojo* registrada nos pontos de inquérito 4 (Anajás), 9 (Itaituba) e 12 (Conceição do Araguaia) está dicionarizada por Ferreira (2008, p. 684) como “redemoinho causado pela sinuosidade do rio ou pelos acidentes deste”. A lexia *rebojo* foi registrada, para essa mesma acepção, por Toniolo (1981 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 145), em sua dissertação de mestrado intitulada “Vocabulário de Tibagi”, no Estado do Paraná.

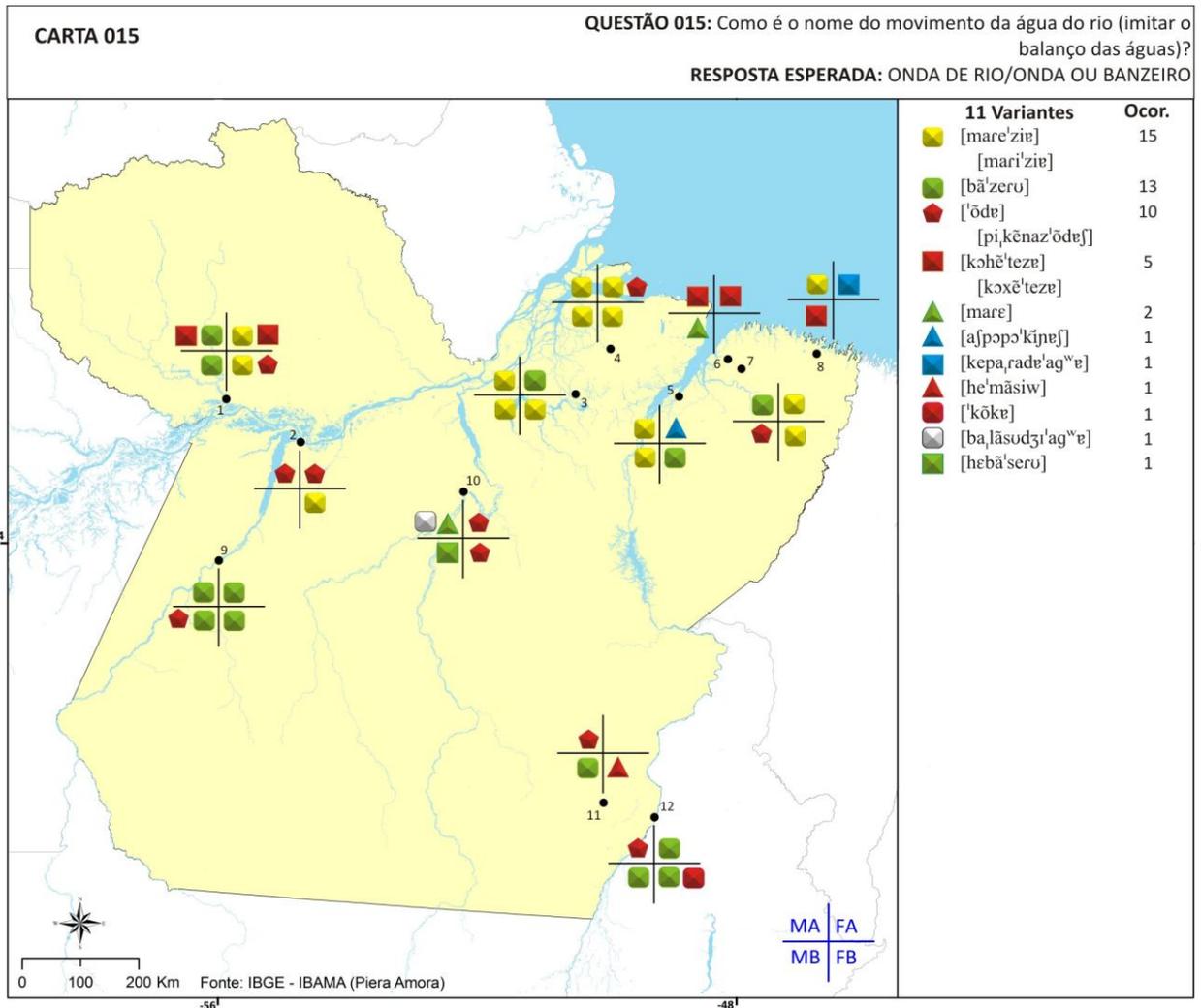
Controlando-se a variante diageracional, observou-se que a lexia *funil/funil de água* foi registrada apenas na fala dos informantes da segunda faixa etária, o que pode indicar uma tendência de queda de uso. Observando o quadro de registro de lexias em dicionários de língua portuguesa, verifica-se que a referida lexia não aparece dicionarizada nessa acepção, podendo configurar um caso de lexia que foi/é largamente utilizada no Estado para essa acepção (registrada em 5 municípios de três mesorregiões diferentes), e que está desaparecendo antes mesmo de ter sido registrada por dicionários de língua portuguesa.

Observando a variante diagenérica, contabilizamos 5 registros da lexia *remanso*, que está mais presente na fala dos informantes do sexo feminino (80%), com apenas um registro para o sexo masculino (20%). Processo inverso se deu referente à lexia *funil* que apresentou 80% para o sexo masculino e apenas 20% para o sexo feminino.

Observando a distribuição diagenérica da lexia mais recorrente (*redemoinho*) verificou-se que a mesma apresentou percentuais iguais para homens (50%) e mulheres (50%), com 13 registros para cada sexo. Já na dimensão diageracional verificou-se que os percentuais são de 53,84% (14 ocor.) para a primeira faixa etária e de 46,15% (12 ocor.) para a segunda.

Gráfico 1: Variação Diagenérica e Diageracional de “Redemoinho”





Q3: Quadro Referente à Carta 015	Houaiss			Aurélio			Priberam						
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu			
							MA	OA	ND	MA	OA	ND	
Lexias Registradas													
maresia	x			x			x			x			
banzeiro	x			x			x			x			
onda	x			x			x			x			
correnteza	x				x				x			x	
maré	x			x					x			x	
as popoquinhas			x			x				x			x
quepará da água			x			x				x			x
remanso		x		x					x			x	
conca		x			x				x			x	
balanço de água			x			x				x			x
ribanceira		x			x				x			x	

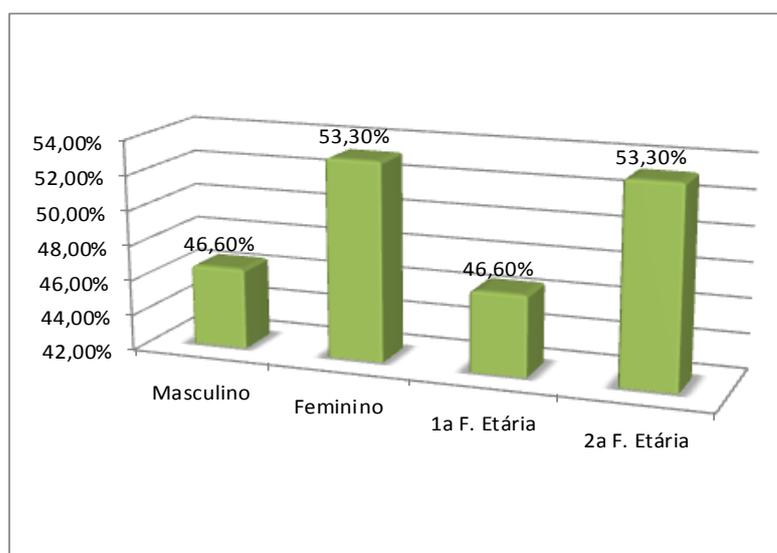
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 015 apresenta um total de 11 variantes lexicais, sendo a lexia *maresia* a mais recorrente (15 ocorrências), seguida de *banzeiro* com 13 e *onda* com 10 ocorrências. Do ponto de vista diatópico é possível observar que a lexia *maresia* predomina nas mesorregiões Baixo Amazonas (pontos 1 – Oriximiná e 2 – Santarém), Marajó (pontos 3 – Breves e 4 – Anajás), Nordeste (pontos 5 – Abaetetuba e 8 – Bragança) e Metropolitana de Belém (ponto 7

- Castanhal) que corresponderiam à Zona Norte/Noroeste do Estado. A lexia *maresia* não foi registrada nas mesorregiões Sudoeste (pontos 9 – Itaituba e 10 – Altamira) e Sudeste (pontos 11 – Redenção e 12 – Conceição do Araguaia).

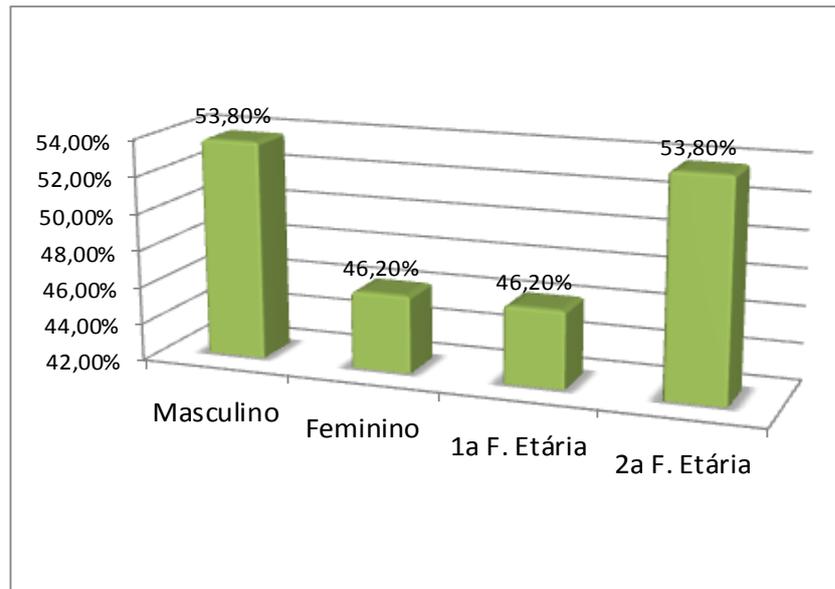
Controlando-se as variantes diagenérica e diageracional, observou-se que, no que se refere à variação da lexia *maresia*, a mesma apresentou 46,6% (7 ocor.) para o sexo masculino e para a primeira faixa etária, e 53,3% (8 ocor.) para o sexo feminino e para a segunda faixa etária.

Gráfico 2: Variação Diagenérica e Diageracional de “Maresia”



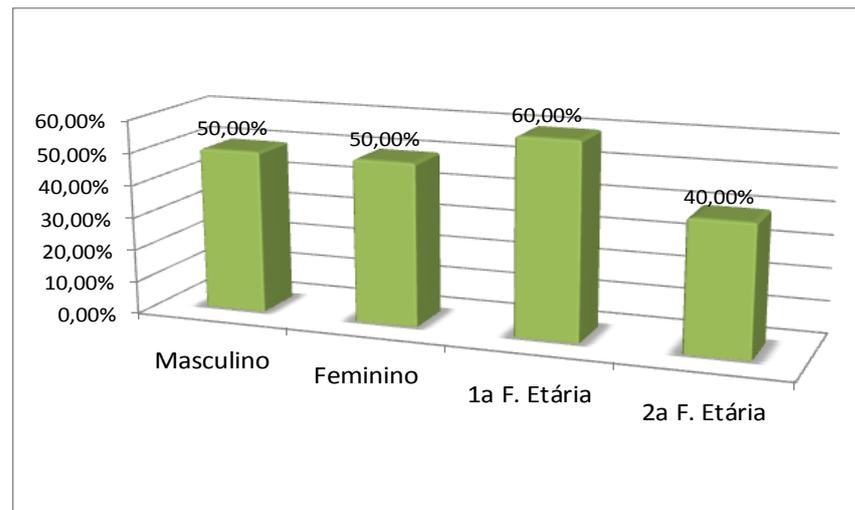
A lexia *banzeiro* apresentou os percentuais de 53,8% (7 ocor.) para o sexo masculino e para a segunda faixa etária, e de 46,2% (6 ocor.) para o sexo feminino e para a primeira faixa etária.

Gráfico 3: Variação Diagenérica e Diageracional de “Banzeiro”

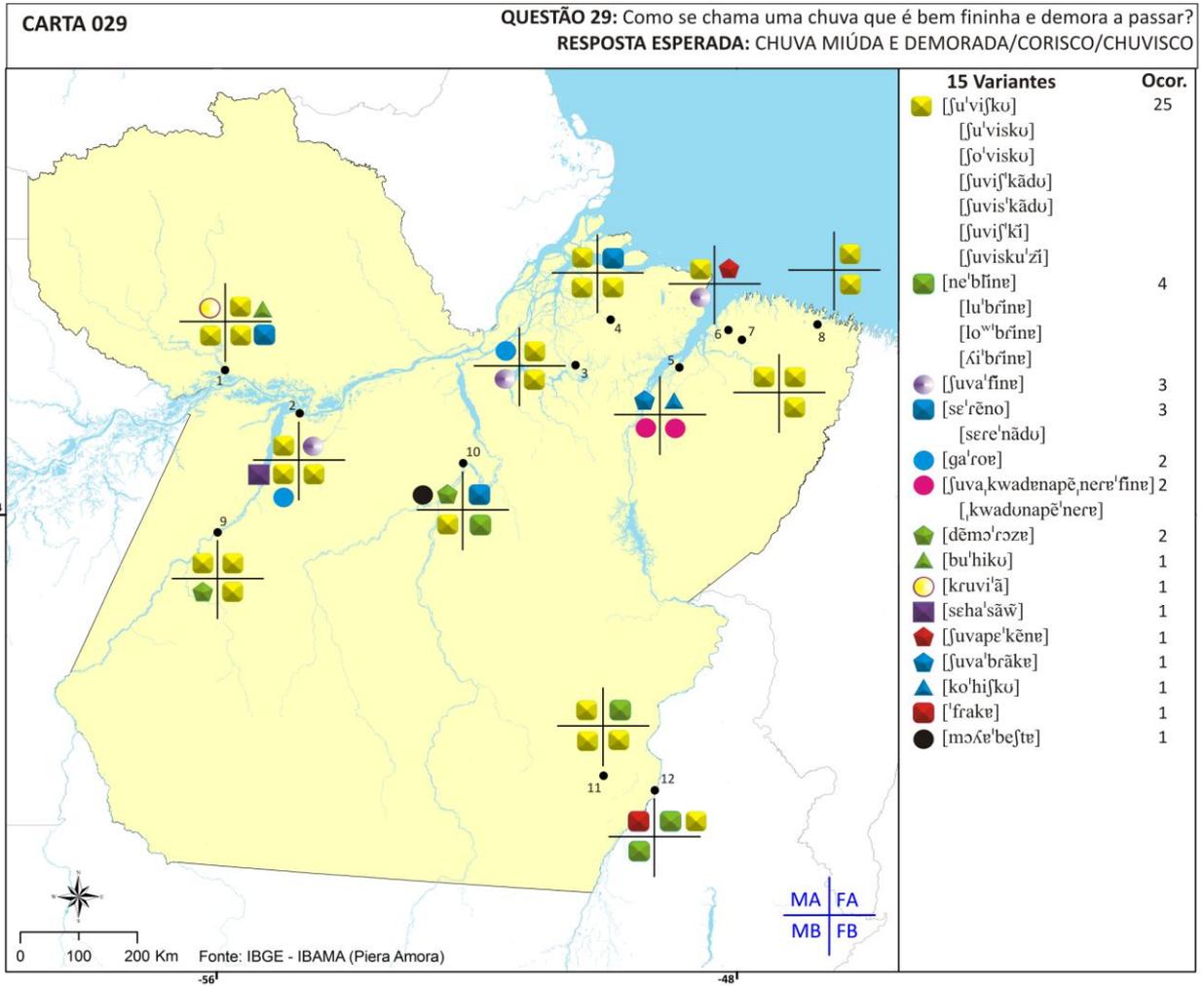


A lexia *onda*, por sua vez, apresentou percentual igual a 50% (5 ocor.) para o sexo masculino e 50% (5 ocor.) para o sexo feminino, 60% (6 ocor.) para a primeira faixa etária e 40% (4 ocor.) para a segunda faixa etária.

Gráfico 4: Variação Diagenérica e Diageracional de “Onda”



4.2 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS



Q4: Quadro Referente à Carta 029	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
chuvisco	x			x			x			x		
neblina	x				x		x					x
chuva fina			x			x			x			x
sereno	x			x			x			x		
garoa	x			x			x					x
chuva coada na peneira fina			x			x			x			x
demorosa			x					x			x	
burrico		x			x			x			x	
cruviana	x			x				x				x
cerração	x				x			x			x	
chuva pequena			x			x			x			x
chuva branca			x			x			x			x
corisco		x			x			x			x	
fraca		x			x			x			x	
molha besta			x			x			x			x

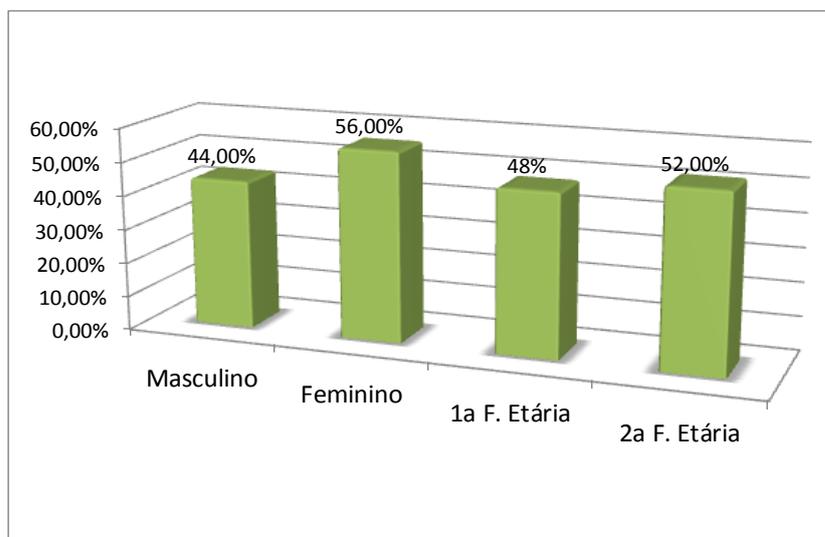
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 029 apresentou um total de 15 variantes lexicais, sendo a lexia *chuvisco* a mais recorrente, com 25 ocorrências, não tendo sido registrada apenas no ponto 5 (Abaetetuba). Chama a atenção a lexia *cruviana*, registrada no ponto 1 (Oriximiná), que é uma variante da lexia *cruviana*, dicionarizada por Ferreira (2009, não paginado) como sinônimo de chuvisco, garoa, já o dicionário Priberam (ver quadro de dicionarização) registra a lexia no português do Brasil, mas em outra acepção.

Controlando-se a dimensão diatópica é possível observar que a lexia *neblina* foi registrada apenas no Sudeste e Sudoeste do Estado (pontos 10 - Altamira, 11 - Redenção, 12 - Conceição do Araguaia), isto para essa acepção, uma vez que a lexia foi registrada nesta pesquisa em outros pontos de inquérito, mas como resposta para a questão 34 do QSL (NEVOEIRO/CERRAÇÃO).

Observando a variação diagenérica, verificou-se que a lexia mais recorrente (*chuvisco*) apresenta os seguintes percentuais: 44% (11 ocor.) para os homens e 56% (14 ocor.) para as mulheres. Referente à dimensão diageracional os percentuais são os seguintes: 52% (13 ocor.) para a segunda faixa etária e 48% (12 ocor.) para a primeira.

Gráfico 5: Variação Diagenérica e Diageracional de “Chuvisco”

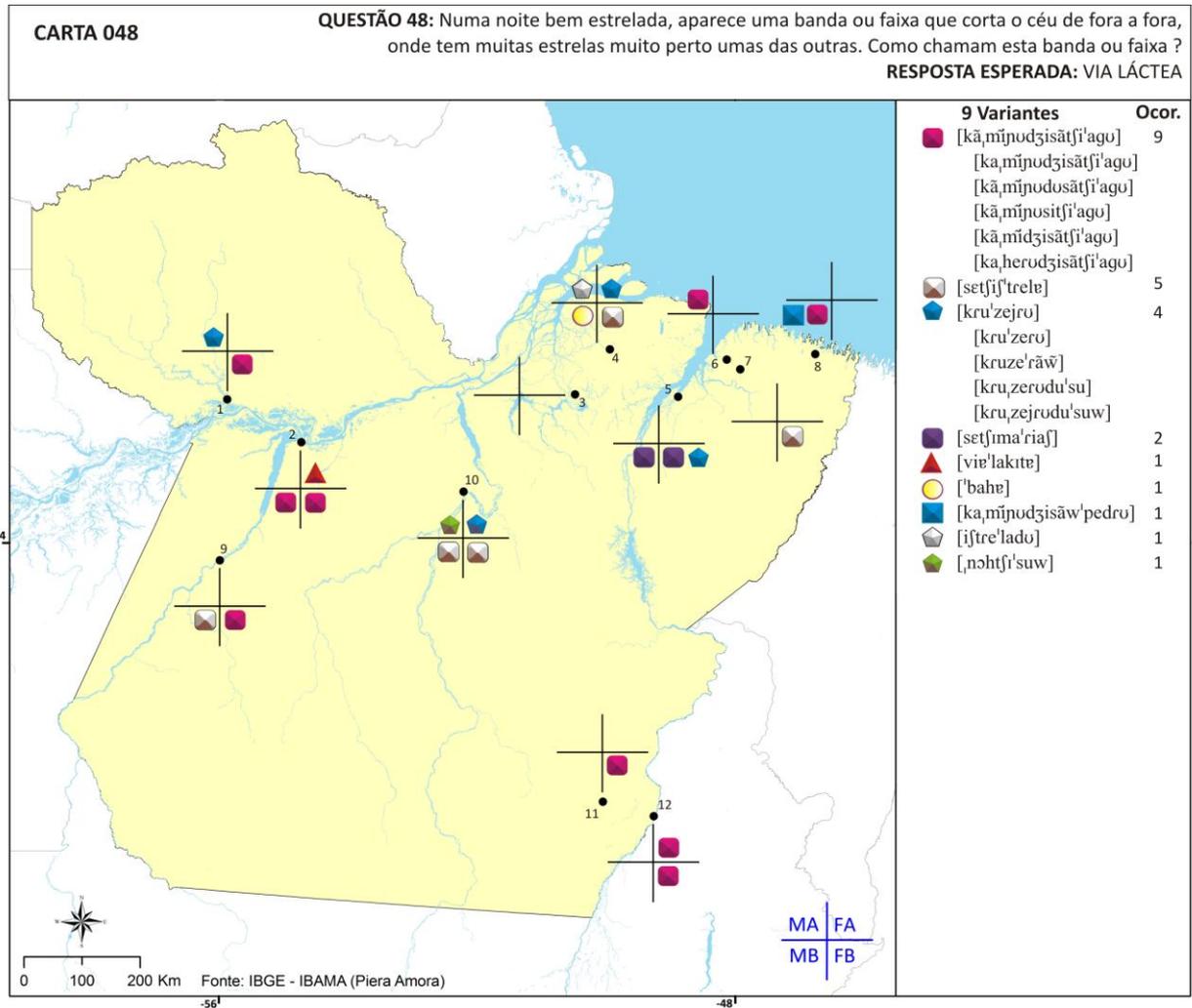


Chama a atenção o processo analógico utilizado para a constituição da lexia [*chuva*] *coada na peneira fina*, registrada no ponto 5 (Abaetetuba), nesse caso, a analogia é constituída por meio da comparação entre as gotículas próprias da garoa e a aparência das substâncias coadas em uma peneira ou crivo de orifícios pequenos. A constituição da lexia *molha besta*, registrada no ponto 10 (Altamira), se dá tendo em vista a atitude errônea de se

acreditar que um chuvisco não seria espesso o suficiente para molhar quem estivesse sob o mesmo, no entendimento popular quem assim procede seria considerado ingênuo, “besta”.

A carta apresenta ainda outras lexias não dicionarizadas nessa acepção, como *burrico* (ponto 1 - Oriximiná) e *corisco* (ponto 5 - Abaetetuba).

4.3 ASTROS E TEMPO



Q5: Quadro Referente à Carta 048	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
caminho de santiago			x			x			x			x
sete estrela			x			x			x			x
cruzeiro/ cruzeiro-do-sul		x			x			x			x	
sete marias			x			x			x			x
via láctea			x	x					x			x
barra		x			x			x			x	
caminho de São Pedro			x			x			x			x
estrelado	x			x			x			x		
norte sul			x			x			x			x

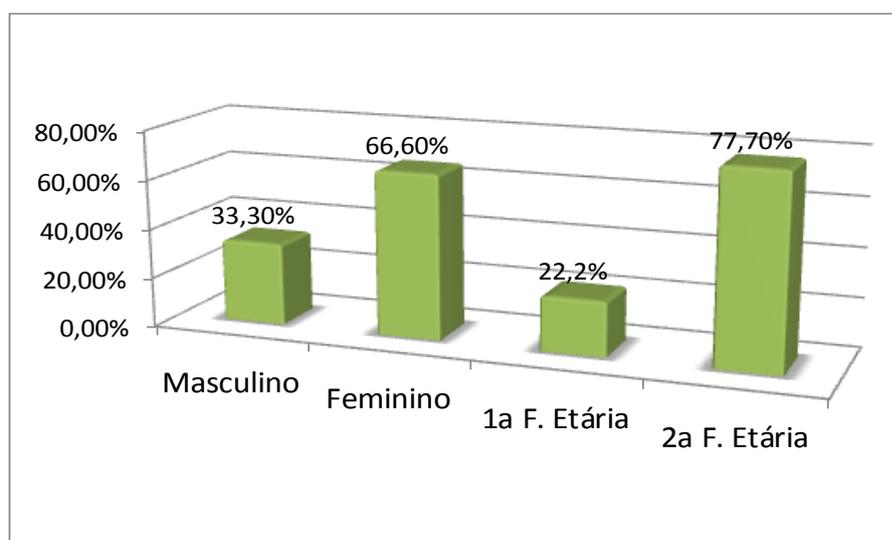
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 048 apresentou 9 variantes lexicais, sendo mais recorrente a lexia *caminho de santiago*, que contabilizou 9 ocorrências, seguida de *sete estrela* (5 ocorrências) e *cruzeiro* (4 ocorrências).

Controlando-se a variação diagenérica, observou-se que a lexia predominante no Estado, *caminho de santiago*, apresenta maior frequência na fala das mulheres, com 66,6% (6 ocor.), e com menor da fala dos homens: 33,3% (3 ocor.).

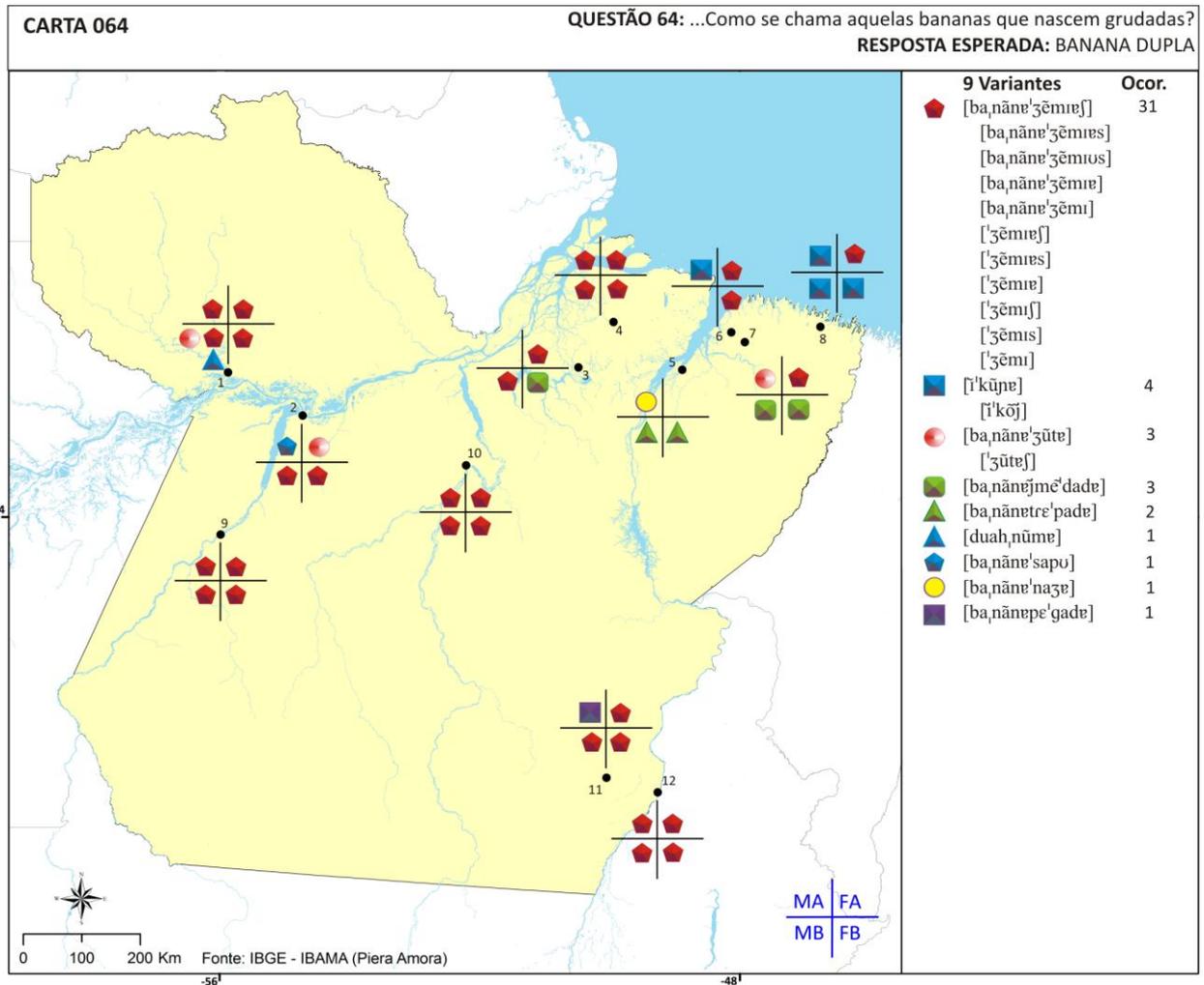
Do ponto de vista da variação diageracional, nota-se que a lexia *caminho de santiago* ocorre com maior frequência na fala dos informantes da segunda faixa etária, com 77,7% (7 ocor.), em oposição a primeira faixa etária, que contabilizou 22,2% (2 ocor.).

Gráfico 6: Variação Diagenérica e Diageracional de “Caminho de Santiago”



A mesma ocorrência é observada em relação às lexias *sete estrela* (pontos 4 - Anajás, 7 - Castanhal, 9 - Itaituba e 10 - Altamira) e *sete marias* (ponto 5 - Abaetetuba) que ocorrem somente na segunda faixa etária (100%).

4.4 FLORA: ÁRVORES E FRUTOS



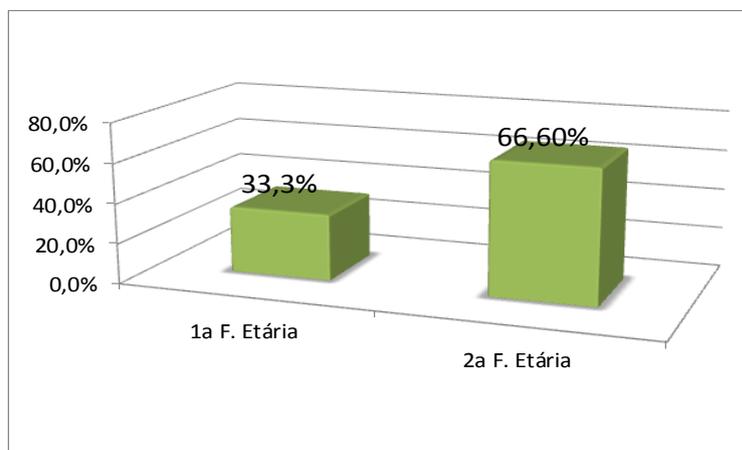
Q6: Quadro Referente à Carta 064	Houaiss			Aurégio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
bananas gêmeas			x			x			x			x
incunho/inkõe	x			x			x			x		
banana junta			x			x			x			x
banana emendada			x			x			x			x
banana trepada			x			x			x			x
duas numa			x			x			x			x
banana sapo			x			x			x			x
banana-najá		x				x			x			x
banana pegada			x			x			x			x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 064 apresentou nove variantes lexicais. A lexia mais recorrente é *bananas gêmeas* que obteve 31 ocorrências, não tendo sido registrada apenas no ponto 5 (Abaetetuba). A segunda lexia mais recorrente foi *incunha/incõin*, registrada nos pontos 6 (Santo Antonio do Tauá) e 8 (Bragança). Segundo Ferreira (2009, não paginado), a lexia é de origem tupi, e designa um “fruto que nasce pregado a outro”. Essa lexia foi registrada em mapeamento do

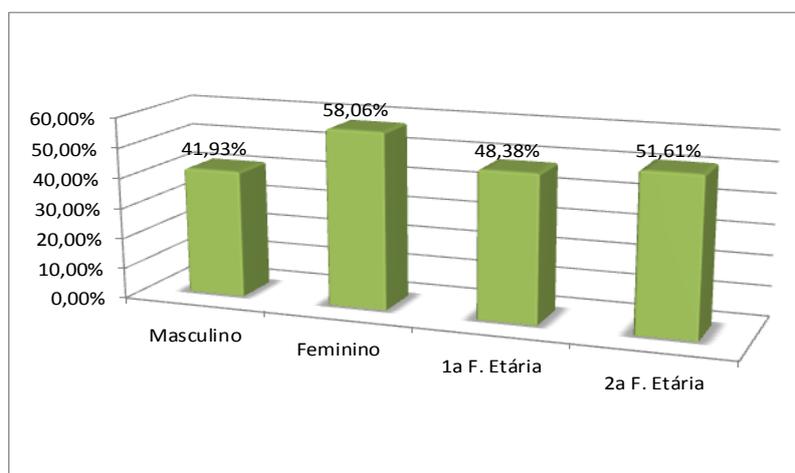
léxico da cidade de Adrianópolis no Paraná, realizado por Altino (2001 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 144). Tratando do aspecto diagenérico, o referido estudo indica uma porcentagem de 60,3% de ocorrências dessa lexia para sexo masculino, a carta (064) em questão também apresenta maior incidência da lexia para o sexo masculino, tendo sido realizada por três homens e uma mulher. Costa (2005) cartografou outras ocorrências da lexia, no corpus do ALIPA, na mesorregião Nordeste, município de Viseu, onde houve registros da lexia na fala dos informantes MB e FB, o que totaliza 6 registros no Estado, isso aponta para outra ocorrência ligada a variante diageracional, que indica uma predominância de ocorrências da lexia na segunda faixa etária, que apresentou 66,6% (4 ocor.), e 33,3% (2 ocor.) para a primeira faixa etária.

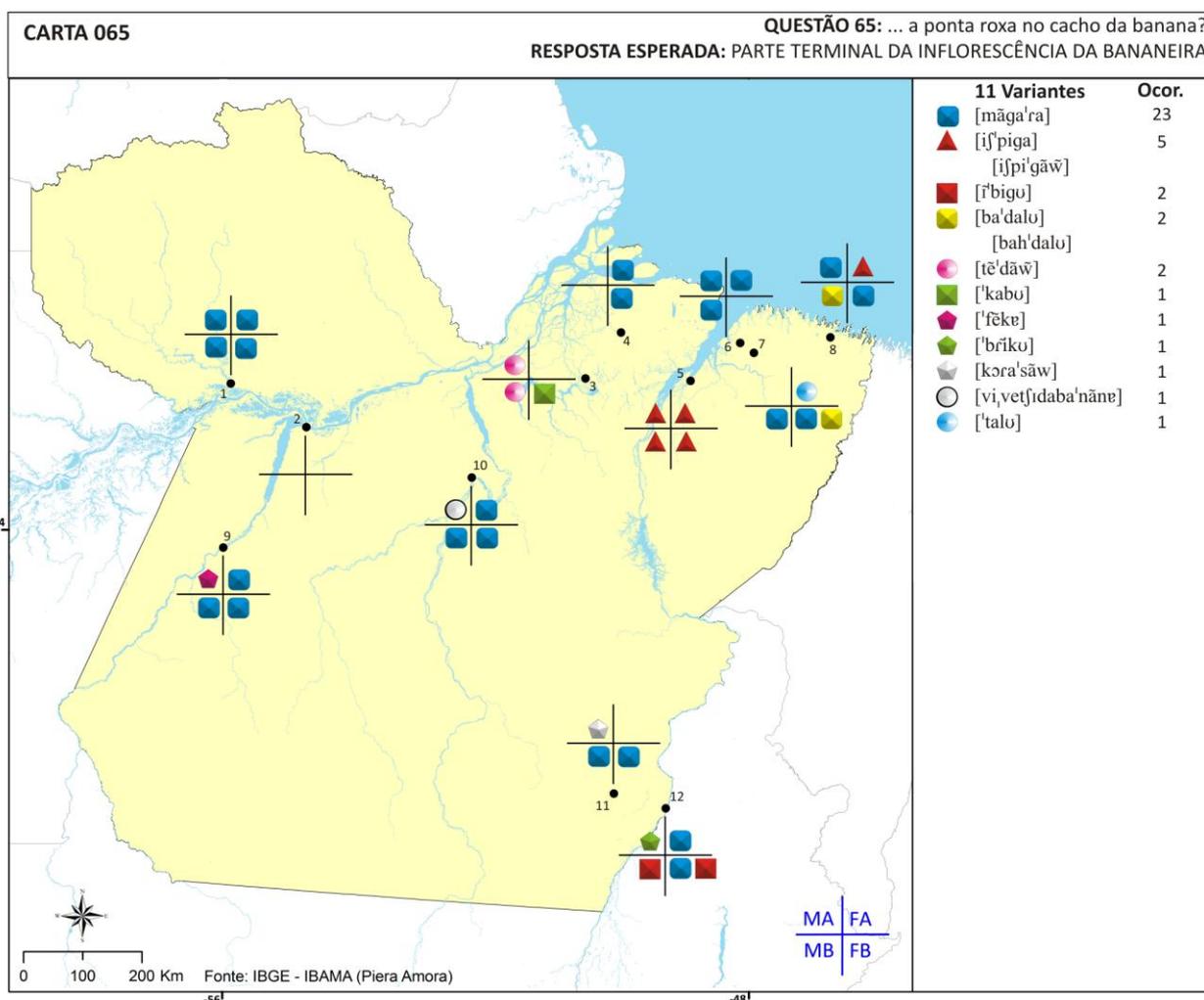
Gráfico 7: Variação Diageracional de “Incunha”



Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia mais recorrente (*banana gêmeas*), os percentuais são os seguintes: 41,93% (13 ocor.) para os homens e 58,06% (18 ocor.) para as mulheres, 48,38% (15 ocor.) para a primeira faixa etária, e 51,61% (16 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 8: Variação Diagenérica e Diageracional de “Bananas Gêmeas”





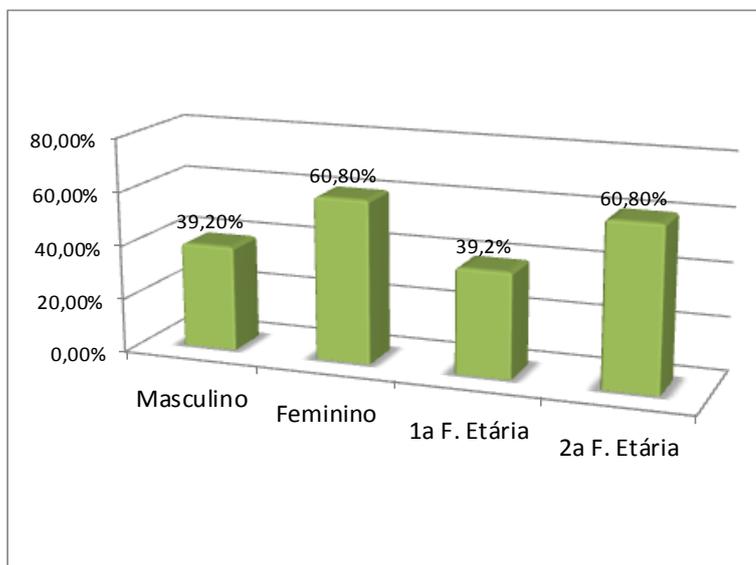
Q7: Quadro Referente à Carta 065	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
mangará	x			x			x			x		
espiga		x			x			x			x	
umbigo/embigo	x			x			x			x		
badalo		x			x			x			x	
tendão		x			x			x			x	
cabo		x			x			x			x	
fenca			x			x			x			x
brinco		x			x			x			x	
coração	x			x				x			x	
vivete da banana			x			x			x			x
talo		x			x			x			x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 065 apresentou um total de 11 variantes lexicais, sendo a lexia *mangará* predominante no Estado, não tendo sido registrada apenas nos pontos 2 (Santarém), 3 (Breves) e 5 (Abaetetuba). Do ponto de vista diatópico, chamou-nos a atenção a aparente singularidade para algumas lexias no falar do município de Abaetetuba (ponto 5), onde foi registrada a lexia *espiga* para essa acepção, isso também foi observado em outras cartas, como: 064, 048 e 029.

Avaliando-se a variação diagenérica, observou-se que a lexia mais recorrente, *mangará*, apresentou percentuais de 60,8% (14 ocor.) para o sexo feminino, e de 39,2% (9 ocor.) para o sexo masculino. Os mesmos valores são observados na variação diageracional, onde a primeira faixa etária apresenta 39,2% (9 ocor.) e a segunda 60,8% (14 ocor.).

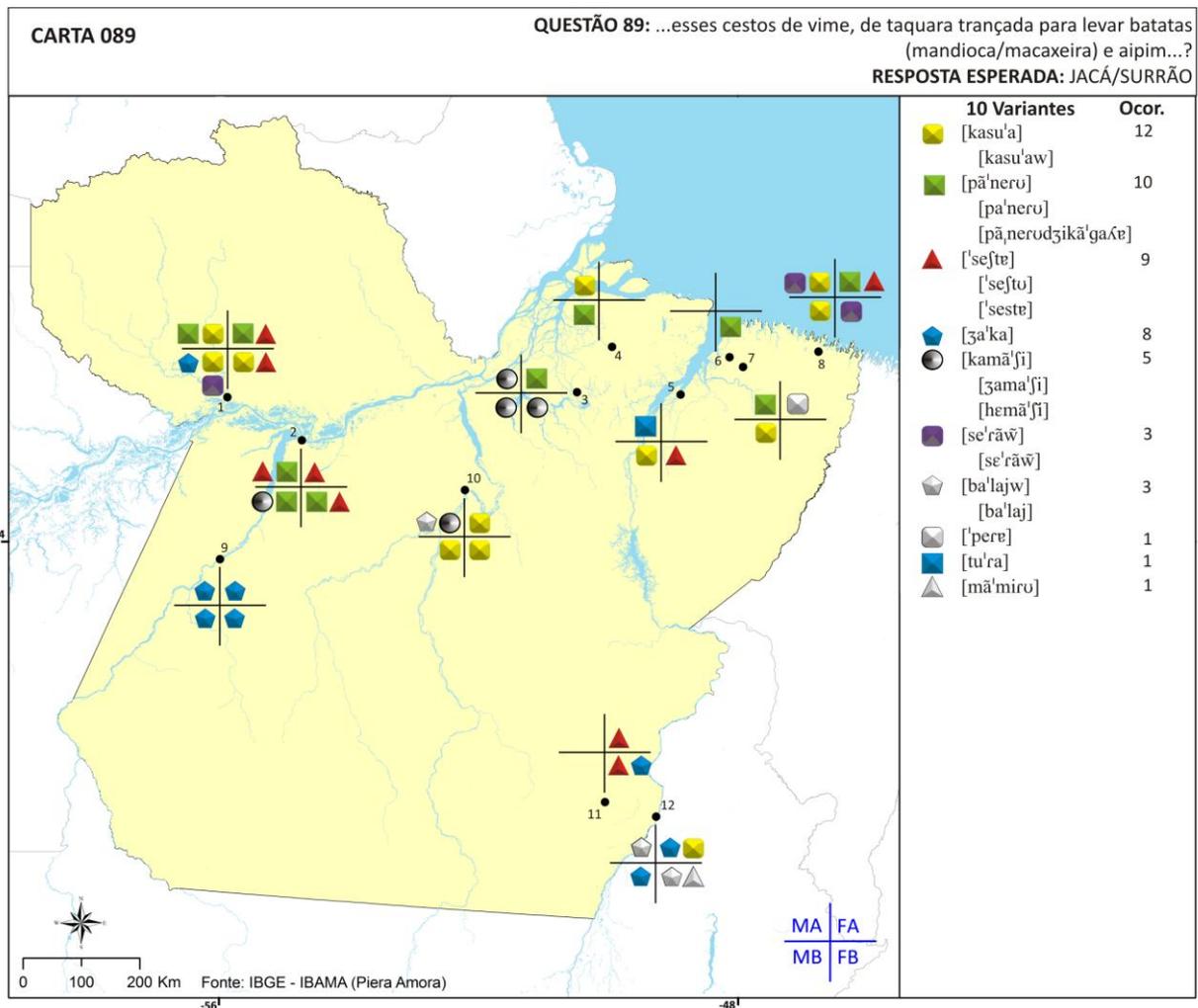
Gráfico 9: Variação Diagenérica e Diageracional de “Mangará”



Fazendo-se uma leitura do quadro de dicionarização das lexias observa-se que das 11 lexias cartografadas, apenas 3 estão dicionarizadas na mesma acepção tratada na questão 65 do QSL, são elas: *mangará*, *embigo* e *coração*. O que nos leva à conclusão de que os estudos geolinguísticos representam uma fonte de informações muito rica para os estudos lexicológicos.

Foram observados também alguns processos analógicos na constituição das lexias: *badalo* (pontos 7 – Castanhal e 8 - Bragança), que Ferreira (2009, não paginado) registra como “peça de metal, com a extremidade grossa ou em bola, pendurada no interior de sino, chocalho, etc., para fazê-los soar”; *brinco* (ponto 2 - Santarém); e *coração* (ponto 9 - Itaituba). Ambos os processos remetem aos formatos dos objetos em questão.

4.5 ATIVIDADES AGROPASTORIS (AGRICULTURA, INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS)



Q8: Quadro Referente à Carta 089	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
caçuá	x			x			x					x
paneiro		x		x			x			x		
cesta	x			x			x			x		
jacá	x			x			x					x
camanchi			x			x			x			x
serão		x			x			x			x	
balaio	x			x			x			x		
pera		x			x			x			x	
turá			x			x			x			x
mamiro			x			x			x			x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 089 apresenta um total de 12 lexias, as mais recorrentes são *caçuá* (12 ocor.), *panero* (10 ocor.), *cesta* (9 ocor.) e *jacá* (8 ocor.). Tratando da dimensão diatópica, observou-se que a lexia *paneiro* foi registrada somente na Zona Norte/Noroeste do Estado, compreendendo as mesorregiões: Baixo Amazonas, Marajó, Nordeste e Metropolitana de

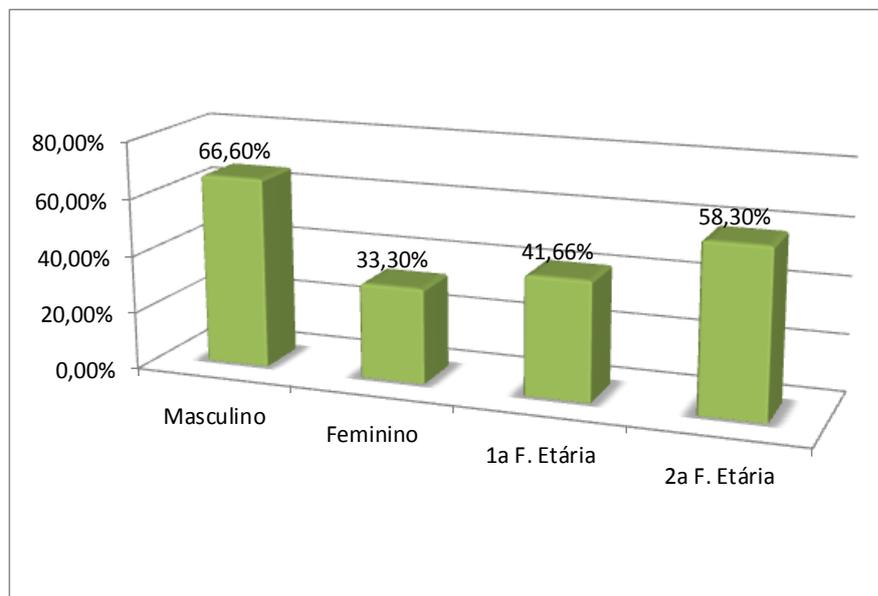
Belém, de outro lado a lexia *balaio* foi registrada apenas nas mesorregiões Sudoeste e Sudeste. Ocorrências diatópicas similares foram observadas em outras cartas, como: 009, 029, 089, 105, 106, 107, 115, 123, 127, 142, 177, 208, 210, 229, 256.

A lexia *jacá* também apresenta uma predominância de ocorrências para as mesorregiões Sudoeste e Sudeste. Já a lexia *camanchi* foi registrada nos pontos 2 (Santarém), 3 (Breves) e 10 (Altamira).

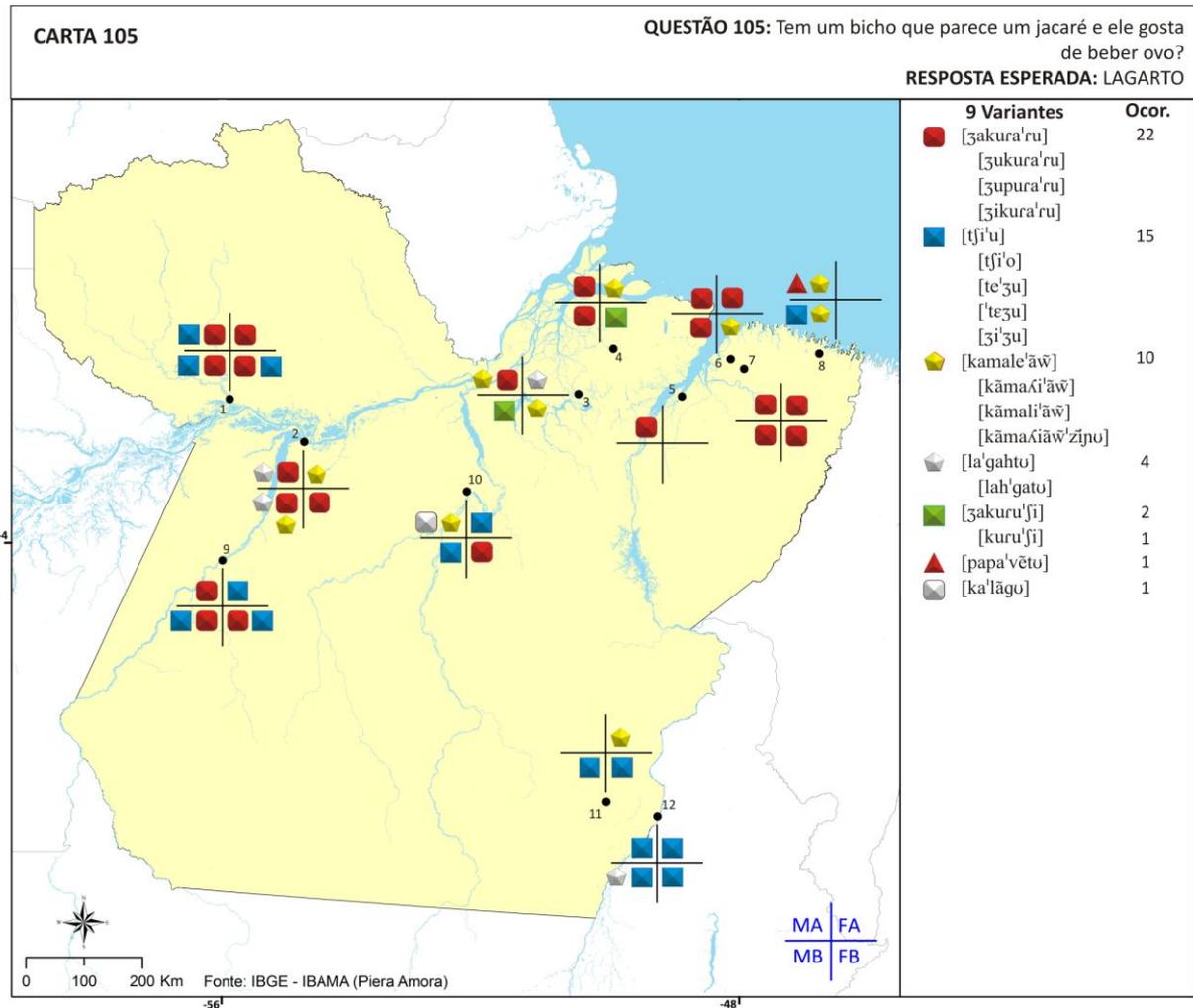
Controlando-se a variante diagenérica, observou-se que o registro lexia *caçuá* mostra um predomínio dessa para o sexo masculino, com 66,6% (8 ocor.), já para o sexo feminino o percentual foi de 33,3% (4 ocor.).

A distribuição diageracional da referida lexia apresenta 41,66% (5 ocor.) para a primeira faixa etária e 58,3% (7 ocor.) para a segunda.

Gráfico 10: Variação Diagenérica e Diageracional de “Caçuá”



4.6 FAUNA



Q9: Quadro Referente à Carta 105	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
jacurarú	x			x					x			x
teíu/tejú	x			x			x			x		
camaleão		x			x			x			x	
lagarto	x			x			x			x		
jacuruxi	x			x					x			x
papa-vento		x			x				x			x
calango	x			x			x					x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

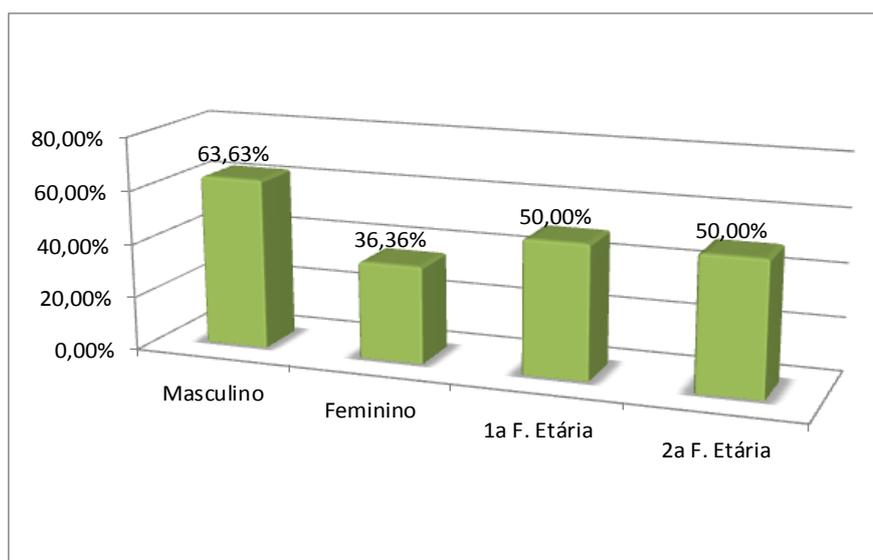
A carta 105 apresentou um total de 9 variantes lexicais, sendo as lexias mais recorrentes: *jacurarú* (22 ocorrências), *tiú* (15) e *camaleão* (10). A lexia *tiú* é variante de *teíu*, dicionarizada por Cunha (1997, p. 760) como forma genérica, de origem tupi, para lagarto. A lexia *jacuruxi* também está dicionarizada por Ferreira (2009, não paginado) como:

Reptil lacer-tílio, teídeo (*Dracaena guianensis*), da Amaz., de coloração geral verde-pardacenta tendendo ao ferruginoso, e amarelo-avermelhada da nuca para a

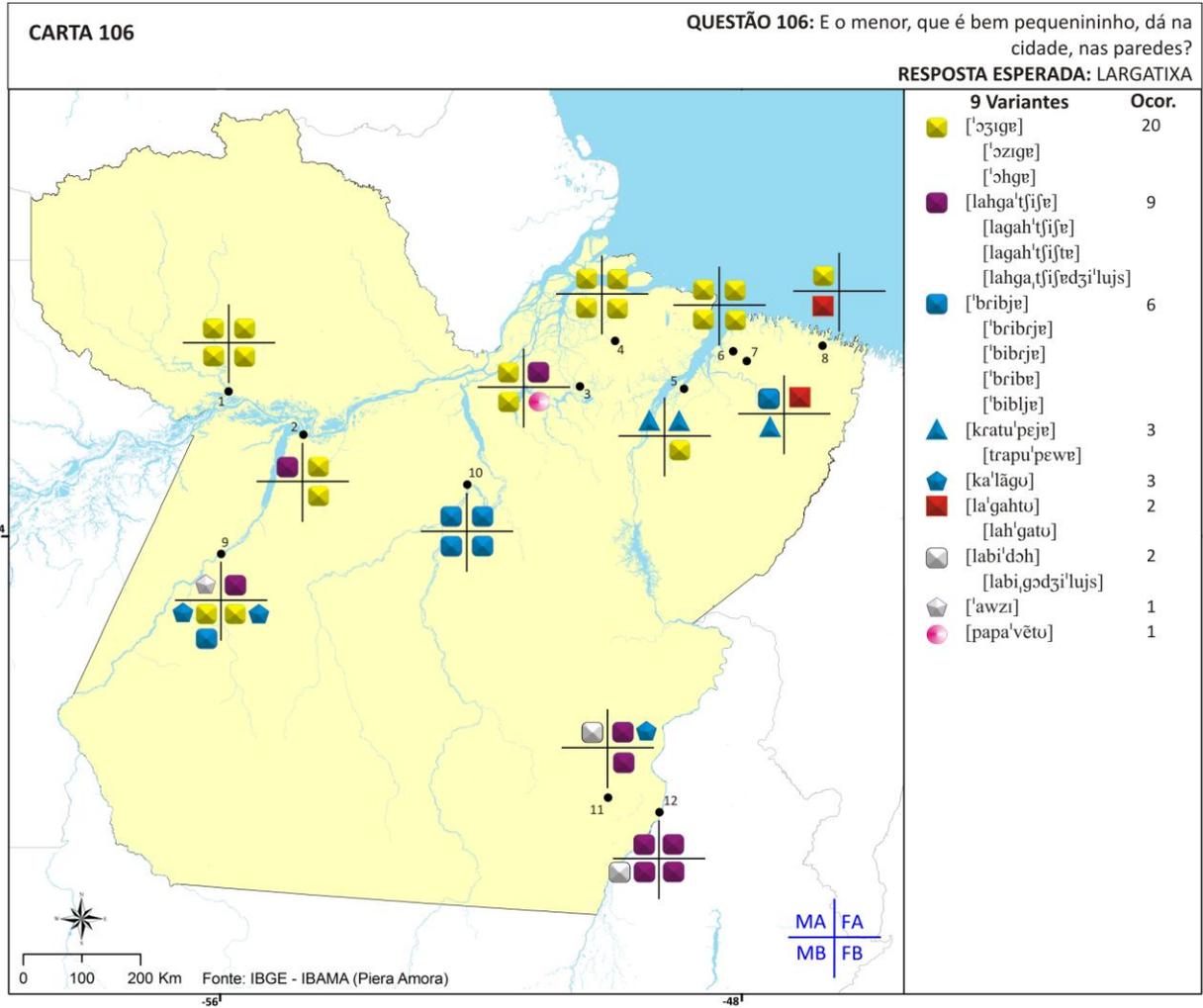
cabeça. As escamas do corpo formam escudos, dando ao animal aspecto de jacaré; tem até 80cm de comprimento, vive nos igapós, possui hábitos arborícolas, alimenta-se de aruás, e é capaz de passar longas horas dentro da água.

Controlando-se as variantes diagenérica e diageracional, observa-se que a lexia *jacurarú* apresentou percentual maior na fala dos homens com 63,63% (14 ocor.), contra 36,36% (8 ocor.) na fala das mulheres. Por outro lado, há um aparente equilíbrio referente à distribuição diageracional, com 50% (11 ocor.) para cada faixa etária.

Gráfico 11: Variação Diagenérica e Diageracional de “Jacurarú”



Tratando da dimensão diatópica, algumas das cartas elaboradas projetam uma predominância de algumas lexias em regiões diferentes do Estado. A carta 105 apresenta uma predominância da lexia *jacurarú* nas mesorregiões Nordeste, Metropolitana de Belém, Marajó e Baixo Amazonas, já a lexia *tiú* foi registrada com maior frequência nas mesorregiões Sudeste (6 ocorrências), Sudoeste (5 ocorrências) e Baixo Amazonas (3 ocorrências).



Q10: Quadro Referente à Carta 106	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
osga	x			x			x			x		
lagartixa	x			x			x			x		
bribia	x			x					x			x
cratupeia			x			x			x			x
calango	x			x			x					x
lagarto	x			x			x			x		
labidor			x			x			x			x
auzi			x			x			x			x
papa-vento		x			x				x			x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

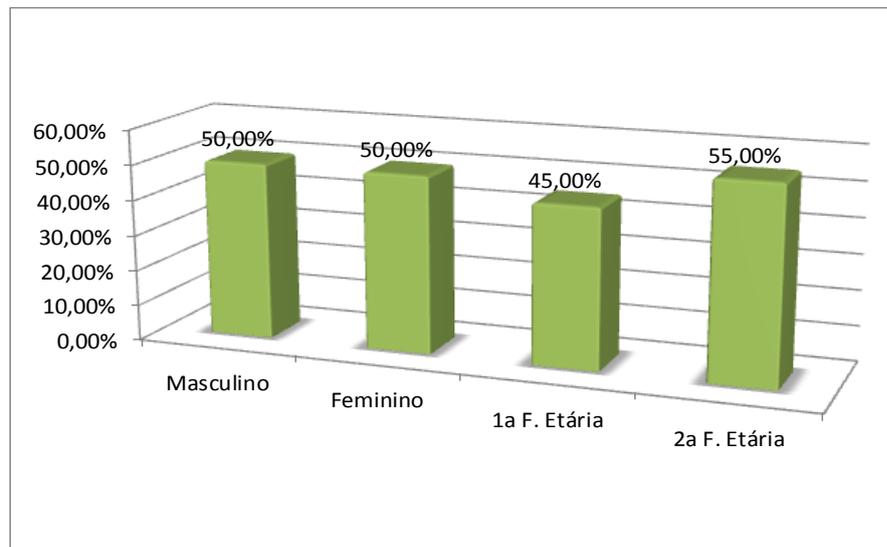
A carta 106 apresentou um total de 9 lexias, sendo a lexia *osga* a mais recorrente (20 ocor.). Na leitura da dimensão diatópica é possível perceber que a lexia *osga* foi registrada nas Mesorregiões Nordeste, Metropolitana, Marajó, Baixo Amazonas e Sudoeste do Estado (pontos 1 - Oriximiná, 2 - Santarém, 3 - Breves, 4 - Anajás, 5 - Abaetetuba, 6 – Santo Antônio do Tauá, 8 – Bragança e 9 - Itaituba), enquanto que a lexia *lagartixa* (9 ocorrências) apresenta

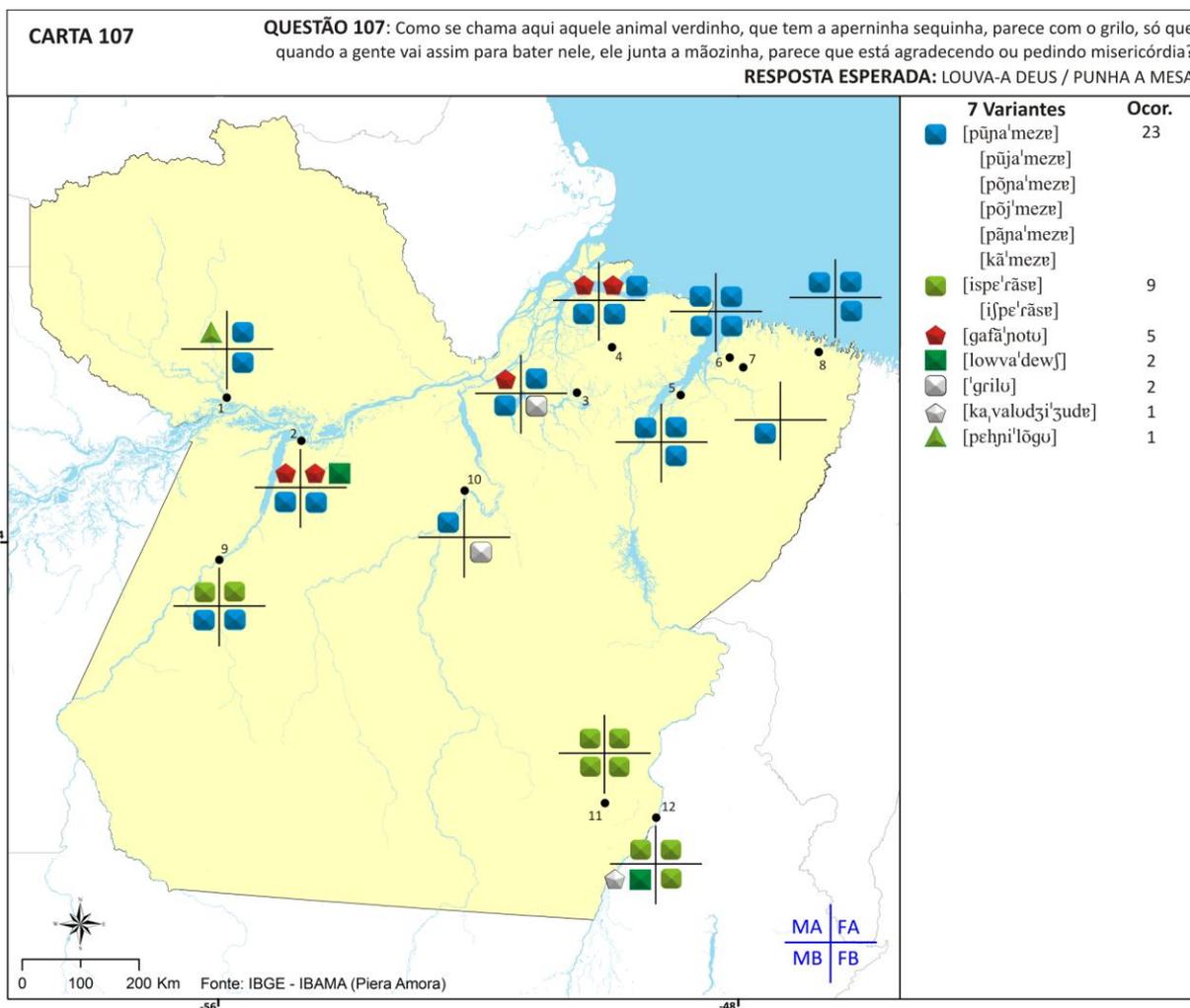
maior frequência na mesorregião Sudeste, apesar de ocorrer também nos pontos 2 (Santarém), 3 (Breves) e 9 (Itaituba).

A lexia *briba* ocorreu com maior frequência no ponto 10 (Altamira), obtendo registro também nos pontos 7 (Castanhal) e 9 (Itaituba). A lexia *labidór* ocorreu somente nos pontos 11 (Redenção) e 12 (Conceição do Araguaia), Sudeste do Estado.

Controlando-se a variante diagenérica, observa-se que para a lexia mais recorrente (*osga*), há um certo equilíbrio na distribuição diagenérica, foram registrados 50% (10 ocor.) para cada sexo. Na distribuição diageracional da lexia, registrou-se 55% (11 ocor.) para segunda faixa etária, e 45% (9 ocor.) para a primeira.

Gráfico 12: Variação Diagenérica e Diageracional de “Osga”





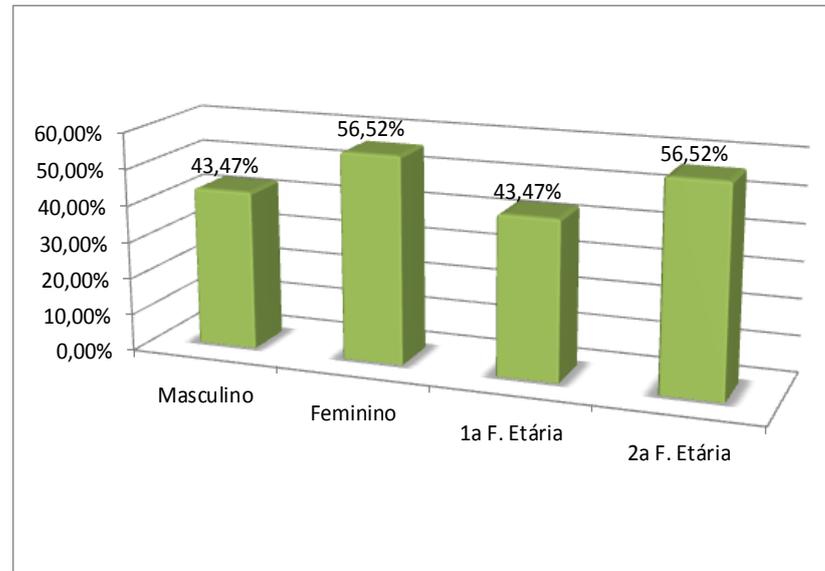
Q11: Quadro Referente à Carta 107	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
põe-mesa	x			x					x			x
esperança	x			x				x			x	
gafanhoto		x			x			x			x	
louva-a-deus	x			x			x			x		
grilo		x			x			x			x	
cavalo-de-judeu	x			x					x			x
pernilongo		x			x		x				x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

Na carta 107 foram registradas 7 variantes lexicais, a lexia *punhamesa* foi a mais recorrente (23 ocor.), seguida de *esperança* (9 ocor.). Observando a distribuição diatópica dessas duas lexias verificou-se que a lexia *punhamesa* predomina na zona Norte/Noroeste e enquanto que a lexia *esperança* predomina no Sudeste do Estado. Ambas ocorrem no ponto 9 (Itaituba) com dois registros cada.

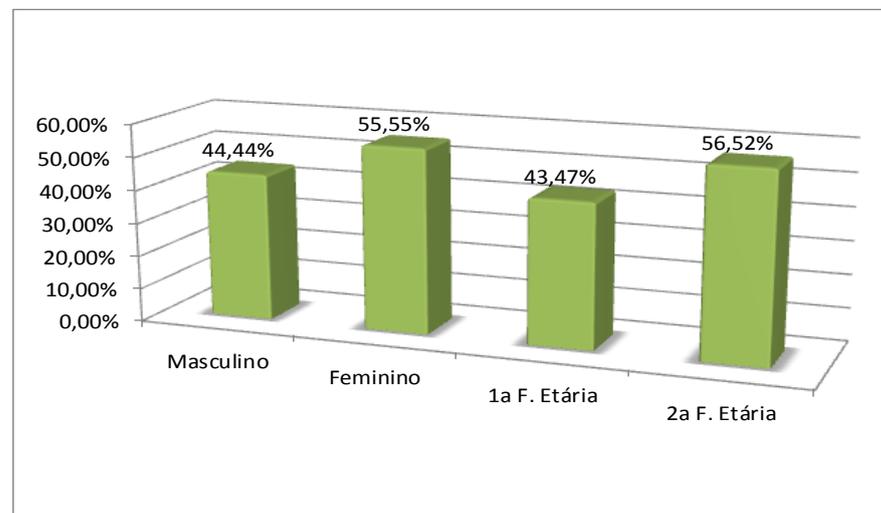
Controlando-se as variantes diagenérica e diageracional, registrou-se para *punhamesa* 43,47% (10 ocor.) referente ao sexo masculino e à primeira faixa etária, e 56,52% (13 ocor.) referente ao sexo feminino e à segunda faixa etária.

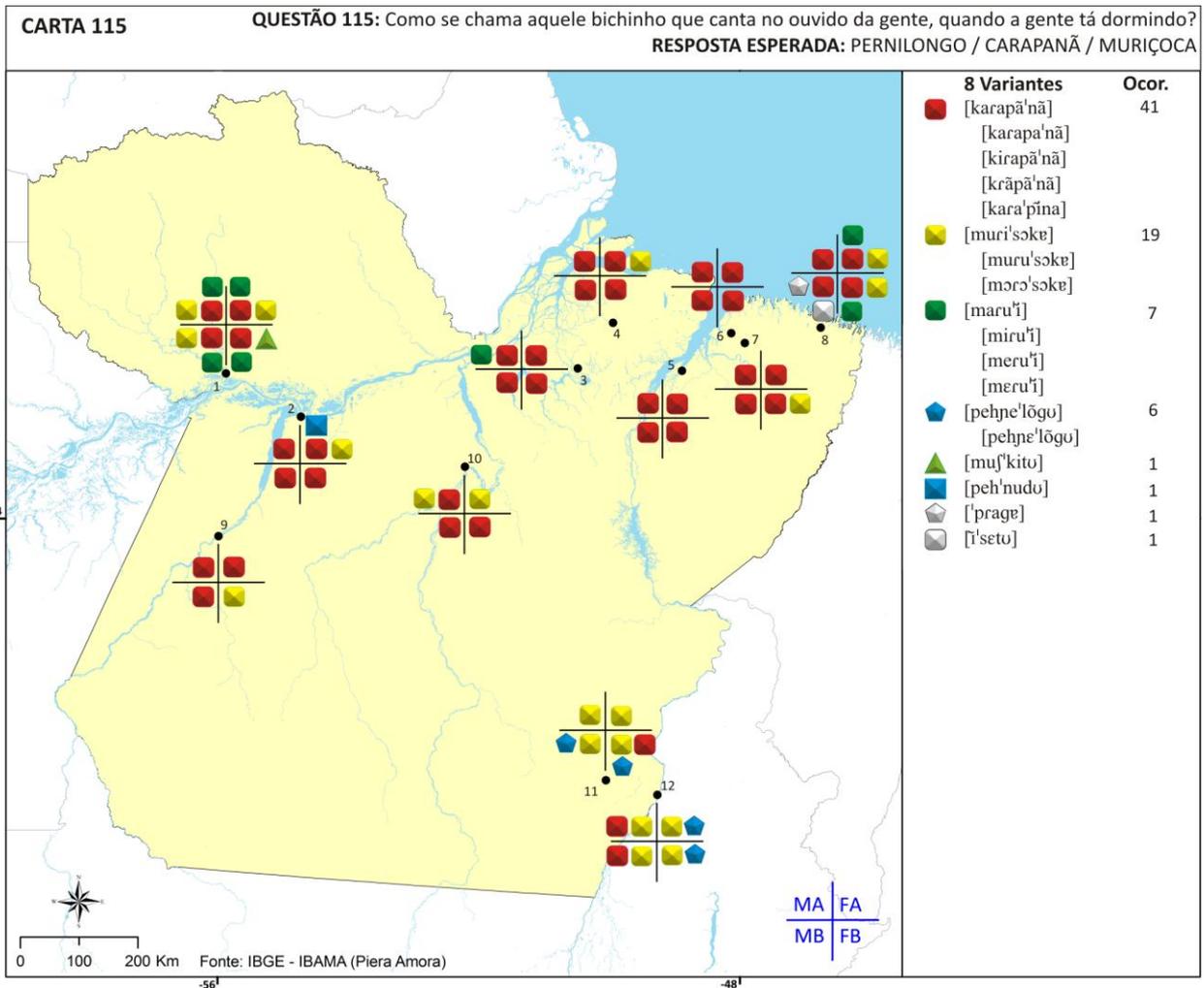
Gráfico 13: Variação Diagenérica e Diageracional de “Punhamesa”



Referente à distribuição diageracional da lexia *esperança*, observou-se que há maior frequência dessa para a primeira faixa etária que apresentou 66,66% (6 ocor.), enquanto que a para a segunda faixa etária registrou-se 33,33% (3 ocor.). Referente à variação diagenérica os números observados são: 44,44% (4 ocor.) para o sexo masculino e 55,55% (5 ocor.) para o feminino.

Gráfico 14: Variação Diagenérica e Diageracional de “Esperança”





Q12: Quadro Referente à Carta 115	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
carapanã	x			x			x					x
muriçoca	x			x			x					x
maruim		x			x			x				x
pernilongo	x			x			x				x	
mosquito	x			x			x			x		
pernudo	x			x				x			x	
praga	x			x				x			x	
inseto	x			x			x			x		

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 115 apresentou 8 variantes lexicais, sendo a lexia *carapanã* a mais recorrente (41 ocor.) seguida de *muriçoca* (19 ocor.).

Do ponto de vista da distribuição diatópica da lexia *carapanã* no Estado observa-se que lexia ocorre nas mesorregiões Baixo Amazonas, Marajó, Metropolitana, Nordeste e Sudoeste do Estado, tendo sido registrada com menor frequência no Sudeste, nesse sentido quanto maior é o deslocamento no sentido sul (mesorregiões Sudoeste e Sudeste) menor a incidência da lexia *carapanã*, em oposição a *pernilongo* que ocorre somente nos dois pontos do Sudeste Paraense (ponto 11 - Redenção e ponto 12 - Conceição do Araguaia).

A lexia *maruim* foi cartografada nas mesorregiões Nordeste, Marajó e Baixo Amazonas (pontos 1 - Oriximiná, 3 - Breves e 8 - Bragança) como resposta para a questão 115, todavia esta lexia refere-se a outras espécies de animal, isso foi percebido no momento das transcrições, quando alguns informantes, a exemplo FB do ponto 1 (Oriximiná), que informou tratar-se de um animal bem pequeno, e que não “canta no ouvido da gente”. Ferreira (2009, não paginado) define a *maruim* como

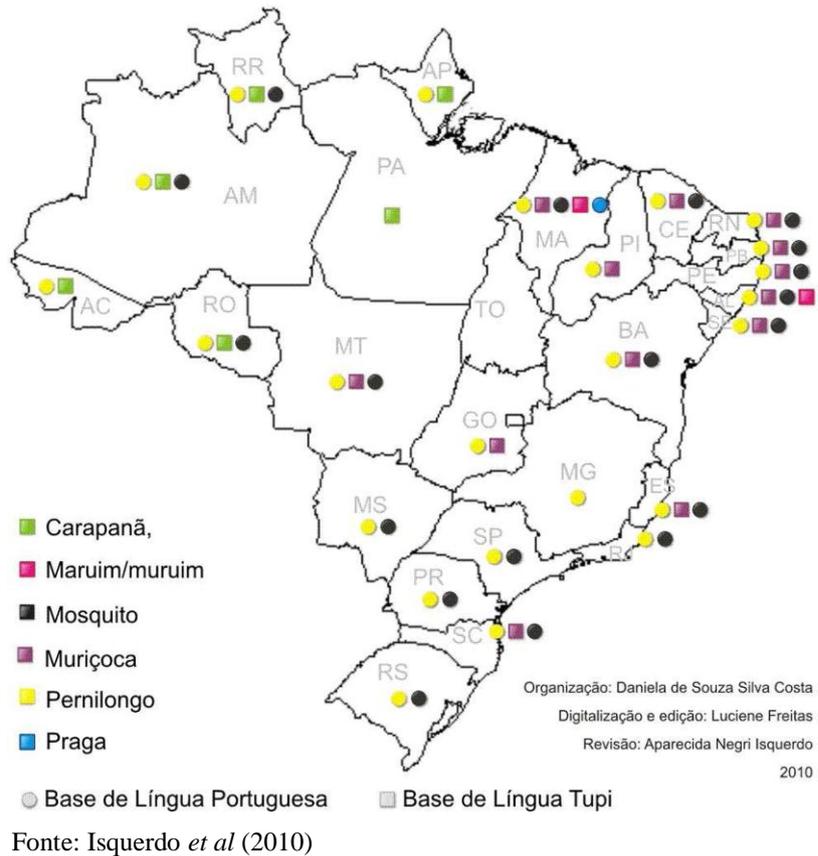
Designação vulgar dos insetos dípteros, ceratopogonídeos. São nematóceros, de pequeno porte, com 1 a 2mm de comprimento, antenas com 14 artículos nos dois sexos. As larvas e ninfas vivem na água doce ou salgada; só as fêmeas são hematófagas. Transmitem a filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas.

Em estudo realizado para a mesma questão (155 no QSL/ALIPA e 88 no QSL/ALiB) com dados do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, coletado nas capitais brasileiras, Isquierdo (2010, p.514) afirma:

Nota-se, por exemplo, que, apesar das influências sofridas pelos habitantes da região Norte em termos de contatos com habitantes das outras regiões brasileiras, em decorrência dos fluxos migratórios, a variante carapanã **reina absoluta nessa região** [grifo nosso], não se expandido para as demais regiões, provavelmente porque não tem sido tradição os habitantes da região Norte se deslocarem em grandes levadas para as demais regiões brasileiras.

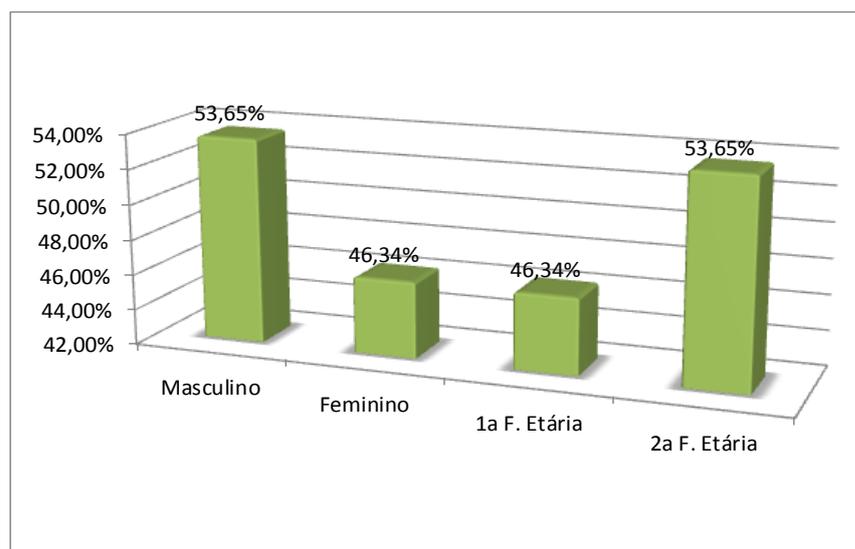
A afirmação de Isquierdo (2010) de que a variante *carapanã* “reina absoluta nessa região”, embasada nos dados do ALiB (ver Figura 29), é refutável, uma vez os dados do ALIPA, apresentam um panorama mais complexo sobre a distribuição diatópica das variantes para “pernilongo” no Estado do Pará. Como se pode observar na carta 115, a lexia *carapanã* é a mais recorrente, contudo não há uniformidade, por exemplo, *murisóca* ocorre em todas as mesorregiões do Estado, sendo essa, inclusive, a mais recorrente na mesorregião Sudeste do Estado do Pará.

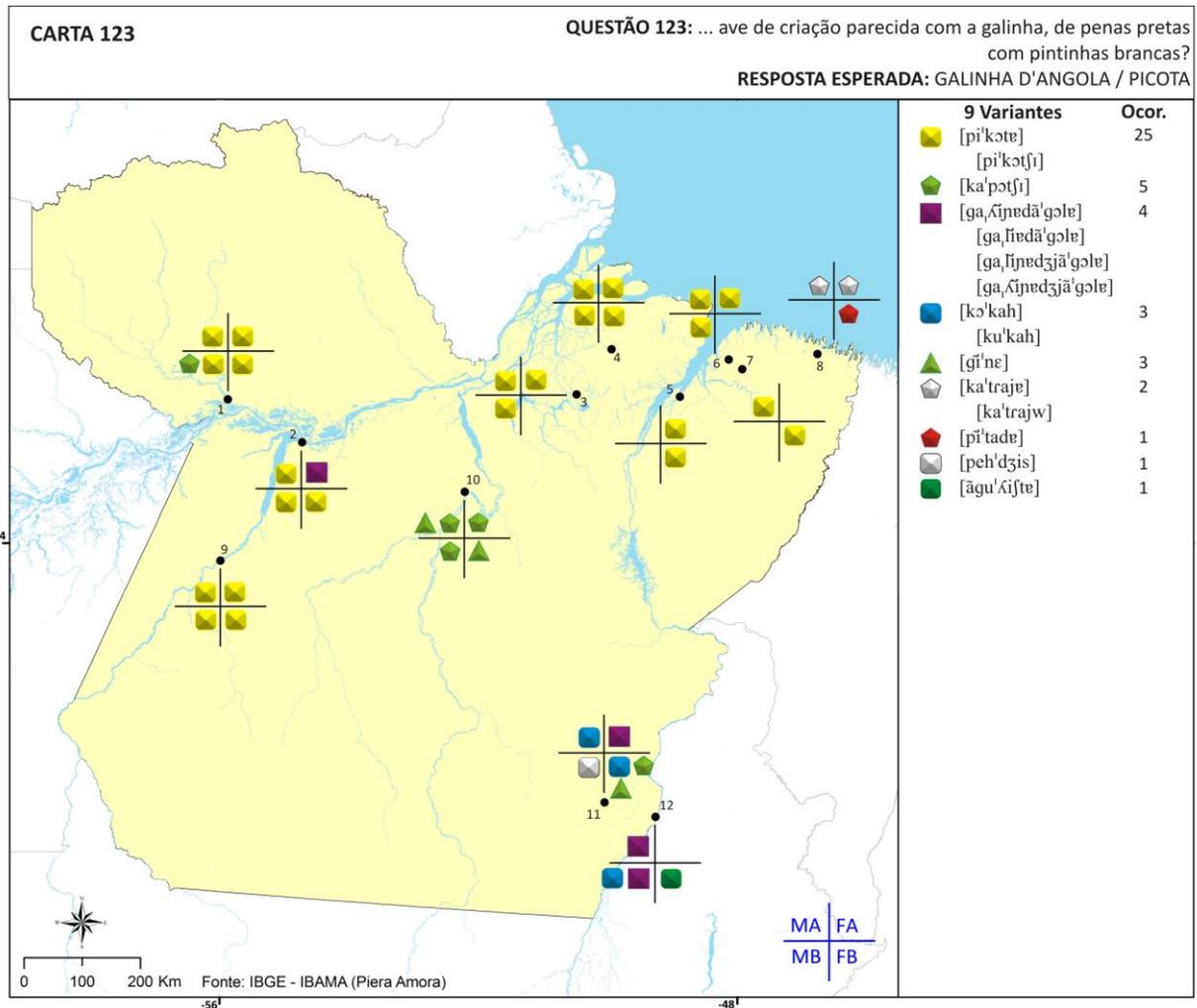
Figura 29: Variantes Para “Pernilongo” - ALIB



Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *carapanã*, observa-se que ela predomina levemente na fala dos homens e dos informantes da segunda faixa etária, com 53,65% (22 ocor.) das ocorrências, para as mulheres e para a primeira faixa etária a frequência foi de 46,34% (19 ocor.).

Gráfico 15: Variação Diagenérica e Diageracional de “Carapanã”





Q13: Quadro Referente à Carta 123	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
picota	x					x	x					x
capote	x					x	x			x		
galinha d'angola	x			x			x			x		
cocar	x			x					x			x
guiné	x			x			x			x		
catraia		x				x		x			x	
pintada	x			x				x			x	
perdiz		x			x			x			x	
angolista	x			x				x				x

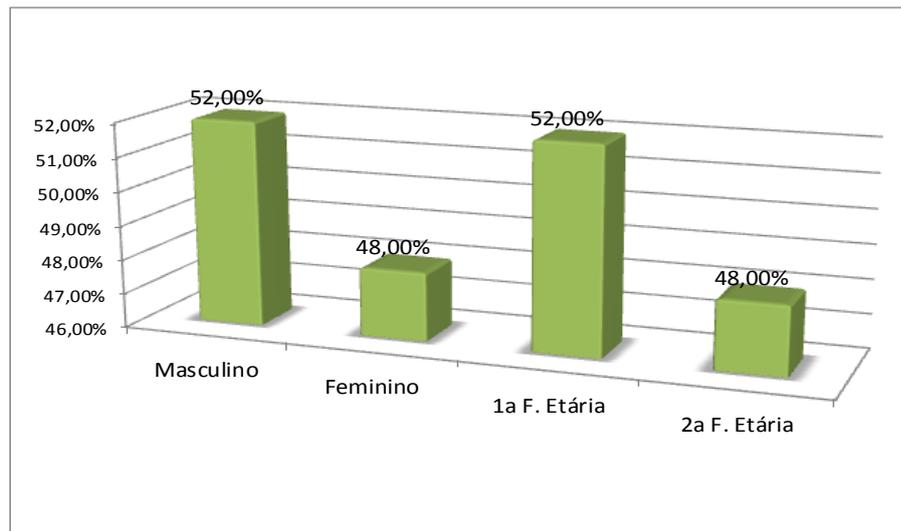
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

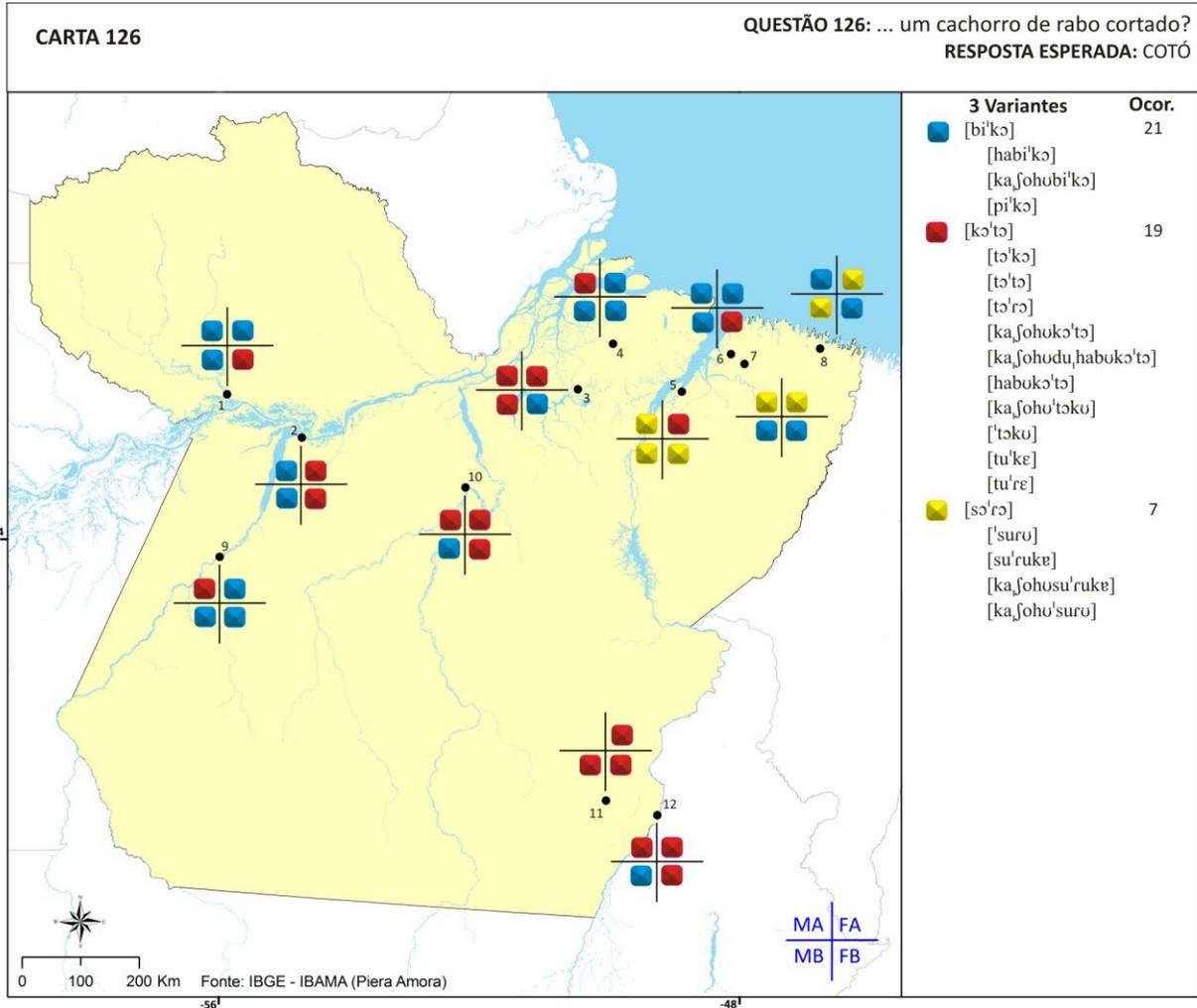
A carta 123 apresenta um total de 9 variantes para a questão 123 do QSL. A lexia *picota* obteve maior número de ocorrências (25 ocor.). A leitura da distribuição diatópica das variantes para designar “galinha d'angola/picota” projeta maior incidência de *picota* nas Mesorregiões Nordeste, Marajó e Baixo Amazonas, e de *galinha d'angola* no Sudeste do Estado. Na mesorregião Sudeste foram registradas as lexias *cocar* e *guiné*, que ocorrem também no ponto 10 (Altamira), ambas com baixa ou nenhuma frequência nas demais mesorregiões. A lexia *catraia* foi registrada somente no ponto 8 (Bragança). A lexia não está

dicionarizada para essa acepção em nenhum dos três dicionários consultados, como se pode constatar no quadro referente à carta 123.

A distribuição diagenérica e diageracional das ocorrências da lexia *picota* apresenta um aparente equilíbrio nos percentuais: 52% (13 ocor.) para o sexo masculino e para a primeira faixa etária, 48% (12 ocor.) para o sexo feminino e para a segunda faixa etária.

Gráfico 16: Variação Diagenérica e Diageracional de “Picota”





Q14: Quadro Referente à Carta 126	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
bicó	x			x						x		x
cotó	x			x				x			x	
suru	x			x			x					x

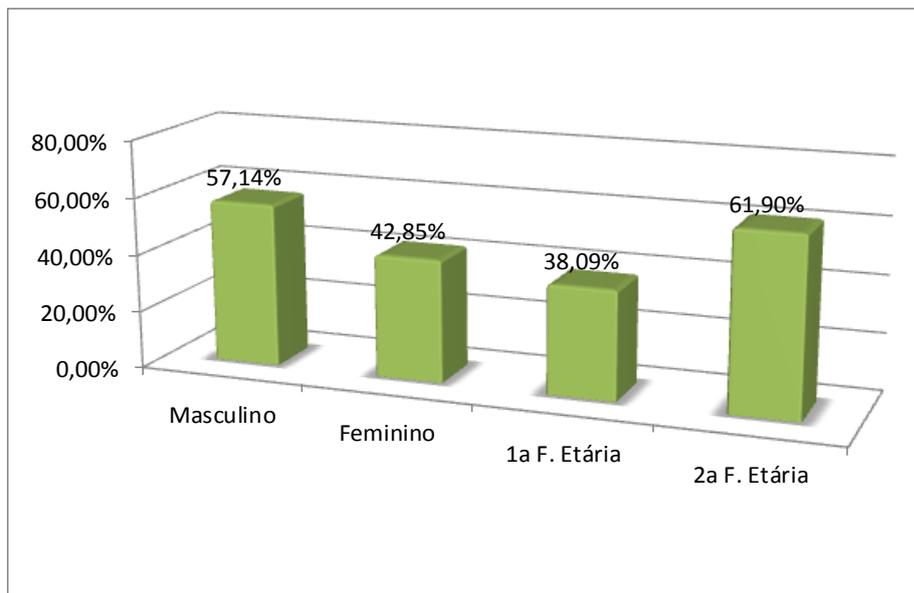
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

Na carta 126 foram registradas 3 variantes lexicais, as mais recorrentes foram *bicó* (21 ocor.) e *cotó* (19 ocor.). Observando o quadro de dicionarização das lexias verificou-se que nenhuma das variantes está dicionarizada pelo Priberam para o português europeu nesta acepção, apenas *cotó* está, porém em outras acepções, como: i. Facalhão do mato; ii. Homem aleijado; iii. Namorado preterido e iv. Faca pequena e ordinária.

Observando-se a variante diatópica verificou-se que a lexia *soro/suru* ocorre apenas nas mesorregiões Nordeste (pontos 5 – Abaetetuba, 8 – Bragança) e Metropolitana de Belém (ponto 7 – Castanhal).

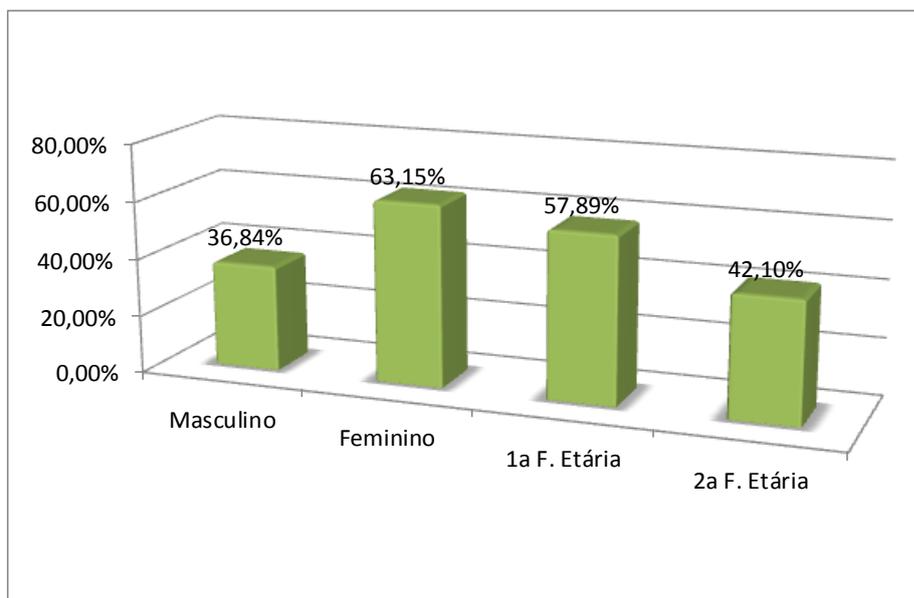
Controlando-se distribuição diagenérica e diageracional da lexia *bicó*, foram registrados os seguintes percentuais: 57,14% (12 ocor.) para o sexo masculino, 42,85% (9 ocor.) para o feminino, 38,09% (8 ocor.) para a primeira faixa etária e 61,90% (13 ocor.) para a segunda.

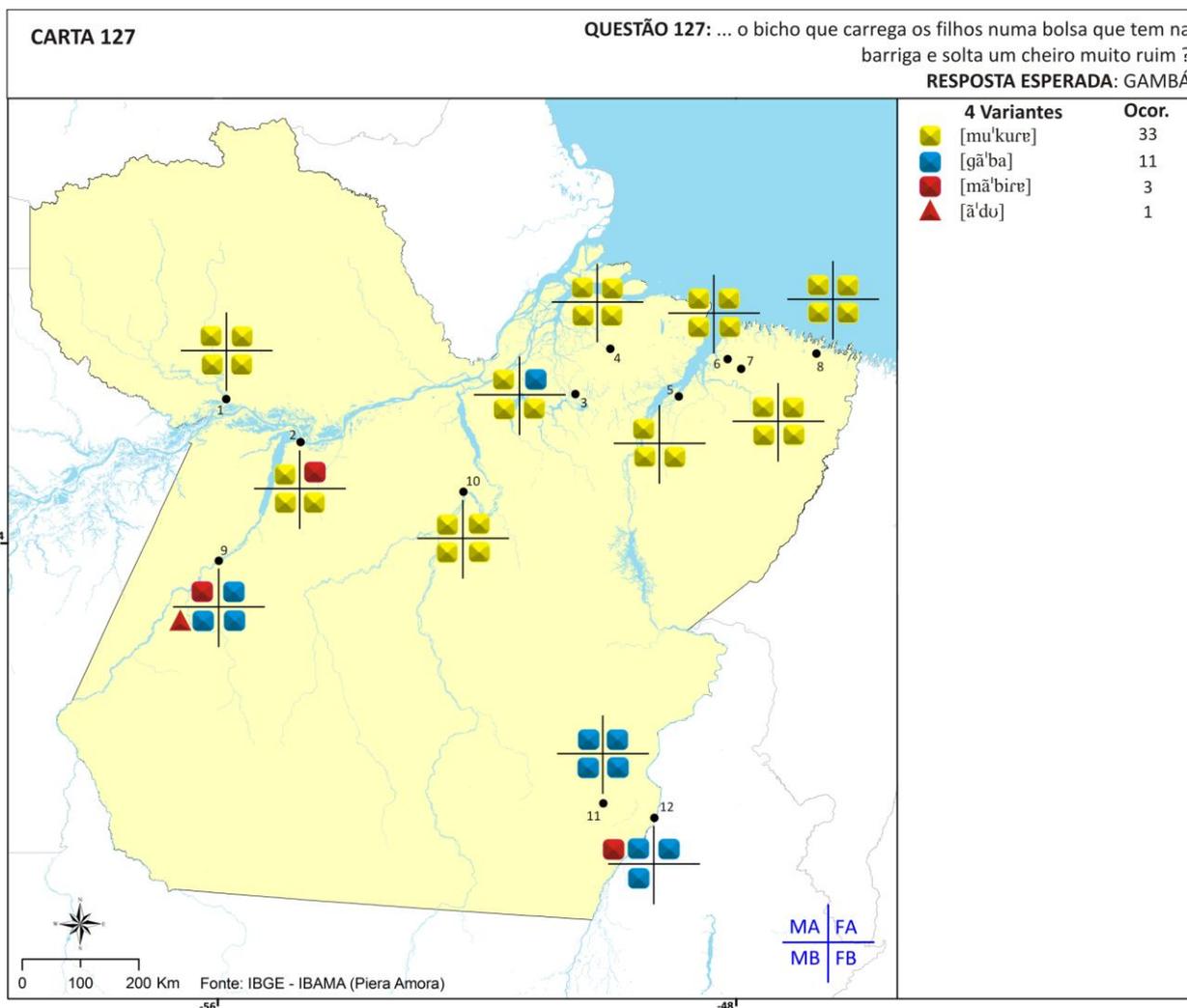
Gráfico 17: Variação Diagenérica e Diageracional de “Bicó”



Para a lexia *cotó* os percentuais contabilizados são os seguintes: 36,84% (7 ocor.) para o sexo masculino, 63,15% (12 ocor.) para o feminino, 57,89% (11 ocor.) para a primeira faixa etária e 42,10% (8 ocor.) para a segunda.

Gráfico 18: Variação Diagenérica e Diageracional de “Cotó”





Q15: Quadro Referente à Carta 127	Houaiss			Aurélio			Priberam						
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu			
							MA	OA	ND	MA	OA	ND	
Lexias Registradas													
mucura	x			x			x				x		
gambá	x			x			x				x		
mambira		x			x			x					x
andu		x			x			x				x	

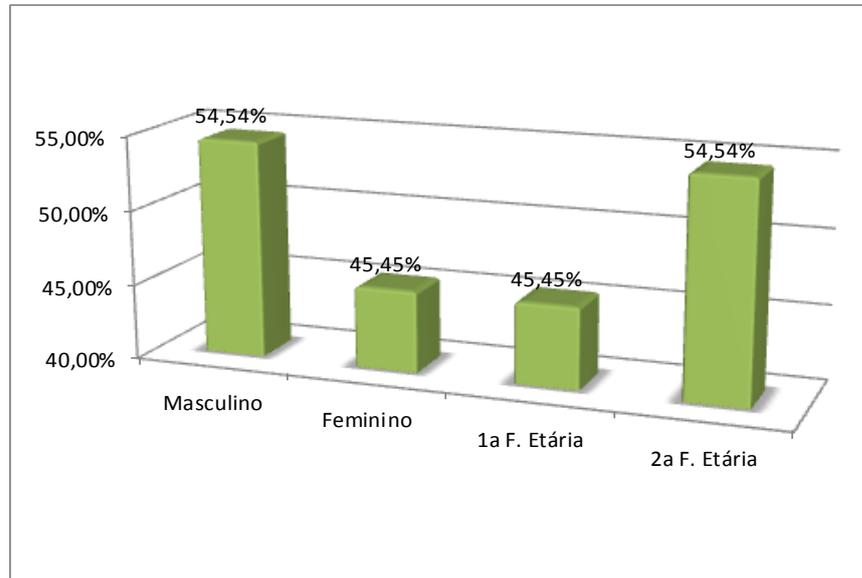
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

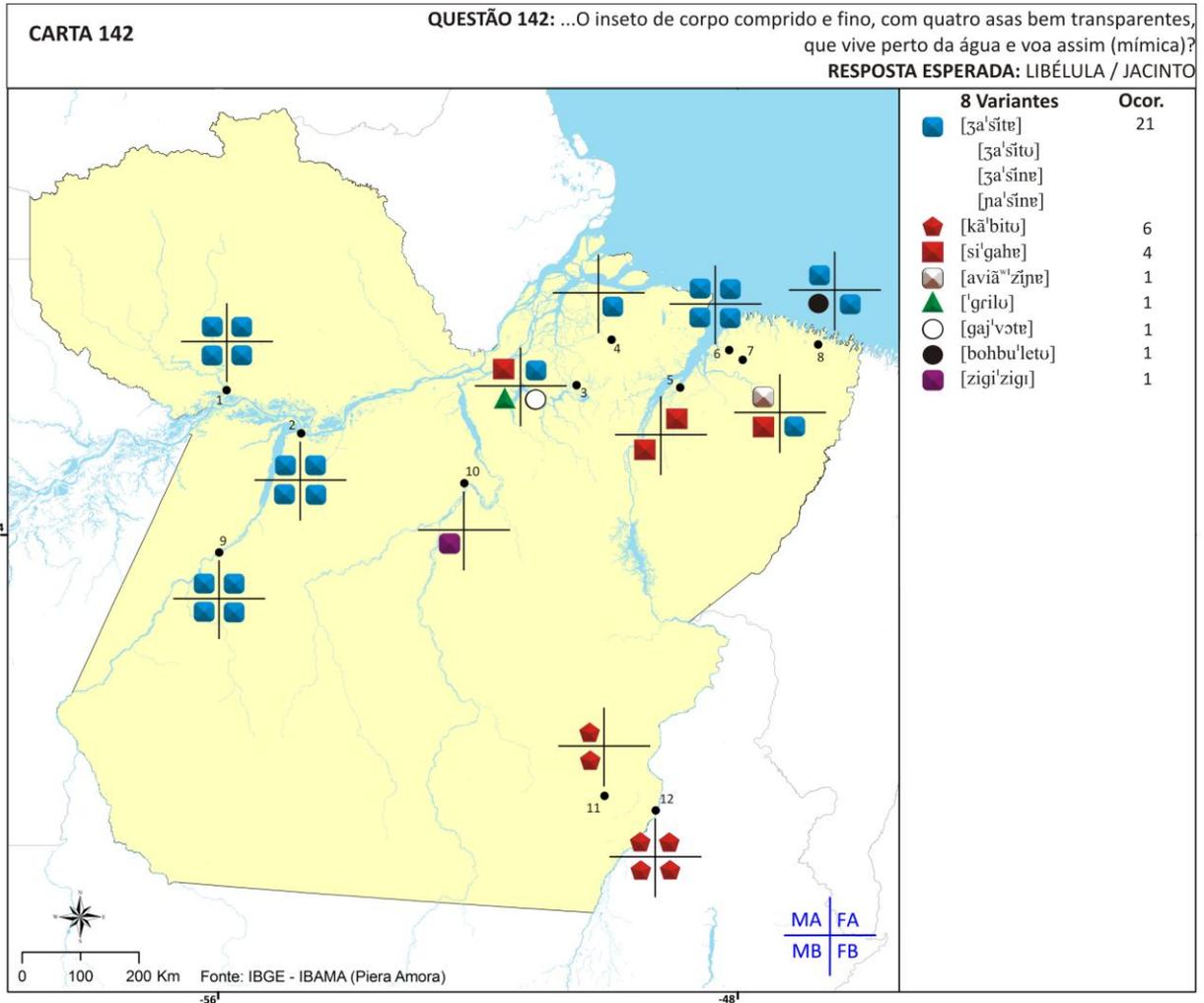
Na carta 127 foram registradas 4 variantes lexicais, a mais recorrente foi *mucura* com 33 ocorrências, seguida de *gambá* com 11. A lexia *mucura* predomina no Norte e Noroeste do Estado e a lexia *gambá* predomina nas Mesorregiões Sudeste e Sudoeste, tendo sido registrada também no ponto 3 (Breves). No ponto 9 (Itaituba) há predominância de *gambá* e no ponto 10 (Altamira) de *mucura*.

Observando a distribuição diagenérica e diatópica a lexia *mucura*, verificou-se que esta apresenta maior frequência na fala dos homens e dos informantes da segunda faixa etária,

com 54,54% (18 ocor.) das ocorrências, já a fala das mulheres e dos informantes da primeira faixa apresentou 45,45% (15 ocor.) das ocorrências.

Gráfico 19: Variação Diagenérica e Diageracional de “Mucura”





Q16: Quadro Referente à Carta 142	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
jacinta	x			x					x			x
cambito	x			x				x			x	
cigarra		x			x			x			x	
aviãozinho	x					x			x			x
grilo		x			x			x			x	
gaivota		x			x			x			x	
borboleta		x			x			x			x	
zigue-zigue	x			x				x			x	

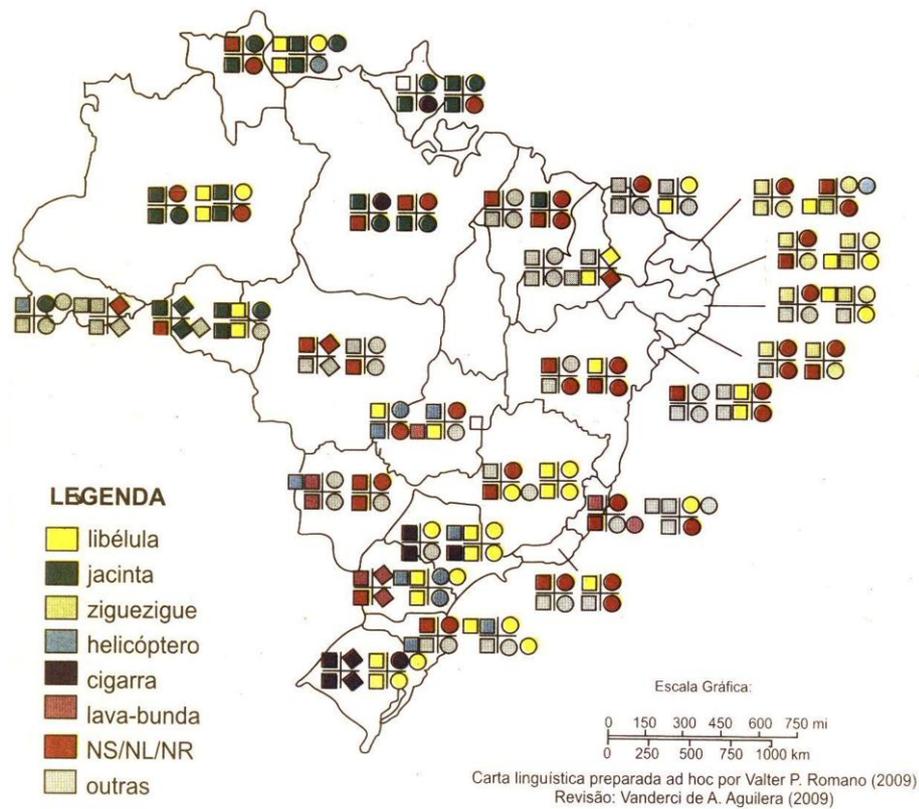
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

Na carta 142 obtivemos 8 variantes lexicais, sendo a lexia *jacinta* a mais recorrente (com 21 ocorrências).

A distribuição diatópica das variantes lexicais para designar *libélula/jacinto* apresenta uma tendência de uso das lexias *jacinta* e *cambito* em duas áreas distintas. A lexia *jacinta* ocorreu nas mesorregiões Baixo Amazonas (pontos 1 – Oriximiná e 2 - Santarém), Sudoeste (pontos 9 - Itaituba e 10 - Altamira), Marajó (pontos 3 - Breves e 4 - Anajás), Metropolitana e Nordeste (pontos 5 - Abaetetuba, 6 – Santo Antonio do Tauá, 7 - Castanhal e 8 - Bragança).

Para a mesorregião Sudeste (pontos 11 – Redenção e 12 – Conceição do Araguaia), por outro lado, a carta projeta uma imagem que indica um predomínio da lexia *cambito*. Ambas as lexias estão dicionarizadas em Ferreira (2009, não paginado) como sinônimos de libélula.

Figura 30: Variantes Para “Libélula” - ALiB

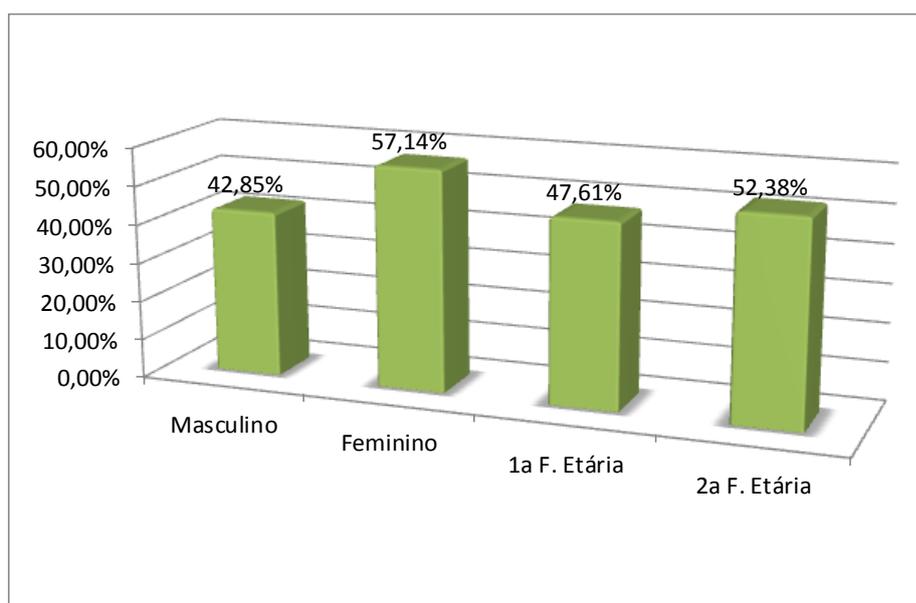


Fonte: Aguilera (2010a)

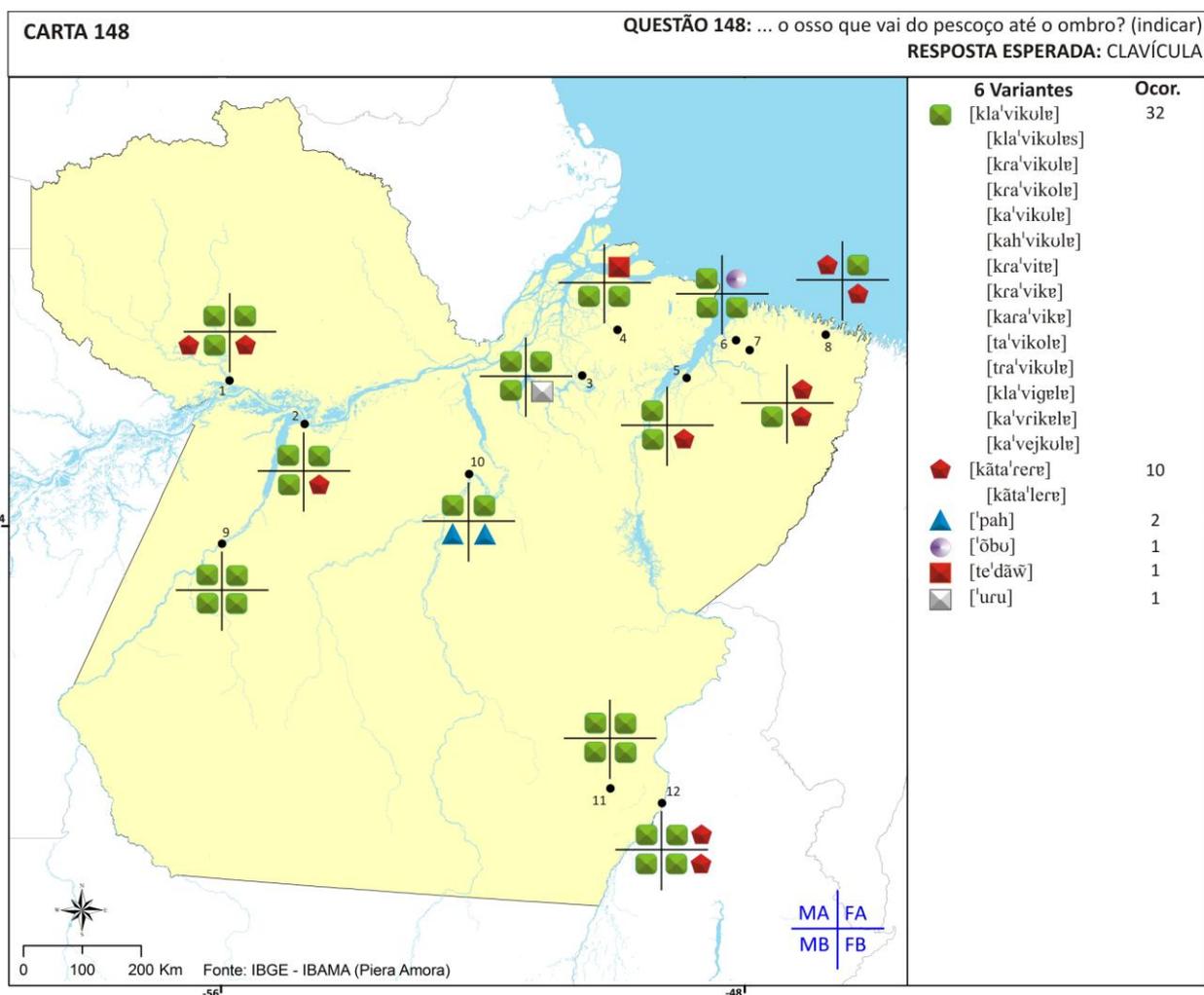
Os dados lexicais do ALiB, mapeados por Aguilera (2010a), confirmam a predominância de *jacinta* no Estado do Pará apresentada pelos dados do ALIPA. Os dados do ALiB mostram também a não ocorrência de *libélula* na capital do Estado, e essa não ocorrência estende-se também por estados circunvizinhos como Maranhão, Mato Grosso e Amapá, essa tendência também foi percebida no mapeamento realizado com os dados do ALIPA, que não apresentou ocorrência dessa lexia na fala dos 48 informantes mapeados nesta pesquisa.

Observando-se a distribuição diagenérica da lexia *jacinta*, verificou-se que a frequência maior está no sexo feminino: 57,14% (12 ocor.), sendo 42,85% (9 ocor.) no sexo masculino. Já a distribuição diageracional da referida lexia apresentou frequência de 47,61% (10 ocor.) para a primeira faixa etária, enquanto que para a segunda a frequência foi de 52,38% (11 ocor.).

Gráfico 20: Variação Diagenérica e Diageracional de “Jacinta”



4.7 CORPO HUMANO: PARTES DO CORPO, FUNÇÕES, DOENÇAS, ETC.



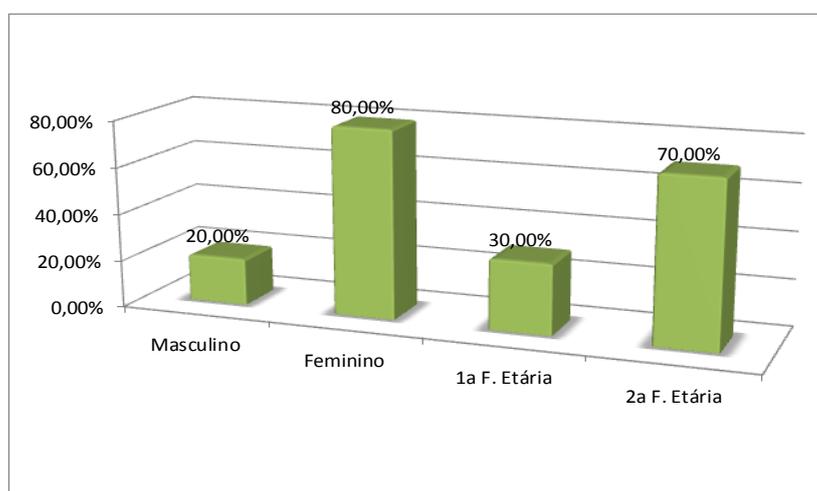
Q17: Quadro Referente à Carta 148	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
clavícula	x			x			x			x		
cantareira	x			x			x				x	
par		x			x			x			x	
ombro		x			x			x			x	
tendão		x			x			x			x	
uru		x			x			x			x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 148 apresenta um total de 32 variantes lexicais, sendo a lexia *clavícula* a mais recorrente (32 ocor.) seguida por *cantareira* (10 ocorrências). A lexia *cantareira* está dicionarizada por Ferreira (2009, sem paginação) como “Bras. Pop., sinônimo de clavícula”. Observando-se o quadro de dicionarização das lexias cartografadas, verificou-se que das 6 variantes lexicais, cartografadas para essa questão, apenas 2 estão dicionarizadas: *cantareira* e *clavícula*.

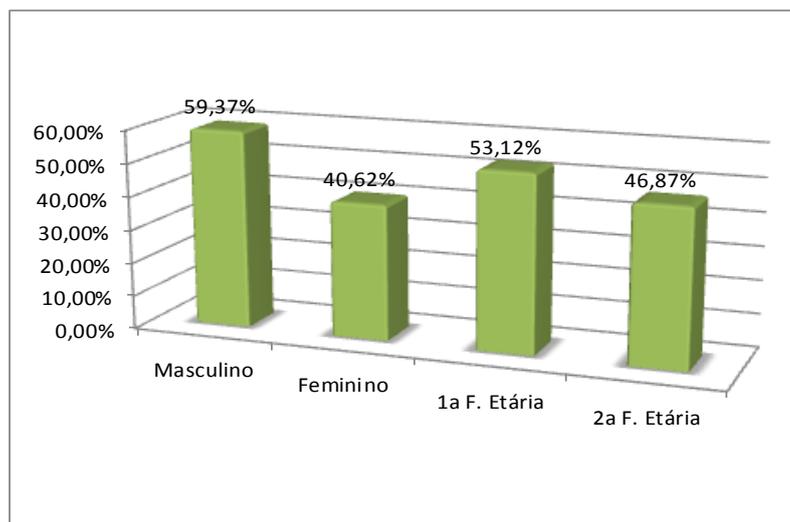
Controlando-se a distribuição diagenérica da lexia *cantareira*, os dados apontam para uma predominância dessa para o sexo feminino: 80% (8 ocor.), em detrimento do masculino que apresentou percentual de 20% (2 ocor.). Observando a dimensão diageracional, nota-se que a lexia *cantareira* apresenta 70% (7 ocor.) de ocorrências para a segunda faixa etária, e 30% (3 ocor.) para a primeira faixa etária, o que poderia indicar que a lexia está caindo em desuso.

Gráfico 21: Variação Diagenérica e Diageracional de “Cantareira”

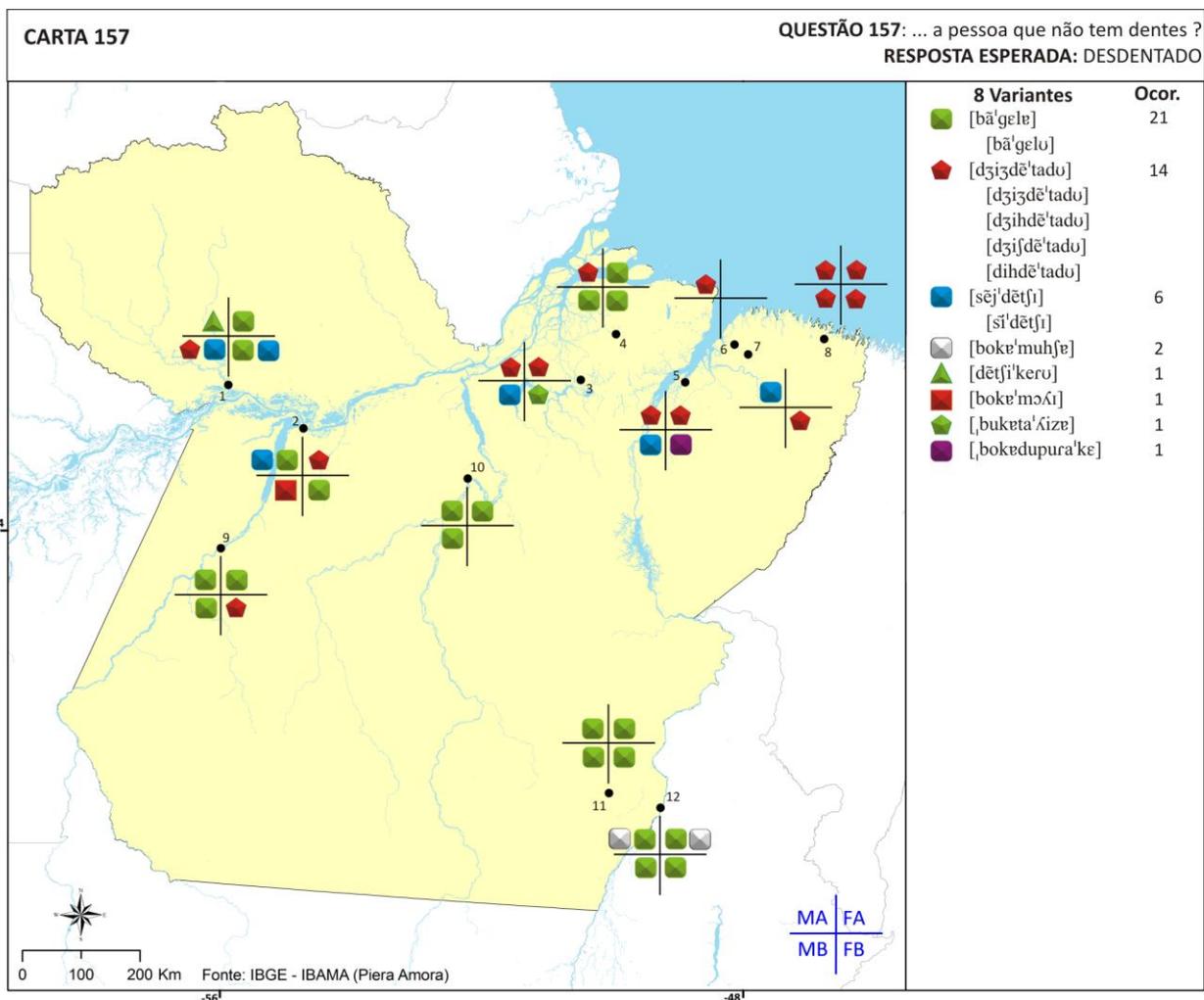


A distribuição diageracional da lexia mais recorrente (*clavícula*) apresentou maior frequência na fala dos informantes da primeira faixa etária, com 53,12% (17 ocor.) e menor frequência na segunda faixa etária, com 46,87% (15 ocor.). Já a distribuição diagenérica da referida lexia apresentou percentuais de 59,37% (19 ocor.) para o sexo masculino e 40,62% (13 ocor.) para o feminino.

Gráfico 22: Variação Diagenérica e Diageracional de “Clavícula”



Portanto, a lexia *cantareira* está mais presente na fala das mulheres da segunda faixa etária, e *clavícula* na fala dos homens da primeira faixa etária.



Q18: Quadro Referente à Carta 157	Houaiss			Aurélio			Priberam						
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu			
							MA	OA	ND	MA	OA	ND	
Lexias Registradas													
banguela	x			x			x					x	
desdentado	x			x			x				x		
sem dente			x			x				x			x
boca-murcha			x			x				x			x
dente queiro			x		x					x			x
boca-mole		x			x					x			x
boca lisa		x			x					x			x
boca do puraquê			x			x				x			x

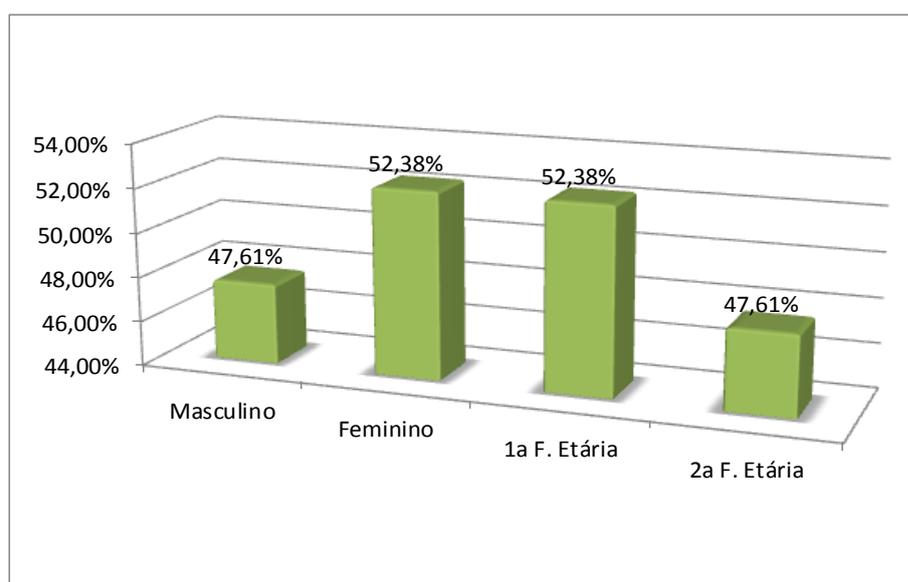
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

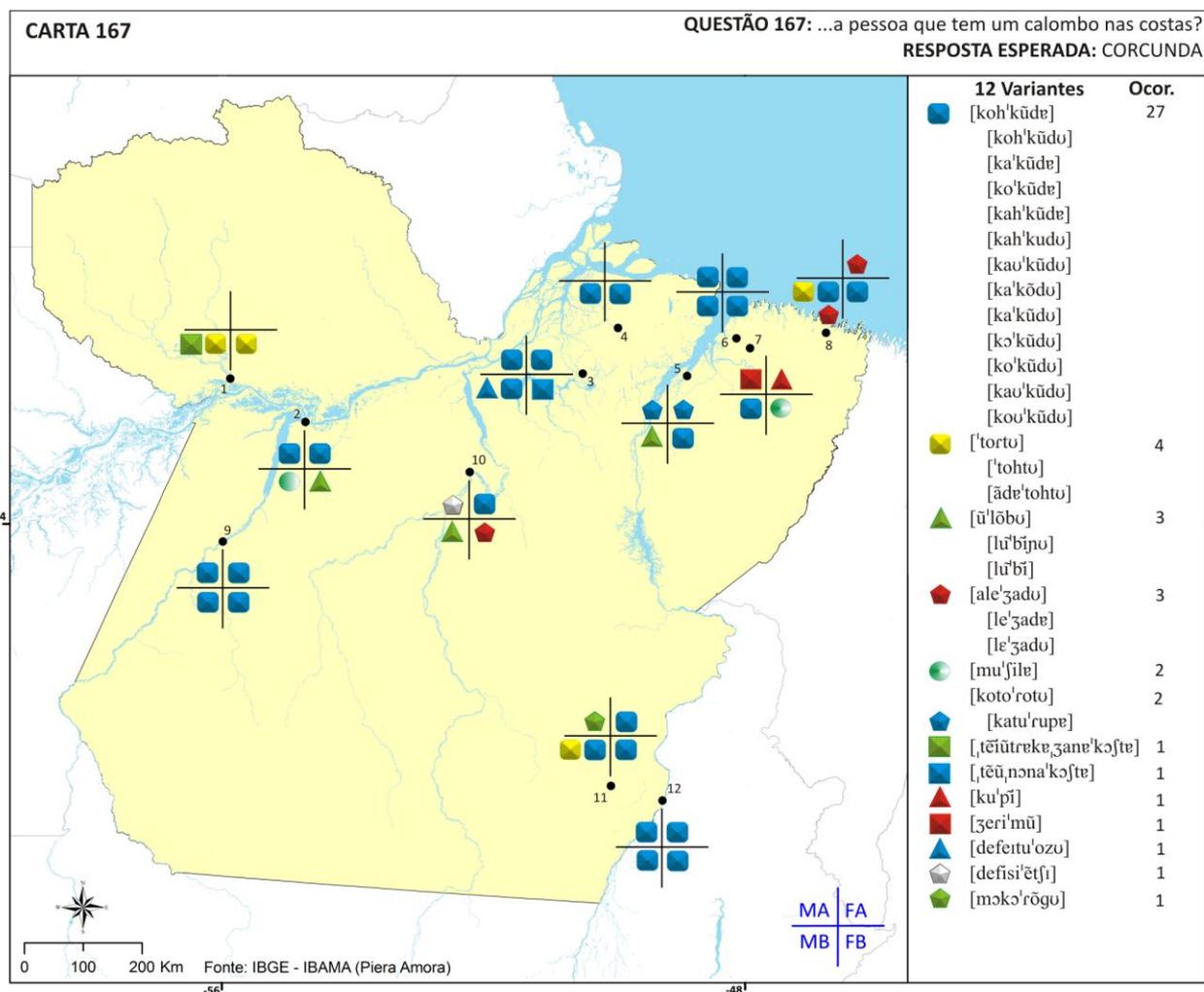
Na carta 157 foram registradas 8 variantes lexicais, a lexia *banguela* obteve maior número de ocorrências (21 ocor.) seguida da lexia *desdentado* (14 ocor.). O quadro de dicionarização elaborado para a carta 157 apresentou registro somente dessas duas lexias, que são as mais recorrentes. Verificou-se também, para esta questão, que nenhum dos três

dicionários consultados apresenta registro das lexias complexas como *boca do puraqué* ou *boca está lisa*.

Controlando-se a variação diagenérica e diageracional da lexia *banguela*, observou-se que a mesma apresentou 47,61% (10 ocor.) para o sexo masculino e para a segunda faixa etária, 52,38% (11 ocor.) para o feminino e para a primeira faixa etária.

Gráfico 23: Variação Diagenérica e Diageracional de “Banguela”





Q19: Quadro Referente à Carta 167	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
corcunda	x			x			x			x		
torto		x			x			x			x	
lombo			x			x			x			x
aleijado	x			x			x			x		
mochila	x			x			x			x		
cotoroto			x			x			x			x
tem um tracajá nas costa			x			x			x			x
cupim		x			x			x			x	
jerimum		x			x			x			x	
defeituoso	x			x			x			x		
deficiente	x			x			x			x		
mocorongo		x			x				x			x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

Na carta 157 foram registradas 12 variantes lexicais. A lexia *corcunda* obteve 27 ocorrências, apresentando inclusive 13 variantes fonéticas²⁴, e foi a mais recorrente, tendo sido registrada nas seis mesorregiões paraenses, excetuando-se apenas o ponto 1 (Oriximiná).

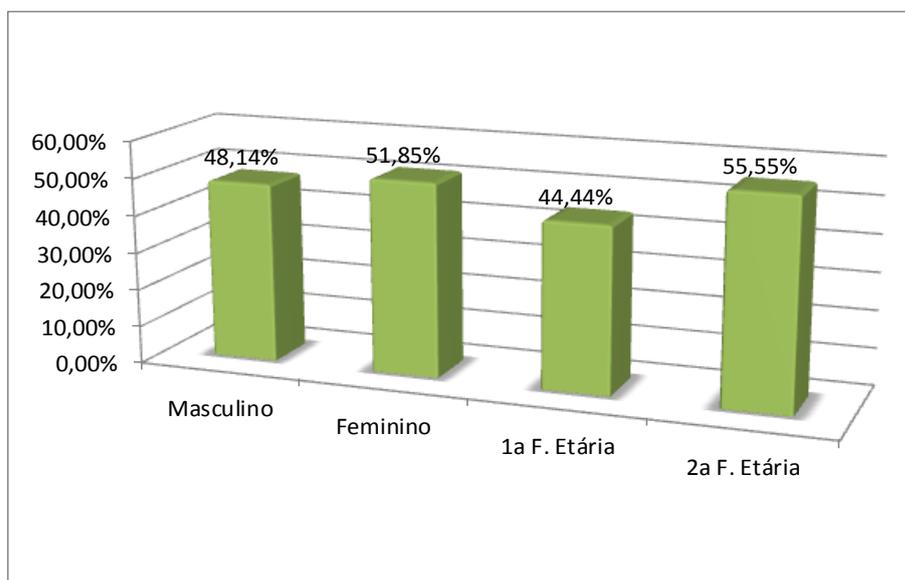
²⁴ Este estudo não discute dados fonéticos, contudo possibilita estudos futuros nessa perspectiva uma vez que também registra as transcrições fonéticas da fala dos informantes.

O quadro de dicionarização das lexias para a carta 157 mostra que das doze lexias cartografadas, apenas duas não estão dicionarizadas em nenhuma das três obras consultadas, 5 estão registradas na mesma acepção, e 5 em outras acepções.

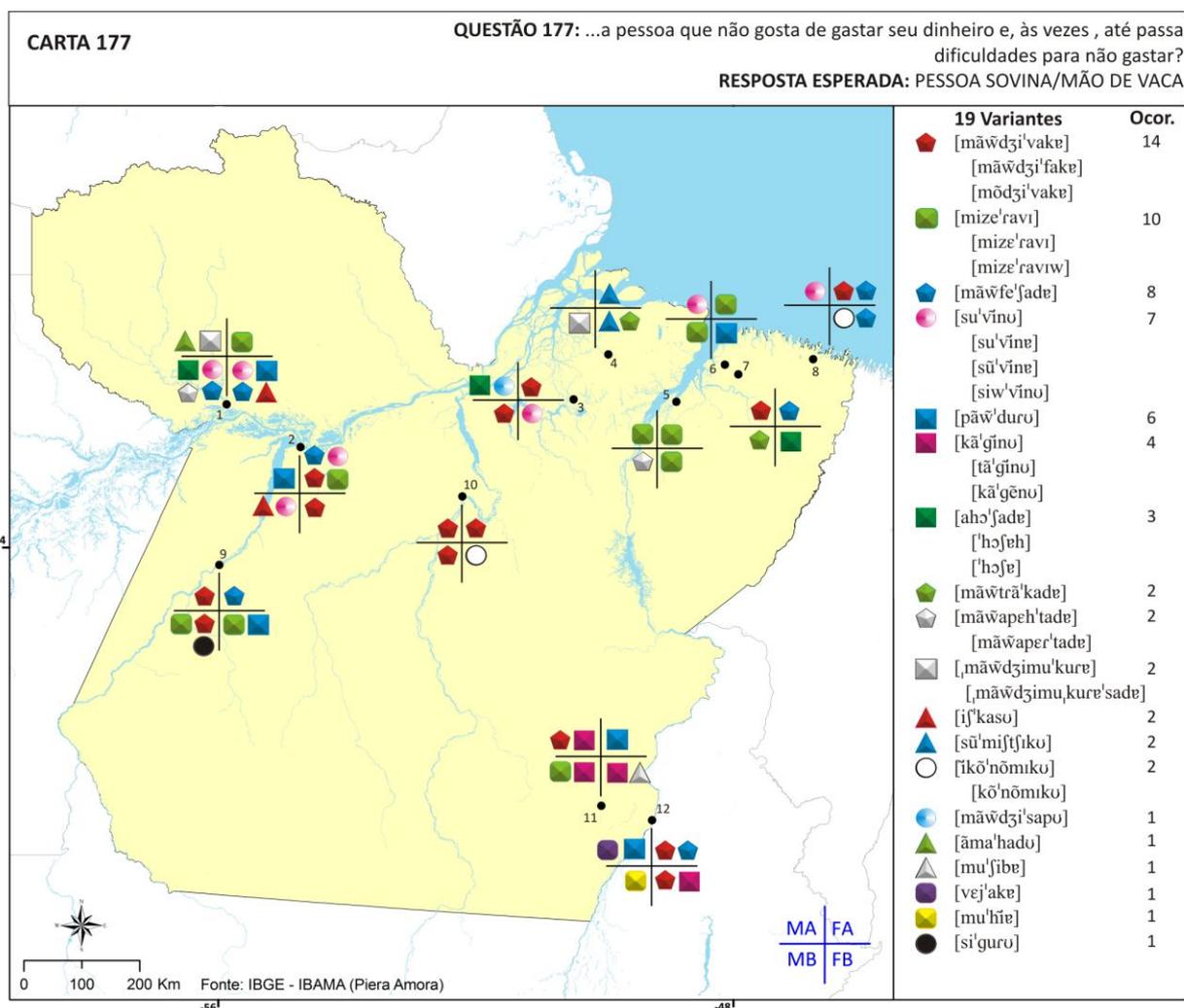
Verificou-se que algumas lexias são constituídas a partir de processos analógicos. É o caso das lexias: *lumbinhu* (pontos de inquéritos 2 - Santarém, 10 - Altamira, 5 - Abaetetuba e 8 - Bragança), que é uma variante morfológica de *lombo*, que Ferreira (2008, p. 522) designa como “parte carnosa aos lados da espinha dorsal dos animais”; a lexia *cupim* (FA do ponto 7 - Castanhal) é registrada por Ferreira (2009, não paginado) como “toutiço dos touros da raça zebu”; a lexia *jerimum*, registrada no ponto 7 (Castanhal), é dicionarizada por Ferreira (2009, não paginado) em outra acepção, como sinônimo de abóbora. O que há de transversal na constituição das quatro lexias é o fato de que ambas são analogias, uma a um objeto (*muchila*), outras a partes do corpo de animais (*lumbinhu* e *cupim*) e outra a um vegetal (*jerimum*), os quatro elementos recordam o formato convexo como a deficiência física em questão.

Controlando-se a distribuição diagenérica da lexia mais recorrente (*corcunda*), os percentuais são os seguintes: 48,14% (13 ocor.) para os homens e 51,85% (14 ocor.) para as mulheres. Já a distribuição diageracional apresentou 44,44% (12 ocor.) para a primeira faixa etária, e 55,55% (15 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 24: Variação Diagenérica e Diageracional de “Corcunda”



4.8 CULTURA E CONVÍVIO



Q20: Quadro Referente à Carta 177	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
mão-de-vaca	x			x					x			x
miserável	x			x				x			x	
mão-fechada	x				x		x					x
sovina	x			x			x			x		
pão-duro	x			x			x					x
canguinhas	x			x			x			x		
arrochada		x			x			x			x	
mão-trancada			x			x			x			x
mão-apertada			x			x			x			x
mão de mucura			x			x			x			x
escasso	x			x					x			x
somítico	x			x			x			x		
econômico		x			x			x			x	
mão-de-sapo			x			x			x			x
amarrado		x			x			x			x	
muchiba			x			x			x			x
veíaca			x			x			x			x
morrinha	x			x				x			x	
seguro	x			x				x			x	

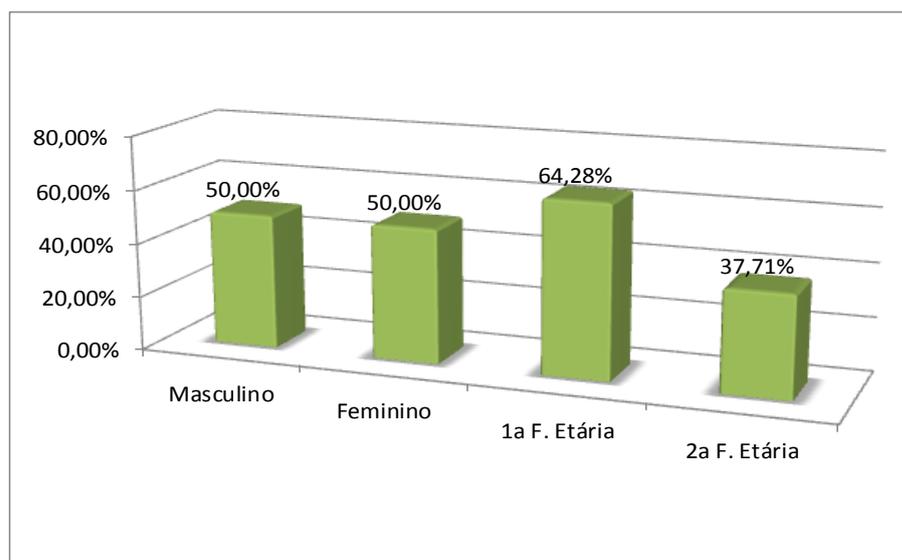
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 177 apresentou um total de 19 variantes lexicais, a variante mais recorrente é *mão de vaca* que apresentou 14 ocorrências, seguida por *miserável* com 10 ocorrências. As lexias *canguinho*, *sovina*, *escasso* e *pão duro* estão dicionarizadas por Ferreira (2009, não paginado), como sinônimos de avaro.

A carta apresenta também lexias não dicionarizadas para essa acepção como: *amarrado* e *muchiba*, e a lexia *mão de mucura [assada]²⁵*, essa última foi registrada nos pontos 1 (Oriximiná) e 4 (Anajás). Para compreender o processo de constituição dessa lexia se faz necessário conhecer alguns aspectos da cultura, costumes da comunidade cujo falar foi pesquisado. A analogia ocorre entre a forma fechada das patas do animal quando assado e a ideia de que alguém sovina também é denominado como *mão fechada* (lexia registrada nos pontos 1 - Oriximiná, 2 - Santarém, 7 - Castanhal, 8 - Bragança, 9 - Itaituba e 12 – Conceição do Araguaia). Foram registradas também outras formas lexicais similares a essa, como: *mão trancada*, *mão apertada* e *mão de sapo*.

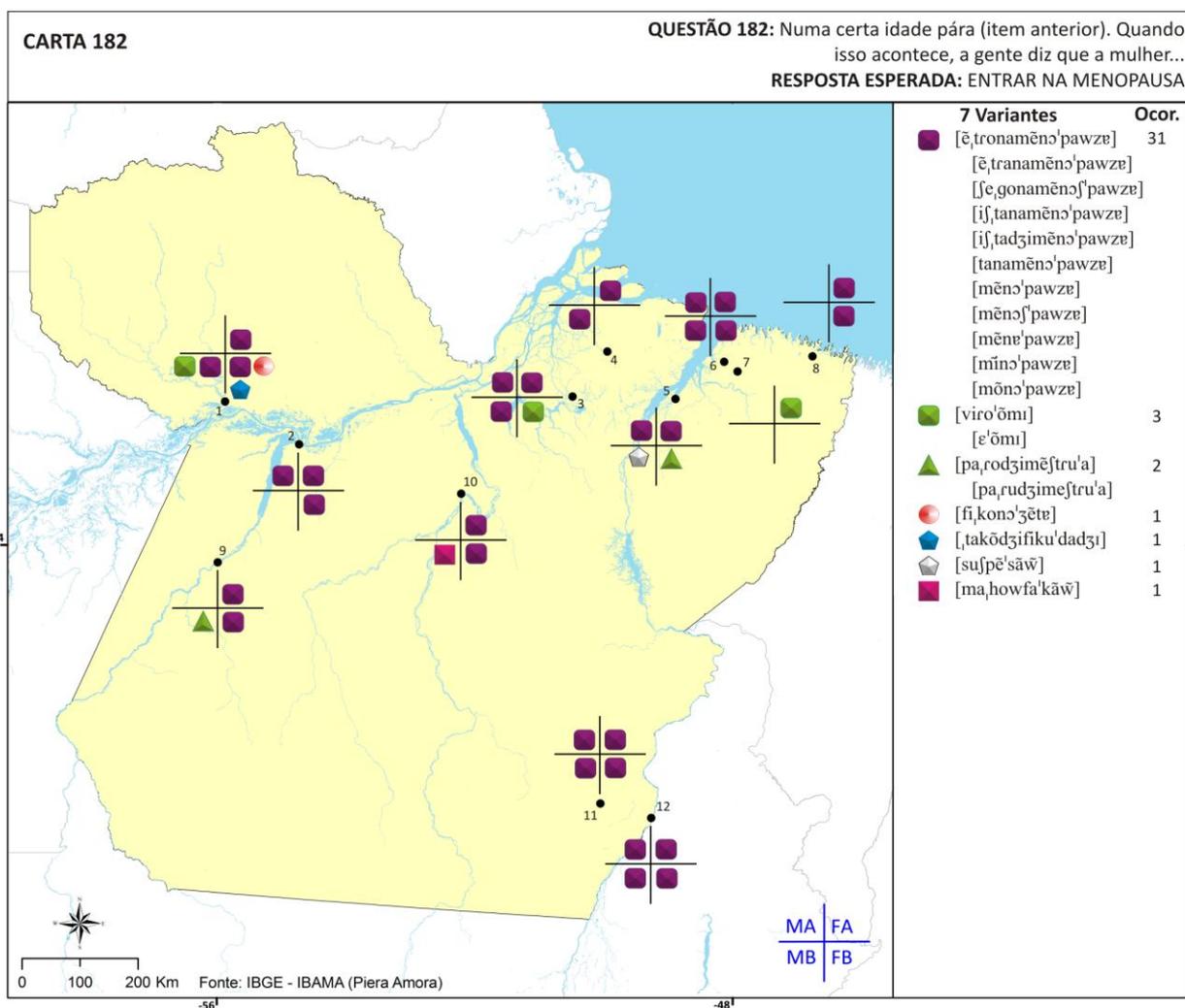
Observando a distribuição diagenérica e diageracional da lexia mais recorrente (*mão de vaca*), os percentuais são os seguintes: 50% (7 ocor.) para cada sexo, 64,28% (9 ocor.) para a primeira faixa etária e 37,71% (5 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 25: Variação Diagenérica e Diageracional de “Mão De Vaca”



²⁵ A *mucura*, como é chamado um tipo de *gambá* da região amazônica, é comumente encontrada morta nas queimadas de roça. Na agonia da morte, esse animal cerra as *mãos*, sendo encontrados assados com as mãos bem fechadas.

4.9 CICLOS DA VIDA



Q21: Quadro Referente à Carta 182	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
menopausa	x			x			x			x		
virou homem			x			x			x			x
paro de menstruar			x			x			x			x
ficou nojenta			x			x			x			x
tá com dificuldade			x			x			x			x
suspensão		x			x			x			x	
amarrou o facão			x			x			x			x

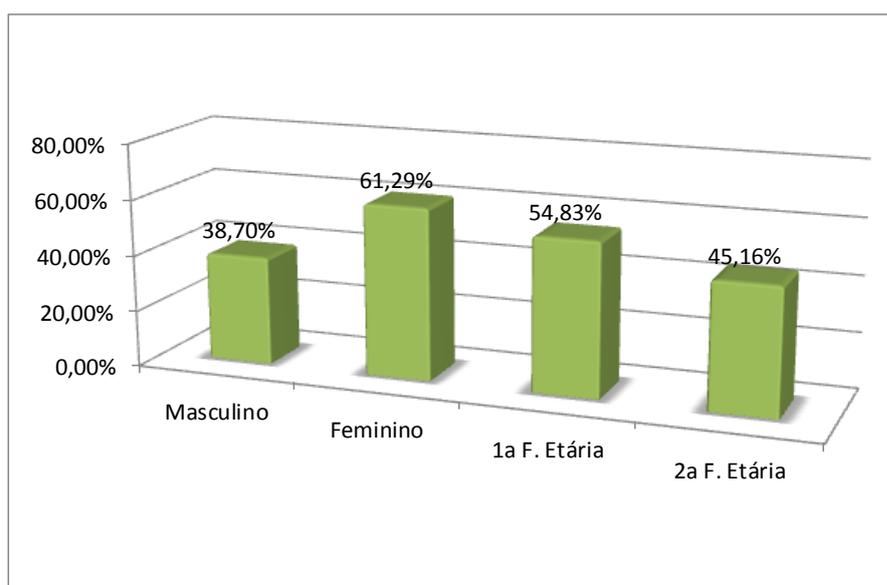
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

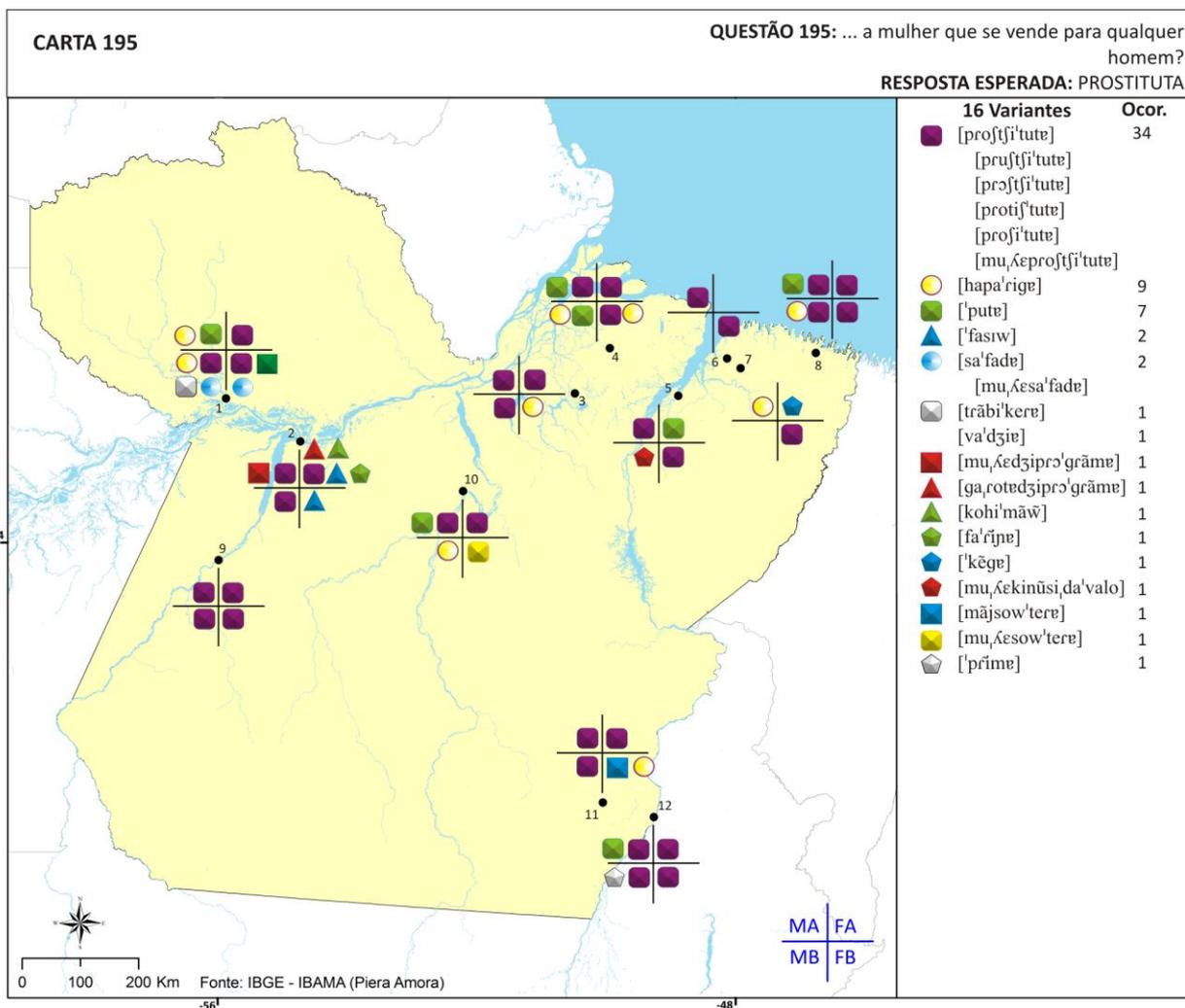
A carta 182 apresentou um total de 7 variantes lexicais, a lexia mais recorrente foi *entrou na menopausa* (31 ocor.), tendo sido registrada em todos os pontos de inquérito exceto o ponto 7 (Castanhal). Nota-se que as lexias *virou homem/é homem* (pontos 3 – Breves e 7 - Castanhal) e *amarrou o facão* (ponto 10 - Altamira) são constituídas por processos analógicos, no primeiro caso a comparação é feita em relação aos homens que não apresentam ciclo menstrual e no segundo caso, a analogia é constituída comparando a mulher que não

menstrua mais com a pessoa que não trabalha mais, que “amarrou o facão”, instrumento de trabalho.

Observando a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *entrou na menopausa* verificou-se que os percentuais apresentados são os seguintes: 38,70% (12 ocor.) para o sexo masculino e 61,29% (19 ocor.) para o feminino, 54,83% (17 ocor.) para a primeira faixa etária e 45,16% (14 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 26: Variação Diagenérica e Diageracional DE “Entrou Na Menopausa”





Q22: Quadro Referente à Carta 195	Houaiss			Aurégio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
prostituta	x			x			x			x		
rapariga	x			x			x				x	
puta	x			x			x			x		
fácil		x			x			x			x	
safada		x			x			x			x	
trambiqueira		x			x			x			x	
vadia	x				x			x			x	
mulher de programa			x			x			x			x
garota de programa			x			x			x			x
corre-mão		x			x			x			x	
farinha		x			x			x			x	
quenga	x			x			x				x	
mulher que não se dá valor			x			x			x			x
mãe solteira			x			x			x			x
prima		x			x			x			x	

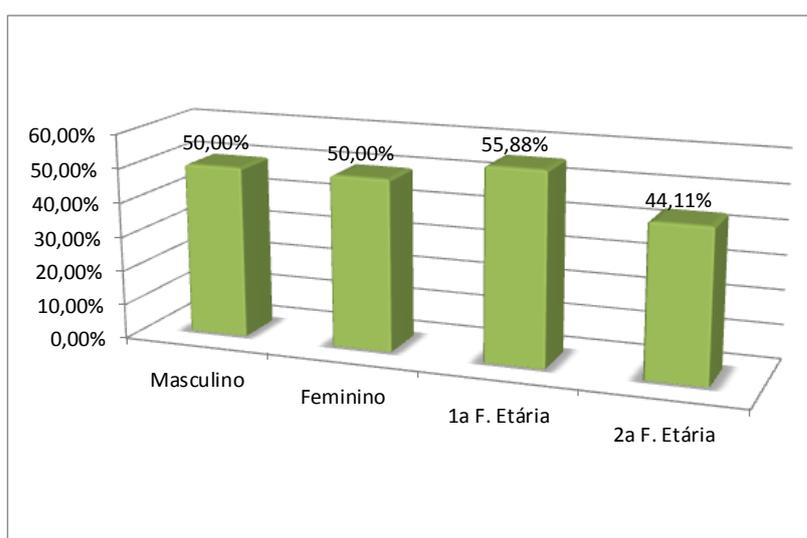
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 195 é uma das mais produtivas desta pesquisa, tendo registrado ao todo 16 variantes lexicais. A lexia mais recorrente é *prostituta* com 34 ocorrências, tendo sido

registrada em todos os pontos de inquérito. Em segundo lugar obtivemos a lexia *rapariga* (9 ocor.), e em terceiro *puta* (7 ocor.).

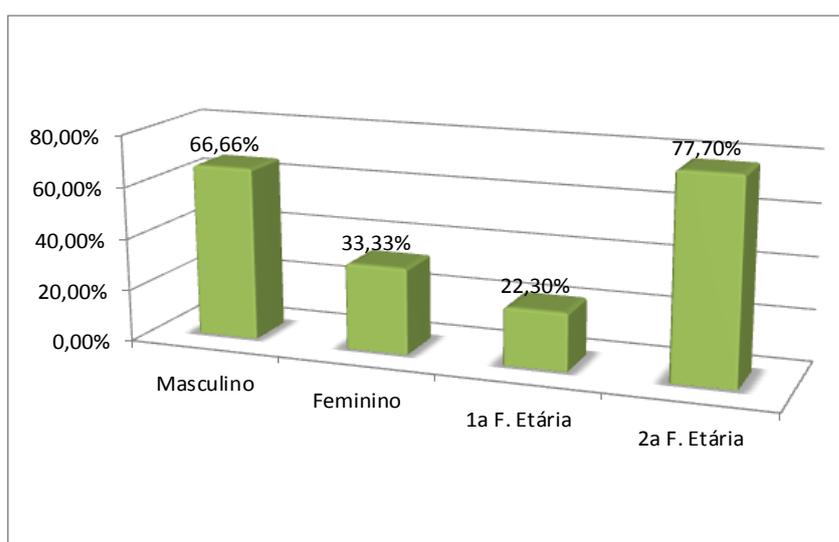
Observando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia mais recorrente (*prostituta*), verificou-se que os percentuais são os seguintes: 50% (17 ocor.) para ambos os sexos, 55,88% (19 ocor.) para a primeira faixa etária e 44,11% (15 ocor.) para a segunda.

Gráfico 27: Variação Diagenérica e Diageracional de “Prostituta”

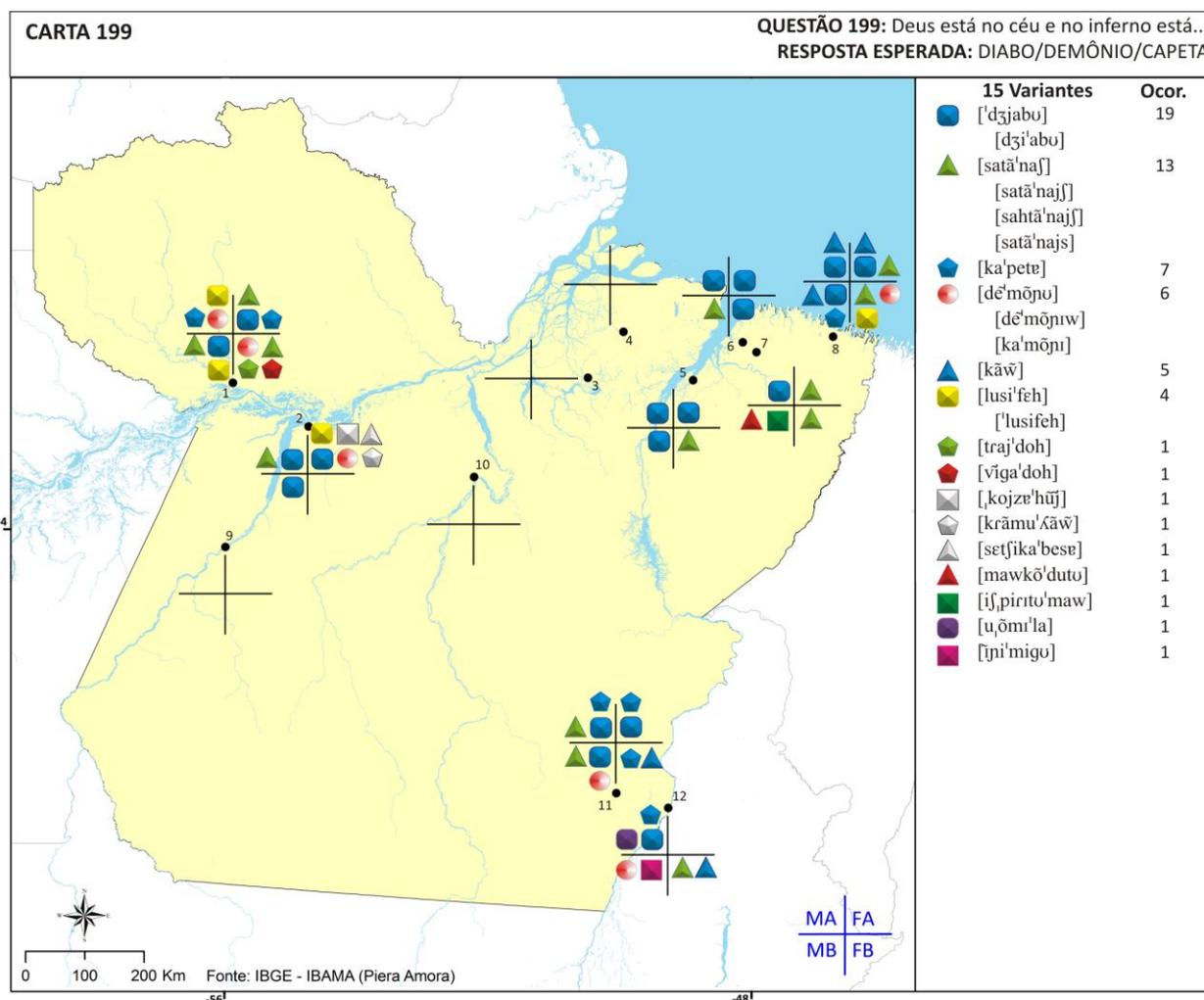


Observando-se a distribuição diageracional da lexia *rapariga*, a carta 195 projeta uma predominância da mesma para a segunda faixa etária, com 77,7% (7 ocor.) das ocorrências, e apenas 22,3% (2 ocor.) para a primeira faixa etária. A distribuição diagenérica da referida lexia apresentou percentuais de 66,66% (6 ocor.) para o sexo masculino e 33,33% (3 ocor.) para o feminino.

Gráfico 28: Variação Diagenérica e Diageracional de “Rapariga”



4.10 RELIGIÃO E CRENÇAS



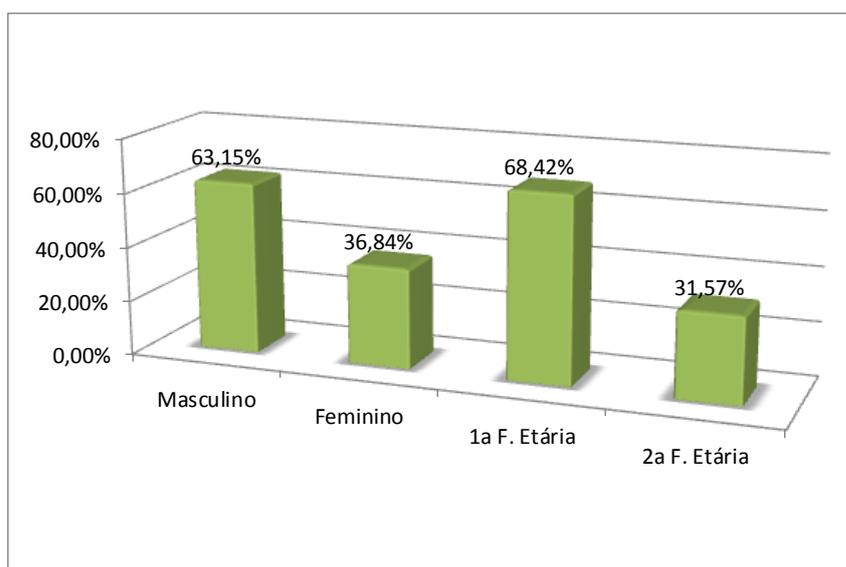
Q23: Quadro Referente à Carta 199	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
diabo	x			x			x			x		
satanás	x			x			x			x		
capeta	x			x			x					x
demônio	x			x			x			x		
cão	x			x				x			x	
lúcifer	x			x			x			x		
traidor		x			x			x			x	
vingador		x			x			x			x	
coisa-ruim	x			x					x			x
cramulhano	x					x			x			x
sete-cabeça			x			x			x			x
mau-condutor			x			x			x			x
espírito-mau			x			x			x			x
o homem lá			x			x			x			x
inimigo	x			x			x			x		

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 199 apresentou um total de 15 variantes lexicais²⁶. A lexia mais recorrente foi diabo (19 ocor.) seguida de sataná (13 ocor.). Notou-se que há para essa questão uma hesitação de alguns informantes em pronunciar as respostas, entende-se que isso pode ter uma motivação extralinguística de cunho religioso. Baseando-se nessa hipótese surgem justificativas para o uso de algumas lexias, como formas alternativas para evitar pronunciar o nome diabo ou sataná, por exemplo: *traidor*, *vingador* (ponto 1 - Oriximiná), *coisa ruim* (ponto 2 - Santarém), *mau condutor*, *espírito mau* (ponto 7 - Castanhal), *u homi lá* e *inimigo* (ponto 12 – Conceição do Araguaia).

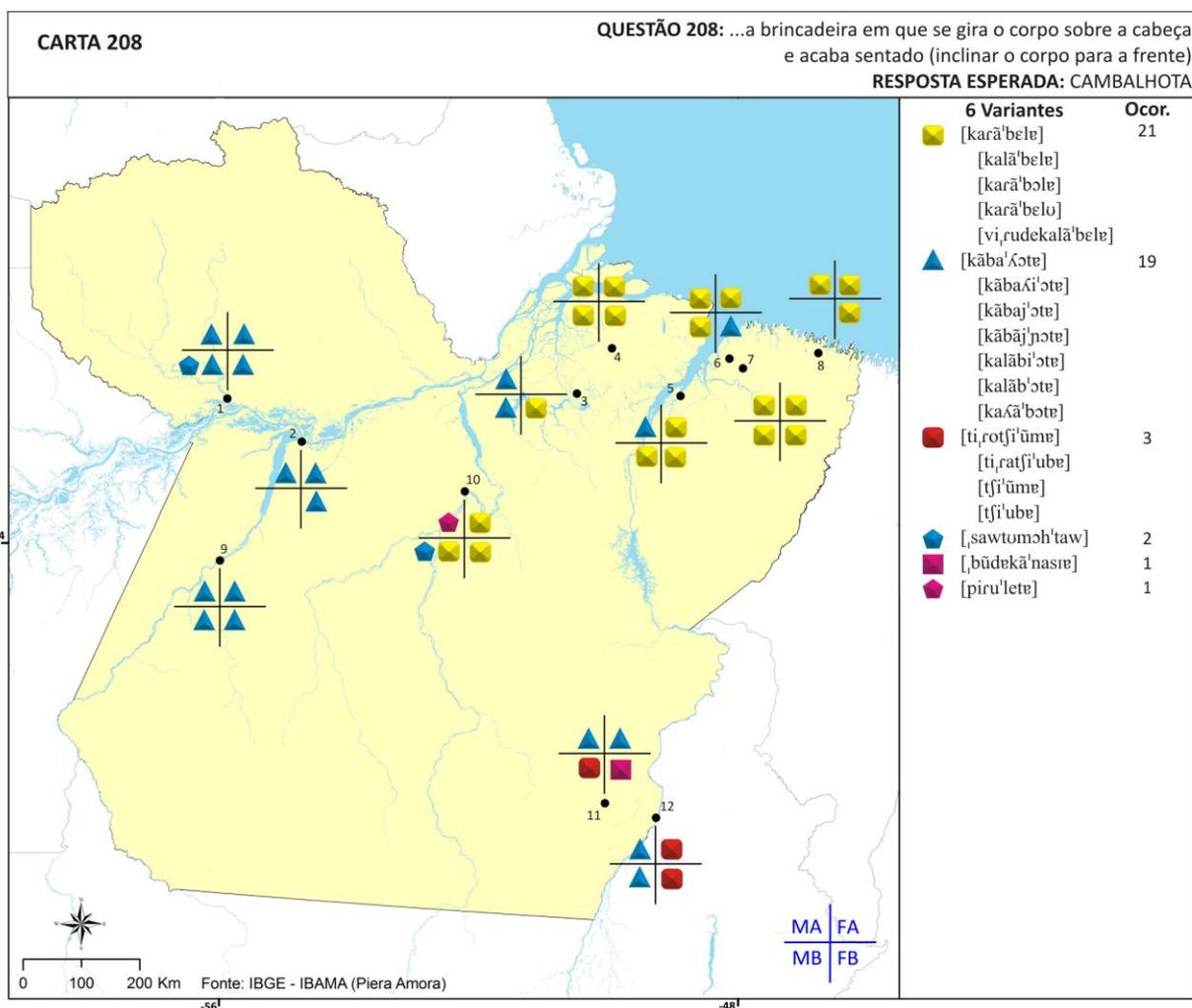
Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *diabo*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 63,15% (12 ocor.) para o sexo masculino, 36,84% (7 ocor.) para o feminino, 68,42% (13 ocor.) para a primeira faixa etária e 31,57% (6 ocor.) para a segunda.

Gráfico 29: Variação Diagenérica e Diageracional de “Diabo”



²⁶ Nos pontos de inquérito 3 (Breves), 4 (Anajás), 9 (Itaituba) e 10 (Altamira) não há registro de lexias em virtude de que a versão do QSL utilizado na coleta de dados nesses pontos era a versão experimental, na qual não havia a questão “Deus está no céu e no inferno está...”.

4.11 FESTAS E DIVERTIMENTOS



Q24: Quadro Referente à Carta 208	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
carambela												
cambalhota	x			x			x			x		
tiúba		x			x							
salto-mortal	x			x								
bunda canansia												
pirueta	x			x			x			x		

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

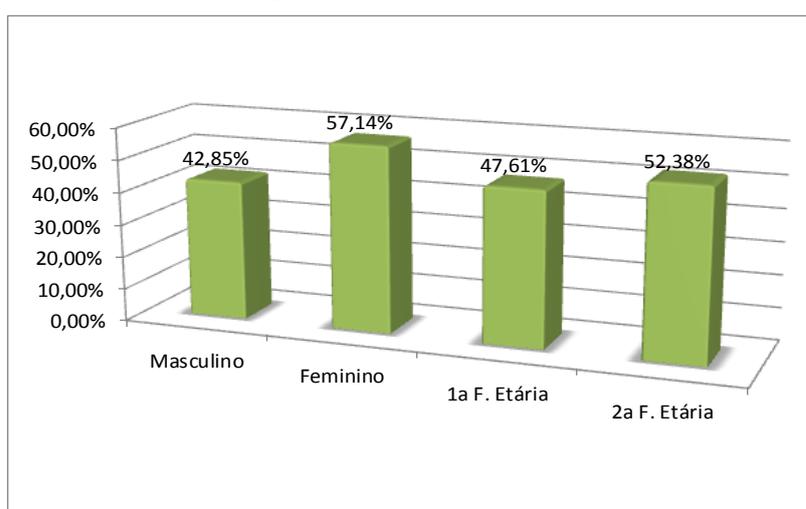
A carta 208 apresentou um total de 6 variantes lexicais, sendo as mais recorrentes *carambela* (21 ocor.) e *cambalhota* (20 ocor.).

Observando a distribuição diatópica das lexias, verifica-se que a carta 208 projeta a imagem de uma expansão da lexia *cambalhota*, que predomina nas mesorregiões Sudeste, Sudoeste e Baixo Amazonas, tendo sido registrada nas demais mesorregiões com menor incidência. Por outro lado a lexia *carambela* predomina nas mesorregiões Nordeste,

Metropolitana e Marajó, além do ponto 19 (Altamira), onde ela também é a mais recorrente. De outro lado, a lexia *tiuba* foi registrada somente no Sudeste do Pará (pontos 11 – Redenção e 12 – Conceição do Araguaia).

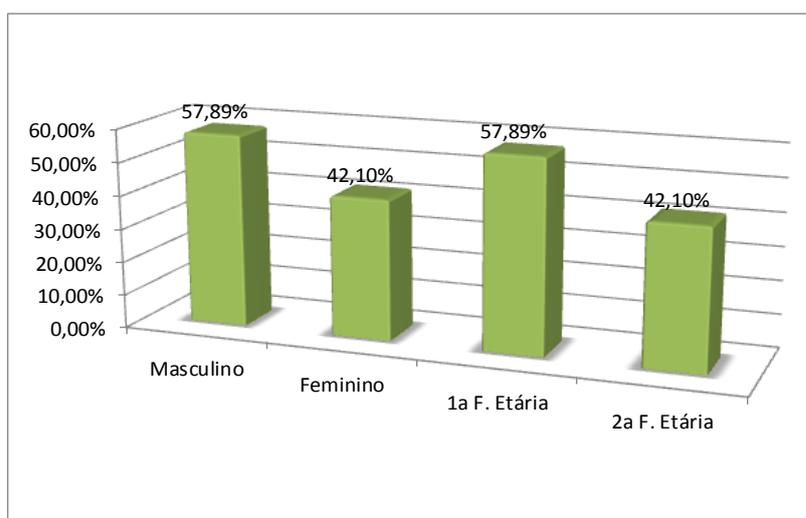
Observando a variação diagenérica e diageracional da lexia *carambela*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 42,85% (9. ocor.) para o sexo masculino, 57,14% (12 ocor.) para o feminino, 47,61% (10 ocor.) para a primeira faixa etária e 52,38% (11 ocor.) para a segunda faixa.

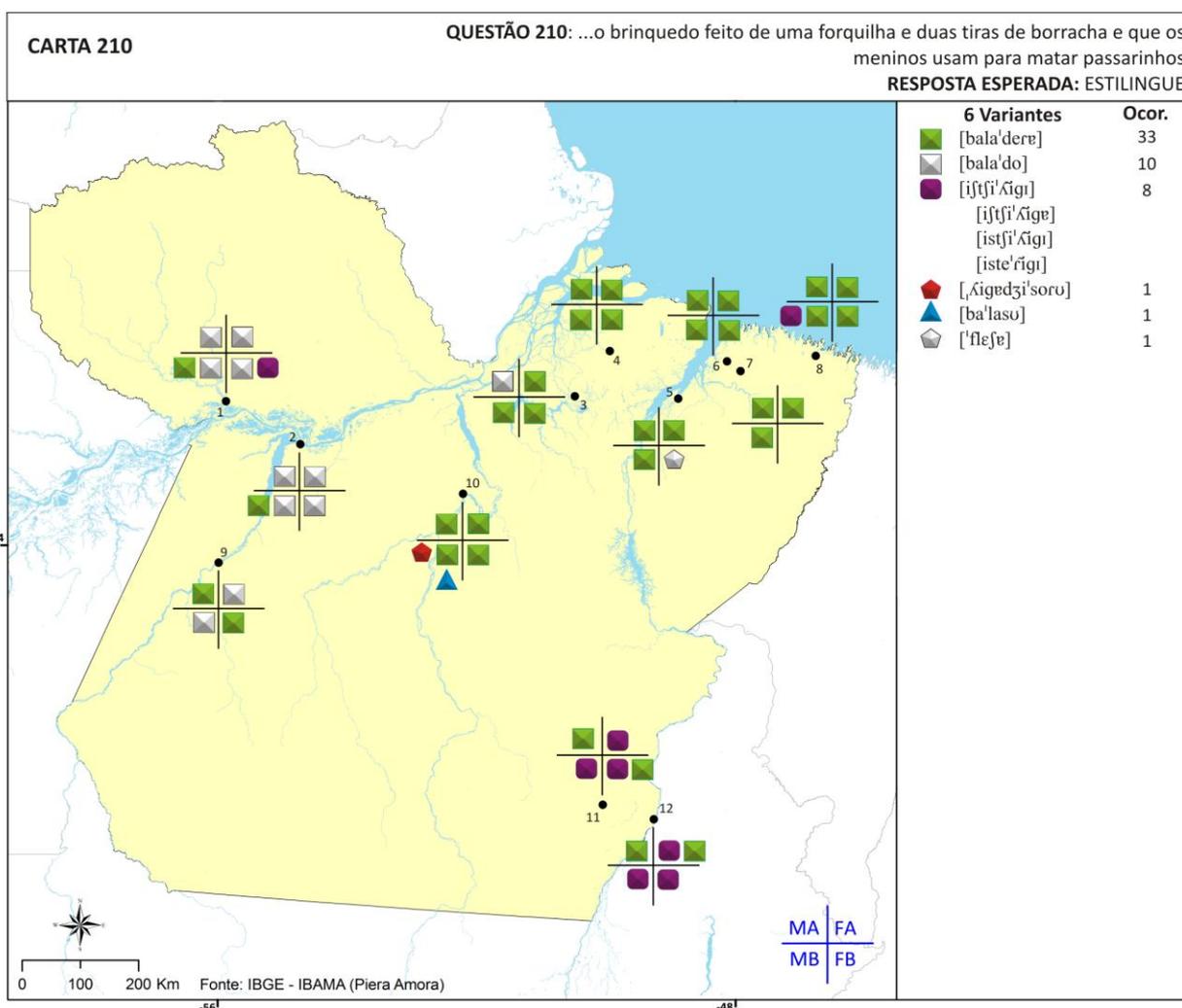
Gráfico 30: Variação Diagenérica e Diageracional de “Carambela”



Observando a variação diagenérica e diageracional da lexia *cambalhota*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 57,89% (11. ocor.) para o sexo masculino e para os informantes da primeira faixa etária, 42,10% (8 ocor.) para o feminino e para os informantes da segunda faixa etária.

Gráfico 31: Variação Diagenérica e Diageracional de “Cambalhota”





Q25: Quadro Referente à Carta 210	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
baladeira	x			x			x				x	
balado		x			x			x			x	
estilingue	x			x			x					x
liga de soru			x			x				x		x
balaço		x			x			x			x	
flecha		x			x			x			x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

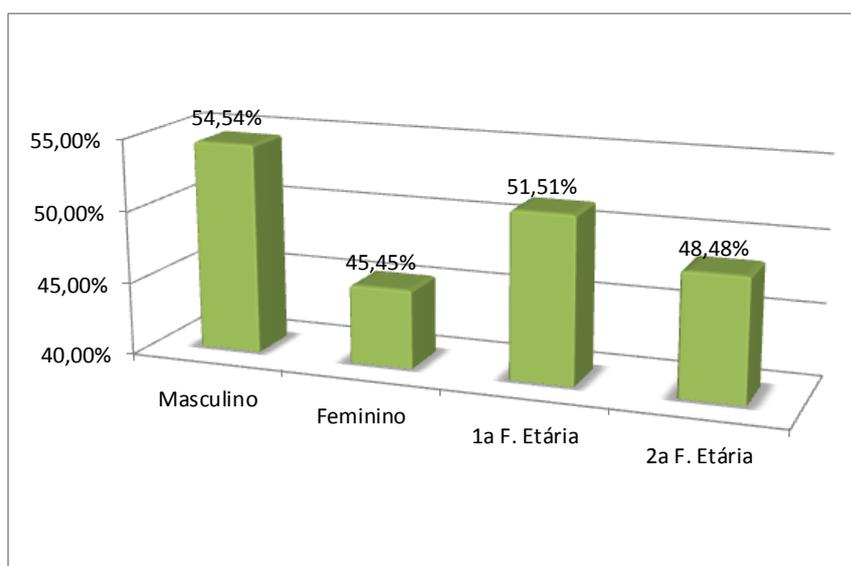
Na carta 210 foram registradas 6 variantes lexicais, a lexia *baladeira* foi a mais recorrente com 33 ocorrências, seguida de *balado* com 10 ocorrências. Observando-se o quadro de dicionarização das lexias cartografadas para essa questão, verificou-se que apenas as duas lexias supracitadas não são dicionarizadas para essa acepção no dicionário Priberam para o português europeu.

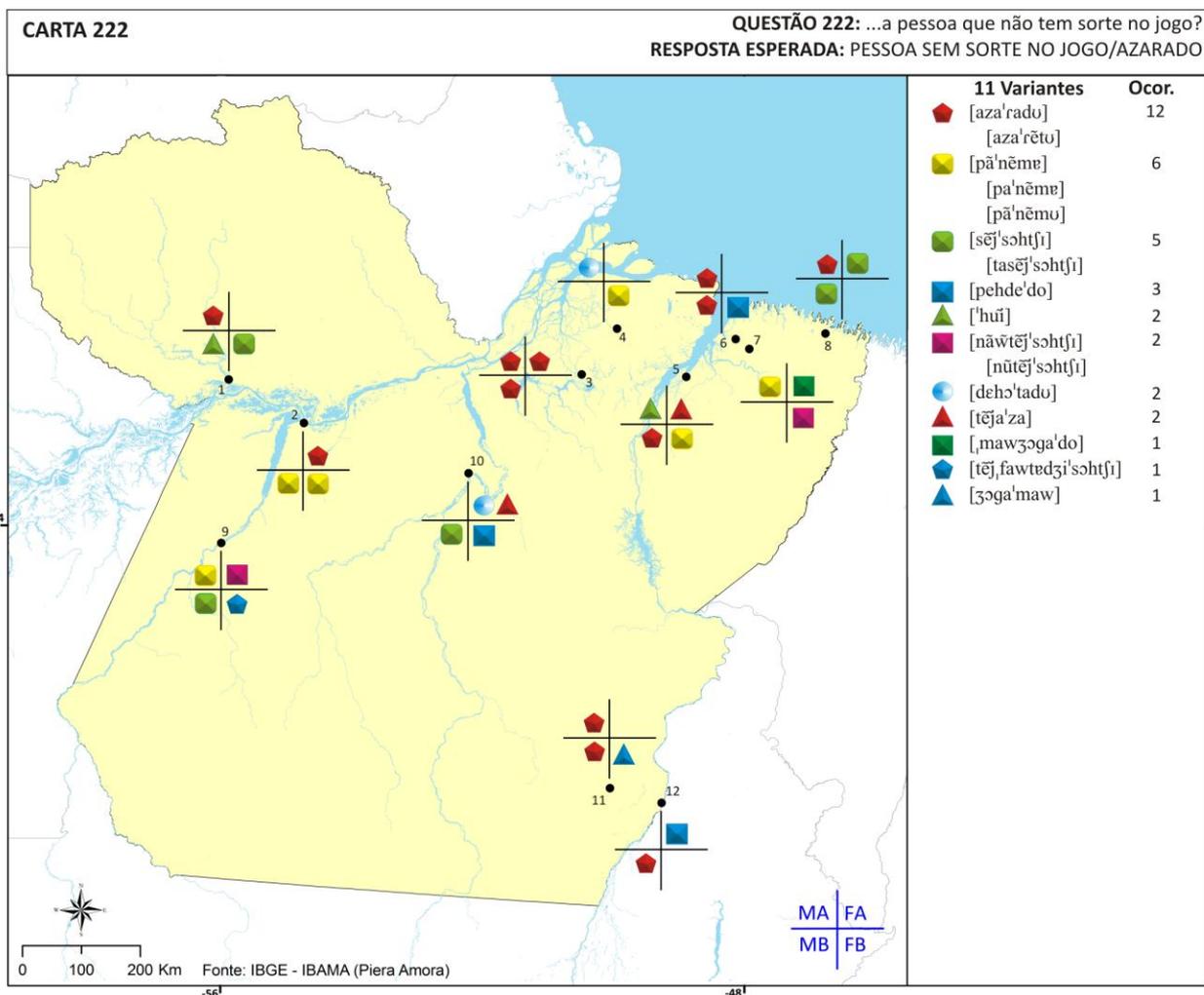
A carta 210 projeta maior incidência de *baladeira* nas mesorregiões Nordeste, Metropolitana e Marajó, além do ponto 10 (Altamira) da mesorregião Sudoeste, a lexia ocorre

com menor frequência nas demais mesorregiões. Por outro lado, a lexia *estilingue* predomina na mesorregião Sudeste, ocorrendo também no Baixo Amazonas e Nordeste. Já a lexia *balado* ocorreu apenas na mesorregião Baixo Amazonas e nos pontos 9 (Itaituba - mesorregião Sudoeste) e 3 (Breves – mesorregião Marajó).

Observando-se a variação diagenérica e diageracional da lexia *baladeira*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 54,54% (18. ocor.) para o sexo masculino, 45,45% (15 ocor.) para o feminino, 51,51% (17 ocor.) para a primeira faixa etária e 48,48% (16 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 32: Variação Diagenérica e Diageracional de “Baladeira”





Q26: Quadro Referente à Carta 222	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
azarado	x			x			x			x		
panema	x			x						x		x
sem sorte			x			x				x		x
perdedor		x				x		x			x	
joga mal			x			x				x		x
ruim		x			x			x			x	
não tem sorte			x			x				x		x
derrotado		x			x			x			x	
mau jogador			x			x				x		x
tem azar			x			x				x		x
tem falta de sorte			x			x				x		x

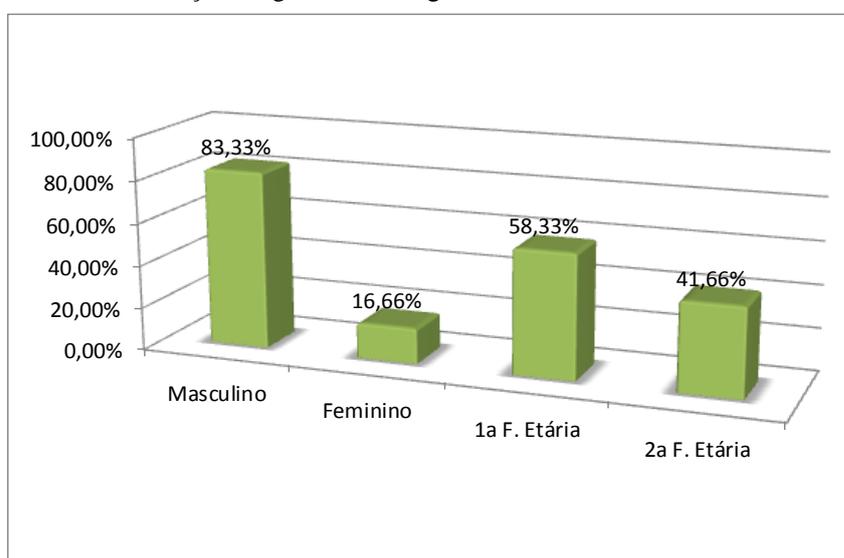
MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

Na carta 222 foram registradas 11 variantes lexicais, sendo mais recorrente a lexia *azarado* (12 ocor.) seguida por *panema* (6 ocor.). A lexia *panema* é dicionarizada por Ferreira (2009, não paginado) como vocábulo de origem tupi, significando pessoa que é infeliz na caça e/ou na pesca.

Observando-se a distribuição diatópica na lexia *panema*, nota-se que a mesma ocorre nas mesorregiões Nordeste, Metropolitana, Marajó e Baixo Amazonas.

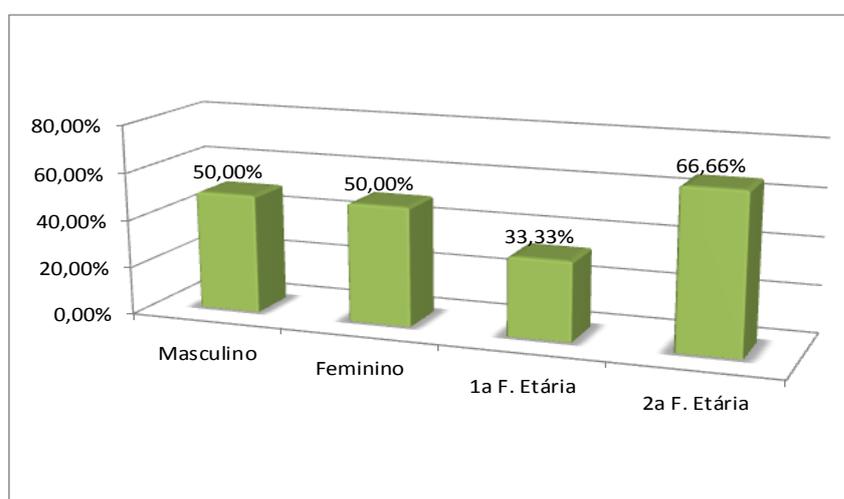
Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *azarado*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 83,33% (10. ocor.) para o sexo masculino, 16,66% (2 ocor.) para o feminino, 58,33% (7 ocor.) para a primeira faixa etária e 41,66% (5 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 33: Variação Diagenérica e Diageracional de “Azarado”

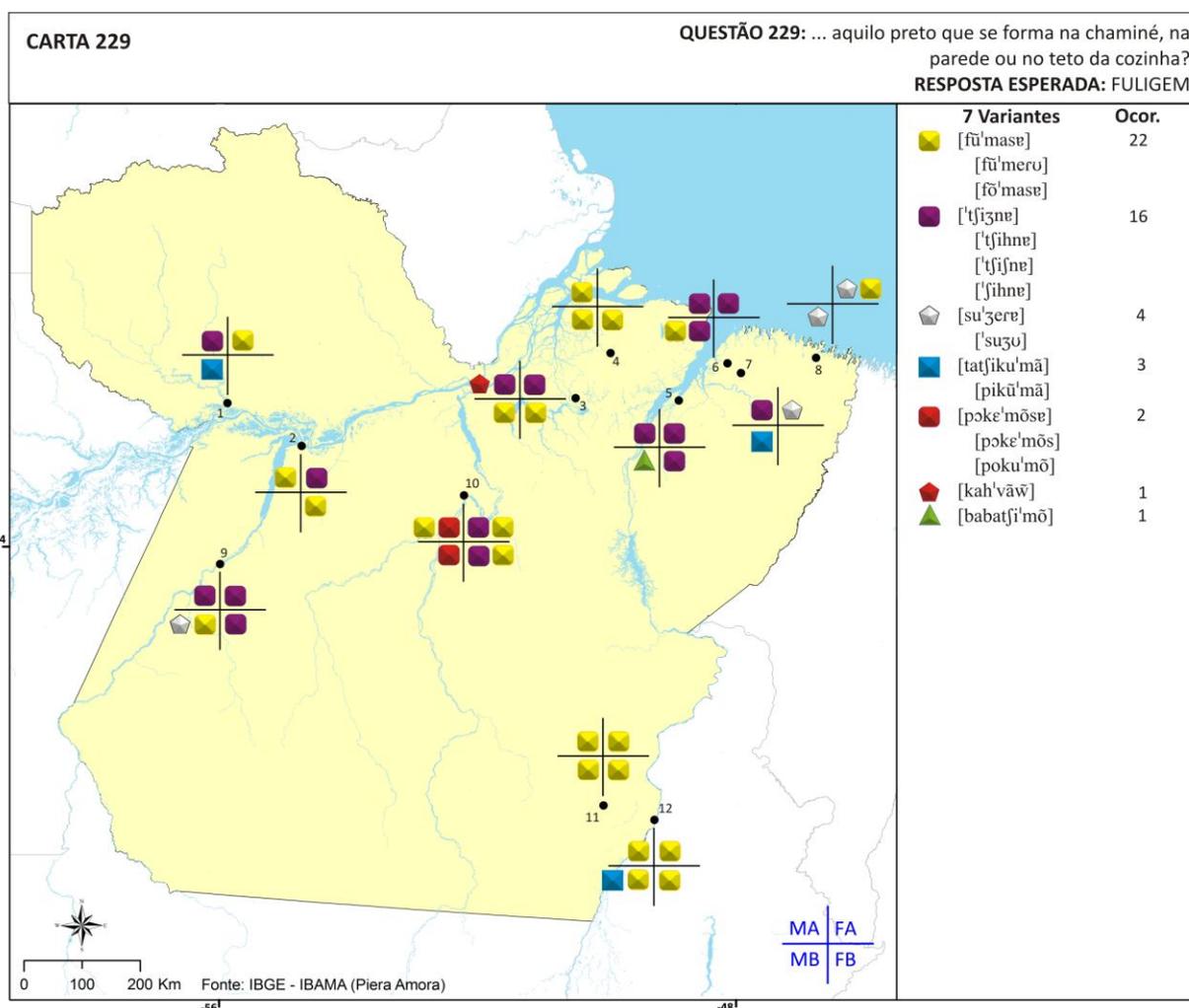


Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *panema*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 50% (3 ocor.) para o sexo masculino, 50% (3 ocor.) para o feminino, 33,33% (2 ocor.) para a primeira faixa etária e 66,66% (4 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 34: Variação Diagenérica e Diageracional de “Panema”



4.12 HABITAÇÃO



Q27: Quadro Referente à Carta 229	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
fumaça		x			x			x			x	
tisna	x			x			x			x		
sujeira		x			x			x			x	
taticumã/ pucumã	x			x			x				x	
poquemonsa			x			x			x			x
carvão		x			x			x			x	
babatimõ			x			x			x			x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

Na carta 229 foram registradas um total de 7 variantes lexicais, sendo as mais recorrentes as lexias *fumaça* (22 ocor.) e *tisna* (16 ocor.).

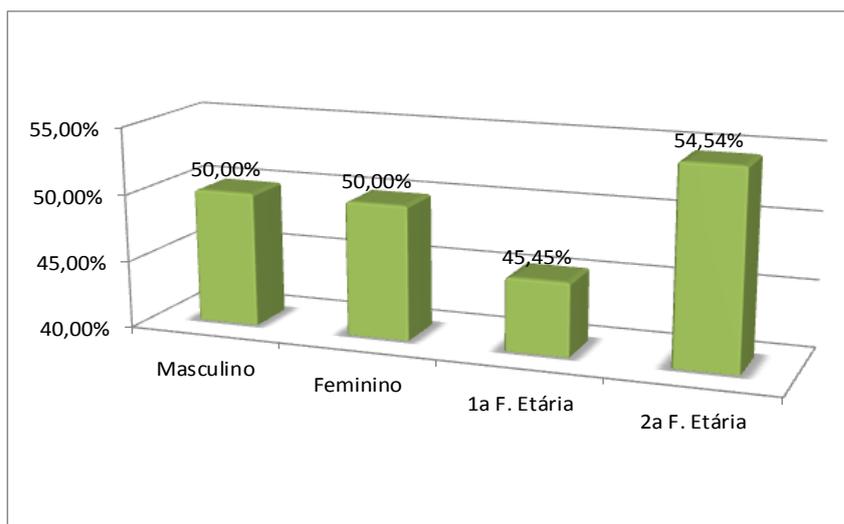
Analisando a carta do ponto de vista diatópico, nota-se que a lexia *tisna* foi registrada nas mesorregiões Nordeste, Metropolitana, Marajó e Baixo Amazonas, enquanto que a lexia *fumaça* ocorre com maior frequência no Sudeste do Estado.

A lexia *poquemonsa*, por sua vez, foi registrada somente no ponto 10 (Altamira).

Observando-se a dimensão diageracional, verificou-se que a lexia *taticumã/picumã* ocorreu somente para a segunda faixa etária, ponto 7 (Castanhal) e 12 (Conceição do Araguaia).

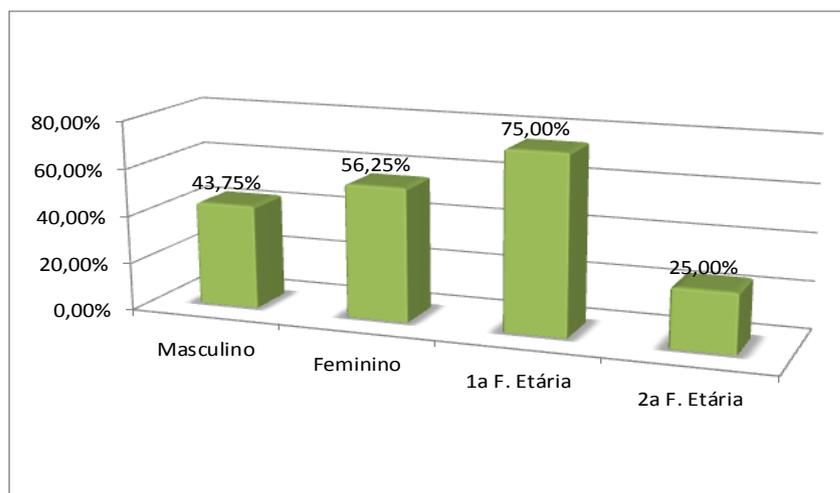
Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *fumaça*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 50% (11 ocor.) para cada sexo, 45,45% (10 ocor.) para a primeira faixa etária e 54,54% (12 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 35: Variação Diagenérica e Diageracional de “Fumaça”

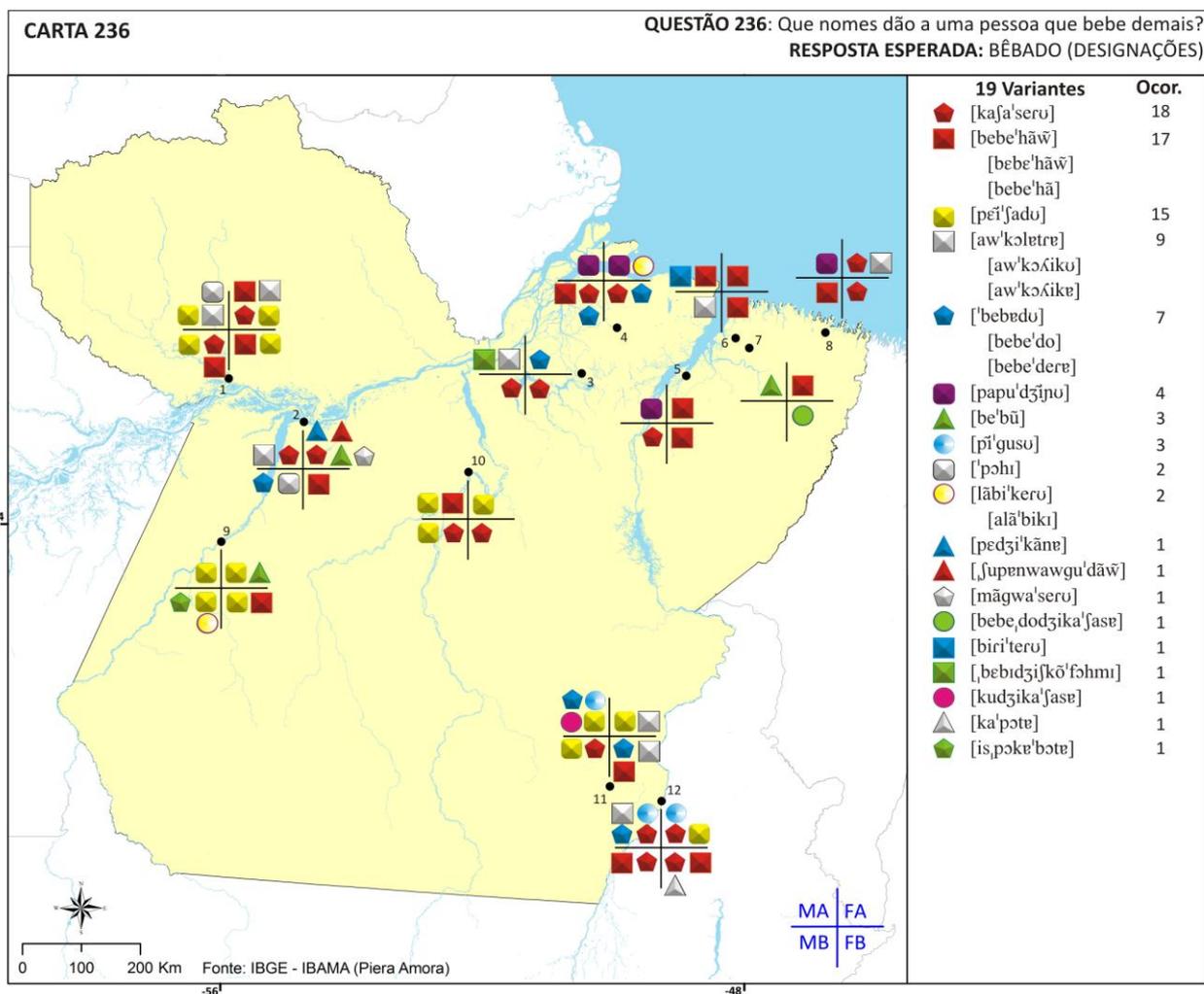


Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *tisna*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 43,75% (7 ocor.) para o sexo masculino, 56,25% (9 ocor.) para o feminino, 75% (12 ocor.) para a primeira faixa etária e 25% (4 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 36: Variação Diagenérica e Diageracional de “Tisna”



4.13 ALIMENTAÇÃO E COZINHA



Q28: Quadro Referente à Carta 236	Houaiss			Aurélio			Priberam					
							Português do Brasil			Português Europeu		
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
Lexias Registradas												
cachaceiro	x			x			x				x	
beberrão	x			x			x			x		
pé inchado			x			x			x			x
alcoólatra	x			x			x			x		
bêbado	x			x			x			x		
papudinho		x			x				x			x
bebum	x			x					x			x
pinguço	x			x			x					x
porre	x			x			x					x
lambiquero			x			x			x			x
pé de cana	x			x					x			x
chupa no algodão			x			x			x			x
manguaceiro			x			x			x			x
bebedor de cachaça			x			x			x			x
biriteiro	x			x			x					x
bebe desconforme			x			x			x			x
cu-de-cachaça			x			x			x			x
capota		x			x			x			x	
epoca bota			x			x			x			x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

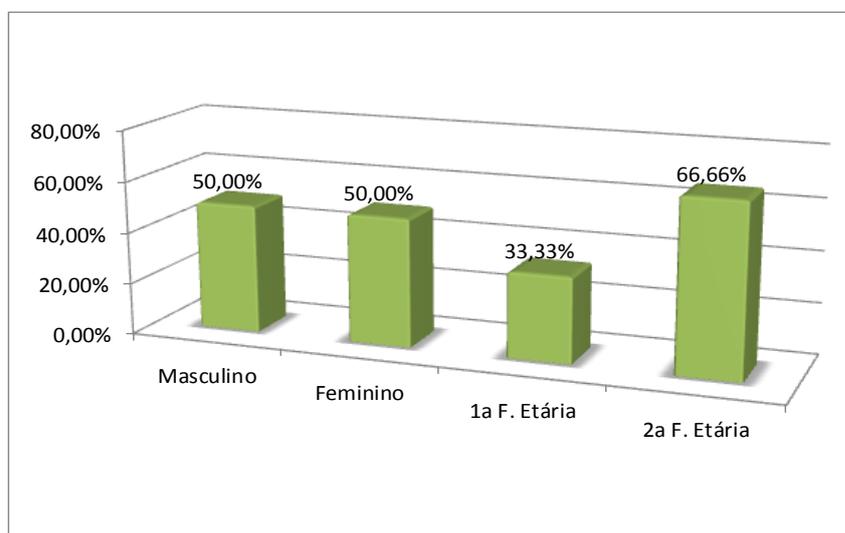
As cartas 236 (BÊBADO) e 177 (PESSOA SOVINA/MÃO DE VACA), ambas com 19 variantes lexicais cartografadas, são as cartas mais produtivas desta pesquisa. Na carta 236 as lexias mais recorrentes foram *cachaceiro* (18 ocor.), *beberrão* (17 ocor.) e *pé inchado* (15 ocor.).

Controlando-se a variante diatópica é possível notar que a lexia *pé inchado* foi registrada apenas nas mesorregiões Sudeste, Sudoeste e Baixo Amazonas. De outro lado, observou-se que a lexia *papudinho* ocorreu apenas nas mesorregiões Marajó e Nordeste. Já a lexia *pinguço* foi registrada somente no Sudeste do Estado.

Merecem atenção os processos analógicos utilizados na constituição das lexias *papudinho* (ponto 4, 5 e 8), *pé inchado* (pontos 1 - Oriximiná, 9 - Itaituba, 10 - Altamira, 11 - Redenção e 12 - Conceição do Araguaia), e *espoça bota* (ponto 9), que remetem ao inchaço causado no corpo humano pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas. De outro lado, as lexias *alambique/lambiquero* (pontos 4 - Anajás e 9 - Itaituba) e *pé de cana* (ponto 2 - Santarém), remetem à produção da cachaça, bebida destilada muito comum no território, que é produzida em alambiques e extraída da cana de açúcar. As lexias *cu de cachaça* (ponto 11 - Redenção) e *chupa no algodão* (ponto 2 - Santarém) apresentam conotações pejorativas relativas ao bêbado.

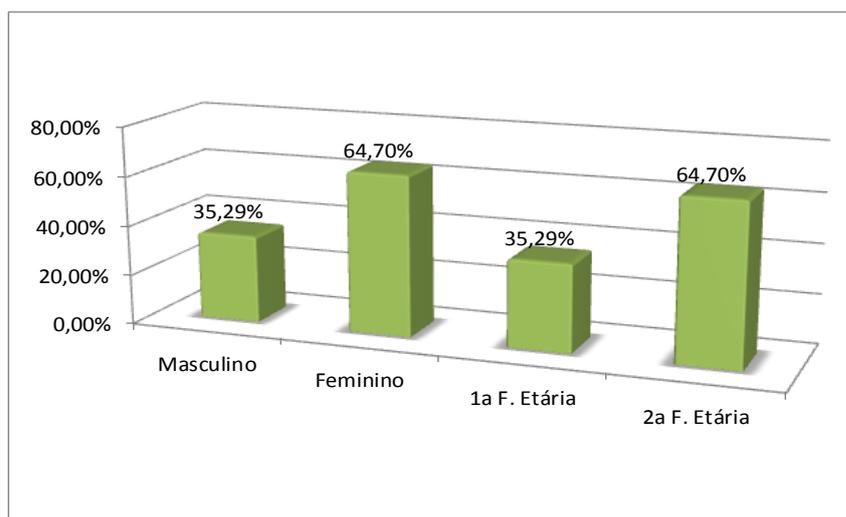
Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *cachaceiro*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 50% (9 ocor.) para ambos os sexos, 33,33% (6 ocor.) para a primeira faixa etária e 66,66% (12 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 37: Variação Diagenérica e Diageracional de “Cachaceiro”



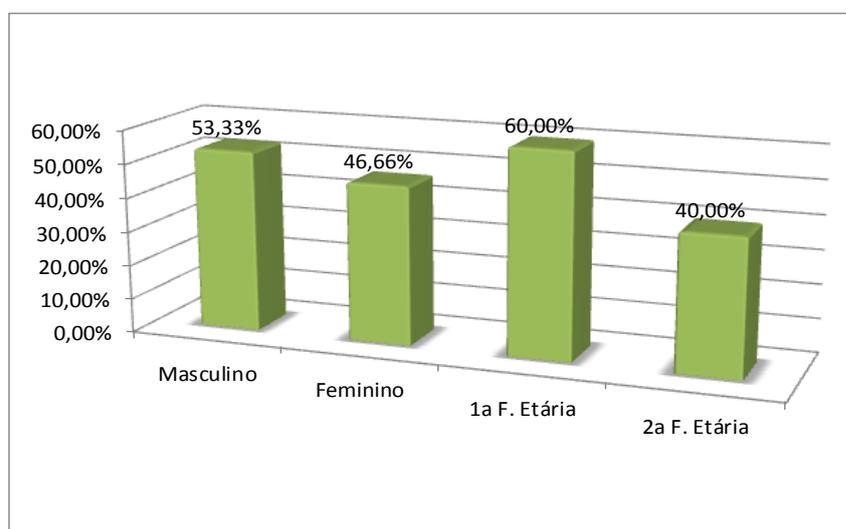
Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *beberrão*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 35,29% (6 ocor.) para o sexo masculino e para os informantes da primeira faixa etária e 64,70% (11 ocor.) para o sexo feminino e para a segunda faixa etária.

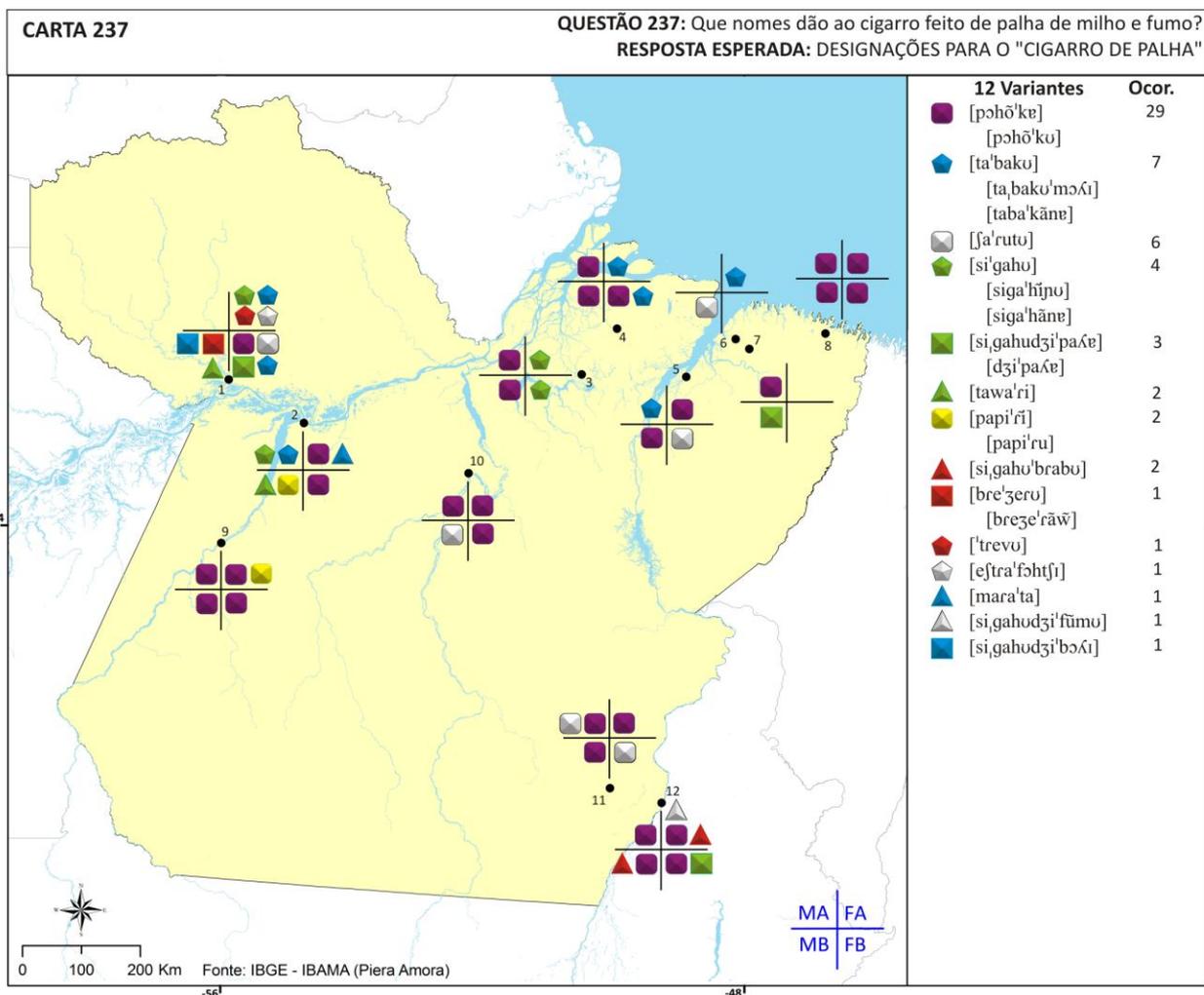
Gráfico 38: Variação Diagenérica e Diageracional de “Beberrão”



Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *pé inchado*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 53,33% (8 ocor.) para a sexo masculino, 46,66% (7 ocor.) para o feminino, 60% (9 ocor.) para a primeira faixa etária e 40% (6 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 39: Variação Diagenérica e Diageracional de “Pé Inchado”





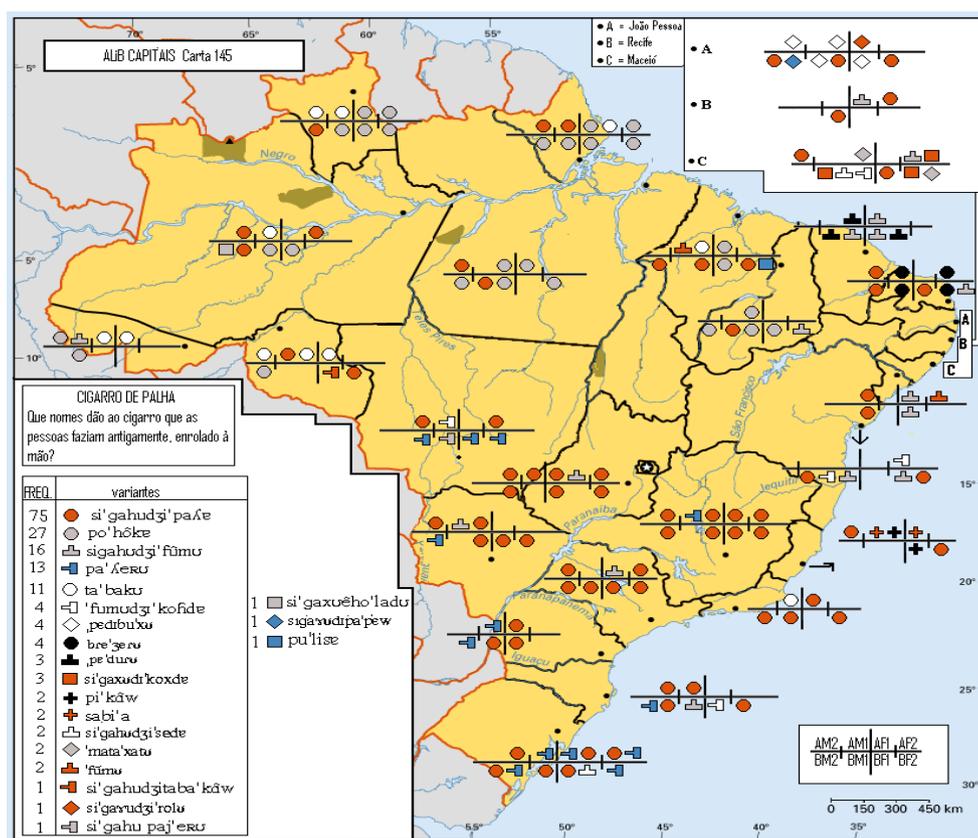
Q29: Quadro Referente à Carta 237	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
porronca			x			x			x			x
tabaco	x			x				x			x	
charuto	x			x			x			x		
cigarro	x			x				x			x	
cigarro-de-palha			x			x				x		x
tauari	x			x						x		x
papiri		x			x					x		x
cigarro brabo			x			x				x		x
brejeiro	x				x			x			x	
trevo		x			x			x			x	
extra-forte			x			x				x		x
maratá			x			x				x		x
cigarro de fumo			x			x				x		x
cigarro de bole			x			x				x		x

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

Na carta 237 foram registradas 12 variantes lexicais, a lexia mais recorrente foi *porronca* com 29 ocorrências, tendo sido registrada em todos os pontos de inquérito, exceto o ponto 6 (Santo Antonio do Tauá). Nesse sentido, a carta 237 complementa a imagem projetada por Razky, Costa e Oliveira (2010b, p. 159) (ver Figura 31), que mapearam a

variação lexical de “cigarro de palha” nas capitais brasileiras, no *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. A referida pesquisa apresenta uma predominância de *porronca* em oposição a *cigarro de palha* na capital do Estado Pará. A carta 237 projeta uma imagem mais ampla dessa ocorrência no Estado, confirmando a hipótese apresentada pelos autores supracitados, e mostrando que esse fenômeno se estende por todo o Estado, onde obtivemos uma frequência de 47,5% de ocorrências para *porronca* e de apenas 5% para *cigarro de palha*, as demais respostas totalizam 47,5% das 61 obtidas.

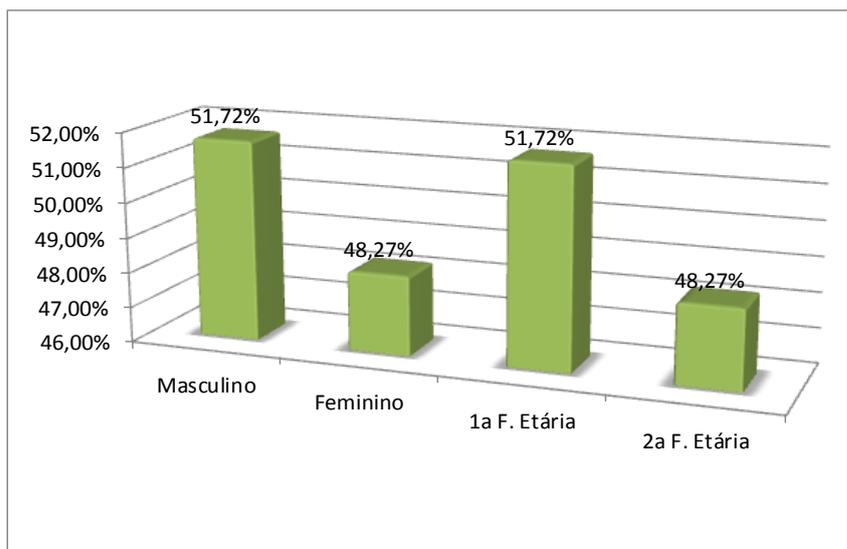
Figura 31: Variantes Para “Cigarro de Palha” - ALiB



Fonte: Razky, Costa e Oliveira (2010, p. 159)

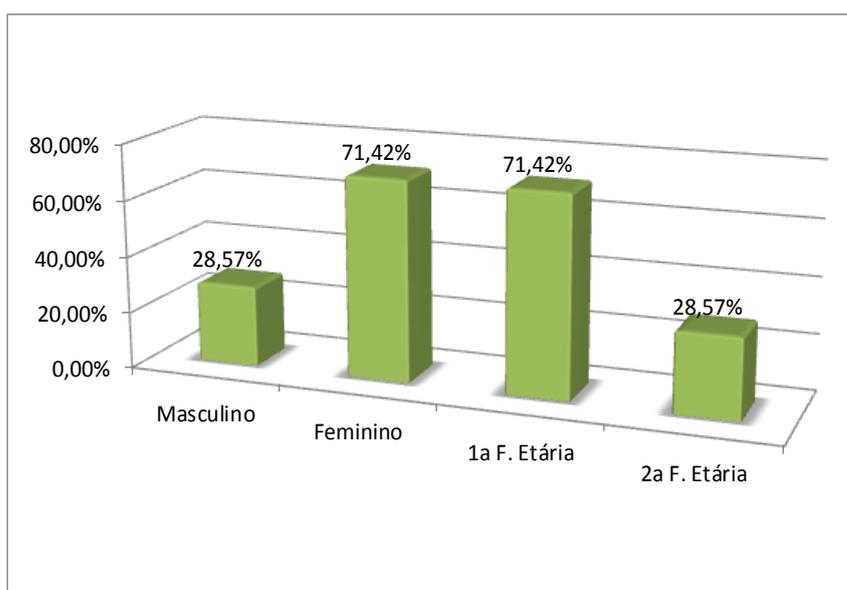
Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia *porronca*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 51,72% (15 ocor.) para o sexo masculino e para a primeira faixa etária e 48,27% (14 ocor.) para o feminino e para a segunda faixa etária.

Gráfico 40: Variação Diagénica e Diageracional de “Porronca”

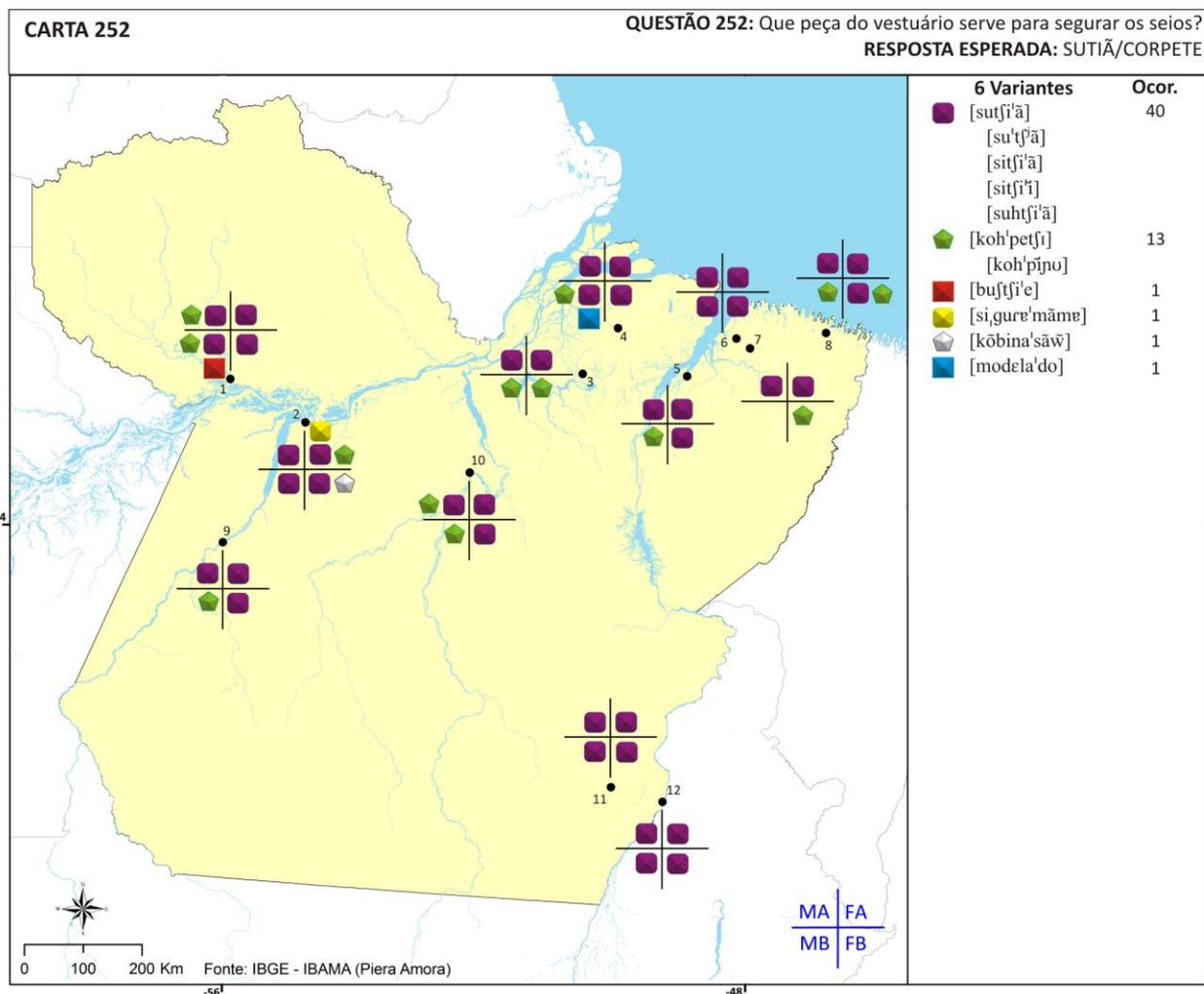


Controlando-se a distribuição diagénica e diageracional da lexia *tabaco*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 28,57% (2 ocor.) para a sexo masculino e para os informantes da segunda faixa etária, 71,42% (5 ocor.) para o feminino e os informantes da primeira faixa etária.

Gráfico 41: Variação Diagénica e Diageracional de “Tabaco”



4.14 VESTUÁRIO



Q30: Quadro Referente à Carta 252	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
sutiã	x			x			x			x		
corpete	x			x			x			x		
bustiê	x			x								
segura mama			x			x			x			x
combinação		x			x			x			x	
modelador		x			x			x			x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

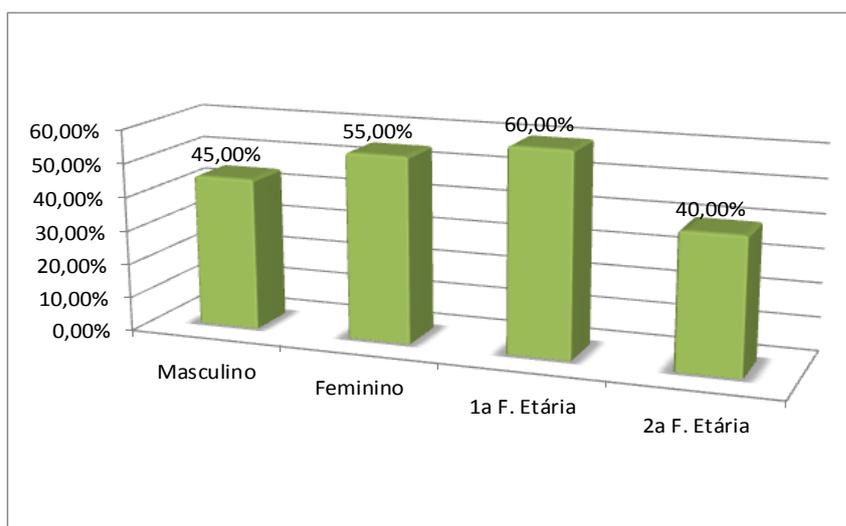
Na carta 252 foram registradas um total de 6 variantes lexicais, as lexias mais recorrentes foram *sutiã* (40 ocor.) e *corpete* (13 ocor.). As lexias *bustiê* e *combinação* estão dicionarizadas por Houaiss (2001, não paginado) como sinônimo de “corpete us. pelas mulheres, curto, ger. sem alças, e que cobre apenas o busto” e “roupa íntima feminina que, numa só peça, faz as vezes de saia e de corpinho”, respectivamente.

Controlando-se a variação diatópica, nota-se que a lexia *corpete* ocorreu nas

mesorregiões Nordeste, Metropolitana, Marajó, Baixo Amazonas e Sudoeste, não tendo sido registrada na mesorregião Sudeste.

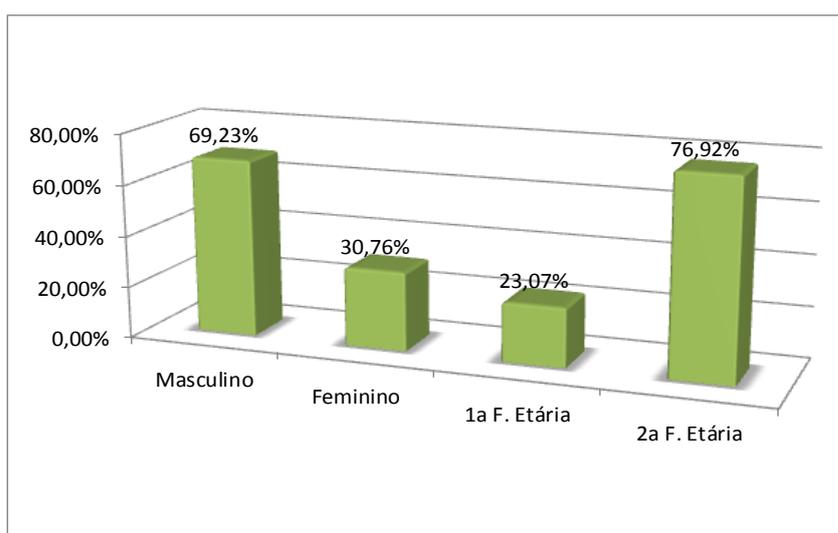
Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia mais recorrente (*sutiã*) verificou-se que os percentuais são os seguintes: 45% (18 ocor.) para a sexo masculino, 55% (22 ocor.) para o feminino, 60% (24 ocor.) para a primeira faixa etária e 40% (16 ocor.) para a segunda faixa.

Gráfico 42: Variação Diagenérica e Diageracional de “Sutiã”

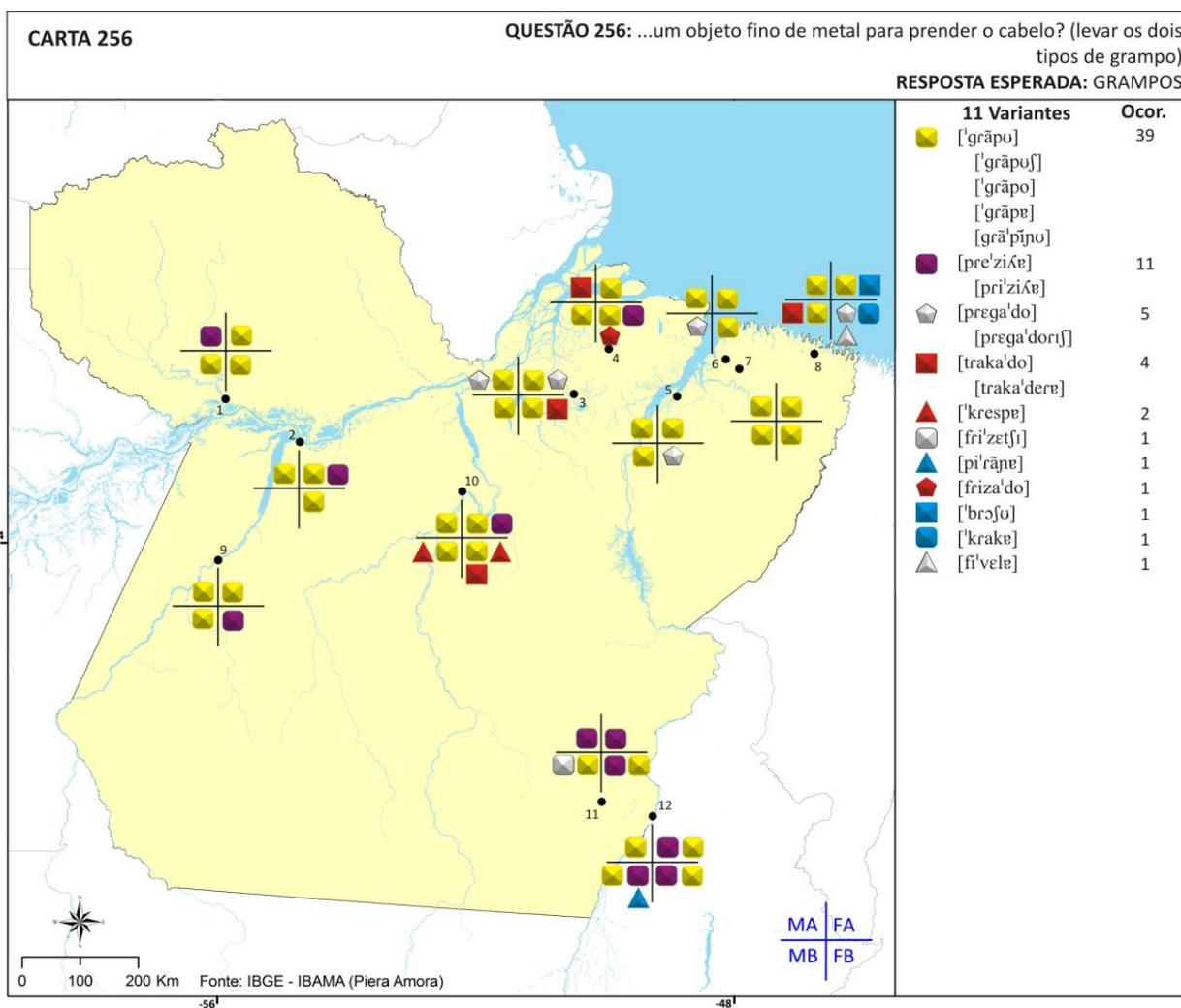


Controlando-se a variação diageracional e diagenérica, verificou-se que a lexia *corpete* ocorre mais na fala da segunda faixa etária, perfazendo 76,92% (10 ocor.) das ocorrências para essa, e apenas 23,07% (3 ocor.) para a primeira faixa etária, a lexia ocorreu com maior frequência na fala dos homens, com 69,23% (9 ocor.) das ocorrências para eles, e 30,76% (4 ocor.) para elas.

Gráfico 43: Variação Diagenérica e Diageracional de “Corpete”



Portanto, cruzando as dimensões diatópica, diagenérica e diageracional, o perfil do informante para o qual predomina a lexia *corpete* é: homem da segunda faixa etária, natural da zona Norte/Noroeste do Estado do Pará.



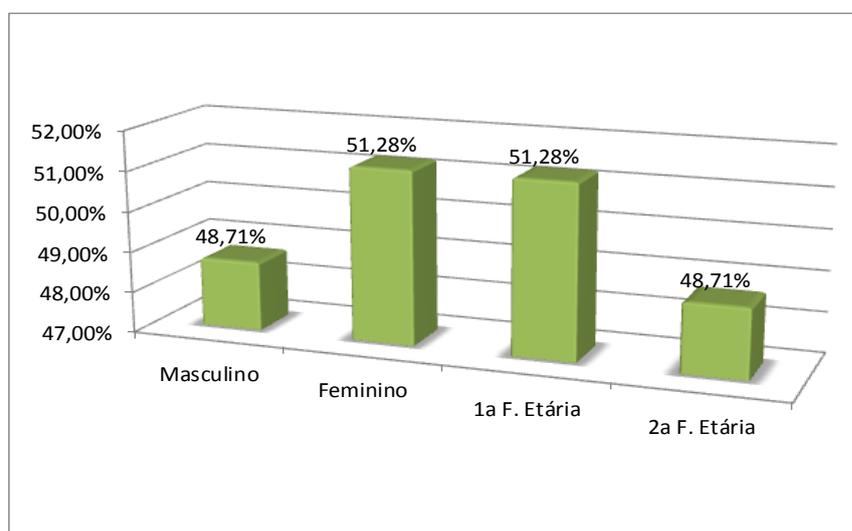
Q31: Quadro Referente à Carta 256	Houaiss			Aurélio			Priberam					
	MA	OA	ND	MA	OA	ND	Português do Brasil			Português Europeu		
Lexias Registradas	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND	MA	OA	ND
grampo	x			x			x					x
presilha	x			x				x			x	
pregador		x			x			x			x	
atracador		x			x			x			x	
crespa		x			x			x			x	
frizete			x			x				x		x
piranha		x		x				x			x	
frisador		x			x		x			x		
broche		x			x			x			x	
craca		x			x			x			x	
fivela	x			x				x			x	

MA = Mesma Acepção/ OA = Outra Acepção/ ND = Não Dicionarizada

A carta 256 apresenta um total de 11 variantes lexicais. A lexia mais recorrente é *grampo*, tendo sido registrada nos doze pontos de inquérito, seguida de *presilha* que apresentou 11 registros. Avaliando a dimensão diatópica observa-se que essa carta ratifica a existência de agrupamentos lexicais, que serão detalhados ao final desse tópico, e que podem ser observados nas cartas: 009, 029, 089, 105, 106, 107, 115, 123, 127, 142, 177, 208, 210, 229 e 256.

Controlando-se a distribuição diagenérica e diageracional da lexia mais recorrente: *grampo*, verificou-se que os percentuais são os seguintes: 48,71% (19 ocor.) para o sexo masculino e para os informantes da segunda faixa, 51,28% (20 ocor.) para o feminino e para a primeira faixa etária.

Gráfico 44: Variação Diagenérica e Diageracional de “Grampo”



Quantificando-se os percentuais de dicionarização das lexias cartografadas nas 30 cartas selecionadas para este estudo, nos três dicionários utilizados para aferir o grau de dicionarização dessas lexias, obtivemos os resultados dispostos nos gráficos 44, 45 e 46, referentes aos dicionários Houaiss, Aurélio e Priberam, respectivamente:

Gráfico 44: Dicionário Houaiss

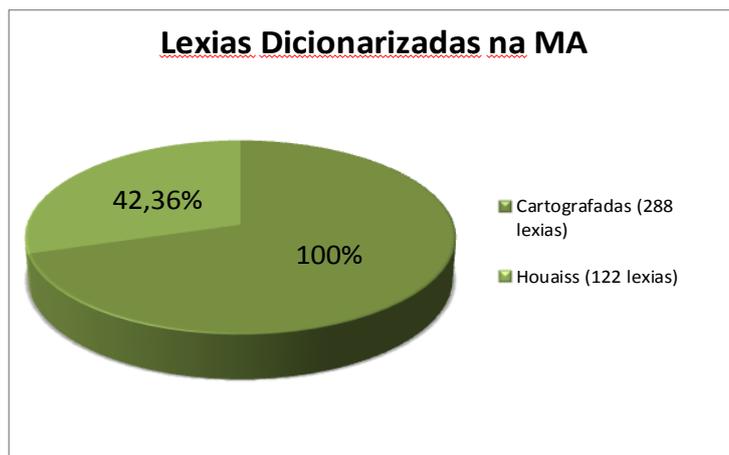


Gráfico 45: Dicionário Aurélio

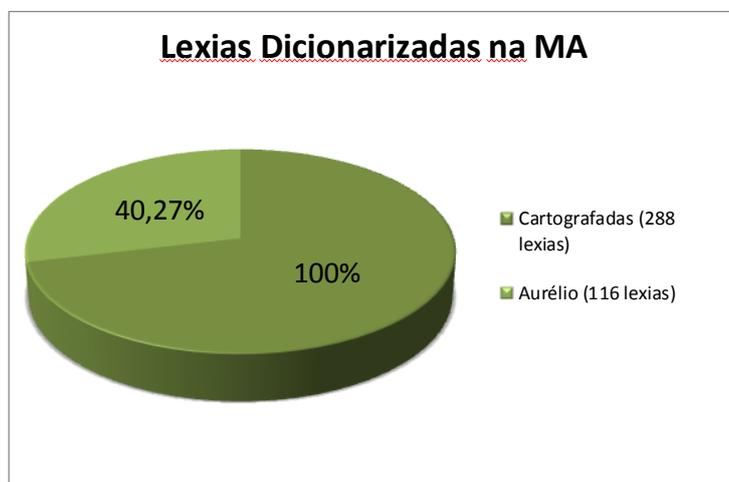
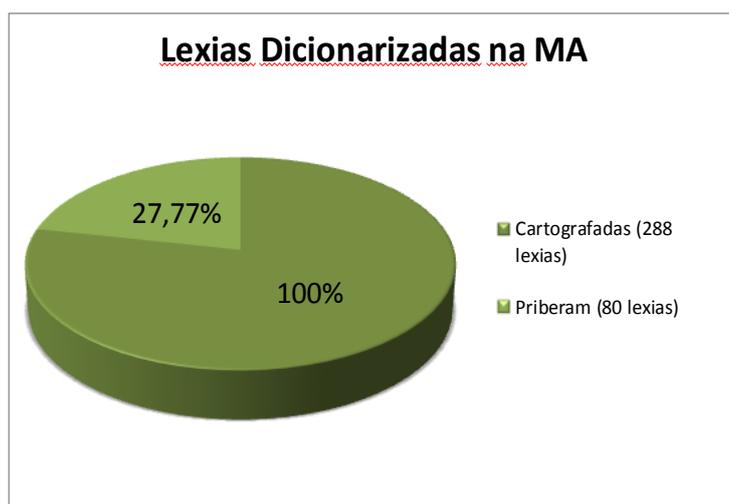


Gráfico 46: Dicionário Houaiss



Controlando-se a distribuição diatópica das lexias cartografadas nas cartas apresentadas, observou-se que o mapeamento dos dados apresentou agrupamentos lexicais de três tipos, como se pode observar nas figuras a seguir (32, 33 e 34). No entanto, esses agrupamentos não constituem isoglossas devido ao caráter multimodal da metodologia deste trabalho, os dados apontam apenas para fenômenos que suscitam alguns agrupamentos de determinadas lexias em zonas diferentes do estado, isto é, em algumas cartas há predominância de algumas lexias em uma ou em outra zona do estado, mesmo em cartas em que outras lexias ocorrem em praticamente todos os pontos de inquérito. A frequência significativa dessas ocorrências nos levou a mapeá-las no intuito de abrir caminhos para estudos posteriores que possam investigá-las de forma mais específica.

Figura 32: Agrupamento Lexical Tipo 1

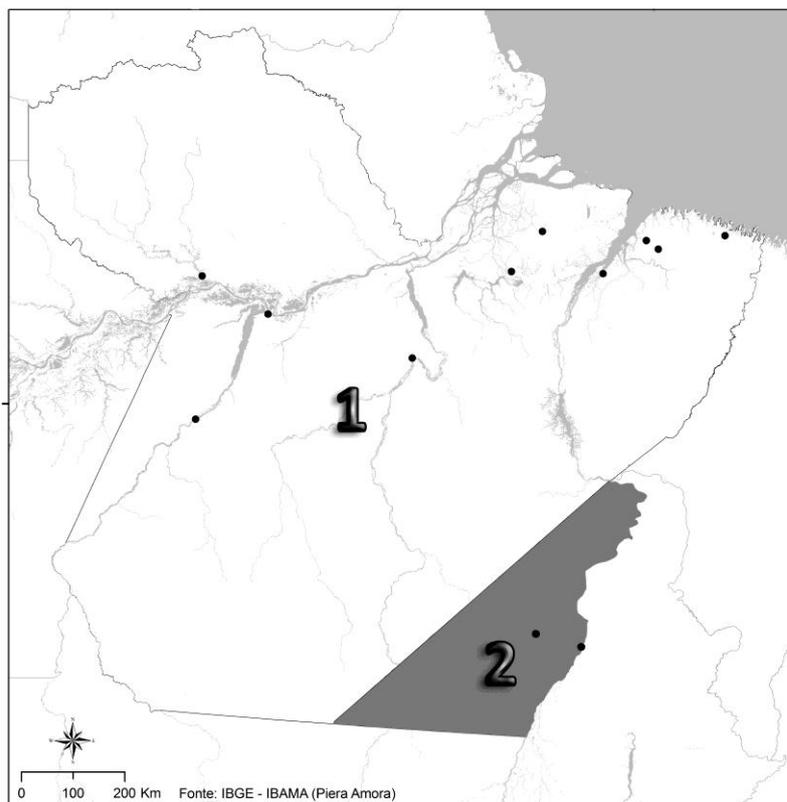


Figura 33: Agrupamento Lexical Tipo 2

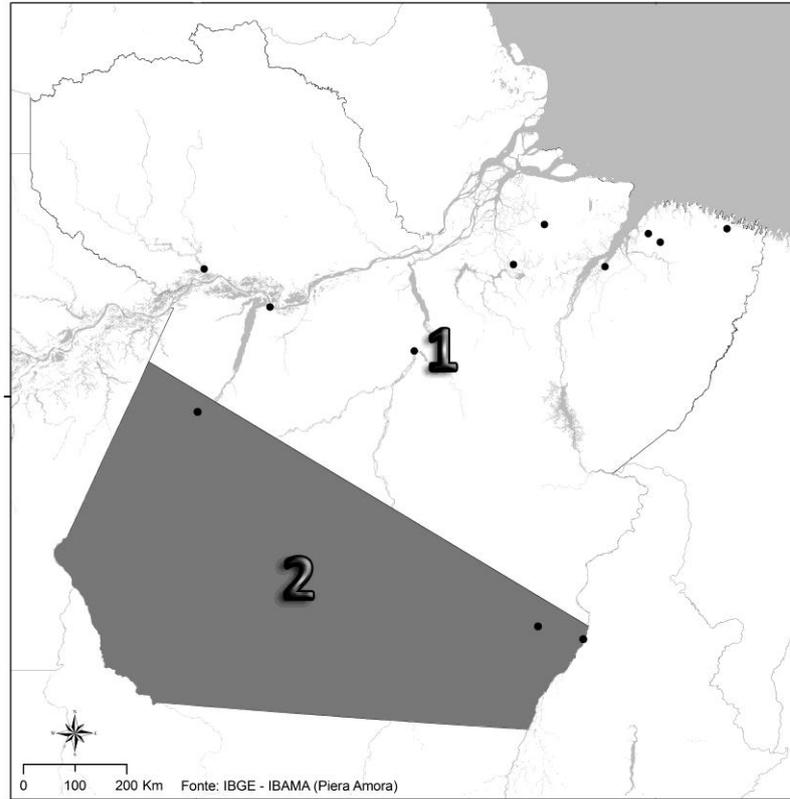
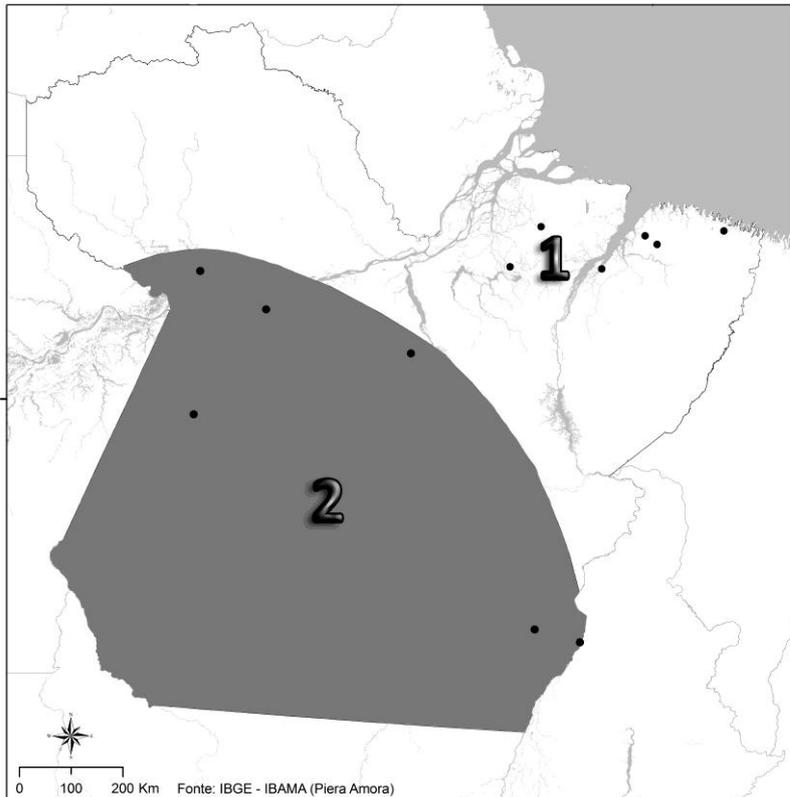


Figura 34: Agrupamento Lexical Tipo 3

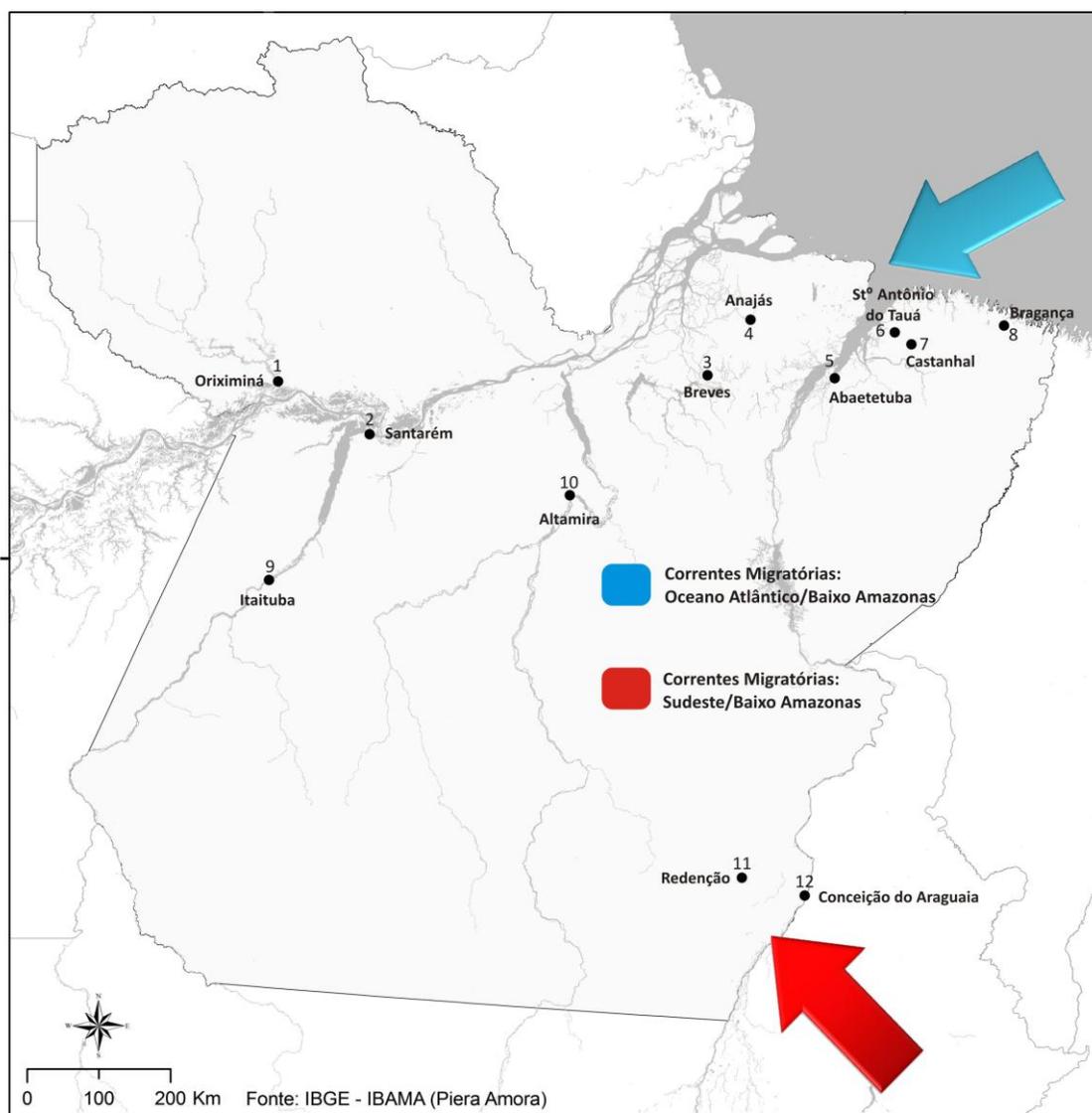


O agrupamento lexical do tipo 1 pode ser observado nas cartas: 106 (*osga*), 107 (*punhamesa*), 123 (*picota/cocar*), 142 (*jacinta/cambito*), 157 (*desdentado*), 177 (*canguino*), 208 (*tirou tiuma*), 210 (*estilingue*), 222 (*panema*), 229 (*tisna*) e 252 (*corpete*). Já o agrupamento lexical do tipo 2 é projetado por cartas como: 009 (*rebojo*), 089 (*jacá*), 107 (*esperança*) e 127 (*gambá/mucura*). Por fim, o agrupamento lexical do tipo 3 pode ser percebido observando as cartas: 208 (*carambela/cambalhota*), 015 (*maresia*), 126 (*soró*), 236 (*pé inchado/papudinho*) e 256 (*pregador*).

É válido observar que a mesorregião Sudeste, representada nesta pesquisa pelos pontos de inquérito 11 (Redenção) e 12 (Conceição do Araguaia), está localizada na confluência de duas regiões distintas do Brasil: Centro-oeste e Nordeste, fazendo fronteiras ao sul com o Estado de Mato Grosso, ao Sudeste com o Tocantins, e a Leste com o Maranhão. Os municípios dessa mesorregião receberam e ainda recebem fluxos de imigrantes vindos de outras regiões motivados por diversos fatores, dentre eles os investimentos e incentivos fiscais do governo em diversos seguimentos da economia, como: agricultura, pecuária e mineração.

Observando-se o levantamento de dados histórico-sociais do Estado do Pará (p. 56) e dos pontos de inquérito (Anexo B), verificou que a distribuição diatópica das lexias no Estado, que configuram os agrupamentos lexicais supracitados, está diretamente relacionada às formas de povoamento da região. Fazendo-se uma leitura atenta da distribuição diatópica de algumas lexias, mapeada nas cartas 105 e 107, é possível traçar duas setas imaginárias representativas das principais correntes migratórias ocorridas para o estado em épocas diferentes, que apresentam dois pontos irradiadores donde partem os principais fluxos migratórios ocorridos no Estado: i) os fluxos migratórios ocorridos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, por conta do ciclo da borracha; ii) os fluxos migratórios ocorridos a partir década de 60 do século XX, em virtude da política de povoamento da Amazônia realizada pelos governos militares por meio da implementação dos chamados Grandes Projetos na área de mineração no Sul do Estado.

Figura 35: Correntes Migratórias



A partir do comportamento observado na distribuição dessas lexias poder-se-ia levantar a hipótese de que no passado havia uma divisão do Estado em duas grandes Zonas Isolécicas, a saber: Zona Norte/Noroeste e Zona Sudeste/Sudoeste. A primeira zona (Norte/Noroeste) estaria representada pelas mesorregiões Nordeste, Metropolitana de Belém e Marajó, e, em algumas cartas, tomaria parte da Mesorregião Baixo Amazonas, num fluxo similar ao do curso do Rio Amazonas no sentido Oceano Atlântico/Baixo Amazonas, e uma segunda zona (Sudeste/Sudoeste) que seria composta essencialmente pela mesorregião Sudeste, e que, em algumas cartas, comportaria também a Mesorregião Sudoeste, e parte do Baixo Amazonas, com fluxo no sentido Sudeste/Baixo Amazonas. Contudo, hoje, com o processo de mudança em curso a favor de uma variação lexical não estável devido aos fatores de ordem diagenérica, diageracional que foram levados em conta aqui, essa hipótese permanece num campo de pouca probabilidade empírica. Acredita-se, inclusive que o fator

diastrático, se levado em conta nessa metodologia, acentuaria a variação no mesmo espaço geográfico.

Ressaltamos ainda que, por uma questão de escolha metodológica, os dados coletados para compor o *corpus* do ALIPA são origem rural, assim sendo, muito provavelmente as hipotéticas zonas isoléxicas não refletiriam a realidade do português falado na zona urbana do estado, em virtude da configuração linguística mais complexa dos centros urbanos. Por outro lado, a inter-relação dos dados coletados para a elaboração dos atlas do Pará e do Brasil poderia gerar resultados muito interessantes, que refutem ou confirmem a hipótese tratada.

Nas análises das cartas 115 e 142 pretendeu-se estabelecer essa inter-relação entre dados do ALIPA e do ALiB com o objetivo de elucidar fenômenos linguísticos apontados por um atlas e por outro.

As cartas 009, 064 e 237 foram elaboradas a partir de itens lexicais abordados também em outros estudos dialetológicos, nesses casos apresentamos uma tentativa de aproximação, e comparação entre os resultados obtidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que este estudo sirva como fonte de informações para linguístas, professores, historiadores, sociólogos, antropólogos e pesquisadores de outras áreas afins, acerca do português brasileiro falado na zona rural do Estado do Pará.

Foi realizado o mapeamento da variação lexical diatópica (espacial), diagenérica (sexo) e diageracional (faixa etária) que ocorre na fala dos informantes selecionados.

Foram confeccionadas 50 cartas lexicais representativas dos dados coletados nos doze pontos de inquérito selecionados, perfazendo um total de 48 informantes.

A análise das 30 cartas selecionadas neste estudo demonstrou a produtividade lexical no espaço diatópico estudado, dos campos semânticos que compõem o QSL utilizado e os processos analógicos ocorridos na constituição de algumas lexias. As cartas 177 (*pessoa sovina*) e 236 (*bêbado*) ilustram bem esse processo, uma vez que ambas apresentaram 19 variantes lexicais para as respectivas questões do QSL. Os resultados demonstram a diversidade lexical, e assim, a riqueza cultural existente no estado do Pará.

Quanto ao grau de dicionarização das lexias cartografadas observou-se que nos três dicionários selecionados, Houaiss, Aurélio e Priberam, os percentuais foram de 42,36%, 40,27% e 27,77%, respectivamente, em relação ao total de lexias cartografadas nas 30 cartas estudadas. A imagem projetada demonstra um relativo baixo grau de dicionarização das lexias cartografadas na zona rural do Estado, o que indica a necessidade de os estudos lexicográficos, quando de sua realização, estarem mais voltados para o registro da diversidade lexical presente nos falares da zona rural. Nesse contexto, os estudos dialetológicos e geolinguísticos constituem uma fonte de informações altamente rica, embora ainda pouco explorada por lexicógrafos.

Este estudo ampliou o campo de visão para além do que já se tinha mapeado do *corpus* do ALIPA, sendo o primeiro no âmbito do projeto que permite fazer comparações entre as seis mesorregiões paraenses. É possível afirmar que as cartas produzidas projetam uma imagem mais completa da variação lexical no Estado do Pará, em relação às pesquisas anteriormente realizadas²⁷, uma vez que essas mapearam os dados ao ALIPA de forma compartimentada, isto é, tomando isoladamente algumas das mesorregiões paraenses. Nesta pesquisa, de outro lado, o mapeamento realizado foi mais abrangente no aspecto quantitativo, uma vez que tratou dados de doze localidades representativas das seis mesorregiões paraenses, e não quatro ou cinco localidades de uma mesma mesorregião como nas outras

²⁷ Martins (2003), Costa (2005), Feitosa (2006) e Guedes (2007).

pesquisas anteriormente citadas.

É nesse sentido que se pode afirmar que a pesquisa que aqui se delineia projeta imagens prévias da variação lexical no ALIPA, esse que proporcionará estudos mais detalhados por meio do mapeamento dos 50 pontos de inquérito previstos pelo projeto.

Do ponto de vista diatópico, observou-se que há predominância de ocorrências de algumas lexias em zonas distintas do Estado. O mapeamento apresentado nas cartas 106 (*lagartixa*), 115 (*carapanã*), 123 (*picota*), 142 (*jacinta*) e 229 (*fuligem*) incitam investigações mais profundas sobre essa hipótese. Poder-se-ia fazer uma proposição de motivação extralinguística para essas ocorrências. Na zona Norte/Noroeste do Estado, a predominância de ocorrências de algumas lexias se justificaria pelas correntes migratórias intensas por conta do trânsito fluvial no rio Amazonas, desde o período colonial, no qual os portugueses fundaram as principais cidades do norte do Brasil, passando pelo período áureo da extração da borracha na Amazônia, até os dias de hoje, quando a trânsito fluvial no rio Amazonas ainda é um significativo meio de transporte de pessoas na região. Já na zona Sudeste/Sudoeste, as ocorrências observadas podem ter estreita relação com o grande fluxo migratório de pessoas vidas de estados do Centro-Oeste, Nordeste e Sul do Brasil para o Estado do Pará no último século, em função de políticas governamentais de ocupação do território amazônico, principalmente por ocasião da construção da rodovia Transamazônica, mas também pelos incentivos fiscais e a implementação dos chamados grandes projetos nos setores de mineração, agropecuária, etc.

Por outro lado, nota-se que a diversidade lexical mapeada no Estado não é totalmente estratificada como vêm mostrando outros atlas regionais monodimensionais e bidimensionais. As cartas apresentadas neste estudo apesar de projetarem alguns agrupamentos lexicais que poderiam sustentar uma hipótese de zonas lexicais, mostram que as dimensões diatópica, diageracional e diagenérica vêm derrubando o mito da homogeneidade lexical em zonas rurais, essas que tradicionalmente apresentavam esse caráter.

Acredita-se que a mobilidade social constante e os contatos frequentes entre a zona rural e a zona urbana, além do fluxo crescente de informações que atingem a zona rural contribuem para essa mudança em curso nas grandes áreas dialetais.

Para a melhor compreensão do fenômeno da variação lexical na zona rural do Estado do Pará, entende-se que se faz necessária a conclusão do processo de coleta, bem como, do mapeamento dos dados lexicais coletados com vistas à publicação do volume lexical do Atlas Geossociolinguístico do Pará, que constituirá, sem dúvida, uma obra de alta relevância no âmbito dos estudos dialetológicos brasileiros.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. De onde vieram e por onde andam as nossas libélulas e jacintas? Um estudo da etimologia popular com base em dados do atlas linguístico do Brasil. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, p. 291-309, jan/jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010a.

_____. A geolinguística no Brasil: estágio atual. **Revista da ABRANLIN**, v. 5, n. 1/2, p. 215-238, dez. 2006. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf>. Acesso em: 01 set. 2010.

_____. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba, 1996.

AGUILERA, V. de A.; SILVA, L. M. da. Variantes lexicais para o gambá: um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras. 2010. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/529.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

AGUILERA, V. de A.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. In: **Signum: estudos linguísticos**. Londrina: UEL, n. 11/2, dez. 2008.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ):** uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 157 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ALMEIDA, Edilene Maria Oliveira de. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE)**. 2009. 106 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ALTENHOFEN, Cléo V. ;KLASSMANN, Mário (Org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 960 p.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007.693 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (Org.). **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza, 2009.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL.. Disponível em: <www.alib.ufba.br>. Acesso em: 10 jan 2011.

BARBOSA-DOIRON, M. P. Ocorrências lexicais para redemoinho no falar paulista: um estudo dialetológico. In: **Signum: estudos linguísticos**. Londrina: UEL, n. 13/2, dez. 2010.
BESSA, José Rogério Fontenele (Coord.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. V.2.

BRITO, Roseanny de Melo. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

BUSSE, Sanimar. Atlas Linguístico-etnográfico da região oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **Signum: estudos linguísticos**. Londrina: UEL, v. 12, n.1, p. 123-144, jul. 2009.

CALLOU, D. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, p. 33- 35, jan./jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010.

CAMPOY, J. M. Hernández. Dialectología tradicional, sociolinguística laboviana y geolingüística trudgilliana: tres aproximaciones al estudio de la variación. E. L. U. A. 9, 1993. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6470/1/ELUA_09_08.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2012.

CARDOSO, Suzana Alice M. A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? Revista do GELNE (UFC), Fortaleza, v. 4., n. 1/2 p. 215-223, 2006. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2-12.pdf>. Acesso: 10 dez. 2011.

_____. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **Revista Delta**, São Paulo, v. 17. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 out. 2011.

CARDOSO, Suzana Alice M. Perspectivas da pesquisa sobre a diversidade linguística no Brasil. In: ATAS DO CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1., **Boletim da ABRALIN**. 9.ed. 21 jun 1997. Rio de Janeiro, 1997.

CARRETER, Fernando Lázaro. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1974.

COSTA, Céliane Souza. **Variação lexical no nordeste do Pará**. 2005. 71 p. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

COUTO, H. H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRISTIANINI, Adriana C. **Atlas semântico lexical da região do grande ABC**. 2007. 635 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Lingüístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste do Mato Grosso**. 2009. 684. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etmológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y Geolingüística: nueva alianza em los estúdios sobre el uso lingüístico. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, jan/jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010. (p. 13- 28)

ENCARNAÇÃO, Marcia. R. T. da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba**: municípios do litoral norte de São Paulo. 2010. 723 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FEITOSA, A. da S. **Varição lexical no sudeste do Pará**. 2006. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. [S. l., 2009]. 1 CD. [versão 6].

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; FREITAS, Judith; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. **Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)**. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

GUEDES, R. J. da C. **Varição lexical em quatro municípios da mesorregião metropolitana de Belém**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri; COSTA, Daniela S. Silva. Designações para “pemilongo” nas capitais brasileiras: um estudo geolingüístico e léxico-semântico. **Revista Travessias**. n. 10. Paraná: Unieste, 2010. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/travessias/LINGUAGEM/DESIGNA%C3%87%C3%95ES%20PARA%20PERNILO%20NGO.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas fonético do entorno da baía da Guanabara – AFeBG**. 2006. 158 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, A. F. C. Varição lexical e fonética na Ilha do Marajó. **Revista Científica da UFPA**, Belém, v. 4, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/revistaic>>. Acesso em: 10 set. 2011.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A construção de um atlas linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. In: **Signum: estudos linguísticos**. Londrina: UEL, v. 12, n.1, jul. 2009.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Documento 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. São Paulo: Quarteto, 2006.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar**. 2007. 312 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PRIBERAM. Dicionário *on line* Priberam. 2008. Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 15, fev 2012.

QUADRA, H. R. G.; JUSTINIANO, J. dos S. Estudos dialetológicos no Amazonas. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010. Palhoça. **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Palhoça/SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

RAZKY, A. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável < s > em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. In: **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 41, Salvador, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, PPGLC da Universidade Federal da Bahia, jan/jun., 2010a.

_____. (Org). **Estudos geossociolinguísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

_____. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (AliSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

_____. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A Geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

RAZKY, A.; COSTA, E. O. da; OLIVEIRA, M. B. de. Variação lexical de “cigarro de palha” no Atlas Linguístico do Brasil. In: RAMOS, C. de M. de A. (Org.) **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. São Luís: EDUFMA, 2010b.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de. Estudos lexicais e socioterminológicos no estado do Pará. In: CARDOSO, S. M.; MEJRI, S. MOTA, J. (Org.). **Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias**. Salvador: Vento Leste, 2011.

RAZKY, A., LIMA, A.; OLIVEIRA, M. Atlas linguísticos: contribuição para o ensino básico. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Documento 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. São Paulo: Quarteto, 2006.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – ALiPP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

RECTOR, Mônica. **A Linguagem da Juventude**: uma pesquisa Geo-sociolingüística. Petrópolis: Vozes, 1975.

RODRIGUES, Rosa E. de S. Belli. **Em busca de uma história social para o léxico rural paranaense**. 2007. 302 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ROSSI, Nelson et al. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso. **Estudo Semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará**. Belém: UNAMA, 2005.

SOUSA, Gracione Teixeira de. **Atlas linguístico do Acre**: cartas fonéticas da região do Purus. 2011. 170. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal do Acre, Acre, 2011.

ZÁGARI, M. R. L. *et al.* **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. V. 1.

ANEXOS

ANEXO A**QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO
DO PARÁ/1997****I - NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS****1. TIPOS DE TERRENO**

Que tipo de terreno você conhece? Que nome se dá aqui para o terreno ou a terra que fica próximo ao rio? O que vocês podem plantar neste terreno?

2. CÓRREGO * /RIO PEQUENO / FURO / IGARAPÉ OU BRAÇO DE RIO**

Como vocês chamam aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

3. TRECHO DO RIO ONDE A ÁGUA CORRE COM MAIS FORÇA / CORRENTEZA

No rio tem um lugar onde a água corre com mais força. Como vocês chamam para isso?

4. MARGEM

E para o lado do rio. Que nome que vocês dão para o lado do rio?

5. PONTE

E para atravessar o rio, o igarapé, a gente tem que passar por cima de quê?

6. PINGUELA ***

Como é o nome daquele tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno?

7. NASCENTE DE RIO

Que nome que dão aqui para o lugar onde o rio nasce?

8. FOZ

O lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?

9. REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?

10. LAGOA

Como é o nome do lugar onde a água não é muito funda, onde os patinhos gostam de nadar?

11. ILHA

As vezes o rio rodeia um pedaço ou monte de terra, como se chama para isso?

12. MANGUE

E aquele terreno úmido onde a gente, quando passa, pode até afundar os pés?

13. POÇA D'ÁGUA

Quando chove fica um pouquinho de água aqui, outro pouquinho ali. Que nome que dão para esse pouquinho de água da chuva que fica parada?

14. AREIA

E aquela terra meio branca que serve para fazer construção?

15. ONDA DE RIO*/ONDA OU BANZEIRO**

Como é o nome do movimento da água do rio (imitar o balanço das águas)?

16. ONDA DE MAR*/ONDA**

Como se chama o movimento da água do mar?

17. TERRA EMUDECIDA PELA CHUVA*/MOLHADA**

Quando chove, como é que a terra fica? Como a gente chama aquela terra depois que chove?

18. LAGO

Que nome se dá para um lugar que tem água, mas não é lagoa, nem rio, e diz-se que lá é que moram os sapos?

II - FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

19. REDEMOINHO (DO VENTO)***/REMOINHO/ BANZEIRO

...o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

20. RAIOS

...uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore?

21. RELÂMPAGO

...uma luz que risca o céu em dias de chuva?

22. TROVÃO / TROVOADA

...o barulho forte que se escuta logo depois de um...(resposta da questão 23). E quando faz muito barulho?

23. TEMPESTADE / VENTO / VENTANIA / FURACÃO

E quando vem aquela chuva muito forte com vento que às vezes até derruba casa?

24. TEMPORAL

...uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?

25. NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL / VENTO

Nome especial para algum temporal?

26. TROMBA D' ÁGUA***/TORÓ

...uma chuva muito forte e pesada?

27. GAROA* ou ***/ORVALHO

É uma chuva bem fininha?

28. NUVEM

Como se chama essas manchas brancas no céu?

29. CHUVA MIÚDA E DEMORADA/CORISCO/CHUVISCO

Como se chama uma chuva que é bem fininha e demora a passar?

30. CHUVA PASSAGEIRA

E aquela chuva que dá e passa?

31. ENXURRADA

E aquela chuva que quando vem deixa tanta água e essa água vai levando tudo, lava a cidade?

32. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (gesticular). Que nome dão a essa faixa ? Alguns até acreditam que ele bebe / chupa a água do rio e se um homem passar por baixo dele vira mulher.

33. ORVALHO/ SERENO**

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama ?

34. NEVOEIRO*/ CERRAÇÃO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso ?

35. ESTIAR / COMPOR O TEMPO.

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer ?

III - ASTROS E TEMPO**36. LUA**

Como se chama aquilo que clareia o céu durante a noite?

37. FASES DA LUA

A lua é sempre igual?

38. SOL

E aquilo que clareia o céu durante o dia?

39. NASCER (DO SOL)

Por que, de manhã cedo, vai clareando cada vez mais?

40. PÔR (DO SOL)

E de tarde, por que escurece?

41. ALVORADA

... a claridade do céu antes de nascer o sol ?

42. CREPÚSCULO

... a claridade do céu depois do pôr do sol ?

43. ESTAÇÕES DO ANO

E durante o ano o tempo é sempre igual?

44. ECLIPSE DO SOL E DA LUA/COMO CONSEQUÊNCIA

Às vezes, acontece de o dia ficar escuro de dia, porque dizem que a lua tapa o sol. Que nome que a gente dá pra isso?

45. ESTRELAS

Além da lua o que há no céu?

46. TRÊS MARIAS

Que nome que vocês dão para aquelas três estrelas que aparecem juntinhas no céu?

47. ESTRELA MATUTINA*/DALVA**

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela ?

48. VIA LÁCTEA(?)

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que corta o céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

49. AMANHECER

... a parte do dia quando começa a clarear ?

50. ENTARDECER

E quando o sol se põe?

51. ANOITECER

... o começo da noite ?

52. MESES DO ANO

Quais são os meses do ano?

53. MESES COM NOMES ESPECIAIS

Alguns desses meses têm outro nome?

54. ONTEM

... o dia que passou ?

... o senhor já almoçou (ou jantou hoje ?) Quando foi que almoçou (ou jantou) pela última vez ?

55. ANTEONTEM

... o dia que foi antes desse dia ?

... e um dia para trás ?

56. TRASANTEONTEM* ANTESDONTE/TRESONTONTE/TRANSANTONTEM**

... o dia que foi antes de ?

... e mais um dia para trás ?

Três dias antes?

57. AMANHÃ

E o dia que vai chegar?

IV - FLORA: árvores e frutos**58. ÁRVORE**

O que a gente tem que derrubar para tirar madeira?

59. FLORESTA

Que nome que vocês dão para aquele lugar que tem bastantes árvores?

60. RAIZ

Como é que vocês chamam aqui para aquela parte da árvore que fica enterrada?

61. SEMENTE

E aquela partes antes de dá o fruto?

62. BAGAÇO

O que tem dentro da laranja que a gente joga fora?

63. CAROÇO

E no abacate?

64. BANANA DUPLA***

Como se chama aquelas bananas que nascem grudadas?

65. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

... a ponta roxa no cacho da banana ?

66. AMENDOIM

... grão coberto por uma casquinha marron, com que se faz pé-de-moleque?

67. CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia e serve para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê e até de adulto ?

68. ESPINHO

O que que a rosa tem que espeta a gente?

69. LIMÃO

Você conhece alguma qualidade de limão? Quais?

70. MAMÃO

Qual a qualidade de mamão que você conhece?

71. PALMEIRAS (espécies)

Que espécies de palmeiras você conhece?

V - ATIVIDADES AGRO-PASTORIS (AGRICULTURA, INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS)**72. ENXADA**

Que nome que vocês dão aqui para um instrumento que é parecido com uma pá, só que tem um cabo de madeira maior e serve para cavar?

73. MACHADO

E um outro instrumento que serve para cortar árvore grossas e também lenha?

74. POÇO

Que nome que você dão aqui, para um buraco na terra que serve para tirar água?

75. BALDE

E o nome daquela panela com a qual tiramos água do poço?

76. SACO PARA COAR CAFÉ

Onde vocês coam, passam o café?

77. ESPIGA

... a parte da planta onde estão os grãos de trigo, arroz ou milho?

78. SABUGO

Quando a gente tira da (item 38) todos os grãos do milho, o que sobra?

79. SOCA / TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo ainda fica uma pequena parte enterrada, como se chama isso?

80. GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

81. VAGEM DO FEIJÃO

Antes de ser colhido, onde ficam os grãos do feijão?

82. MOINHA

... Depois de colher e secar o feijão, alguns costumam bater com uma vara para soltar os grão da ... (item 47) e a palha vai virando um pó. Como se chama esse pó da palha do feijão batido ?

83. MANDIOCA / AIPIM*MACAXEIRA**

... aquela raiz grossa, branca por dentro, coberta por uma casquinha marrom, que a gente cozinha para comer ?

84. MANDIOCA

Tem uma qualidade que não serve para comer e a gente rala para fazer farinha (polvilho, goma). Como se chama essa raiz?

85. CARRINHO DE MÃO

... um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, para pequenas cargas em trechos curtos?

86. HASTES DO CARRINHO DE MÃO

... as duas hastes do carrinho de mão ?

87. CANGALHA */CANGA**

... a armação de madeira, que tem esse formato (mímica do triângulo) que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro, vaca) para não varar a cerca?

88. CANGALHA

... armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?

89. JACÁ */SURRÃO**

...esses cestos de vime, de taquara trançada para levar batatas, (mandioca/macaxeira) e aipim....?

90. BOLSA

... E, se forem de couro, com tampa?

91. CANGA

... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado ?

92. CRIA DA OVELHA (DO NASCER ATÉ ...)

... a cria da ovelha logo que nasce ?

93. CORDEIRO

... quando vai crescendo?

94. FÊMEA QUE ESTÁ PARA DAR CRIA

... a fêmea que está para dar cria ?

95. PERDA DA CRIA

... quando a fêmea perde a cria ?

96. ÉGUA VELHA

... a égua quando está velha ?

97. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

... homem que é contratado para trabalhar na roça de outro?

98. PICADA

Quando é que se abre com machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado?

99. TRILHO*/TRILHA/CAMINHO/TRILHO NO MATO**

... o caminho no pasto onde não cresce mais grama de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

VI - FAUNA**100. ARANHA**

Como se chama aquele bicho que faz uma casinha tipo uma rede?

101. TEIA DE ARANHA

E como se chama a casinha dela?

102. ARAPUCA/ ALÇAPÃO

E a armadilha para pegar passarinho, com que eles pegam passarinho lá no mato?

103. CARRAPATO

Tem um bicho que gruda no animal? Como é o nome?

104. COBRA

Que qualidades de cobras vocês conhecem?

105. LARGATO

Tem um bicho que parece um jacaré e ele gosta de beber ovo?

106. LARGATIXA

E o menor, que é bem pequenininho, dá na cidade, nas paredes?

107. LOUVA-A DEUS / PUNHA A MESA

Como se chama aqui aquele animal verdinho, que tem a perninha sequinha, parece com o grilo, só que quando a gente vai assim para bater nele, ele junta a mãozinha, parece que está agradecendo ou pedindo misericórdia?

108. OVO/OVOS

O que a galinha bota? Se são duas galinhas elas botam o quê?

109. CLARA

Quando a gente parte o ovo, como se chama aquela parte branquinha?

110. GEMA

E a parte amarela?

111. PEIXES (ESPÉCIES)

Que espécie de peixe você conhece?

112. GUELRRA

Por onde o peixe respira? Aquilo que fica aqui do lado mexendo?

113. ISCA

E a minhoca serve de quê?

114. RATO

E o gato gosta de quê?

115. PENILONGO / CARAPANÃ /MURIÇOCA

Como se chama aquele bichinho que canta no ouvido da gente, quando a gente tá dormindo?

116. PIOLHO

E aquele bichinho que dá na cabeça da gente e faz coçar?

117. LÊNDEA

E o ovinho dele?

118. PULGA

E aquele bichinho que pica a gente e pula? Cachorro e gato têm muito?

119. VAGA-LUME

E aquele bichinho que de noite ascende e apaga?

120. AVES SELVAGENS

... os tipos de pássaros do mato, do campo, do banhado, que conhece ? Descreva cada um.

121. URUBU

... a ave preta que come carniça?

122. COLIBRI / BEILA-FLOR

... passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as azinhas, tem o biquinho comprido e voa de flor em flor ?

123. GALINHA D'ANGOLA / PICOTA

... ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

124. PAPAGAIO

...ave do mato, de bico curvo e penas coloridas e quando preso pode aprender a falar?

... ave colorida, de bico curvo, que dá o pé, fala nome feio

125. GALINHA SURA

... uma galinha sem rabo?

126. COTÓ

... um cachorro de rabo cortado?

127. GAMBÁ*

... o bicho que carrega os filhos numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?

128. PARTES DO CORPO DOS MAMÍFEROS (DESENHO)**129. ... as patas dianteiras do cavalo?****130. CRINA**

... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

131. CAUDA

... as crinas compridas na traseira do cavalo?

132. LOMBO

... a parte do cavalo onde vai a sela?

133. ANCA

... a parte larga atrás (item 59)

134. CHIFRE

O que o boi tem na cabeça?

135. UM SÓ CHIFRE

... o animal que tem um só (item 76)

136. CABRA SEM CHIFRE

... a cabra que não tem chifre?

137. BOI MOCHO

... o boi sem chifre?

138. ÚBERE*UBRE**

... a parte da vaca onde fica o leite?

139. MANCO

... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa uma perna?

140. MOSCA VAREJEIRA

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

141. SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas da gente quando se entra num banhado ou córrego (v. item 1)?

142. LIBÉLULA / JACINTO

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que vive perto da água e voa assim (mímica)?

143. CORÓ / TAPURU

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco ou no pau podre?

VII - CORPO HUMANO: partes do corpo, funções, doenças, etc.**144. CABEÇA**

Agora, as partes do corpo humano. (Ao elaborar a pergunta o/a entrevistador/a deve apontar para a parte do corpo do informante). Como se chama essa parte aqui?

145. NUCA

Como chamam isto ? (Mostrar a nuca)

147. POMO-DE-ADÃO*/GOGÓ**

... esta parte alta do pescoço do homem ? (apontar)

148. CLAVÍCULA

... o osso que vai do pescoço até o ombro ? (indicar)

149. SEIOS*/PEITOS**

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

150. ÚTERO

... parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?

151. CALCANHAR

Como chamam isto ? (Apontar para o calcanhar)

152. RÓTULA*/JOELHO**

... o osso redondo que fica em cima do joelho?

153. CÓCEGAS*/COSCA**

Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?

Se alguém chega por trás de mim e faz assim (imitar o gesto) o que é que eu sinto?

154. DENTES CANINOS

... esses dois dentes pontudos (mostrar) ?

155. DENTES DO SISO*/DO JUÍZO**

... os últimos dentes que nascem quando a gente já é adulto ?

156. DENTES MOLARES

... esses dentes grandes do fundo? (mostrar)

157. DESDENTADO

... a pessoa que não tem dentes ?

158. FANHOSO*/FOM-FOM**

... a pessoa que parece falar pelo nariz?

159. CISCO

...alguma coisinha que cai no olho?

160. CEGO DE UM OLHO*/ZAROLHO/CEGUETA**

...a pessoa que tem só um olho

161. VESGO

...a pessoa que tem olhos olhando em direções diferentes?

(Completar com um gesto dos olhos.)

162. TERÇOL

...a inchação nas pálpebras?

163. CONJUNTIVITE

...a inflamação no olho que faz com que o olho amanheça grudado?

164. CATARATA

...aquela pele branca no olho que dá em gente velha?

165. SOLUÇO

...este barulhinho que a gente faz?(soluçar)

166. MELECA/TATU/BUSTELA/BOSTELA**

...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

167. CORCUNDA

...a pessoa que tem um calombo nas costas?

168. CANHOTO

...a pessoa que faz as coisas com a mão esquerda?

...a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? (completar com o gesto)

169. MANCO

...a pessoa que puxa de uma perna?

170. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS?*/CAMBOTA OU ZAMBOTA

...a criança de pernas muito curvas?

171. AXILA*SUVACO**

...a cavidade embaixo do braço?

...esta parte aqui (indicar as axilas)?

172. CHEIRO NAS AXILAS

...o mau cheiro embaixo dos braços?

Depois de um dia de muito trabalho, a gente diz: vou tomar um banho porque estou cheirando o quê?

173. VOMITAR

A pessoa que faz sair pela boca tudo o que comeu, que está fazendo?

Se a gente come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, a gente diz que vai o quê?

VIII - CULTURA E CONVÍVIO**174. QUEBRANTO**

Quando uma criança pequenina fica muito doentinha, só quer estar dormindo, nós dizemos que alguém colocou o quê nela?

175. PESSOA TAGARELA

...a pessoa que fala demais?

176. PESSOA POUCO INTELIGENTE*BURRO**

...a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

177. PESSOA SOVINA*/MÃO DE VACA**

...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

178. MAU PAGADOR*/CALOTEIRO**

...a pessoa que deixa suas contas penduradas?

179. ASSASSINO PAGO*?PISTOLEIRO**

...a pessoa que é paga para matar alguém?

180. POSSEIRO

...a pessoa que mora e trabalha para si nas terras de outra pessoa, sem licença?

IX - CICLOS DA VIDA**181. MENSTRUAÇÃO**

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

182. ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade pára (item anterior). Quando isso acontece, a gente diz que a mulher...

183. DAR À LUZ*/PARIU**

Quando o nenê nasce, diz-se que a mulher...

184. PARTEIRA

...a mulher que ajuda a criança a nascer?

...a mulher que ajuda a outra quando esta vai ter o bebê?

185. GÊMEOS

duas crianças que nasceram no mesmo parto?

186. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê?

187. AMA-DE-LEITE*BABÁ**

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

188. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho desta mulher e a criança que ela amamenta não são irmãos. Que são?

189. FILHO ADOTIVO

...a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criado por ele como se fosse?

190. FILHO MAIS MOÇO*/CAÇULA**

...o filho que nasceu por último?

...o filho mais novo do casal?

191. MENINO

...a criança de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

192. MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

193. ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS*/PASTEL**

... a pessoa que acompanha uma moça quando ela sai com o namorado?

194. MARIDO ENGANADO*?CORNO**

...o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

195. PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

196. DEFUNTO*MORTO OU FINADO**

...como é que a gente se refere a pessoa que já morreu?

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente a gente não a trata pelo nome que tinha em vida. Como a gente se refere a ela?

197. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a 2ª mulher é dos filhos dele?

198. XARÁ

...a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

X - RELIGIÃO E CRENÇAS**199. DIABO***/DEMÔNIO/CAPETA**

Deus está no céu e no inferno está...

200. FANTASMA*/ALMA DO OUTRO MUNDO**

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou casas mal assombradas, que se diz que é do outro mundo?

201. FEITIÇO*/MACUMBA**

O que se pode fazer, com a ajuda dos espíritos, para prejudicar alguém?

202. AMULETO

...o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

203. BENZEDEIRA

...uma mulher que cura através de rezas e simpatias

204. BENZEDOR

E se for homem?

205. CURANDEIRO*/MACUMBEIRO**

...a pessoa que cura através de ervas e plantas?

206. MEDALHA

...a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam presa numa corrente?

207. PRESÉPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando a Virgem Maria, São José, o Menino Jesus, etc. Como chamam isso?

XI - FESTAS E DIVERTIMENTOS**208. CAMBALHOTA**

...a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (inclinar o corpo para a frente)

209. BOLINHA DE GUDE

...as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar

210. ESTILINGUE

...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinhos?

211. PAPAGAIO DE PAPEL

...o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha

212. BALÃO

...o brinquedo de papel que se empina no vento de uma linha, em varetas?

213. ESCONDE-ESCONDE

...o jogo (a brincadeira) em que uma criança fecha os lhos enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vai procurá-las?

214. CABRA CEGA

...a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tente pegar as outras?

215. PEGA-PEGA

...um jogo (uma brincadeira) em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

216. FERROLHO*/FERRINHO**

...esse ponto combinado?

217. CHICOTE QUEIMADO/OVO PODRE

...um jogo (uma brincadeira) em que as crianças ficam em círculo, com as mãos para trás, para receber um objeto com que perseguem o seu vizinho de roda, percorrendo todo o círculo?

218. BALANÇO

...uma tábua, pendurada por meio de duas cordas, para uma criança se sentar e...
(Mímica)

219. AMARELINHA*/MACACA**

...o jogo em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por dez quadrados numerados, com um céu e um inferno, e elas vão pulando com uma perna só?

220. PESSOA QUE AGE COM DESONESTIDADE NO JOGO*/LADRÃO**

...a pessoa que rouba no jogo?

221. PESSOA QUE TEM SORTE NO JOGO

...a pessoa que se dá bem quando joga?

222. PESSOA SEM SORTE NO JOGO*/AZARADO**

...a pessoa que não tem sorte no jogo?

223. BOM JOGADOR

...a pessoa que joga bem?

224. MAU JOGADOR

...a pessoa que joga mal?

225. PESSOA QUE DANÇA MUITO BEM*/PÉ DE VALSA**

...a pessoa que dança muito bem?

XII - HABITAÇÃO**226. SISTEMA DE FECHAR A PORTA**

Com que fecham a porta da casa?

227. OUTRAS FORMAS DE FECHAR A PORTA

Conhecer outras maneiras de fechar a porta?

228. GRADE

Com que se protege a janela, por fora?

229. FULIGEM

...aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha?

230. ISQUEIRO

Com que se costuma acender um cigarro? (levar um para mostrar)

231. LANTERNA

O que se usa para iluminar no escuro que tem pilhas dentro? (mostrar)

232. BORRALHO

...a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

XIII - ALIMENTAÇÃO E COZINHA**233. CARNE MOIDA***/PICADINHO**

...a carne depois de passar na máquina?

234. EMPANTURRADO*/CHEIA**

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Como tanto que estou ...

235. GLUTÃO*/ GULOSO

...uma pessoa que normalmente come demais?

236. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?

237. DESIGNAÇÕES PARA O "CIGARRO DE PALHA"

Que nomes dão ao cigarro feito de palha de milho e fumo?

238. TOCO DE CIGARRO*/BAGANA**

...o resto do cigarro que se joga fora?

239. AGUARDENTE*/PINGA**

Que nomes dão aqui para bebida alcoólica feita de cana de açúcar?

240. BODEGA*/BAR/BOTEQUIM**

Aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Lá também se pode comprar alguma outra coisa)

XIV - VESTUÁRIO**241. ALFAIATE**

Como vocês chamam o homem que costura, que faz roupa de homem, terno, paletó?

242. BLUSA

Como vocês chamam para isso? (mostrar a blusa) ou como se chama aquela parte de cima da roupa que a mulher veste com calça comprida ou saia?

243. BOTA

Como vocês chamam para aquele calçado que vem até quase no joelho, fica por cima da calça e serve para entrar no mato para capinar?

244. CALÇAS

Nome da parte de baixo da roupa do homem?

245. CAMISA

E da parte de cima?

246. CHAPÉU

E aquilo que se coloca na cabeça, com aba, mas não é boné?

247. VESTIDO

E como se chama essa roupa inteira que a mulher veste? (caso haja um apontar).

248. MEIAS

E aquilo que se usa nos pés, para depois colocar o sapato?

249. PALETÓ

E como chama aqui aquela roupa, normalmente preta, com gravata? O noivo quando pode usa no casamento?

250. SAIA

E como se chama a parte de baixo da roupa da mulher, que ela usa com a blusa?

251. SAPATO

E isso? (mostrar o sapato)

252. SUTIÃ */CORPETE**

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

253. CUECA

Que roupa o homem usa debaixo da calça?

254. CALCINHA

...Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

255. ROUGE

...aquilo que as mulheres passam no rosto para ficar mais rosado?

256. GRAMPOS

...um objeto fino de metal para prender o cabelo? (levar os dois tipos de grampo)

257. Relate uma experiência pessoal.

ANEXO B

LEVANTAMENTO DE DADOS HISTÓRICO-SOCIAIS DOS PONTOS DE INQUÉRITO

MESORREGIÃO BAIXO AMAZONAS

Município de Oriximiná

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Oriximiná, possui uma população de 62.794 pessoas e 107.603,221 Km² de extensão territorial. Localizado na zona fisiográfica do Baixo Amazonas, teve início em 1877, quando o Padre José Nicolino de Souza, natural de Faro, desbravou a região e fundou uma povoação denominada Uruá-Tapera ou Mura-Tapera, à margem esquerda do rio Trombetas.

Nove anos depois, a então povoação foi elevada à Freguesia de Santo Antônio de Uruá-Tapera, por ato de Joaquim da Costa Barradas, presidente da província do Pará e desembargador do estado do Maranhão.

Em 1894 Uruá-Tapera adquiriu categorias de vila e município, cuja instalação deu-se no mesmo ano. Nessa época, passou a chamar-se Oriximiná e seus limites abrangiam o rio Trombetas, igarapé Sapucú e Maria Pixi, com respectivo lago, até a boca do igarapé Timbó, seguindo ao centro.

Com a extinção de Oriximiná, em 1900, o seu território foi dividido entre os municípios de Faro e Óbidos. Porém, ficou anexado ao de Óbidos, de onde restabeleceu-se em 1934. A sua reinstalação oficial ocorreu no ano seguinte.

Freguesia criada com a denominação de Santo Antônio do Uruá-Tapera, pela lei nº 1288, de 11-1886, foi elevada à categoria de vila com a denominação de Oriximiná pela lei nº 174, de 09-06-1894 e instalado em 05 de dezembro de 1894.

Pelo decreto estadual nº 1442, de 24 de dezembro de 1934 foi elevado novamente à categoria de município com a denominação de Oriximiná.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1960, o município é constituído do distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2010.

Município de Santarém

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Santarém possui uma população de 294.580 pessoas e 22.886,761 Km² de extensão territorial.

Dez anos após a fundação de Belém, quando Pedro Teixeira explorava o rio Amazonas, assistido por Frei Cristóvão de São José, com vinte e seis soldados e numerosos

índios, aportou na aldeia de Tupuliçus, na foz do Rio Tapajós. A expedição foi bem sucedida, visto terem os índios, anteriormente entrado em contato com os civilizados, principalmente espanhóis que ali haviam passado gerando as boas relações que mantiveram em proveito da nova povoação, que dali surgiria. Posteriormente, Pedro Teixeira descobriu o Rio Tapajós.

Coube aos jesuítas a fundação de uma aldeia com fins missionários, no lugar onde o padre Antônio Vieira esteve no primeiro semestre de 1659, do desenvolvimento dessa aldeia originaram-se outras povoações como as de São José dos Matapus, hoje Pinhel, Tupinambarana ou Santo Inácio, atual Boim, e Borari, hoje Alter do Chão.

Com o progresso das missões, Francisco da Mota Falcão iniciou, a construção de uma fortaleza, a qual foi terminada por seu filho, Manoel Mota Siqueira em 1697. Essa fortaleza tinha a forma quadrada, com baluartes nos ângulos, foi o núcleo da Vila que deu origem a cidade de Santarém. Em 1762, achando-se em ruínas, a fortaleza foi reconstruída, passando daí por diversos reparos, porém hoje nada mais existe. Santarém foi elevada à categoria de vila em 14 de março de 1758, quando ocorreu sua instalação, ocasião em que lhe deu o nome português de Santarém, substituindo as denominações indígenas por topônimo de Portugal.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Santarém, em 1754 ou em 1756, em virtude da Carta Régia de 06 de junho de 1755 e instalado em 1829. Em 1753 ou em 06 de março de 1758, foi criado o distrito de Alter do Chão.

Elevado à categoria de cidade e sede do município com a denominação de Santarém pela lei provincial nº 145, de 24 de outubro de 1848.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1950, o município é constituído de seis distritos: Santarém, Alter do Chão, Aveiro, Boim, Curuaí e Belterra. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1 de julho de 1960.

A lei estadual nº 5928, de 29 de dezembro de 1995, desmembra do município de Santarém o distrito de Belterra, que é elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 15 de julho de 1997, o município é constituído de cinco distritos: Santarém, Alter do Chão, Boim, Curuí e Mujui dos Campos. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

MESORREGIÃO MARAJÓ

Município de Breves

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Breves possui uma população de 92.869 pessoas e 9.550,474 Km² de extensão territorial.

Breves era o nome de uma família portuguesa, residente na Missão dos Bocas em princípios do século XVIII. Os irmãos Manoel e Ângelo e a mulher deste Inês de Souza estabeleceram-se na sesmaria concedida ao primeiro pelo Capitão-general João de Abreu Castelo Branco, em 19 de novembro de 1738, e confirmada pelo rei de Portugal em 30 de março de 1740. No lugar onde hoje está edificada a cidade, Manoel Breves Fernandes, com o irmão e a cunhada, fundou o pequeno engenho e fez plantações de roças. Outros parentes juntaram-se a eles, e a propriedade tornou-se conhecida como lugar dos Breves. Até 1854 ainda se tinha notícia de que um remanescente da família, Saturnina Teresa, empenhava-se pela posse das terras, o que não conseguiu. Daí para diante são desconhecidos os nomes e o destino que tiveram os demais descendentes dos Breves.

Por portaria de 20 de outubro de 1738, o Capitão-general José de Nápoles Tello de Menezes, atendendo a requerimento da família Breves, concedeu à propriedade predicamento de lugar, passando a denominar-se Lugar de Santana dos Breves. Com essa categoria, foi-se desenvolvendo durante o período colonial, até a Proclamação da Independência, quando passou a fazer parte do Município de Melgaço e depois do de Portel. Em 30 de novembro de 1850, pela lei provincial nº 172, foi elevada à freguesia, e, em 25 de outubro do ano seguinte, pela Resolução nº 200, foi elevada à categoria de vila e conseqüentemente, sede do município. O mesmo ato extingue a Vila de Melgaço e incorporou seu território ao Município de Breves. A lei estadual nº 1.122, de 10 de novembro de 1909, concedeu foros de cidade à sede do município.

Freguesia criada com denominação Nossa Senhora de Santana dos Breves pela resolução provincial nº 172, de 30-11-1850.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Nossa Senhora de Santana dos Breves, pela lei provincial nº 200, de 25-10-1851. Sede na freguesia de Santana dos Breves. Pela lei provincial nº 29-08-1856, desmembra da vila de Santana dos Breves o município de Breves o distrito de Melgaço. Elevado à categoria de vila.

Pela lei estadual nº 989, de 31-10-1906, transfere a sede do município de Santana dos Breves para Antônio Lemos. Pela lei municipal de 06-05-1909, são criados os distritos de Breves, Furo do Gil, Rio Macacos, Rio Mututí, Rio Jacaré, Rio Tajapurú, Rio Terra e Rio Mapuã. Foi elevado à categoria de cidade com a denominação de Breves, pela lei estadual nº 1122, de 10-11-1909.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 9 distritos: Antônio Lemos (Sede), Breves, Rio Macacos, Rio Mapuã, Rio Mututí, Rio Jacaré, Rio Tajapurú e Rio Terra.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 2 distritos: Antônio Lemos (sede) e Breves.

Em divisão territoriais datada de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 9 distritos: Breves, Antônio Lemos, Aramá, Jacaré, Itaquara, Macacos, Mapuá, Melegaço e Mutuí.

Pelo decreto-lei estadual nº 2972, de 31-03-1938, os distritos de Mututi e Aramá, figuram como simples zona do distrito de Itaquara. Jacaré, Macacos e Mapuá, figuram como simples zona do distrito de Antônio Lemos. Sob o mesmo decreto transfere o Distrito de Melgaço do Município de Breves para o de Portel.

No quadro fixado para no período de 1939-1943, o município é constituído de 3 distritos: Breves, Antônio Lemos e Itaquara.

Pela lei estadual nº 158, de 31-12-1948, o Distrito de Itaquara passou a denominar-se Curumu. Sob o mesmo decreto acima citado é criado o distrito de São Miguel dos Macacos ex-povoados desmembrado de Curumu ex-Itaquara e anexado ao município de Breves.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 4 distritos: Breves, Antônio Lemos, Curumu ex-Itaquara e São Miguel dos Macacos. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

O nome do município sofreu a seguinte alteração toponímica, passou de Nossa Senhora de Santana dos Breves para Breves, alterado pela lei estadual nº 1122, de 10 de novembro de 1909.

Município de Anajás

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Anajás possui uma população de 24.759 pessoas e 6.921,715 Km² de extensão territorial.

Muitos anos, antes do período colonial, em toda região oeste da ilha de Marajó, viviam índios que eram chamados de Anajás.

Catequisada pelos jesuítas, a região, banhada pelo rio Anajás, foi se desenvolvendo, ao mesmo tempo em que toda a ilha do Marajó prosperava. Assim, a cidade de Anajás deve sua existência ao desenvolvimento daquela região, primitivamente chamada Mocoões.

Ainda no período colonial, Mocoões pertenceu ao Município de Chaves, e em seguida, ao Município de Breves, ao qual ficou anexado pela nº 596, de 30 de setembro de 1869, que erigiu o povoado em freguesia e que foi complementada pela nº 637, de 19 de outubro de 1870, e pela portaria da presidência da Província, datada de 16 de dezembro do mesmo ano. A freguesia recebeu o nome de Menino de Deus do Rio Anajás.

Anajás é nome indígena de uma tribo que habitava o centro da Ilha Grande de Joannes ou de Marajó.

Freguesia criada com a denominação de Anajás ex-povoado, pela lei provincial nº 596, de 30-09-1869, subordinado ao município de Breves.

Pela portaria da presidência da província, de 16-12-1870, a freguesia de Anajás passou a denominar-se Menino de Deus do Rio Anajás.

Pela lei nº 908, de 15-06-1878, a freguesia de Menino de Deus do Rio Anajás, foi extinto. Sendo seu território anexado ao município de Breves.

Pela lei nº 963, de 08-03-1880, a freguesia de Menino de Deus do Rio Anajás é novamente criada pertencendo ao município de Breves.

Pela lei 1094, de 02-11-1882, o freguesia volta a ser criada com a denominação de de Menino de Deus do Rio Anajás.

Elevado à categoria de município com a denominação de Anajás, pela lei provincial nº 1252, de 25-11-1886, desmembrado de Breves. Sede na antiga vila de Anajás. Constituído do distrito sede. Instalado em 10-08-1887.

Elevado à condição de cidade, pela lei estadual nº 324, de 06-07-1895.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede.

Pelo decreto estadual nº 6, de 04-11-1930, o município de Anajás, foi extinto, sendo seu território anexado ao município de Afuá.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, Anajás figura como distrito do município de Afuá.

Pelo decreto-lei estadual nº 3131, de 31-10-1938, é recriado o município de Anajás, desmembrado do município de Afuá. Constituído do distrito sede. Sub-dividido em 3º Zonas: Anajás, Furo do Breu e Trovão

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído do distrito sede. Sub-dividido nas zonas de Anajás, Furo de Breu e Trovão.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede, sendo seus sub-distritos das zonas anexados ao distrito sede de Anajás. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

O nome do município passou pelas seguintes alterações toponímicas: passou de Anajás para Menino de Deus do Rio Anajás alterado, pela portaria da Presidência da Província, de 16-12-1870 e de Menino de Deus do Rio Anajás para Anajás, alterado pela lei provincial de 1252, de 25 de novembro de 1886.

MESORREGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Município de Castanhal

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Castanhal possui uma população de 173.149 pessoas e 1.028,888 Km² de extensão territorial.

Quando os trabalhadores que construíram a Estrada de Ferro de Bragança atingiram o local onde pretendiam implantar uma estação para a ferrovia, existia ali uma frondosa castanheira (*Bertholletia excelsa*), razão pela qual se deu à localidade, o nome de Castanhal, de origem portuguesa.

De acordo com a política governamental da época para a colonização da zona bragantina, os “Campos de Castanhal” foram divididos em lotes agrícolas e entregues aos imigrantes nordestinos para cultivo. Essa política aliou-se ao fato de que em 1891, registrou-se uma grande seca no nordeste brasileiro, o que ocasionou um enorme processo migratório. Muitos nordestinos, que escolheram o Pará para morar, vieram atraídos também pela oferta de trabalho na extração da borracha e pelos serviços na estrada de ferro. Ali, não se estabeleceu um contingente significativo de imigrantes estrangeiros que foram distribuídos em outras zonas da estrada de ferro.

Segundo o Censo Educacional de 2005, o município conta com 93 escolas de ensino fundamental, sendo 76 públicas e 17 privadas; de ensino médio são 18, 14 públicas, ressaltando dentre estas a Escola Agrotécnica Federal de Castanhal, e 4 privadas. O município conta, ainda, com o *campus* da Universidade Federal do Pará.

Nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de 1 de novembro de 1920, figura no município de Belém o Distrito de Castanhal.

Foi elevado à categoria de município com a denominação de Castanhal, pelo decreto estadual nº 600, de 28-01-1932, desmembrado de Belém. Sede no antigo distrito de Castanhal. Constituído do distrito sede. Instalado em 22-02-1932.

Pelo decreto estadual nº 680, de 27-06-1932, Castanhal adquiriu do município de Marapamim o distrito de Curuçá.

Pelo decreto estadual nº 1136, de 28-12-1933, desmembra do município de Castanhal o distrito de Curuçá. Elevado à categoria de município.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído do distrito sede.

Em divisões territoriais de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, o município aparece constituído de 4 distritos: Castanhal, Anhangá, Apéu e Inhangapi.

Pelo decreto-lei nº 4505, de 30-12-1943, desmembra do município de Castanhal os distritos de Anhangá e Inhagapi. Ambos elevados à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 2 distritos: Castanhal e Apeú. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

Município de Santo Antônio do Tauá

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Santo Antônio do Tauá possui uma população de 26.674 pessoas e 537,623 Km² de extensão territorial.

O desbravamento da região onde se localiza Santo Antônio do Tauá teve início no século XIX, quando os adeptos do movimento da Cabanagem instalaram-se nas matas do atual município de Vigia, inclusive na Vila de São Raimundo dos Borralhos. Para atingir a Capital do Estado os cabanos utilizavam-se dos rios ali existentes, bem como dos caminhos que foram abrindo, nos quais surgiram diversas povoações.

Em 1890, vieram para o Estado do Pará alguns espanhóis. O então Governador José Paes de Carvalho, objetivando povoar e incrementar a agricultura nesse território, cedeu-lhes uma área de terras, na expectativa de que os recém-chegados a explorassem e a cultivassem. Para isso, mandou construir três barracões que lhes serviram de alojamento e também supriam-lhes de mantimentos até aguardarem a colheita dos produtos.

Entretanto, a permanência desses espanhóis foi de curta duração, restando somente os três barracões.

Em 1901, deram entrada na Capital do Estado inúmeras famílias nordestinas chefiadas pelo major potiguar Manoel Cornélio Barbosa Cordeiro Peixoto, fundador da Cidade. Na ocasião, pleiteou e obteve do Governador Augusto Montenegro a mesma área de terras antes doada aos espanhóis.

Em consequência da implantação da agricultura e de um engenho de açúcar, a localidade desenvolveu-se, vindo a adquirir categoria de município, em 1961.

O município recebeu a denominação de Santo Antônio do Tauá, em homenagem ao Padroeiro da Cidade e, também, ao rio Tauá que banha grande parte do seu território.

Tauá é topônimo de origem indígena e significa "barro amarelo".

A ocupação do território do município se deve ao fluxo de pessoas devido à proximidade com a cidade de Vigia e, também, devido ao movimento da Cabanagem, este último mais especialmente na Vila de São Raimundo Borralhos.

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Vigia o distrito de Santo Antônio.

Pelo decreto-lei estadual nº 4505, de 30-12-1943, o distrito de Santo Antônio passou a denominar-se Santo Antônio do Tauá.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1950, o distrito de Santo Antônio do Tauá permanece no município de Vigia.

Foi elevado à categoria de município com a denominação de Santo Antônio do Tauá, pela lei estadual nº 2460, de 29 de dezembro de 1961, desmembrado de Vigia. Sede no antigo distrito de Santo Antônio, atual Santo Antônio do Tauá. Constituído de dois distritos: Santo Antônio do Tauá e Espírito Santo do Tauá. Criado pela mesma lei acima citado. Instalado em 24 de março de 1962.

Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1963, o município é constituído de dois distritos: Santo Antônio do Tauá e Espírito Santo do Tauá.

Pela lei estadual nº 3149, de 21 de dezembro de 1964, é criado o distrito de São Raimundo de Borralhos e anexados ao município de Santo Antônio do Tauá.

Em divisão territorial datada de 1 de janeiro de 1979, o município é constituído de 3 distritos: Santo Antônio do Tauá, Espírito Santo do Tauá e São Raimundo de Borralhos. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

MESORREGIÃO NORDESTE

Município de Bragança

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Bragança possui uma população de 113.227 pessoas e 2.091,919 Km² de extensão territorial.

A região, inicialmente habitada pelos índios apotiungas da nação dos tupinambás, recebeu seu primeiro visitantes em 1613, com a entrada dos franceses da expedição de Lavardiere no Amazonas. Em seguida veio Pedro Teixeira, que por ali passara levando a Jerônimo de Albuquerque, no Maranhão, a notícia da fundação de Belém.

O município bragantino, entre Tury-açu e Caeté, fazia parte da capitania Gurupi, doada por Felipe III, de Espanha, em 1622, a Gaspar de Souza, Governador-Geral do Brasil.

Em 1633, Álvaro de Souza, filho do Governador Geral, recorreu à Corte de Madri, por ter sido a mesma capitania transferida por Francisco Coelho de Carvalho a seu filho Feliciano Coelho de Carvalho e ali instalada a sede da capitania, com o nome de Vera Cruz, à margem direita do Rio Caeté, com a denominação de Souza, a sede foi transferida para a margem direita do rio Caeté, com a denominação de Sousa do Caeté.

Confirmando a posse de Álvaro de Souza, a Sede foi transferida para a margem direita do rio Caeté, sem alcançar, contudo o progresso desejado, dado o desenvolvimento da cidade

à margem esquerda do mesmo rio.

No século seguinte, em 1753, ao constatar que o núcleo estava em extinção, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador do Grão Para, decidiu transferi-lo para o local onde hoje se encontra a Sede do município, dando à vila criada o nome de Bragança. No mesmo ano, foi elevado a município e revertido à Coroa.

Foi elevado à categoria de vila com a denominação de Bragança, em 1753, e à categoria de cidade e sede do município com a denominação de Bragança, pela lei provincial nº 252, de 02 de outubro de 1854. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1933.

Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1936, o município aparece constituído de 6 distritos: Bragança, Almoço, Alto Quatipuru, Benjamim Constant, Emboraí e Urumajó.

Pelas leis estaduais nºs 137, e 38, de 05 de outubro de 1937, são criados os distritos de Carateteua, Mocajuba, Piabas e Recife e anexado ao município de Bragança.

Pelo decreto-lei estadual nº 3131, de 10 de outubro de 1938, o distrito de Alta Quatipuru passou a denominar-se Tracuateua e o distrito de Mocajuba a denominar-se Nova Mocajuba.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 10 distritos: Bragança, Almoço, Emboraí, Nova Mocajuba, Piabas, Recife, Tracua ex-Alto Quatipuru e Urumajó.

Pelo decreto-lei estadual nº 4505, de 30 de dezembro de 1943, o distrito de Benjamim Constant passou a denominar-se Tijoca. Sob o mesmo decreto acima citado o distrito de Recife a denominar-se Itapixuna.

Em divisão territorial datada de 1 de dezembro de 1950, o município é constituído de 10 distritos: Bragança, Almoço, Carateteua, Emboraí, Itapixuna, Nova Mocajuba, Piabas, Tijoca, Tracuateua e Urumajó.

Pela lei estadual nº 2460, de 29 de dezembro de 1961, desmembra do município Bragança os distritos de Emboraí, Itapixuna e Urumajó. Para formar o novo município com a denominação de Augusto Corrêa.

Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1963, o município é constituído de 7 distritos: Bragança, Almoço, Carateteua, Nova Mocajuba, Piabas, Tijoca e Tracuateua. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1 de junho de 1995.

Pela lei estadual nº 5858, de 29 de setembro de 1994, desmembra do município de

Bragança o distrito de Tracuateua. Elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 15 de julho de 1997, o município é constituído de 5 distritos: Bragança, Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba e Tijoca.

Em divisão territorial datada de 2005, o município é constituído de 6 distritos: Bragança, Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba, Tijoca e Vila do Treme.

Município de Abaetetuba

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Abaetetuba possui uma população de 141.100 pessoas e 1.610,603 Km² de extensão territorial. Situado na zona fisiográfica Guajarina, à margem direita da foz do Rio Tocantins, foi primitivamente chamado Abaeté, topônimo indígena que significa homem forte e valente. Existem divergências quanto às primeiras penetrações no território.

Tradicionalmente, sabe-se que foram realizadas por Francisco de Azevedo Monteiro quando, em 1745, ali aportou acompanhado de sua família, abrigo-se de forte temporal. Segundo Palma Muniz, frades capuchos, fundaram o Convento da Uma, seguindo-os, mais tarde, os Jesuítas, exploradores do Rio Uraenga ou Ararenga. Afirma também Palma Muniz que a fundação de Abaeté ocorreu em 1750. Inicialmente, o território pertencia do município da Capital, passando, em 1844, ao de Igarapé-Miri.

Abaeté recebeu foros de Cidade em 1895. Entretanto, por força da legislação federal que proibia a duplicidade de topônimos de cidades e vilas brasileiras, em 1944, passou a chamar-se Abaetetuba de origem tupi que significa lugar de homem ilustre.

O distrito Foi criado com a denominação de Abaeté, em 1750, subordinado ao município de Belém. Pela lei nº 118, de 11 de setembro de 1844, o distrito de Abaeté passou a pertencer ao município de Igarapé-Miri. Pela lei nº 885, de 16 de abril de 1877, o distrito de Abaeté volta a pertencer ao município de Belém. Elevado à categoria de vila com a denominação de Abaeté, pela lei provincial nº 973, de 23 de março de 1880, desmembrado de Belém. Sede na antiga vila de Abaeté. Instalado em 25 de março de 1883. Elevado à condição de cidade com a denominação de Abaeté, pela lei estadual nº 334, de 06 de julho de 1895. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede.

Nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de 01 de setembro de 1920, o município é constituído de 4 distritos: Abaeté, Beja, Tucumanduba e Urubueua.

Pelo decreto nº 6, de 04 de novembro de 1930, o município de Abaeté é extinto, sendo seu território anexado ao município de Igarapé-Miri.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, Abaeté figura com distrito do município de Igarapé-Miri.

Elevado novamente à categoria de município com a denominação de Abaeté, pela lei estadual nº 8, de 31 de outubro de 1935.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, o município aparece constituído de 7 distritos: Abaeté, Arapapu, Beja, Maúba, Maracapu, Tucunduba, Urubueua.

Pelo decreto-lei estadual nº 2972, de 31 de março de 1938, são extintos o distritos Arapapu, Maúba, Maracapu, Tucunduba e Urubueua e anexados ao distrito sede do município Abaeté.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 2 distritos: Abaeté e Beja.

Pelo decreto-lei estadual nº 4505, de 30 de dezembro de 1943, o município de Abaeté passou a denominar-se Abaetetuba.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 2 distritos: Abaetetuba e Beja.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1950, o município é constituído de 2 distritos: Abaetetuba e Beja.

Pela lei estadual nº 1127, de 11 de março de 1955, são criados os distritos de Colônia João Miranda e Urubueua e anexados ao município de Abaetetuba.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1955, o município é constituído de 4 distritos: Abaeté, Beja, Colônia Miranda e Urubueua.

Pelo Acórdão do Superior Tribunal Federal de 04 de outubro de 1955, foi anulada a criação dos distritos de Colônia Miranda e Urubueua. Sendo seus territórios anexados ao distrito sede do município de Abaetetuba.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1960, o município é constituído de 2 distritos: Abaetetuba e Beja. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

O nome do município sofreu as seguintes alterações toponímicas: de Abaeté para Abaetetuba alterado, pelo decreto-lei estadual nº 4505, de 30 de dezembro de 1943.

MESORREGIÃO SUDOESTE

Município de Itaituba

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Itaituba possui uma população de 97.493 pessoas e 62.040,111 Km² de extensão territorial.

Os fundamentos históricos do município de Itaituba estão ligados à conquista dos portugueses.

A primeira expedição que atingiu a região, onde se encontra o atual município, foi a do Capitão Pedro Teixeira, em 1626. Em seguida, chegaram os jesuítas que ali fundaram vários aldeamentos, após Francisco da Costa Falcão ter iniciado a construção do forte, na foz do rio Tapajós, em 1697.

Os aldeamentos, então criados, desenvolveram-se. Em 1754, o Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, na condição de governador civil, afastou os jesuítas da direção das aldeias fundadas na zona dos Tapajós e elevou-as à categoria de vila denominada Santarém da Aldeia dos Tapajós. Com esse ato, o vale do Rio Tapajós ficou sob o domínio do Grão-Pará.

Desconhece-se precisamente, quando foi originado o município. Sabe-se, porém, que em 1812 já existia o lugar com o nome de Itaituba, cujo desbravador e fundador fora o Coronel Joaquim Caetano. Nessa ocasião, era um entreposto com barracas acompanhando as instalações comerciais.

Em 1836, para lá foi enviado um pequeno destacamento do posto de resistência Brasília Legal, fundado no mesmo ano, em decorrência do banditismo desenvolvido na Província do Grão-Pará. Em 1856 Itaituba tornou-se sede do município, cuja instalação ocorreu em 1857. Com a Proclamação da República, obteve foro de cidade. O topônimo, de origem tupi, significa lugar de pedregulhos.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Itaituba, pela lei provincial nº 266, de 16 de outubro de 1854. Sede na povoação de Brasília Legal.

Pela lei provincial nº 290, de 15 de dezembro de 1856, transfere a sede da povoação de Brasília Legal para à povoação de Itaituba. Reinstalado em 03 de novembro de 1857.

Elevado à condição de cidade com a denominação de Itaituba, pela lei estadual nº 684, de 23 de março de 1900.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede.

Pelo decreto estadual nº 78, de 27 de dezembro de 1930, é extinto o município, ficando seu território sob a administração direta do Estado.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, Itaituba figura sob a administração direta do Estado do Pará.

Elevado novamente à categoria de município com a administração de Itaituba, pela lei estadual nº 8, de 31 de outubro de 1935.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, o município aparece constituído de 3 distritos: Itaituba, Brasília Legal e Igapó-Açu.

Pelo decreto-lei estadual nº 2972, de 31 de março de 1938, extinta o distrito de Igapó-Açu, sendo seu território anexado ao distrito sede de Itaituba.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1950, o município é constituído de 2 distritos: Itaituba e Brasília Legal. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960

Pela lei estadual nº 2460, de 29 de dezembro de 1961, desmembra do município de Itaituba o distrito de Brasília Legal. Elevado à categoria de município com a denominação de Aveiro.

Pela lei estadual nº 2460, de 29 de dezembro de 1961, são criados os distritos de Jacaré-a-canga e São Luiz do Tapajós.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 3 distritos: Itaituba, Jacaré-a-canga e São Luiz do Tapajós.

Em divisão territorial datada de 18 de agosto de 1988, o município aparece constituído do distrito sede.

Pela lei estadual nº 5691, de 13 de dezembro de 1991, desmembra do município de Itaituba o distrito de Jacaré-a-Canga. Elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1995, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

Município de Altamira

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Altamira possui uma população de 99.075 pessoas e 159.533,401 Km² de extensão territorial.

O primeiro “homem branco” a subir no rio Xingu, ultrapassando o trecho encachoeirado da Volta Grande, em meados do século XVII, foi o jesuíta Roque de Hundefund, que fundou uma missão (aldeamento de silvícolas para a catequese) no médio Xingu, próximo à foz do igarapé Panelas.

Com a ascensão ao poder em Portugal do Marquês de Pombal, as obras dos jesuítas foram irremediavelmente perdidas. Somente em 1841, o Pe. Antônio Torquato de Souza, da Paróquia de Sousel, reabre a picada que ligava, por terra, o igarapé Tucuruí, no baixo Xingu, à Missão Imperatriz, mais acima. Foi aberta uma picada, ligando o baixo ao médio Xingu que o Cel. Francisco Gayoso tentou transformar em estrada, já agora apoiado pelo braço escravo africano. Foi, porém surpreendido pela Lei Áurea que o privou do trabalho escravo.

Em 1880, Agrário Cavalcante retomou os trabalhos do Cel. Gayoso, retificando o traçado da estrada, partindo do local onde se encontra hoje a Sede do município de Vitória do Xingu e chegando à foz do igarapé Ambé, ali construindo um Forte que recebeu sua denominação.

Elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Altamira, pela lei estadual nº 1234, de 06 de novembro de 1911, desmembrado de Sousel. Sede na atual vila de Altamira. Constituído do distrito sede. Instalado em 01 de janeiro de 1912.

Elevado à condição de cidade com a denominação de Altamira, pela lei estadual nº 1604, de 27 de setembro de 1917.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído do distrito sede.

Pela lei estadual nº 8, de 31 de outubro de 1935, Altamira passou a denominar-se Xingu. Sob a mesma lei adquiriu o distrito de Porto de Moz do município de Gurupá.

Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1936, o município aparece constituído de 11 distritos: Altamira, Novo Horizonte, São Felix, Porto de Moz, Tapará, Vilarinho de Monte, Vieiros, Pombal, Aquiqui, Sousel e Alto Xingú, todos os distritos pertencentes ao extinto município de Porto de Moz.

Em divisão territorial datada de 1937, o município é constituído de 3 distritos: Altamira, Novo Horizonte e São Felix.

Pelo decreto estadual nº 2805, de 10 de dezembro de 1937, desmembra os municípios de Xingu os distritos de Porto de Moz, Vieiros e Vilarinho do Norte. Para formar novamente o município de Porto de Moz.

Pelo decreto-lei estadual nº 2972, de 31 de março de 1938, o município de Xingú voltou a denominar-se de Altamira. Sob o mesmo decreto são extintos os distritos de Tapará e Vieiros, sendo seus territórios anexados ao distrito sede de Porto de Moz.

Pelo decreto-lei estadual nº 3131, de 31 de outubro de 1938, o distrito de São Felix é extinto, sendo seu território anexado ao distrito de Novo Horizonte, do mesmo município de

Altamira. Sob a mesma lei o distrito de Alto Xingu é extinto, sendo seu território anexado ao distrito de Sousel do município de Porto de Moz.

Pelo decreto-lei estadual nº 4505, de 30 de dezembro de 1943, o distrito de Novo Horizonte passou a denominar-se Gradaús.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1950, o município é constituído de 2 distritos: Altamira e Gradaús ex-Novo Horizonte. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1 de julho de 1960.

Pela lei estadual nº 2460, de 29 de dezembro de 1961, desmembra do município de Altamira o distrito de Gradaús. Para formar o novo município de São Félix do Xingu.

Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1963, o município é constituído do distrito sede.

Pela lei estadual nº 1139, de 11 de maio de 1965, é criado o distrito de Vitória e anexado ao município de Altamira.

Em divisão territorial de 1 de janeiro de 1979, o município é constituído de 2 distritos: Altamira e Vitória.

Pela lei estadual nº 5701, de 13 de dezembro de 1991, desmembra do município de Altamira, o distrito de Vitória. Elevado à categoria de município com a denominação Vitória do Xingu.

Em divisão territorial datada de 1 de junho de 1995, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

O nome do município sofreu as seguintes alterações toponímicas: Altamira para Xingu alterado, pela lei estadual nº 8, de 31 de dezembro de 1935. Xingu para Altamira, alterado pelo decreto-lei estadual nº 2972, de 31 de março de 1938.

MESORREGIÃO SUDESTE

Município de Conceição do Araguaia

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Conceição do Araguaia possui uma população de 45.557 pessoas e 5.829,466 Km² de extensão territorial.

O município data dos tempos coloniais, originário do extenso território de Baião. Em 1897, Frei Gil de Vila Nova fundou no território de Baião, um arraial com o nome de Conceição do Araguaia, que passou à freguesia em 14 de abril de 1900.

O nome Conceição é uma homenagem à padroeira da localidade original, Nossa Senhora da Conceição. Araguaia é expressão tupi que significa rio do vale dos papagaios

Freguesia criada com a denominação de Conceição do Araguaia, ex-povoado, em 14 de abril de 1900, subordinado ao município de São João do Araguaia.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Conceição do Araguaia, pela lei estadual nº 1091, de 03 de novembro de 1908, desmembrado de São João do Araguaia. Sede na antiga vila de Conceição do Araguaia. Constituído do distrito sede. Instalado em 10 de janeiro de 1910.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede. Elevado à condição de cidade, pela lei estadual nº 1905, de 18 de outubro de 1920.

Pelo decreto estadual nº 6, de 04 de novembro de 1930, o município de Conceição do Araguaia foi extinto, sendo seu território anexado ao município de Belém.

Elevado novamente à categoria de município com a denominação de Conceição do Araguaia, pela lei estadual nº 8, de 31 de outubro de 1935, desmembrado de Belém. Sede no antigo distrito de Conceição do Araguaia. Constituído do distrito sede.

Em divisões territoriais datadas de 31 de julho de 1936 e 31 de julho de 1937, o município aparece constituído de 5 distritos: Conceição do Araguaia, Araguaia, Santa Maria das Barreiras, Gameleiras e Santa Teresa do Morro de Areia.

Pelo decreto-lei estadual nº 2972, de 31 de março 1938, o distrito de Araguaia e Gameleiras, foram anexados ao distrito sede do município de Conceição do Araguaia.

Pelo decreto-lei estadual nº 3131, de 31 de outubro 1938, o distrito de Santa Teresa do Morro de Areia foi extinto, sendo seu território anexado ao município de Santa Maria das Barreiras.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 2 distritos: Conceição do Araguaia e Santa Maria das Barreiras.

Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1960, o município é constituído de 2 distritos: Conceição do Araguaia e Santa Maria das Barreiras.

Pela lei estadual nº 2460, de 29 de novembro de 1961, é criado o distrito de São Geraldo do Araguaia e anexado ao município de Conceição do Araguaia. Sob esta mesma lei, é desmembrado do município de Conceição do Araguaia o distrito de Santana do Araguaia, ex-Santa Maria das Barreiras. Elevado à categoria de município com esta denominação.

Em divisão territorial datada de 31 de julho de 1963, o município é constituído de 2 distritos: Conceição do Araguaia e São Geraldo do Araguaia.

Pela lei estadual nº 4568, de 04 de junho de 1975, é criado o distrito de Redenção e anexado ao município de Conceição do Araguaia.

Em divisão territorial datada de 1 de janeiro de 1979, o município é constituído de 3 distritos: Conceição do Araguaia, São Geraldo do Araguaia e Redenção.

Pela lei 5028, de 13 de maio de 1982, é desmembrado do município de Conceição do Araguaia o distrito de Redenção. Elevado à categoria de município. Sob a mesma lei, é desmembrado do Município de Conceição do Araguaia o distrito de São Geraldo do Araguaia, para formar o novo município de Xinguara.

Em divisão territorial datada de 18 de agosto de 1988, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

Município de Redenção

Segundo o Censo do IBGE de 2010, o atual município de Redenção possui uma população de 75.556 pessoas e 3.823,799 Km² de extensão territorial.

O atual município de Redenção é de recente criação. Entretanto, as suas origens históricas remontam ao idos de 1916, quando o local servia de apoio para os tropeiros que demandavam aos cauchais situados no rio Itacaiunas e Xingu, com pouso nas margens do igarapé Acaba-Saco.

Distrito criado com a denominação de Redenção, pela lei estadual nº 4568, 04-061973. Subordinado ao município de Conceição do Araguaia.

Em divisão territorial datada de 1 de janeiro de 1979, o distrito de Redenção figura no município de Conceição do Araguaia.

Elevado à categoria de município com a denominação de Redenção, pela lei estadual nº 5028, de 13 de maio de 1982, desmembrado de Conceição do Araguaia. Sede no antigo distrito de Redenção. Instalado em 31 de janeiro de 1983.

Em divisão territorial datada de 18 de agosto de 1988, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

FONTES:

www.ibge.gov.br

Obras diversas, como “O Pará e seus municípios”, disponíveis na Biblioteca Artur Vianna (CENTUR).